



**BRUNO PASSOS TERLIZZI**

**Conceitos em disputa: as linguagens políticas nas obras de Sarmiento e o conflito em torno do conceito de *americanismo*.**

CAMPINAS  
2013





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**BRUNO PASSOS TERLIZZI**

**Conceitos em disputa: as linguagens políticas nas obras de  
Sarmiento e o conflito em torno do conceito de *americanismo*.**

**Orientador: Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto**

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração Política, Memória e Cidade

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida por Bruno Passos Terlizzi, orientada pelo Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto e aprovada no dia 28/02/2013

---

CAMPINAS  
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
SANDRA APARECIDA PEREIRA-CRB8/7432 - BIBLIOTECA DO IFCH  
UNICAMP

T273c Terlizzi, Bruno Passos, 1983-  
Conceitos em disputa : as linguagens políticas nas obras  
de Sarmiento e o conflito em torno do conceito de  
americanismo / Bruno Passos Terlizzi. -- Campinas, SP :  
[s.n.], 2013.

Orientador: José Alves de Freitas Neto  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Sarmiento, Domingo Faustino, 1811-1888. 2. Rosas,  
Juan Manuel José Domingo Ortiz, 1793-1877. 3. Argentina -  
Política e governo, 1817-1860. 4. Argentina - História,  
1817-1860. 5. Argentina - Influências americanas. I. Freitas  
Neto, José Alves de, 1971-. II. Universidade Estadual de  
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.  
Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em Inglês:** Concepts in quarrel : the political languages in  
Sarmiento's writings and the conflict around the concept of americanism

**Palavras-chave em inglês:**

Argentina - Politics and government, 1817-1860

Argentina - History, 1817-1860

Argentina - American influences

**Área de concentração:** Política, Memória e Cidade

**Titulação:** Mestre em História

**Banca examinadora:**

José Alves de Freitas Neto [Orientador]

Gabriela Pellegrino Soares

Maria Elisa Noronha de Sá Mader

**Data da defesa:** 28/02/2013

**Programa de Pós-Graduação:** História

## BRUNO PASSOS TERLIZZI

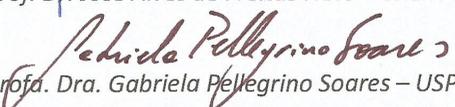
**Conceitos em disputa: as linguagens políticas nas obras de Sarmiento e o conflito em torno do conceito de americanismo.**

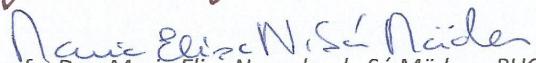
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO BRUNO PASSOS TERLIZZI, ORIENTADO PELO PROF. DR. JOSÉ ALVES DE FREITAS NETO E APROVADA PELA COMISSÃO JULGADORA EM 28/02/2013.

BANCA EXAMINADORA:

  
Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto – orientador

  
Profa. Dra. Gabriela Pellegrino Soares – USP

  
Profa. Dra. Maria Elisa Noronha de Sá Mäder – PUC-Rio

Prof. Dr. Leandro Karnal – DH/IFCH/UNICAMP – suplente  
Prof. Dr. Anderson Roberti dos Reis – UFMT – suplente

CAMPINAS  
2013



## RESUMO

Sendo inicialmente pensado pela “intelectualidade rosista”, o conceito de *americanismo* surgiu como uma espécie de justificativa ideológica dentro do discurso político do governo Rosas, caracterizados pela ideia de que a luta da Confederação Argentina contra as potências europeias era a luta pela preservação da própria independência do país, em que a causa argentina expressava diretamente a causa americana, decorrendo na criação de uma polarização em que os que estavam com Rosas eram partidários da causa americana e seus opositores, traidores da independência americana (MYERS 1995). É justamente nesse embate político pela definição do conceito de *americanismo* que tanto o discurso rosista como as obras políticas de Domingos F. Sarmiento (1811-1888) demonstram estratégias discursivas em torno da definição do conceito e sua utilização como linguagem política.

Esta dissertação teve por finalidade analisar as ideias e as linguagens políticas utilizadas por Sarmiento em três obras de sua vasta produção: *Facundo* (1845), *Viajes por Europa, África y América* (1846-1847) e *Argirópolis* (1850). A partir daí, demonstrar as interações de seus modelos explicativos em relação ao seu contexto e à situação política da Confederação Argentina na primeira metade do século XIX, que foi caracterizada pelo período em que Juan Manoel de Rosas governou a província de Buenos Aires, estabelecendo uma paulatina hegemonia da província sobre o resto do país. Além disso, pretendeu-se evidenciar a maneira como o autor “disputou” com os polemistas que sustentavam o regime a definição do conceito de *americanismo* ou *sistema americano*, de modo a estabelecer pontos de contato com as concepções de soberania, legitimidade política, e republicanismismo dentro dos projetos de nação que eram discutidos no calor das vicissitudes da história política argentina.

**Palavras-chave:** Sarmiento, civilização-barbárie, *rosismo*, *americanismo*, história intelectual, história das linguagens políticas, história argentina, século XIX.



## ABSTRACT

Initially being a concept thought by the rosista intellectuality, the *americanismo* emerged as an ideological justification inside the Rosas government political discourse, featured by the idea that the struggle of the Argentinean Confederation against the European forces was the fight to preserve the independence itself, and the Argentinean cause expressed the proper American cause, what incurred in a polarization between the Rosa's partisans and its opponents who were considered traitor of the political independence (MYERS 1995). It is right in the middle of this quarrel for the definition of the *americanismo* concept that both: the Rosas discourse and Domingos F. Sarmiento's (1811-1888) political writings shows their reasoning strategies around the concept and its usage as a political language.

This essay has the aim in analyzing the ideas and the political languages used by Sarmiento in three of his wide writing collection: *Facundo* (1845), *Viajes por Europa, África y América* (1846-1847) and *Argirópolis* (1850). Moving forward, the next step is to demonstrate the interactions of his explanatory model towards his context and the political situation of the Argentinean Confederation during the first half of the 19th century, when Juan Manoel de Rosas ruled the Buenos Aires state and established a gradual hegemony over the whole country. Besides that, we tried to put in evidence the disputes between the writers that supported the Rosas government and Sarmiento among the concept of *americanismo* or *sistema americano*, and by establishing some contact point with other concepts such as sovereignty, political legitimacy and republicanism inside the debates occurred in the heat of the Argentinean political History.

**Key-words:** Sarmiento, civilization-barbarism, *rosismo*, *americanismo*, Intellectual History, Political Languages History, Argentinean History, 19th century.



## RESUMEN

Siendo inicialmente pensado por la "intelectualidad rosista", el concepto de *americanismo* apareció como una especie de justificativa ideológica dentro del discurso político del gobierno Rosas, caracterizados pela idea de que la lucha de la Confederación Argentina contra las fuerzas europeas era la lucha por la preservación de la propia independencia del país, en que la causa argentina expresaba directamente la causa americana, incurriendo en la creación de una polarización en que los que estaban con Rosas eran partidarios de la causa americana y sus opositores, traidores de la independencia americana (MYERS 1995). Es justamente en este embate político por la definición del concepto de *americanismo* que tanto el discurso rosista como las obras políticas de Domingos F. Sarmiento (1811-1888) demuestran estrategias discursivas en torno de la definición del concepto y su utilización como lenguaje política.

Esta disertación tiene por finalidad analizar las ideas y los lenguajes políticos utilizados por Sarmiento en tres obras de su vasta producción: *Facundo* (1845), *Viajes por Europa, África y América* (1846-1847) y *Argirópolis* (1850). Así, demostrar las interacciones de sus modelos explicativos en relación con su contexto y la situación política de la Confederación Argentina en la primera mitad del siglo XIX, que fue caracterizada por el periodo en que Juan Manuel gobernó la provincia de Buenos Aires, estableciendo una gradual hegemonía de la provincia sobre el resto del país. Además, se pretende evidenciar la manera como el autor "disputó" con los polemistas que sostenían el régimen la definición del concepto de *americanismo* o "sistema americano", de modo a establecer puntos de contacto con las concepciones de soberanía, legitimidad política y republicanismismo dentro de los proyectos de nación que eran discutidos en el calor de las vicisitudes de la historia política argentina.

**Palabras-claves:** Sarmiento, civilización-barbarie, Rosas, *rosismo*, *americanismo*, Historia Intelectual, Historia de los Lenguajes Políticos, Historia Argentina, siglo XIX.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>1. A CONFEDERAÇÃO ARGENTINA E OS PROBLEMAS DE UMA ÉPOCA</b>	<b>11</b>
1.1. Entre a “feliz experiência” e a guerra civil (1820 e 1835)	13
1.2. Entre o caos e a ordem: o primeiro governo de Rosas (1829-1832)	21
1.3. A reafirmação da ordem: o segundo governo de Rosas (1835-1852)	24
<b>2. SOBRE ROSAS E O <i>ROSISMO</i></b>	<b>31</b>
2.1. <i>Rosismo</i> : seus conceitos e suas linguagens políticas	35
2.1.1. Consenso político e expressão pública	36
2.1.2. Dissenso e intolerância	38
2.1.3. A causa da “Santa Federación”	40
2.2. “Intelectualidade rosista” e a produção discursiva	42
2.2.1. Pedro De Angelis: um napolitano a serviço da <i>Federación</i>	45
2.2.2. Bernardo Berro: reverberações na Banda Oriental	49
2.3. Temas e tópicos do discurso político do <i>rosismo</i>	53
2.3.1. Agrarismo republicano	54
2.3.2. Figura do conspirador	56
2.3.3. Partidarismo e facção	59
2.3.4. Restauração das leis	61
<b>3. SARMIENTO E A CONSTRUÇÃO DE UMA FIGURA PÚBLICA</b>	<b>67</b>
3.1. Atuação política e figura pública	67
3.2. De Domingos a Sarmiento: conflitos em torno da figura do escritor	75
<b>4. O “TRABALHO DE TEXTO”</b>	<b>85</b>
4.1. Facundo e o labirinto de significados.	86
4.1.1. Facundo e suas primeiras recepções	89
4.1.2. A narrativa como apreensão e limitação da barbárie	97
4.1.3. Sarmiento e a luta contra o consenso	108
4.2. Viagens: um ponto de inflexão	111
4.2.1. Entre o real e o imaginário: a carta da França	115
4.2.2. Confirmação do que já se viu: a carta da Espanha	122
4.2.3. Esperanças renovadas: a carta dos EUA	124
4.2.4. <i>Viajes</i> como ponto de inflexão: a experiência e o deslocamento	128
4.3. Novas formas de pensar o mesmo problema: <i>Argirópolis</i>	134
4.3.1. <i>Argirópolis</i> : entre a capacidade projetiva e a análise política	136

<b>5. OS “DIÁLOGOS E AS DISPUTAS EM TORNO DO <i>AMERICANISMO</i></b>	<b>143</b>
<b>5.1. Um debate que se arma: ponderações iniciais sobre o americanismo</b>	<b>146</b>
<b>5.2. <i>Americanismo</i>: diálogos e disputas</b>	<b>151</b>
<b>5.3. Paradoxos na disputa em torno do conceito de <i>americanismo</i></b>	<b>167</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>169</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>175</b>

**Dedico este trabalho àquela que, desde a primeira vez que meu olhar pousou sobre o verde de seus olhos, fez meu coração sorrir: Laura.**

**Aos meus pais com profunda gratidão e estima.**

**Ao Zé, pela amizade que orienta.**



## AGRADECIMENTO:

Talvez o momento mais poético, e não menos difícil, de uma tese ou dissertação seja a composição dos ditos "Agradecimentos". Sua dificuldade maior talvez se encontre no complicado exercício de memória que o "mirar hacia atrás" nos força a lembrar o caminho percorrido durante o aprendizado, a pesquisa e finalmente a escrita em si. Sendo assim, lanço meu olhar a esse passado percorrido tão velozmente nesses últimos três anos, pedindo desde já desculpas à miopia de *mnemosine* que às vezes pode embaçar a imagem de pessoas que de alguma forma ou de outra fazem ou fizeram parte desse trabalho.

O primeiro de meus agradecimentos vai para aquele que aparentemente não vejo, mas que de alguma forma me acompanha com seu exemplo em meus saltos e tropeços por esses caminhos tortuosos que minha fé e curiosidade tenta transformar em retos: ao humilde, porém todo poderoso, senhor Jesus.

Nessa retrospectiva, impossível não agradecer àquela que durante os cinco anos de graduação e os três de mestrado esteve sempre ao meu lado, compartilhando o sabor gostoso do amor e o agridoce confuso do dia a dia cotidiano de quem fez um quase "voto de pobreza" e resolveu viver temporariamente com uma bolsa de estudos. À Laura Cielavin Machado: aquela que enche meu lábio de um sorriso tímido e apaixonado ao lhe pronunciar: "chérie", pois "se já perdemos a noção da hora, se juntos já jogamos tudo fora, me diz agora como hei de partir..."

Meu mais sincero agradecimento também vai para aquele que, apesar de apresentar um nome pomposo e bibliográfico, uma inteligência ferina que poderia resvalar à soberba, prefere a honestidade e a simplicidade de duas letras, cuja pronúncia demonstra a orientação que uma amizade pode conferir na vida de um homem em prolongada formação. Ao Zé, minha mais sincera gratidão.

Sem distinção de importância ou de relevância pela ordem em que aparecem aqui escritos, agradeço a minha mãe, Marina Estela Passos Terlizzi, pelo amor desenvolvido não só na teoria, mas fundamentalmente na prática cotidiana, com seus conselhos, com sua atenção, com seus "bolos de carne com mandioca frita", com seu jeito carinhosamente ordeiro e mandão de ser. Apesar de ele passar metade de meu mestrado pensando que eu estudava os textos de Jorge Luís Borges em vez dos de Sarmiento, agradeço ao meu pai, Antônio Carlos Terlizzi, cujo amor por um filho mostrou-se muito mais eloquente em seus gestos do que no excesso de palavras jogadas ao vento. Também não me furto em agradecer ao Tatão, ainda que a distância de milhares de quilômetros experimentados durante estes

últimos quatro anos tenha me feito sentir cada dia a falta de suas brincadeiras e risadas. A cada um agradeço a vida e as experiências que me proporcionaram.

Agradeço também à querida Ilona Cielavin Machado e aos queridos: Luiz Carlos Machado, Luiza Cielavin Machado Fernandes, Janderson Fernandes, Manuel dos Santos Fernandes, Beatriz dos Santos Fernandes e Igor Cielavin Machado. Como família estendida, percebo que fiz uma escolha acertada.

Agradeço também aos pastores Joel Zwerchovski, Natanael Gabriel da Silva, Laurencie Salles e às comunidades das Igrejas Batistas de Vila Pires e Barão Geraldo pelo carinho e orações ao longo desse processo.

Agradeço também aos amigos, cuja presença foi fundamental na troca de ideias que serviram ou não para a elaboração dessa dissertação. Ao Henrique Mendes Lucarelli, vulgo: Fartura, pelas conversas inteligentes e por compartilhar comigo a sabedoria da frase *in vino veritas*; ao Gabriel Sordi, pelas viagens, pelo espírito cristão em abrigar-me quando precisei e pelo Rock n' Roll nosso de cada dia; à Flávia Paniz pelas "boludices" e pelas contínuas trocas de ideias; ao Rafael Pereira, pelas visitas e pelas conversas sobre intelectuais e política; à Ivya Minelli pelo (re)conhecimento partilhado e pelas interlocuções sobre o XIX argentino nos vários congressos em que apresentamos juntos; à Priscila Pereira pelas conversas, recomendações bibliográficas e pelos "regalos" desde Buenos Aires; ao Fernando "Anakin" Siviero pela amizade de longa data; a todo o grupo de Estudos de História da América Latina da Unicamp e aos colegas do curso de pós-graduação pelos debates, críticas e conhecimento dividido.

Agradeço também à estimada e competente banca avaliadora de qualificação e defesa, composta pelos professores: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gabriela Pellegrino da Universidade de São Paulo (USP), Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Elisa Noronha de Sá Mäder da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Prof. Dr. Leandro Karnal da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A todos meu sincero reconhecimento pelas necessárias observações, críticas e sugestões, cuja excelência e rigor no proceder acadêmico continuam a aprofundar os trabalhos intelectuais de pesquisa em História da América Latina no Brasil.

Agradeço também à Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Cristina Meneguello pela amizade e pelas oportunidades de me tornar um "olímpico" ao participar em três das quatro edições da Olimpíada Nacional de História do Brasil (ONHB); à Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Iara Schiavenatto pela oportunidade de aprender mais sobre política e sobre como ensinar a língua de Cervantes. Também às Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Silvana Rubino, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Virgínia

Camilotti, Profª Drª Eliane Moura e Silva e Profª Drª Izabel Marzon pelas disciplinas oferecidas no programa de pós-graduação e pelas reflexões suscitadas na linha de pesquisa: “Política, Memória e Cidades”. É pela dedicação e profissionalismo de todos que “7” não é apenas um número cabalístico em um programa de pós-graduação.

"The last but not the least", deixo também registrado meu sincero agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp - pelo financiamento da pesquisa por meio de uma bolsa de mestrado. O auxílio financeiro e a reserva técnica foram fundamentais na obtenção de material de pesquisa em arquivos e bibliotecas argentinas, bem como na manutenção do próprio pesquisador em seu trabalho quase solitário de investigação.

A todas essas pessoas e instituições envolvidas direta ou indiretamente nesse projeto, meu mais sincero obrigado.

*Soli Deo Gloria*



No lo abruman el mármol y la gloria  
Nuestra asidua retórica no lima  
Su áspera realidad. Las aclamadas  
Fechas de centenarios y de fastos  
No hacen que este hombre solitario sea  
Menos que un hombre. No es un eco antiguo  
Que la cóncava fama multiplica  
O, como éste o aquél, un blanco símbolo  
Que pueden manejar las dictaduras  
Es él. Es el testigo de la patria,  
El que ve nuestra infamia y nuestra gloria,  
La luz de Mayo y el horror de Rosas  
Y el otro horror y los secretos días  
Del minucioso porvenir. Es alguien  
Que sigue odiando, amando y combatiendo.  
Sé que en aquellas albas de setiembre  
Que nadie olvidará y que nadie puede  
Contar, lo hemos sentido. Su obstinado  
Amor quiere salvarnos. Noche y día  
Camina entre los hombres, que le pagan  
(Porque no ha muerto) su jornal de injurias  
O de veneraciones. Abstraído  
En su larga visión como en un mágico  
Cristal que a un tiempo encierra las tres caras  
Del tiempo que es después, antes, ahora,  
Sarmiento el soñador sigue soñándonos.

**“Sarmiento” poema de Jorge Luis Borges.**

“Cada um chama de barbárie o que não é do seu  
próprio uso”

**Montaigne, *Ensaïos*, I, 30.**



## INTRODUÇÃO

Recuperando uma polêmica afirmação presente em um prólogo ao livro *Viajes* de Sarmiento, Jorge Luis Borges afirmou que a Argentina teria sido outro país se tivesse lido mais e escolhido como um de seus livros definidores o *Facundo* de Sarmiento em vez do *Martín Fierro* de Hernández<sup>1</sup>. Próprio do autor e de seu elitismo intelectual *sui generis*, a reflexão de Borges evidenciava uma escolha pelo campo da “civilização” e uma contínua ressignificação desse tema dentro dos moldes fundadores da identidade histórico-literária argentina. De alguma forma ou de outra, em um movimento de idas e vindas, o século XIX argentino demonstrava sua força mobilizadora sobre os temas e problemas políticos interpretados tanto pela literatura como pela historiografia.

Ainda assim, envolver-se com a historiografia argentina pode parecer em um primeiro momento um campo um tanto quanto aguerrido, principalmente para um pesquisador brasileiro. As problemáticas políticas que envolvem a questão da nação, o delicado problema que as questões identitárias acabam por ocasionar ou ainda algumas questões de ordem estrutural, tais como a aparente distância dos arquivos e centros de reflexão e produção do conhecimento histórico, todos esses fatores podem tornar a vida de um pesquisador em História da América e com vivo interesse pela História da Argentina do século XIX um verdadeiro labirinto de Astérion<sup>2</sup>. Entretanto, essa dificuldade inicial pode favorecer a atividade de pesquisa e reflexão historiográfica, pois a distância cria a possibilidade de observar pontos e problemas sob um viés diferenciado, podendo-se despojar de referenciais e conceitos partilhados por alguém que assume uma identidade argentina. Em suma, “a distância cria perspectiva” é a partir desse ponto que um trabalho historiográfico como esse ganha relevância no contexto de estudos de História da América Latina no Brasil.

O século XIX latino-americano, bem como o argentino, e a reflexão que muitos de seus intelectuais, e particularmente Domingos Faustino Sarmiento (1811-1888), conferiram às problemáticas, anseios e realidades concretizadas ou frustradas chamam a atenção daqueles que se interessam pelas questões da nova história política e os problemas postos pela história intelectual. O fascínio e o incômodo que uma obra como *Facundo* causa no leitor entusiasmado faz com que uma contínua dúvida em relação às chaves explicativas de civilização e barbárie perpassasse toda a leitura

---

<sup>1</sup> “Sarmiento sigue formulando la alternativa: civilización o barbarie. Ya se sabe la elección de los argentinos. Si en lugar de canonizar el *Martín Fierro*, hubiéramos canonizado el *Facundo*, otra sería nuestra historia y mejor” in BORGES, Jorge Luis. *Prólogos de un Prólogo de Prólogos*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1944.

<sup>2</sup> BORGES, Jorge Luis. “O labirinto de Astérion” in *O Aleph*. São Paulo: Cia das Letras: 2009.

histórica empreendida pelo próprio autor em seu momento histórico e ressignificados pela fortuna crítica posterior.

Ainda assim, trabalhar com documentos político-literários de uma dada época da história argentina é tarefa um tanto sinuosa. Primeiramente porque ao se trabalhar com um volume de estudos historiográficos e literários que já se debruçaram sobre a obra do autor por diversos e variados motivos acabaram por situá-lo na esfera dos heróis argentinos, apesar das inúmeras polêmicas e posições que envolvem a figura do autor e sua atuação intelectual. Por outro lado, fundamentar a pesquisa sobre obras como *Facundo* (1845); *Viajes* (1846-1848) e *Argirópolis* (1850) é tarefa difícil justamente pelo fato de tais obras abarcarem inúmeras problemáticas contemporâneas ao autor, tais como as questões políticas, as perspectivas culturais da época, bem como os projetos de nação sonhados e esboçados pelo autor. Deste modo, tais problemas são apresentados sob uma multiplicidade de estilos e formas que seguiam muitas vezes o tempo imediato dos acontecimentos políticos, algo que confere uma “ambiguidade” ainda maior aos escritos sarmientinos na medida em que a análise das obras e as linguagens políticas ali articuladas imbricam-se com o momento em que o autor vivia e sobre o qual pensava.

Em outras palavras, analisar as obras sarmientinas e os constantes diálogos existentes em seus escritos é uma tentativa de seguir o autor em seu “itinerário político”<sup>3</sup> de modo a achar um ponto mediano entre a biografia política do autor e as ideias esboçadas em seus livros, artigos e cartas, para daí alcançar-se um resultado competente de compreensão das problemáticas contemporâneas ao autor. Sendo assim, encontrar um campo de análise entre a biografia e as ideias do personagem histórico em que se possa não somente entender as críticas ou reflexões encetadas em um dado momento, mas também entender como foi possível que tal ideia fosse veiculada e quais as razões existentes para o seu surgimento. Tal como Elias Palti nos indica, por meio de sua história das linguagens políticas: “no basta entender qué dijo un autor sino cómo fue posible para éste decir lo que dijo.”<sup>4</sup>

Tendo como fonte a literatura, a política e a literatura-política, este trabalho tem por finalidade analisar as ideias e as linguagens políticas utilizadas por Sarmiento em três obras de sua produção entre 1845 a 1850: *Facundo* (1845), *Viajes* (1846-47) e *Argirópolis* (1850). Entender cada obra em seu momento de criação e, a partir daí, demonstrar uma interação conflituosa entre os modelos

---

<sup>3</sup> SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais” in REMOND, René. *Por uma história política*. São Paulo: Editora FGV, 1996.

<sup>4</sup> PALTÍ, Elias. *El tiempo de la política*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007, p. 16

explicativos do autor e os polemistas rosistas em relação ao seu contexto histórico e à situação política da Confederação Argentina da primeira metade do século XIX. Isso significa que o objetivo proposto aqui foi evidenciar a própria historicidade da obra político-literária, de modo a refletir sobre as razões de sua produção e as pontes comunicativas que estes escritos inscrevem em paralelo às problemática políticas surgidas a partir do desenvolvimento do discurso rosista.

Desse modo, o trabalho aqui desenvolvido, através da leitura crítica e atenta dos textos-documentos de autoria de Sarmiento e da análise dos tópicos e das linguagens políticas presentes no discurso do governo Rosas desenvolvido na prática periodística de seu governo, apresenta quatro objetivos orientadores.

Primeiramente, com o auxílio da historiografia argentina sobre o período, entender a dinâmica histórica na qual o general Juan Manuel de Rosas governou a província de Buenos Aires e estendeu sua hegemonia política sobre o resto da Confederação. A partir daí, analisar os tópicos do discurso rosista e a maneira como seus produtores e organizadores contribuíam para a legitimação do regime diante da sociedade argentina. Em outras palavras, refletir sobre a produção discursiva publicada com o fim de sustentar as iniciativas políticas, analisando os escritos de Rosas, Pedro de Angelis e Bernardo Berro e suas respectivas atuações na construção do discurso político do rosismo. Isso foi pensado no sentido de trazer a tona a zona iniciadora deste debate, uma vez que o conceito de *americanismo* é articulado dentro da esfera discursiva criada e aprofundada por Rosas e seus sustentadores, tais como Pedro De Angelis e Bernardo Berro, entre outros.

Num segundo momento, foi feito um exercício no sentido de perceber uma dinâmica no pensamento do escritor argentino, de modo a constatar um deslocamento *pari passu* às transformações políticas de seu momento, bem como nas ideias com as quais o autor dialogava e interagia. Em outras palavras, *Facundo*, *Viajes* e *Argirópolis* são literaturas de ideias e concomitantemente críticas, perguntas e possíveis respostas do autor ao seu momento histórico, em que algumas certezas e determinações seriam questionadas por Sarmiento em seu percurso intelectual.

Em um terceiro momento, analisou-se alguns tópicos do discurso sarmientino e as linguagens políticas presentes nas três obras citadas, de modo a entender a interação entre o contexto histórico do autor: seus problemas, temas de reflexão e pontos de atritos políticos, bem como a maneira como o autor respondeu em suas produções literárias às problemáticas levantadas, de modo a encetar suas proposições e visão de mundo.

Por fim e a partir dos pontos anteriores, ensaiou-se a demonstração do conflito observado em relação ao conceito de *americanismo* que era empregado pelo *rosismo* em seus discursos e também contradito por Sarmiento em seus escritos. Em suma, através de um exercício interpretativo, analisou-se as linguagens políticas e as estratégias discursivas empregadas tanto pelos polemistas rosistas como por Sarmiento em seu texto, evidenciando as razões das possíveis mudanças nessas linguagens, de modo a notar a oposição do autor com respeito ao conceito de *americanismo*, desenvolvido pelo que se convenciou chamar aqui de “intelectualidade rosista”.

### **Caminhos e abordagens**

É justamente nesse embate político pela redefinição ou rearticulação de um conceito sobre a noção de um “sistema americano” que a obra política sarmientina demonstra algumas de suas estratégias discursivas e suas problemáticas históricas, já que a própria ação de conceitualizar e definir é também um conflito político posto no âmbito da literatura argentina. A porta de entrada escolhida para se entender o cruzamento entre a literatura e a política produzidas nessa primeira metade do século XIX não é a clássica história das ideias na América Latina propostas inicialmente por Leopoldo Zea, e os culturalistas Richard Morse e Charles Hale. Isso significa que as tentativas de inserção da análise dos documentos literários abordados aqui buscam entender um processo de formação do próprio intelectual dentro das contingências de seu momento contemporâneo e a maneira que sua produção articula um cabedal de linguagens no processo de entendimento e definição do fenômeno político, social, cultural e fundamentalmente histórico. Em outras palavras, tenta-se inserir a obra, o autor e o contexto no cruzamento entre uma história da intelectualidade e uma história das linguagens políticas.

Isso quer dizer que, segundo a perspectiva da nova história política, da história intelectual e das linguagens políticas, pensada e produzida com diferenciações por autores como Quentin Skinner<sup>5</sup>, J.G.A. Pocock<sup>6</sup>, Reinhart Koselleck<sup>7</sup> e mais recentemente no âmbito da produção acadêmica hispânica

---

<sup>5</sup> SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

<sup>6</sup> POCOCK, J.G.A. “Introdução”. *Linguagens do ideário político*. Sérgio Miceli (org.). Trad. de Fábio Fernandes. São Paulo: Edusp, 2003, p. 23-62. Pocock, a partir das críticas direcionadas às explicações culturalistas, contribuirá com uma nova concepção teórica e metodológica, de modo a pensar a história das ideias como uma história dos discursos políticos e das linguagens políticas presentes, por exemplo, nos textos, discursos ou polêmicas de uma determinada época.

<sup>7</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1999 e *Futuro Passado*. São Paulo: Ed. Contraponto, 2006.

Javier Fernández Sebastián<sup>8</sup>, um texto não se confunde com nenhum conjunto de enunciados ou ideias por si só, na medida em que consiste justamente em um dispositivo para produzi-los, o que nos permite pensar também os modos e condições de produção dos enunciados (ideias) que formam o todo de um discurso.

Por se tratar de uma pesquisa que visa ao estudo das linguagens políticas presentes na obra de Sarmiento, seria interessante levantar alguns autores que contribuem com suas perspectivas para pensar as ideias e os discursos políticos dentro do campo político-intelectual da América Latina. Isso porque a historiografia das ideias políticas latino-americana possui algumas características peculiares que acabam por refletir ou ser influenciada por sua posição periférica no cenário geopolítico atual. Por se encontrar na “periferia” do sistema econômico-cultural no mundo, as reflexões desenvolvidas nesse âmbito a respeito da história ou da historiografia das ideias políticas também acabam por ser relegadas a um segundo plano, de modo que atuariam apenas como uma caixa ressonante do que é feito, refletido ou produzido nas academias estadunidenses e europeias.

Foi pensando nessas características e nessas condições que Leopoldo Zea, em sua reflexão sobre as ideias na Latino América, enfoca sua análise na noção de desvios e deslocamento. As reflexões surgidas originalmente na Europa sofreriam na América Latina um desvio que, por motivos culturais, tais como o *ethos* espanhol<sup>9</sup>, não seguiriam os padrões ou modelos pensados e desenvolvidos na Europa. Exemplo disso, seriam as perspectivas e teorias liberais que no México, por exemplo, sofreram um desvio de seus padrões "originais" devido aos interesses políticos de sua elite dirigente e da composição social mexicana que não favoreceu a elite em minoria<sup>10</sup>. Leopoldo Zea fundou um modelo de estudo da história das ideias que se resumiria no entendimento dos modelos-padrões e seus desvios, percebendo nestes as peculiaridades e as características culturais presentes nas sociedades latino-americanas. Em suma, o que se apresentava de interessante ao se analisar as ideias na América Latina não seriam suas possíveis contribuições, mas os “erros e deformações” ocorridas quando de sua implantação.

---

<sup>8</sup> SEBASTIÁN, Javier F. *Diccionario político y social del mundo iberoamericano: la era de las revoluciones, 1750-1850*. Madrid: Fundación Carolina, 2009.

<sup>9</sup> MORSE, Richard. *New World Soundings. Culture and Ideology in Americas*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1989.

<sup>10</sup> ZEA, Leopoldo. *El posotivismo en México*. apud. PALTÍ, Elias. *El tiempo de la política*. Buenos Aires: Editora Siglo XXI, 2004 p. 25.

Em seus estudos historiográficos, o francês François Xavier Guerra é outro historiador que vem pensar a história das ideias na América Latina e suas particularidades, ao refletir sobre o movimento e processo de independência nas Américas. Guerra lançará suas dúvidas em relação ao modelo de “padrões e desvios” e também sobre as interpretações culturalistas elaborados por Richard Morse<sup>11</sup> e Charles Hale<sup>12</sup>. Sendo assim, seria impossível e descuidado estabelecer determinada ideia como padrão a ser seguido, já que em seu próprio lugar de origem haveria formas diferenciadas de entendimento e compreensão do que fosse o conceito de liberalismo. Exemplo disso, seria a distinção entre um "autêntico" liberalismo inglês (Locke) e sua contrapartida francesa (Rousseau)<sup>13</sup>. A crítica do historiador francês vem contribuir na elaboração e renovação das perspectivas da história das ideias políticas na medida em que pensa a linguagem como uma parte essencial da realidade humana, atrelando-se assim à própria problemática do político<sup>14</sup>.

Ademais, as ideias presentes em Guerra propõem certas constatações e rompimentos com modelos anteriores que auxiliariam as reflexões no campo da história das ideias políticas. Primeiramente porque o historiador rompeu com a influência do conceito de ideologia, afirmando que o contexto deixa de ser um cenário externo para o desenvolvimento das ideias e passava a constituir um aspecto inerente aos discursos, determinando internamente a lógica de sua articulação. Em segundo lugar, as práticas políticas foram transformadas a partir da emergência de novos âmbitos de sociabilidade e sujeitos políticos, tais como o surgimento da imprensa e da opinião pública, noção esta muito cara ao se pensar na atuação intelectual de Sarmiento dentro do contexto político argentino. Em terceiro lugar, Guerra constata que há um certo hibridismo entre a linguagem política que sobrepõem referências culturais modernas com categorias e valores que remetem claramente a representações

---

<sup>11</sup> Morse também segue a linha de Hale ao refletir sobre as permanências culturais atuantes na política latino-americana através de um viés diferenciado. O processo de Reconquista experienciado na Espanha do século XVI teria trazido a reboque uma centralização institucional de traços modernos, o que se refletiria na organização das colônias americanas. Uma estrutura que estaria sempre vinculada a um organismo maior, evitando-se assim o isolamento político-cultural com a metrópole. Isso explicaria, então, a tradição patrimonialista existente na América pós-independente que refletiria na ideia de preservação das hierarquias sociais, por exemplo, em detrimento de instituições mais democráticas. Em suma, há uma pressuposição de que haveria uma totalidade cultural compartilhada de forma transversal pela sociedade.

<sup>12</sup> HALE, Charles. *Mexican liberalism in the age of Mora, 1821-1853*. New Haven/London: Yale University Press, 1968. Neste trabalho Hale desconstrói determinadas posições maniqueístas existentes nas análises acerca do conflito político entre liberais e conservadores, dando um tom mais objetivo aos referenciais que conduziam as disputas políticas daquela época. Suas suposições levam à conclusão de que muitas das ações políticas liberais estariam vinculadas a uma tradição reformista bourbônica, de modo que alguns padrões culturais persistiriam entre seus defensores. Haveria para Hale, um ethos, hispânico persistente.

<sup>13</sup> PALTÍ, Elias. op cit. p. 39

<sup>14</sup> GUERRA, F. *Modernidad e Independencia*. México: FCE, 1993.

tradicionais. Por fim, refletindo ainda sobre o processo de independência e suas ideias geradoras e motivadoras, Guerra afirma que uma vez que não houve uma espécie de evolução na construção dessa modernidade, ocorrida de forma abrupta e com certo oportunismo, abriu-se uma brecha para se entender por quê houve certas permanências e *tradicionalismos* (corporativismo, autoritarismo e hierarquização social) num dado projeto de nação que se propunha moderno.

Elias José Palti também contribuirá para um melhor entendimento com respeito a essa nova concepção sobre a história política principalmente por meio de suas reflexões teóricas acerca da história intelectual e das ideias políticas, que permitiram o estabelecimento de uma nova “história de los lenguajes políticos”. Em seus trabalhos de pesquisa sobre a história das ideias na América Latina, Palti acabou por elaborar, a partir de suas críticas e reservas sobre os conceitos e métodos empregados pela historiografia das ideias, uma nova perspectiva que lhe permitiria analisar e apreender com maior assertividade as ideias políticas e os conflitos nos quais elas se inseriam numa determinada época por meio da reflexão e o papel preponderante que a linguagem apresenta.

O historiador argentino pensa o texto, a obra intelectual, os vários níveis de discurso como algo além de um simples emaranhado de ideias concebidas quase que de forma a-histórica pelos personagens históricos envolvidos. Antes, o texto é um elemento com vínculo direto com sua historicidade, de algo ligado aos conflitos e debates ocorridos na esfera do “político”<sup>15</sup>. Na esteira das reflexões de Skinner, Pocock e Koselleck, que viria a ser chamada de “nova história intelectual”, Palti alinha-se a estas perspectivas que diz que um texto não se confunde com um conjunto de enunciados ou ideias, mas é antes um dispositivo para a produção destas ideias em seu contexto de produção<sup>16</sup>.

Nesse sentido, afirma-se que haveria uma dupla operação a ser realizada no texto para se entender as ideias e as linguagens políticas nele envolvido. Primeiramente, uma reflexão sobre a linguagem, pois consiste em entender a lógica interna de formação do discurso, entendendo primeiramente a linguagem base que formam as ideias com as quais o autor estava dialogando e secundariamente perceber quais as mudanças ou críticas propostas pelo autor<sup>17</sup>. A seguir, deveria se realizar uma segunda reflexão sobre o contexto. Isso significa que um texto não é somente um reflexo

---

<sup>15</sup> CLAUDE, Lefort. *A invenção democrática*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>16</sup> PALTÍ, Elias. op. cit. p. 15.

<sup>17</sup> Ibidem: “De lo que se trata, pues, es de desmontar esta operación. Para ello es necesario, en primera instancia, reconstruir el lenguaje de base sobre el cual un texto dado pivota, atender a los desplazamientos significativos, cómo se fue reconfigurando el sentido de las categorías nucleares del discurso político de la época, para luego, en segunda instancia, comprender el tipo de operación realizada sobre el mismo, cómo un determinado texto habrá de rearticular los elementos simbólicos existentes en él con el fin de investir significativamente la realidad”

de seu contexto de produção (momento histórico), senão que constrói, de algum modo, sua própria historicidade. Em outras palavras, não se pode entender *Facundo* ou *Argirópolis* fora do contexto político de ascensão e consolidação do poder de Rosas em Buenos Aires e sua conseqüente influência política sobre o resto da Confederação Argentina. Entretanto, é também necessário entender que Sarmiento cria uma significação a respeito do que foi o período rosista para ele, algo que se dá pela análise de seus escritos.

Isso demonstra que a mera observação do texto não seria mais suficiente, mas antes seria preciso saber como foi possível ao seu autor dizer o que disse ou escrever o que escreveu. Ademais, reforça-se a ideia de que para melhor entender esse jogo entre o que é escrito, criticado e modificado pela observação do autor e os acontecimentos de sua historicidade seria interessante também questionar-se sobre o que determinado autor estava fazendo (simbólica ou/e materialmente) em seu momento de produção textual ou discursiva. “Esto es, recobrar aquella dimensión performática inherente a todo uso político del lenguaje”<sup>18</sup>.

As reflexões e perspectivas de Altamirano vêm contribuir no sentido de pensar não só uma história intelectual ou das ideias, mas também acerca dos discursos políticos presentes na América Latina que surgem como corolário desse campo de estudo. Em seu livro de ensaios *Para un programa de Historia Intelectual y otros ensayos*<sup>19</sup>, o crítico e teórico-literário argentino reflete sobre as novas perspectivas da história intelectual, apresentando novos caminhos para seu entendimento e produção. Para Altamirano, haveria uma certa ausência de modelos definidos para se fazer ou produzir um tipo de história dita intelectual, diferentemente de outros campos dos estudos historiográficos tal como os da história econômica e social. Graças às reformulações teóricas ocorridas de uns tempos para cá, haveria hoje uma “época de heresias ecléticas”<sup>20</sup>, em que variadas formas de análise seriam possíveis.

---

<sup>18</sup> PALTÍ, Elias. op. cit. p. 16. A obra de Paltí, em suma, contribui na estrutura metodológica aqui proposta na medida em que seus trabalhos vêm pensar não uma simples transformação das ideias políticas no desenrolar da história. Antes o historiador argentino reflete sobre o discurso político em seu momento de emissão, de modo a entender o complexo envolvimento da produção de ideias com seu contexto. Em outras palavras, Paltí vai um pouco além do que Pocock propunha com um método de análise das ideias políticas, pois imagina que não basta pensar só o diálogo entre o contexto histórico (momento de emissão do discurso) e a maneira como este influenciou as ideias de um pensador e vice-versa; mas também reflete sobre o caráter performático da linguagem, pois também pensa nas intenções da escrita de Sarmiento, tendo em mente que as linguagens políticas são históricas e temporalmente determinadas.

<sup>19</sup> ALTAMIRANO, Carlos. *Para un programa de historia intelectual y otros ensayos*. Buenos Aires: Editora Siglo XXI, 2005.

<sup>20</sup> ALTAMIRANO, Carlos. op. cit. p. 80.

O autor, recuperando algumas ideias de Paul Ricoeur<sup>21</sup>, fala de uma espécie de modelo paradigmático que cada indivíduo ou um grupo de indivíduos teria em relação a si e sua sociedade, de modo que isso se apresentasse como um padrão que permitiria um diálogo desses indivíduos com a realidade em que viveram. Altamirano ainda chama a atenção para o fato de que uma história intelectual não é um mero desdobramento ou apêndice da história social; antes, ela é um campo de pesquisa que faz diálogos, por exemplo, com o pensamento político, social e cultural de uma dada sociedade, o que permitiria um aprofundamento amplo e profícuo das ideias, atores e fatos que interagem sobre o contexto em análise<sup>22</sup>.

Tendo isso em mente, os textos de intelectuais do século XIX, como aqui no caso, são eles mesmos objetos de fronteira, ou melhor, textos-documentos que são do interesse de vários campos de reflexão, como a história intelectual e a história das linguagens políticas na elaboração de seus trabalhos historiográficos. Textos de caráter ensaístico ("literatura de ideias"), como os de Sarmiento, ou os editoriais publicados nos periódicos rosistas, ambos possuem a característica de atribuírem valor, de valoração (doxologia), em que a palavra é anunciada a partir de uma posição de verdade, não importando muito o quanto de criação ou imaginação que o autor atribuiu a elas, de modo a ligá-las a sua realidade imediata ou ao seu contexto os quais são chamados a obrar, ou seja, que são chamados à ação política<sup>23</sup>. Nesse sentido, a denúncia e a descrição da barbárie feita em *Facundo*; o relato das experiências, decepções e descobertas obtidas em *Viajes*; a proposição de superação da crise político-institucional através de um projeto de construção de uma capital política em *Argirópolis*; ou ainda a reflexão-crítica sobre o que designaria o conceito de *americanismo* e o "sistema americano" desenvolvido por Rosas nos periódicos *La Gaceta Mercantil* e *Archivo Americano*, todas são formas de atuação política através da literatura e do discurso no âmbito da opinião pública, que em última instância seria a própria ação política em si.

A partir da perspectiva desses autores, haveria uma operação sobre a linguagem, um certo trabalho no qual se recorta e reconstitui o universo de categorias disponíveis dentro de um determinado horizonte conceitual criado ou partilhado pelo autor. Assim, é necessário demonstrar essa operação que consiste em primeiramente reconstruir a linguagem sobre a qual o texto se assenta, perceber os

---

<sup>21</sup> RICOEUR, Paul. *Ideologia e Utopia*. Lisboa: Edições 70, 1991.

<sup>22</sup> ALTAMIRANO, Carlos. op cit. p. 15: "Ella [a história intelectual] privilegia cierta clase de hechos - en primer término los hechos de discurso - porque éstos dan acceso a un desciframiento de la historia que no se obtiene por otros medios y proporcionan sobre el pasado puntos de observación irreplaceables"

<sup>23</sup> Idem, p. 16.

deslocamentos significativos, de modo a perceber a maneira como isso foi reconfigurando os fundamentos centrais do discurso político de uma dada época, no caso a primeira metade do século XIX argentino. Num segundo momento, perceber as ações, operações ou inovações realizadas sobre o contexto por meio das linguagens utilizadas em um dado texto, seja pela conceitualização, seja pela rearticulação do aspecto simbólico articulado pelo autor.

Um exemplo claro disso é o texto de *Facundo*. É certo que uma obra como essa não se compreende desprendida do contexto de afirmação e consolidação de Rosas no poder. Entretanto, este fato ou informação não diz muita coisa isoladamente, mas possibilita uma análise significativa se tentamos compreender como Sarmiento experimentou certos eventos históricos ou o significado que ele como intelectual (em contínua formação) deu a certos fenômenos políticos, por exemplo. Isso somente se consegue com a análise em si do texto e os cruzamentos possíveis de serem feitos dentro de seu contexto de produção.

Desse modo, a obra de Sarmiento e as publicações rosistas podem ser considerados "literatura de ideias", pois estariam em contato direto com sua historicidade, modificando e alterando essa realidade de acordo com seu exercício explicativo e conceitualizador dos fatos e fenômenos históricos. Ler os textos de Sarmiento e da "intelectualidade rosista" não é simplesmente perceber a "evolução" de suas ideias e conceitos empregados, mas sim perceber o delicado momento político em que os personagens estavam situados, observando assim as idas e vindas de suas reflexões, bem como os diferentes objetivos almejados: de um lado a crítica política, de outra a tentativa de instalação de uma ordem política legítima. Em suma, a linguagem liga-se a sua realidade imediata derivando muitas vezes na própria ação política.

---

## 1. A Confederação Argentina e os problemas de uma época.

Para se ter uma melhor percepção da articulação das linguagens políticas adotadas por Sarmiento em sua produção intelectual e o diálogo que se estabeleceu com o que chamamos aqui de intelectualidade rosista, é necessário deter-se em uma breve análise do momento político e social que abrange os anos entre 1820 e 1852. Nesse período, após as fracassadas iniciativas de organização constitucional logo de 1816, estabeleceram-se os fundamentos de uma primeira liderança do Partido Unitário frente à organização política da nação, seguida de conflitos com o Partido Federal, desembocando na ascensão do governo do general Juan Manuel de Rosas em Buenos Aires e a hegemonia do federalismo sobre o resto da Confederação Argentina. Esse período, segundo a historiografia argentina, terminaria com a batalha de Caseros em 1852, a partir do qual se abriam novas perspectivas e possibilidades na organização e condução da política nacional.

No período em questão, o cenário político da Confederação Argentina foi marcado pelo esforço de organização social e política das diferentes regiões que compunham o vice-reinado do Rio da Prata. Após as mobilizações em prol da independência política, obtida em 1816, a elite política da região mergulhou em um cenário de incertezas e expectativas no processo de criação e consolidação de um Estado Nacional. A tentativa de construção de um Estado que regesse as relações sociais e econômicas passavam pelo diálogo acirrado entre diferentes propostas políticas que demonstravam as inúmeras diferenças e perspectivas existentes dentro da sociedade rioplatense.

Segundo Halperín<sup>24</sup>, a década de 1820 revelou-se um período de profundas transformações e conflitos entre as províncias do Litoral, encabeçada principalmente por Buenos Aires, e as províncias Interiores, tendo Córdoba como uma de suas principais forças mobilizadoras. As propostas de unificação ou federalização da nação acabaram entrando na ordem dos interesses político e econômicos de cada região, o que reverberou também na criação de partidos políticos que defendiam uma ou outra causa.

O que se configurou nesse período foi um intrincado jogo de interesses de acordo com a dinâmica política e os resultados dos embates ocorridos entre as diferentes regiões, seus chefes políticos e a disputa pela obtenção de hegemonia tanto diante da elite como das populações rurais e urbanas. Os líderes políticos surgidos em cada província que compunha a Confederação passaram a

---

<sup>24</sup> HALPERIN DONGHI, T. *De la revolución de independencia a la confederación rosista*. Buenos Aires: Paidós, 1985 p. 199.

ganhar profunda relevância na condução da organização nacional, preenchendo um vácuo de poder ocasionado pela ausência de instituições que debelassem uma condução personalista do poder político<sup>25</sup>. Apoiados por suas tropas e pela população de suas províncias, figuras como as de Facundo Quiroga, Estanislao López, Juan Manuel de Rosas, Paschoal Echagüe, Justo José de Urquiza, os irmãos Reinafé, Juan María Paz, Juan Lavalle, La Madrid todos ganhariam relevância histórica por capitanearem as disputas e os acordos de organização da nação argentina.

O que se segue é um breve descritivo de fatos e eventos da história política da sociedade rioplatense que contribuem para um melhor entendimento das problemáticas postas neste trabalho.

### **1.1. Entre a “feliz experiência” e a guerra civil (1820 e 1835).**

Com o fracasso da tentativa de um governo centralizado a partir da organização constitucional entre os anos de 1816 e 1819, surgiram novas formas de condução política focalizadas na autonomia e soberania de cada província, as quais estabeleciam pactos entre si como forma de consolidação e aprofundamento de seus governos.

A província de Buenos Aires, que liderava a iniciativa de organização de um poder central no processo de consolidação de um Estado Nacional Argentino, viu sua influência retroceder fundamentalmente a suas fronteiras locais. Os meses que se seguiram após 1819 foram particularmente duros, chegando mesmo a se sucederem três governadores em um curto espaço de tempo na tentativa de estabelecer uma nova condução à administração da província. Ainda assim, a reação da elite portenha contra possíveis ingerências externas em seus interesses permitiu que a província preservasse uma centralidade nos debates e na condução política dentro do contexto da Confederação.

Na província de Santa Fé, o caudilho e líder político Estanislao López afirmava seu domínio e organizava-se com relativa autonomia, de modo a consolidar seu poder entre os membros da elite local ao não entrar em conflito direto com outros líderes das províncias do Litoral. Em Córdoba, consolidou-se a figura de Juan Bautista Bustos, cuja atuação assemelhava-se a de López no sentido de organizar sua hegemonia interna e capitanear uma possível liderança entre as províncias do interior. En Santiago de Estero, Felipe Ibarra havia iniciado um processo de separação da província de Tucumán e lutava ao lado do já notório caudilho Juan Facundo Quiroga, que dominava a província de La Rioja. Nessa região, os líderes militares, juntamente com suas montoneras, atacaram e invadiram as províncias de Catamarca e Tucumán, que estavam em disputa pela hegemonia da região norte da Confederação.

---

<sup>25</sup> GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo. *Caudillismo rioplatenses*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

Nesse processo de desagregação e “autonomia” das diferentes províncias, muitas chegaram a promulgar constituições ou regulamentos que organizavam seus assuntos e estruturas administrativas internas. Na região de Cuyo, onde se situavam as províncias de Mendoza e San Juan (província natal de Sarmiento) a situação também não se mostrava tão pacífica. Em Mendoza, as invasões lideradas principalmente por Facundo Quiroga, só foram debeladas quando o general Juan Lavalle impôs sua autoridade em 1824. Em San Juan, por sua vez, a autonomia conquistada diante de Mendoza e a atuação do governador Del Carril levaram a província a uma experiência liberal de organização da administração pública, através principalmente da Carta de Mayo, a qual permitiu certo desenvolvimento político e econômico para a região.

Segundo Halperin Donghi, o momento político vivido tanto pelas províncias do litoral (Buenos Aires, Corrientes, Entre-Ríos, Santa-Fé) como pelas do interior (Córdoba, Mendoza, San Juan, La Rioja, Tucumán etc) era de uma tendência de desagregação e autonomização das províncias, as quais estavam entregues ao caos político e ao mando desmesurado de caudilhos e líderes que recorriam constante e fundamentalmente à força militar para a manutenção de seus poderes e hegemonias locais ou inter-regionais<sup>26</sup>.

Voltando à província de Buenos Aires, que experimentava um período relativamente curto de paz dentro do quadro maior de guerras civis, consolidou-se o governo de Martín Rodríguez, cuja atuação de seu primeiro ministro: Bernardino Rivadavia promoveu uma reestruturação nas instituições públicas da província, que tiveram reverberação ao longo de toda a Confederação. Exemplo disso foi a sanção de uma lei que organizava as eleições (Ley de Elecciones de 1822) e que consagrava o princípio do sufrágio universal. No mesmo sentido, também suprimiu a figura do Cabildo e passou a organizar a administração da justiça, além de aprovar leis que defendiam a liberdade de culto, facilitando o ingresso de imigrantes estrangeiros de influência protestante, tais como ingleses, alemães e suíços.

No plano das relações internacionais, cuja representação ficou a cargo da província de Buenos Aires, a Confederação obteve seu reconhecimento por parte de alguns países tais como Inglaterra, Estados Unidos e o Império brasileiro. Segundo Halperin Donghi, essa também era uma das preocupações do governo encabeçado por Rivadavia, na medida em que contemplou acordos

---

<sup>26</sup> Idem, p. 202.

internacionais que beneficiavam a economia local e os interesses da elite agro-pecuária e comercial, principalmente da região litorânea<sup>27</sup>.

Ainda visando apaziguar a pressão dos interesses dos estancieros da província, Rivadavia fez aprovar uma lei de terras públicas. O projeto tinha como base a proposta de que grandes extensões de terras pertencentes ao Estado passassem às mãos de proprietários privados, sem uma devida partilha com uma massa de pequenos produtores. Nesse sentido, o governo de Buenos Aires elaborou um plano de distribuição de porções de terras por meio do que ficou conhecido como política de *enfiteusis*: concessão de áreas agricultáveis a colonos que estivessem dispostos a dar viabilidade à produção agro-pastoril, de modo a pagar taxas de impostos ao governo provincial. O objetivo principal dessa política, além de dar viabilidade à pequena produção de abastecimento, visava também assegurar os limites e as fronteiras da província, constantemente assolada pelos ataques de comunidades indígenas mais ao sul do país. Ainda que inovadora para os padrões da época, tal política encontrou inúmeras resistências entre a elite agrária da região, que viu nessa medida uma forma de limitação da dinâmica de ampliação do poder econômico e prestígio político que a posse de grandes extensões de terras produtivas provia<sup>28</sup>.

Com respeito às relações interprovinciais, estas experimentaram uma relativa “normalização”, principalmente na região do litoral. Em 1822, estas províncias celebraram um tratado que estabelecia uma aliança ofensiva e defensiva entre seus signatários (Corrientes, Entre Ríos, Santa Fé e Buenos Aires). Dentro dessa perspectiva, ainda pairava o tema da organização nacional, o qual deveria ser efetivado em um congresso futuro a partir da aprovação por parte das salas de representantes de cada região. Além disso, por esse mesmo acordo, estabeleceu-se uma relativa liberdade de comércio e livre navegação dos rios interiores, questões essas que atacavam diretamente os interesses de Buenos Aires e que foram constantemente reiteradas por Sarmiento muitos opositores ao rosismo em suas obras políticas.

Seguindo uma tendência mais liberal, o governo de Buenos Aires adotou decisões que afetaram diretamente a sociedade portenha. Aboliram-se os *fueros* privilegiados dos quais gozavam o clero e os dizimos que a Igreja recolhia entre a população, além da extinção de algumas ordens religiosas que

---

<sup>27</sup> HALPERIN DONGHI, T. “La discusión del orden revolucionario” in *Revolución y Guerra*. Buenos Aires: Siglo XXI, [1972] 2009.

<sup>28</sup> GELMAN, J. “Crisis y reconstrucción del orden en la campaña de Buenos Aires. Estado y sociedad en la primer mitad del siglo XIX”, *Boletín Ravignani*, 21, primer semestre 2000.

dependiam do Estado e que oneravam os cofres públicos. No âmbito social e educacional, o governo de Rivadavia criou a *Sociedad de Beneficencia*, a qual tinha por fim estender a presença do Estado e suprimir a influência da Igreja no atendimento aos setores mais pobres da província. Nesse período, houve um impulso na criação de escolas primárias, modernizando-se o ensino pré-universitário através, por exemplo, do Colegio de la Unión del Sur, no qual foram incorporadas disciplinas de cunho técnico-científicas. Além disso, fundou-se um colégio de agricultura e um jardín botânico, no qual também se instalava um museu de história natural, tal como os que se viam na Europa no início do séc XIX.

Ainda assim, o legado do período Rivadavia mais comumente reconhecido pela historiografia argentina no contexto da Confederação está a criação e organização da Universidade de Buenos Aires, inaugurada em agosto 1821. A partir de um claro rompimento com uma tradição colonial escolástica, a estrutura do ensino universitário dividiu-se basicamente em seis departamentos: um departamento de estudos preparatórios, um de ciências exatas, um de medicina, um de jurisprudência e um de ciências sagradas, encabeçada por um reitor e seus respectivos chefes de departamentos, reunidos em um conselho deliberativo composto por catedráticos. Tinha-se como claro propósito estreitar os vínculos de ensino e promoção de ideias com aquilo que as principais universidades europeias seguiam debatendo e pensando, de modo a se afastar dos modelos herdados da cultura universitária do império espanhol. Além de sua vocação à produção de conhecimento, a Universidade de Buenos Aires tornou-se um *locus* de conflitos políticos dentro do debate em torno da organização do Estado e dos próprios projetos de nação<sup>29</sup>. Apoiando essa iniciativa histórica na sociedade argentina, encontraram-se intelectuais argentinos reconhecidos como o poeta Juan Cruz Varela, Manuel Moreno, Diego Alcorta, membros da Sociedade Literária e dos periódicos *El Argos* e *La Abeja Argentina*, além de professores universitários europeus que a convite de Rivadavia passaram a lecionar em Buenos Aires. Ademais, é válido lembrar que grande parte da elite intelectual de escritores, advogados e periodistas que formaram grande parte da geração de 1837, a exceção de Sarmiento, também passaram pelos bancos da UBA, iniciando ali sua inserção nos debates políticos da primeira metade do século XIX.

Percebe-se então que no início dos anos 1820, a sociedade argentina e fundamentalmente a de Buenos Aires passava por diferentes e profundas transformações. A província de Buenos Aires, por exemplo, já contava com 55.000 mil habitantes, estando em permanente contato com as rotas

---

<sup>29</sup> BUCHBINDER, Pablo. *Historia de las universidades en Argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2005.

comerciais do Atlântico através de seu porto. As províncias do interior, por sua vez, apresentavam um nível de transformações menos significativo, contando com apenas algumas cidades de maior vulto. Ainda assim, o aspecto geral das províncias interioranas era de crise e decadência. Províncias que durante o período colonial chegaram a possuir uma centralidade econômica, como as de Córdoba e Mendoza, viram suas elites e o total da população perderem cada vez mais força para as novas atividades comerciais e pecuárias desenvolvidas na região do litoral. Não por acaso Sarmiento irá estabelecer em *Facundo* uma interpretação dicotômica em relação às cidades de Córdoba e Buenos Aires, pretendendo demonstrar justamente essa passagem histórica após o processo de independência<sup>30</sup>.

Em outras palavras, segundo uma interpretação historiográfica portenha, apesar de Buenos Aires experimentar um desenvolvimento político e econômico acelerado, as províncias do interior resistiam a uma série de transformações, de modo a erigir como propósito e bandeira a conservação de certos valores tradicionalistas ligados muitas vezes à experiência colonial e sua estrutura social herdada do período. Exemplo disso seria a própria atuação do caudilho Facundo Quiroga empunhando uma bandeira negra com os dizeres “religión o muerte”, acompanhada de uma caveira, em oposição às repercussões das medidas liberais empreendidas por Rivadavia. Símbolo este que foi continuamente reiterado nas análises interpretativas de Sarmiento em relação à tipificação da barbárie e na construção simbólica dos elementos opostos àquilo que o autor concebia como civilização.

Contudo, ainda que pairasse esse clima de desigualdades e incertezas em relação às diferentes províncias da Confederação, a ideia de uma comunidade nacional indivisível persistia, o que permitiu a convocação de um novo congresso nacional com a proposta de organizar o país sob a forma de um Estado Nacional unido. Fracassada uma primeira reorganização do congresso na cidade de Córdoba, escolheu-se a cidade de Buenos Aires para retomar as discussões e propostas de reorganização política, algo que ocorreu em 1824. Buenos Aires, após o governo de Martín Rodríguez, era agora governada pelo general Las Heras, o qual seguiu a mesma linha de seu antecessor, assegurando Rivadavia nas esferas de poder. Preservou-se uma política de atração das outras províncias para a organização do Estado, sem resvalar explicitamente em uma imposição da hegemonia portenha. Isso também se mostrou cada vez mais necessário devido ao acirramento nas relações institucionais entre a

---

<sup>30</sup> Conferir os capítulos “Guerra Social” no qual o autor traça uma tentativa de compreensão histórica do fenômeno político social ocorrido nas províncias interioranas.

Confederação Argentina e o Império do Brasil, cuja questão na região Cisplatina punha dos dois Estados em lados opostos.

Tendo em vista esse contexto, aprovou-se em 1825 a Ley Fundamental, a qual reafirmava a vontade unânime das províncias em manterem-se unidas, como forma de assegurar sua independência e autonomia regional. O congresso reunido em Buenos Aires, então, declarou-se constituinte, sob a condição de que esta constituição somente seria válida com a aprovação de todas as outras províncias. Seja pela iniciativa, seja pela hegemonia, a província de Buenos Aires tomava para si as funções de representação de todas as outras províncias<sup>31</sup>.

De acordo com Ternavasio<sup>32</sup>, dentro do delicado cenário na região do Prata, as coisas se complicaram politicamente quando o congresso constituído em Buenos Aires (el Congreso de la Florida) declarou a anexação da Banda Oriental à Confederação das Províncias Unidas, aumentando ainda mais a tensão com o governo imperial de D. Pedro I. Como medida resposta às ações brasileiras, o congresso decidiu-se pela formação de um exército “nacional”, o qual esteve sob as ordens do governo de Buenos Aires. Declarada a guerra entre à Confederação Argentina e o Império do Brasil, o congresso constitucional argentino, em fevereiro de 1826, sancionou uma lei criando um poder executivo nacional, cujo cargo levaria o título de presidente das Províncias Unidas do Rio da Prata, para o qual foi escolhido Bernardino Rivadavia.

Uma vez empossado no cargo de presidente, Rivadavia enfrentou um dos problemas mais delicados na relação entre a província de Buenos Aires e o conjunto da confederação: a questão da federalização da cidade de Buenos Aires e a consequente partilha das rendas advindas do porto comercial. Sendo assim, Rivadavia solicitou, em uma mensagem ao congresso constituinte, a declaração da cidade de Buenos Aires: capital federal. Como era esperado, o projeto suscitou amplas e crescentes discussões entre os congressistas, mas acabou sendo aprovado em março de 1826. Para a elite da província de Buenos Aires, esta se viu “privada” do poder de sua tradicional cidade, o que gerou uma crescente polarização entre os apoiadores e opositores da medida. Contra Rivadavia começou-se uma reação tanto de grandes comerciantes portenhos, como dos setores *terratenientes*: enriquecidos na virada do século XVIII para o XIX como os *hacendados* e os *ganadeiros*, que defendiam a proposta de que a cidade, sua renda e divisas, pertenciam exclusivamente ao governo da

---

<sup>31</sup> TERNAVASIO, Marcela. “Las reformas rivadavianas en Buenos Aires y el Congreso General Constituyente” in GOLDMAN, Noemi. *La Nueva Historia Argentina*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1998.

<sup>32</sup> TERNAVASIO, Marcela. “La unidad imposible” in *Historia de Argentina 1806-1852*. Buenos Aires: Siglo XXI.

província. Alçado como representante desses setores indispostos com a política rivadaviana, Juan Manuel de Rosas irromperia definitivamente no cenário político local, cujo cargo de comandante de milícias conferia esta centralidade, dentro da lógica e estrutura de poder no interior da província bonaerense, segundo Gabriel di Meglio<sup>33</sup>.

Ainda que a intenção de Rivadavia fosse a expansão do projeto reformista implantado em Buenos Aires em direção a todas as regiões da Confederação, os acontecimentos da guerra com o Império brasileiro retirava grande parte de suas iniciativas nesse processo de consolidação do Estado Nacional. O conflito com o Brasil exigiu uma organização das forças e interesses políticos das diferentes províncias. Uma vez bloqueado o porto de Buenos Aires pelas forças navais brasileiras, a situação econômica, tanto para Buenos Aires como para as províncias interiores, tornou-se extremamente prejudicial e sacrificante. Mesmo assim, numa ação militar encabeçada pelo almirante Brown, em março de 1826, as tropas argentinas conseguiram expulsar parte das forças brasileiras que se encontravam na ilha de Martín Garcia, permitindo uma brecha para o desembarque de tropas na região da Banda Oriental. A reação argentina, nesse sentido, começou a ganhar força chegando mesmo a empurrar as tropas imperiais até a fronteira do Rio Grande do Sul.

Seguindo um ritmo de pausas e retomadas nos conflitos, em 1827 as tropas argentinas conseguiram novas vitórias (Juncal e Ituzaingó) o que permitiu uma certa mudança no cenário político regional. Entretanto, pretendendo colocar um fim em uma guerra que não beneficiava em nada os interesses argentinos, Rivadavia estabeleceu negociações diplomáticas com os representantes diplomáticos do Brasil, cuja negociação não teria levado em conta as recentes vitórias argentinas, de modo a estabelecer termos e pontos inadequados e desfavoráveis aos interesses argentinos. Segundo algumas interpretações<sup>34</sup>, Rivadavia estaria mais preocupado com a situação interna do país que com o tabuleiro intrincado das relações exteriores, pois em dezembro de 1826 o congresso constituinte havia terminado o projeto constitucional e, uma vez submetido à aprovação, as províncias começaram a se manifestar, contrárias ou não, o que começava a gerar um crescente quadro de novos conflitos civis.

Exemplo disso foi novamente o caudilho Facundo Quiroga, defensor do federalismo e então governador de La Rioja, entrou em conflito contra Tucumán, devido ao apoio do general Lamadrid à

---

<sup>33</sup> DI MEGLIO, Gabriel. *Viva el bajo pueblo: la plebe urbana de Buenos Aires y la política entre la revolución y el rosismo*. Buenos Aires: Prometeo, 2007. p. 82

<sup>34</sup> GOLDMAN, Noemi. “Los orígenes del federalismo rioplatense (1820-1831)”. *La Nueva Historia Argentina*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1998.

constituição e suas intenções de estender sua hegemonia local sobre as províncias ao Norte. Derrotado o general unitário, Quiroga conseguiu aglutinar entorno do federalismo o centro e o norte do país, fazendo com que a guerra civil de cinco anos atrás recomeçasse de forma ainda mais abruta. No âmbito do congresso constituinte, os representantes de cada província, ainda que por meio de esforços e negociações, não conseguiam convencer os líderes políticos locais a aprovarem o texto constitucional, gerando ainda mais instabilidade ao governo do presidente Rivadavia. Contudo, a crise política se instalou finalmente após o resultado final das negociações entre o representante argentino, Manuel José García, e o governo brasileiro, no qual ficava decida a possibilidade de criação de um Estado independente na região da Banda Oriental.

A notícia da convenção diplomática celebrada no Rio de Janeiro parecia inusitada e injustificável, uma vez que as tropas argentinas haviam obtido vitórias significativas. Tudo isso acabou por gerar uma polarização e uma hostilidade cada vez maior em relação à figura política de Bernardino Rivadavia. Analisando o cenário político e compreendendo a fraqueza do apoio político aos seus projetos, Rivadavia renuncia ao cargo de presidente em 1828, deixando uma experiência de reunificação nacional cheia de incertezas e desavenças.

Nesse interstício entre a renúncia de Las Heras, como governador de Buenos Aires, e a queda de Rivadavia, a sala de representantes de Buenos Aires elegeu Manuel Dorrego, do Partido Federal, candidato com aberto apoio dos *estancieros* da campanha interiorana, liderados, como já mencionado, por Rosas. A administração empreendida por Dorrego seguia o mesmo princípio de interesses adotados pela elite local: a defesa da autonomia da província e sua hegemonia político-econômica no conjunto da Confederação. Contudo, o contexto já estava marcado pelo retorno das hostilidades e, temendo o crescimento significativo das forças do Partido Federal, setores do Partido Unitário resolveram encabeçar uma reação. Uma vez assinado o acordo de paz com o Brasil em 1828, grande parte das forças militares que se encontrava na Banda Oriental começou a retornar ao território da Confederação. O general Juan Lavalle, retornando com sua divisão de tropas militares à cidade de Buenos Aires, envolveu-se nas lutas entre federalistas e unitários, depondo o governo eleito de Dorrego e impondo-se como governador da província. O cenário e as ações do Partido Unitário, que já estava relativamente desmoralizado devido ao “golpe” contra o governador federalista, deteriorou-se quando o gen. Lavalle ordenou o fuzilamento do ex-governador em praça pública.

A reação do Partido Federal foi imediata. Rosas e Estanislao López entraram em conflito contra as tropas de Lavalle na região da província de Buenos Aires. No interior, o general Paz, que também

voltava do conflito contra o Brasil, assumiu a liderança das forças unitárias no interior do país, como forma de conter as tropas federais, lideradas por Facundo Quiroga. Lavalle sucumbiu rapidamente em abril de 1829 às forças conjuntas lideradas por Rosas e López, devido principalmente à resistência do interior da província em aceitar o novo governador “golpista”. O general Paz, por outro lado, conseguiu derrotar as forças federais no interior, conquistando a província de Córdoba, colocando-o em rota de colisão com Facundo, o qual foi derrotado primeiramente na conhecida batalha de La Tablada. Nesse primeiro choque entre unitários e federais, a situação encontrava-se de certo modo equilibrada: estando grande parte do interior sob a hegemonia do partido unitário, encabeçada pela Liga Interior do gen. Paz; e o litoral sob o controle federal, principalmente após a eleição de Rosas para o governo da província de Buenos Aires e a celebração do Pacto Federal de 1831.

A divisão entre as forças do partido federal e do partido unitário era nitidamente visível e instável. Segundo Noemi Goldman, as províncias do interior de certo modo aspiravam um regime de unidade, do qual poderiam extrair uma presença maior dentro da organização político-econômica, tirando disso possíveis vantagens em relação às provinciais litorais<sup>35</sup>. Por outro lado, as províncias da região do litoral afincavam-se à autonomia federal, principalmente para assegurar os privilégios e vantagens de sua posição dentro da estrutura econômica de comércio e produção pecuária. A derrota e captura do general Paz, por tropas do gen. Estanislao López em Santa Fé, fez essa balança pender para o lado do Partido Federal, resultando na temporária hegemonia da proposta de autonomia e independência de cada província na organização e condução dos interesses públicos.

Entre todos os líderes federais que irrompiam na cena política naquele momento, Juan Manuel de Rosas destacava-se pouco a pouco como uma figura política hegemônica. Sua influência e aceitação entre as camadas populares do interior da província e sua rigidez na condução política proporcionavam uma base de sustentação para sua manutenção no poder, uma vez que este também conhecia e defendia os interesses da elite comercial e *estanciera*, o que ficaria evidente em seu primeiro governo de 1829 a 1835.

De acordo com a historiografia argentina, a situação política do país até a primeira metade do século XIX podia ser definida da seguinte forma. No interior, voltava a “mandar” Facundo Quiroga; no região litoral Estanislao López tentava impor sua hegemonia, esbarrando suas intenções em Buenos Aires, onde Rosas consolidava seu poder e fazia crescer pouco a pouco sua influência sobre o interior.

---

<sup>35</sup> Ibidem.

Os três líderes federais compartilhavam alguns princípios em comum, tal como a noção de soberania nacional e Estado Constitucional, mas ainda assim, ninguém encontrava uma forma de ao mesmo tempo obter essa organização sem a perda de forças e privilégios locais de suas elites. O Pacto Federal de 1831 foi uma tentativa nesse sentido, já que definia a convocação de um novo congresso constituinte, mas a resistência de Rosas a sua convocação foi contínua e permanente, não só devido às recentes experiências de caos político, mas também pelo receio da perda de poder da província de Buenos Aires no conjunto do país, tal como ocorrera durante o período Rivadavia.

### **1.2. Entre o caos e a ordem: o primeiro governo de Rosas (1829-1832)**

Como se observou brevemente, Rosas adentrou o cenário político da Confederação Argentina e fundamentalmente em Buenos Aires a partir dos conflitos abertos entre os anos de 1829 e 1832. Justamente nesse período, desenvolveu-se seu primeiro governo dentro da província, o que significou o surgimento de novos rituais públicos tendentes a exaltar, por um lado, o papel de liderança militar e política que o caudilho apresentou no processo de pacificação da província, logo após os eventos que culminaram no assassinato de Manuel Dorrego e na tentativa de golpe por parte do Partido Unitário. Rosas apresentou-se ante a opinião pública como o “defensor das instituições”, violadas pelo levante unitário e como o único capaz de controlar o caos social e político que se instalou na sociedade naquela época. Nesse sentido, os deputados da Sala de Representantes aprovaram um projeto que designava ao novo governador o título de “Restaurador de las Leyes”, o qual foi continuamente reiterado e utilizado como instrumento do discurso político do rosismo até sua queda em 1852. Segundo Halperin Donghi, Rosas estabeleceu um marco na recente história política da Confederação Argentina, uma vez que rompia com a tradição liberal exemplificada na figura dos unitários, mas “restabelecia” e perpetuava os princípios legislativos organizados ao longo da década de 1820, durante a “feliz experiencia” do governo Rivadavia<sup>36</sup>.

Dentro desse cenário de conturbação, o Partido Unitário e seus integrantes foram pouco a pouco responsabilizados e “demonizados” por todo o caos ocorrido na província e no resto do país. Apesar de acordos de paz e anistia firmados entre Rosas e Lavalle após a derrota do general unitário, houve uma constante perseguição aos opositores do governo de Rosas e ao Partido Federal. Ademais das leis de controle e cerceamento da oposição ao regime recém instalado, tal como a limitação da liberdade de imprensa, a formação de clubes e os encontros em cafés ou salões literários, o governo

---

<sup>36</sup> HALPERIN DONGHI, T. op. cit. p. 281.

recém instalado imprimia na política e na vida cotidiana práticas que demonstrassem a hegemonia e a adesão ao governo Rosas. Um exemplo dessa nova atitude política na busca de apoio expressivo e simbólico à causa federal foi o uso da “divisa punzó”: símbolo de identificação que consistia em uma tira de tecido vermelho (colorado) curta de poucos centímetros, que os homens levavam no peito ou no chapéu e as mulheres colocavam, geralmente, no cabelo. O que em seu início foi uma imagem de adesão de entusiastas do regime, tornou-se em pouco tempo um elemento obrigatório dentro do regime, uma vez que Rosas ditou um decreto no qual obrigava todos os empregados de repartições públicas e participantes do governo a usarem a dita “cinta punzó colorada”.

Nesse primeiro momento de governo de Rosas, o Partido Unitário encontrava-se quase que completamente desarticulado, tendo muitos de seus membros se exilado em Montevideú, Chile e, em menor número, no Brasil. Entretanto, a aparente hegemonia dos federais em Buenos Aires não conseguia ocultar os conflitos e dissidências que começavam a surgir no seio dessa agremiação. As diferenças entre um grupo federal mais antigo e os novos integrantes, fundamentalmente apoiadores de Rosas, vieram a tona a partir das novas práticas de governo empreendidas pelo no governo. Grande parte da oposição interna dentro do Partido Federal vinha de setores da elite dominante que começava a discordar do gradual “fechamento” e perseguição política promovida pelo regime de Rosas<sup>37</sup>.

De acordo com as interpretações de Ternavasio, esse conflito interno deu-se com maior evidência dentro do poder Legislativo da província bonaerense, a Sala de Representantes, principalmente em torno das ditas “Faculdades Extraordinárias” concedidas e forçosamente reiteradas ao governador<sup>38</sup>. Designado como governador da província, o deputado Anchorena (cunhado de Rosas) solicitou o outorgamento das faculdades extraordinárias ao poder executivo, argumentando supostos perigos e ameaças à ordem de paz que se tentava instalar. Os deputados pró-Rosas encarregaram-se de justificar a proposta de manutenção das faculdade extraordinárias, de modo a demonstrar a capacidade pessoal do governador em controlar a situação de conflito político. Pouco tempo depois da apresentação do projeto, a Sala de representantes aprovou o projeto de faculdades

---

<sup>37</sup> Idem, p. 285.

<sup>38</sup> Ternavasio, Marcela. op. cit, p. 178.

extraordinárias ao novo governador, contanto que ao final do período houvesse uma prestação de contas das razões de sua utilização <sup>39</sup>.

A partir da década de 1830, a situação começava a mudar de figura, revelando a constante tensão entre os membros e setores da Sala de Representantes contra a manutenção das ditas “faculdades extraordinárias” por tempo indeterminado. Em 1831, com a ameaça Unitária afastada, principalmente após a derrota do general Paz no comando da província de Córdoba, começava-se a pulular críticas contra a manutenção dessa excepcionalidade, ainda que grande parte do círculo mais próximo a Rosas não tivesse interesse nenhum na revogação de tais faculdades especiais. Pouco a pouco, setores do Partido Federal contrários a Rosas começaram a engrossar, devido principalmente às eleições anuais para deputados que renovavam constantemente o quadro de apoio e oposição a Rosas dentro da Sala de Representantes.

Sentindo o crescimento da oposição dentro do próprio Partido Federal e a impossibilidade cada vez maior de angariar a renovação dos poderes especiais concedidos ao Executivo, Rosas passava a argumentar que, devido às divergências e contrariedades de opiniões, ele não atenderia ao pedido da Sala de Representantes em continuar no posto de governador e de “mantenedor de la orden pública”. Manejando essa tentativa de “chantagem”, Rosas ensaiava a manutenção do status privilegiado que os poderes especiais lhe conferiam. Entretanto, ao final do ano de 1832, a Sala de Representantes não renovou as faculdades extraordinárias, ainda que elegeisse Rosas como governador da província de Buenos Aires. Rosas, por sua vez, não aceitou o novo mandato, deixando o posto vago e uma certa crise dentro do Partido Federal.

Os partidários federais opositores à manutenção dos poderes extraordinários não se opunham ou questionavam o poder de liderança de Rosas, mas antes tinham sérias ressalvas com relação ao excesso de poder que cada vez mais se concentrava nas mãos do governador da província. Mesmo insistindo na manutenção de Rosas na cabeça do governo provincial, a Sala de Representantes acabava por eleger como novo governador Juan Ramón Balcarce.

---

<sup>39</sup> Idem, p. 179. “El diputado Aguirre señaló la contradicción de otorgar a Rosas el título de Restaurador de la Leyes para luego violar las normas en nombre de la amenaza externa a la provincia; el diputado García Valdez destacó el peligro que representaba para las garantías individuales ampliar las facultades del gobernador; el diputado Escola cuestionó el principal argumento de Anchorena, al sostener que la amenaza a la provincia no era ni tan grave ni tan inminente. Tales personajes no pertenecían al derrotado Partido Unitario, sino al triunfante federalismo porteño”. É válido lembrar que setores do partido Federal não concordam com a manutenção dos poderes ou faculdades extraordinárias.

Segundo Ternavasio<sup>40</sup>, o que é interessante notar na ação política de Rosas e em sua maneira de conduzir o contexto de desarranjos políticos na província de Buenos Aires é a forma como o “Restaurador de las Leyes” soube aproveitar o legado institucional deixado por Rivadavia para estruturar um sistema de organização e dominação política que o colocavam como único depositário do poder, pois ao arrogar para si o epíteto de “restaurador das leis” Rosas endossava uma perspectiva moderna de organização do Estado Argentino, iniciada com a atuação dos unitários, e também distanciava-se de práticas políticas herdadas do período colonial.

Sendo assim, a primeira gestão de Rosas à frente da província de Buenos Aires testemunhou uma mudança na dinâmica de funcionamento do regime político. Isso significa que o regime de Rosas (que ainda não pode ser chamado de *rosismo*, já que a estrutura de organização da província de Buenos Aires por meio de um conjunto de normas legais e morais, baseadas na figura autoritária de Rosas, só será desenvolvida com profundidade em seu segundo governo<sup>41</sup>) não foi o resultado da aplicação de um projeto profundamente elaborado de antemão, sendo antes de tudo um processo de construção gradual de uma nova ordem política que se adaptava constantemente. O desenrolar dos acontecimentos e a percepção que se podia extrair deles desempenharam um papel fundamental na configuração das práticas políticas. Sendo assim, a ação de impor um modelo político baseado no fortalecimento do poder Executivo como reduto quase que exclusivo da manutenção da ordem pública chocava-se com as diferentes perspectivas de condução do poder existentes inclusive dentro do próprio Partido Federal.

### **1.3. A reafirmação da ordem: o segundo governo de Rosas (1835-1852)**

O contexto de retorno de Rosas ao poder em Buenos Aires dá-se de forma muito semelhante ao primeiro momento em que este foi eleito para o cargo de governador: caos social e político nas cidades e no interior da província de Buenos Aires, devido aos conflitos internos abertos dentro do Partido Federal, que se dividia em federais *netos* ou *apostólicos* (partidários de Rosas) e federais *lomos negros*

---

<sup>40</sup> Idem, p.180

<sup>41</sup> Pode-se dizer que o termo "rosista", que designa a conformação política encabeçada por Juan Manuel de Rosas dentro da Confederação Argentina, foi uma criação histórica, com distintas etapas de consolidação de suas estruturas e conteúdos político ideológicos de seus programas e ideários. Em outras palavras, não se pode considerar que o discurso do próprio Rosas tenha sido "rosista", uma vez que este foi sendo montado nas vicissitudes políticas, sendo continuamente agregado de outros discursos que pretendiam fundamentar a atuação política do caudilho dentro do cenário político da província de Buenos Aires. Em suma, "rosismo" pode ser encarado como um termo ambíguo pois pode designar: 1) o período de hegemonia política de Rosas em Buenos Aires e por extensão nas relação interprovinciais da Confederação Argentina; 2) a relação entre o próprio Rosas, seu discurso e práticas, junto aos seus apoiadores; e 3) e a relação de seus partidários com a construção de uma dada ordem política, cuja figura central era o próprio Rosas. Conferir: MYERS, Jorge. *Orden y Virtud. El discurso republicano en el régimen rosista*. Quilmes: Univ. Nacional de Quilmes, 1995, p. 16-17

ou *cismáticos* (opositores à política centralizadora de Rosas), a exemplo do que ocorrera durante o governo de Juan José Viamonte.

De acordo com Ricardo Salvatore<sup>42</sup>, logo após ter sido derrotada a proposta de renovação dos poderes extraordinários dentro da Sala de Representantes em 1832, Rosas deixou o cargo de governador e partiu em um empreendimento para o qual ele pedira apoio e aprovação do poder legislativo provincial: *la Campaña al Desierto* (ou Campanha do Deserto). Esta tinha por finalidade conter o avanço de comunidades indígenas ao sul da província, tendo também como objetivo apaziguar as fronteiras e, por conseguinte, ampliar as áreas para a exploração agro-pastoril. Em substituição a Rosas, a Sala de Representantes elege o também militar general Juan Ramón Balcarce. Rosas conferiu seu apoio e anuência à eleição de Balcarce, supondo que a débil força política do novo governador não afetaria sua liderança dentro do Partido Unitário, de modo a poder controlá-lo ainda que estivesse embrenhado em uma campanha militar nas fronteiras da província.

Contudo, os fatos demonstraram que o então governador não se colocou em uma posição de completa submissão, chegando mesmo a reforçar a dissidência de setores entre os partidários do *rosismo*. Isso se deu fundamentalmente também pela atuação do general Enrique Martínez, primo do novo governador que passou a ocupar o Ministério da Guerra. Em união e liderando o grupo dos federais *lomos negros*, eles tinham não só intenção de seguir uma política independente como também tentavam bloquear a influência de Rosas na política. Isso ficou evidente nas eleições de 1833, quando parte da Sala dos Representantes fora renovada e os opositores a Rosas, que haviam garantido certa hegemonia nas eleições de dezembro de 1832, não obtiveram o mesmo êxito em junho daquele ano. O então governador da província, sabendo do possível fracasso nas eleições, suspendeu o processo antes mesmo deste ter terminado, alegando uso de violência por parte dos “federais apostólicos” (pró Rosas) junto às mesas de votação. Tal evento acirrou ainda mais os ânimos das duas facções do Partido Federal, desencadeando uma onda de violência dentro da província de Buenos Aires, comparáveis às experimentadas entre 1828 e 1829.

Nesse contexto de desorganização e tentativas de estabelecimentos de acordos políticos entre as diferentes províncias da confederação, Facundo Quiroga foi convocado por Rosas a mediar um conflito entre as províncias de Tucumán e Salta, além de tentar utilizar a figura do caudilho de La Rioja como um agente de expansão do Pacto Federal em relação às províncias do interior. Segundo

---

<sup>42</sup> SALVATORE, Ricardo. “Consolidación del régimen rosista (1835-1852)” in GOLDMAN, Noemi. *La Nueva Historia Argentina*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1998.

Gustavo Paz, por razões políticas dentro da província de Córdoba, Facundo era considerado *persona non grata* entre as elites cordobesas e cuja atuação do governador Reinafé acirravam ainda mais a tensão entre o caudilho e setores da elite política da província<sup>43</sup>. Após ter resolvido o impasse entre Salta e Tucumán, e apesar dos contínuos avisos e ameaças recebidos sobre uma possível emboscada em Córdoba na viagem de retorno a Buenos Aires, Quiroga sofreu um atentado no qual saiu morto, o qual ficou conhecido na história argentina como o assassinato de Barranca Yaco.

Com os eventos de Barranca Yaco, o cenário político sofreu uma súbita redefinição. Por um lado abriu-se uma brecha quanto à hegemonia e liderança exercida por Quiroga frente às províncias do interior. Em Buenos Aires, a repercussão foi exasperante, pois temia-se o retorno dos conflitos interprovinciais e do caos econômico-social, tendo na morte do caudilho riojano a prova do ressurgimento do fenômeno. Em outras palavras, a elite política portenha temia o retorno dos conflitos ocorridos em 1828, o que desencadeou um consenso generalizado em conceder novamente a Rosas as tão discutidas e polêmicas *facultades extraordinarias*. O temor pelo caos e desordem fora tamanho que, além das faculdades, foram também cedidas a “suma del poder público” (soma do poder público), a qual permitia legalmente a Rosas legislar, julgar e executar suas resoluções sem uma prévia consulta ou aprovação da Sala dos Representantes<sup>44</sup>.

O cenário que se formou a partir de 1835 e que se impôs a todo o resto da Confederação foi o reconhecimento, explícito em algumas províncias ou tácito em outras, da liderança e hegemonia de Rosas. Entre seu primeiro e segundo governo, mudou-se não somente o estilo de organização e condução da política, mas fundamentalmente reforçaram-se as práticas e os discursos no sentido de estabelecer uma convicção de que não havia ordem possível para a sociedade argentina que não alcançada pela organização federal. Um federalismo cheio de particularidades e exceções, pois ainda preservava na mão do governo de Buenos Aires o cargo e a responsabilidade de representar o país nas relações exteriores, só que sem que houvesse qualquer consenso entre as outras províncias. Em suma, um federalismo cuja força aglutinadora e agregadora de Buenos Aires transformou as outras províncias em satélites em sua órbita de condução das decisões políticas.

Nesse sentido, a mobilização e a vontade de muitos grupos provinciais, principalmente do interior e algumas do litoral, de recusar esse concerto federal em busca de uma unidade constitucional,

---

<sup>43</sup> PAZ, Gustavo. *Las guerras civiles (1820-1870)*. Buenos Aires: Eudeba, p. 156

<sup>44</sup> TERNAVASIO, Marcela. op. cit. p. 348.

tudo acabou sendo inúmeras vezes barrado ou vetado pela atuação de Rosas e a quase totalidade da elite bonaerense. A razão para a veemente recusa de Buenos Aires em organizar o país baixo uma constituição, ainda que federal, apresentam-se multi-facetadas, mas a historiografia argentina argumenta no sentido de que isso provocaria a perda do monopólio econômico-comercial da qual a elite portenha mantinha-se. Os setores vinculados à expansão pecuarista e ao comércio internacional não tinha nenhuma intenção de perder o monopólio e as rendas advindas do porto e suas atividades paralelas. Em suma, o que houve nesse período foi uma contraditória e singular forma de unidade nacional sob a lógica política da federação, em que o discurso rosista transformou na “única” via possível. Uma ordem que foi possível por meio da submissão dos líderes e caudilhos provinciais, de modo a fortalecer a província de Buenos Aires e conseqüentemente Rosas.

De acordo com os estudos de Ternavasio<sup>45</sup>, apesar do continuado apoio ao seu governo e as seguidas manifestações favoráveis à causa federal, Rosas estabeleceu na província de Buenos Aires, e por extensão nas regiões sob sua hegemonia, um estado de vigilância contínua. Para evitar o “caos”, o discurso perpetrado pelo rosismo era de submissão total ao governador e sua política. Os dissidentes, por sua vez, foram continuamente marginalizados e perseguidos pelas forças que apoiavam o federalismo e Rosas. Isso ficou claro com a criação e condução da “Sociedade Popular Restauradora” por seus partidários e apoiadores e o infame braço paramilitar, a “Mazorca”, cujo fim era a perseguição e eliminação das forças oposicionistas durante os períodos mais críticos em que o governo viu-se ameaçado seja internamente, seja externamente.

Por ainda estar muito acirrado o conflito entre federais e unitários, os primeiros anos do segundo governo de Rosas foram de contínuos levantes e contestação da liderança do caudilho à frente do governo de Buenos Aires e da representação das relações exteriores do país. Os movimentos de rebelião contra a Confederação liderada pelo federalismo surgiram tanto como fenômenos locais ou como movimentos de contestação mais generalizados. Isso tudo também se relacionava com os eventos e acontecimentos políticos ocorridos na Banda Oriental, uma vez que entre 1838 e 1839 o então presidente uruguaio Manuel Oribe, partidário do federalismo e de Rosas, foi derrotado pela coalizão que favorecia o general Frutuoso Rivera, incluindo o Brasil, e cuja conquista de Montevideo trazia novas mudanças no cenário político da região.

---

<sup>45</sup> Idem, p. 221.

Além disso, outros fatores complicaram o cenário interno da Confederação Argentina, como o contexto geral da região da bacia do Prata. A França, tentando gerir seus interesses na região, aproximou-se da capital uruguaia e dos opositores a Rosas, uma vez que o caudilho começou a limitar o acesso à bacia do Prata e concomitantemente o comércio da região. Devido também aos benefícios concedidos à Inglaterra e às limitações colocadas em relação aos agentes comerciais franceses, uma frota naval francesa realizou o primeiro bloqueio ao porto de Buenos Aires como forma de forçar o governo do general Rosas. Segundo Salvatore, mesmo com a pressão externa, Rosas seguiu fortalecendo seu poder tanto dentro como fora da província<sup>46</sup>.

Entretanto, esse contexto de contestação e reafirmação do rosismo na Argentina deu-se mais visivelmente na década de 1840, quando se instaurou uma crise político-militar de considerável proporção. Liderando novamente as forças unitárias, o general Lavalle invadiu e conquistou a província de Corrientes, deixando em seu comando o já conhecido general Paz. O plano original era marchar sobre Buenos Aires e forçar a renúncia de Rosas. Entretanto, por razões não muito explícitas, Lavalle desiste de invadir a província naquele momento, retirando-se para o Norte do país. Nesse meio tempo, o bloqueio francês, que fechava o porto de Buenos Aires desde 1839, foi levantado após um acordo entre Rosas e o representante diplomático francês, em que se estabeleceram novos acordos comerciais. Isso permitiu a Rosas rearticular suas forças internas diante das ondas de ataques e contestações a sua política interprovincial.

Nesse meio tempo entre 1840 e 1841, as províncias do Norte da Argentina, então conquistadas por generais unitários como Lamadrid e Marco de Avellaneda, quebraram a hegemonia federalista existente sob a liderança de Quiroga e seus correligionários, e sublevaram-se contra as províncias federais que se encontravam no litoral. Entretanto, as várias batalhas que o exército de Lavalle empreendeu praticamente todas foram derrotadas pelas forças federais, o que forçou a uma contínua desestruturação da oposição unitária e o conseqüente assassinato de Lavalle, perseguido até o extremo norte argentino em Jujuy.

Apesar de vitorioso em suas batalhas contra os opositores em território argentino, Rosas viu suas expectativas frustradas com a impossibilidade da conquista de Montevideo por parte das forças de Manuel Oribe na Banda Oriental, o que culminou no cerco a Montevideo em 1843. Como principal e praticamente último reduto das forças unitárias e contrárias a Rosas e sua hegemonia federal,

---

<sup>46</sup> SALVATORE, Ricardo. op. cit. p. 365

Montevideo foi o refúgio não só de militares opositores como o general Paz, mas também um dos principais destinos de intelectuais opositores ao regime, tendo como exemplo a quase totalidade dos integrantes que compunham a Geração de 37. Em outras palavras, Montevideo tornou-se, nos dizeres de Alexandre Dumas, a nova Tróia; um baluarte das ideias liberais na América do Sul, o qual conciliava todas as forças opositoras a Rosas: dos tradicionais liberais unitários, passando por federalistas dissidentes, até os jovens intelectuais argentinos, tais como Echeverría, Mitre e Alberdi<sup>47</sup>.

Entre 1845 e 1850, as províncias federais e o governo de Rosas viveriam seus momentos de relativa paz e consolidação da ordem federal no contexto da Confederação. Ainda assim, isso não significava uma submissão total de todas as províncias à hegemonia do rosismo. Isso se manifestou principalmente em torno dos direitos de navegação sobre o rio da Prata. Em 1845, a inquieta província de Corrientes, com a ajuda do Paraguai, sublevou-se contra o governo Rosas devido a sua política de monopólio do comércio quanto à navegação do principal rio da região. O então governador de Entre Ríos, Justo José de Urquiza, arrefeceu a situação, derrotando o movimento contestador e estabelecendo um acordo de paz com a província de Corrientes. Não sendo de seu agrado, Rosas vetou o acordo, provocando um descontentamento e um abalo no apoio explícito de Urquiza em relação à condução da política federal entre as províncias. Isso se evidencia pelo fato de Entre Ríos apresentar naquele momento uma produção pecuária que já começava a rivalizar com a própria província de Buenos Aires, e que para seu pleno desenvolvimento e interesse necessitava de uma livre navegação dos rios, os quais permitiam seu contato com os mercados europeus.

Em 1850, após um acordo entre o governo Rosas e os representantes da França e Inglaterra, o segundo bloqueio ao porto de Buenos Aires foi levantado, deixando aberta a possibilidade de domínio da Partido Federal e do rosismo nas duas margens do rio da Prata. Isso incomodou profundamente não somente as forças do general Rivera e os liberais anti-rosistas que se encontravam em Montevideo, mas também afetou os interesses do Brasil na região na livre navegação nos rios da região. Em uma manobra diplomática objetiva, o Império brasileiro rompeu suas relações com a Confederação Argentina, de modo a aproximar-se cada vez mais dos opositores da ordem rosista. Pouco a pouco as províncias prejudicadas e desagradadas com a situação interna começavam a engrossar as fileiras opositoras. O general Urquiza tornou-se o exemplo desse processo de oposição crescente à política

---

<sup>47</sup> MYERS, Jorge. op. cit. p. 393.

rosista da época, pois, preterido continuamente em seus interesses, uniu-se à aliança militar que se formava contra Rosas, cujo resultado foi a formação do “Ejército Grande”<sup>48</sup>.

Em maio de 1851 e em um ato de clara demonstração de rompimento com a ordem rosista, Urquiza aceitou a renúncia de Rosas do posto de representante das relações exteriores da Confederação Argentina, a qual era apresentada todo ano como forma de reafirmação do poder e hegemonia rosista. Isso foi logo interpretado como uma clara atitude de traição pelos federais rosistas, iniciando-se assim o processo de queda do governo de Rosas. Pouco a pouco as forças do Exército Grande liderado por Urquiza e apoiado pelo Império do Brasil foi conquistando apoio no interior e no litoral, chegando assim às portas de Buenos Aires. Em fevereiro de 1852, após a batalha de Caseros, Rosas renunciou ao governo da província, embarcando em uma fragata inglesa com destino à Inglaterra, onde permaneceria em exílio na cidade de Southampton até sua morte em 1877.

\*\*\*

O estabelecimento de um panorama geral sobre o movimento e a dinâmica dos eventos históricos que permearam a história política da Argentina na primeira metade do século XIX permite, portanto, situar uma relação entre os eventos e as ações dos indivíduos inseridos nessa temporalidade. Em outras palavras, um breve entendimento sobre os fatos históricos que marcaram esse período servem como ferramental para se entender tanto a atuação de Rosas e do *rosismo* dentro de uma dinâmica política, como de inferir os limites do “horizonte de expectativas” de Sarmiento ao atuar intelectualmente a partir ou em resposta a esses eventos políticos.

A seguir, como forma de aprofundar uma reflexão sobre as problemáticas de um dos lados desse debate que se forma entre o governo Rosas e a oposição política liberal, exemplificada aqui na figura e nas obras de Sarmiento, analisou-se mais detidamente o fenômeno político que a historiografia argentina convencionou chamar de *rosismo*.

---

<sup>48</sup> HALPERIN DONGHI, T. op. cit. p. 394.

---

## 2. SOBRE ROSAS E O *ROSISMO*: HISTORIOGRAFIA, LINGUAGENS POLÍTICAS E A ORDEM DISCURSIVA DO REGIME.

Após as experiências do colapso da presidência de Rivadavia e do Congresso Constituinte entre 1826-1827 e a conseguinte guerra civil desencadeada por Lavalle e os líderes do Partido Unitário entre 1828-1829, tinha-se a percepção de que a experiência recentemente vivida de institucionalização do poder em um modelo de união nacional era de profundo fracasso. E no âmbito da província de Buenos Aires, após os conflitos internos surgidos dentro do Partido Federal após o primeiro governo de Rosas entre 1832-1835, tudo trazia à tona uma experiência e sensação de “anarquia” político-social que ameaçava as elites político-econômicas.

Este período entre 1835 e 1852 pode ser breve periodizado da seguinte maneira. Entre os anos de 1835 e 1839 viu-se um gradual e sólido movimento de construção da nova ordem política, em que o controle sobre o espaço político e público foi fundamental no sucesso da instalação e “aceitação” de Rosas na cabeça do governo de Buenos Aires. Ainda nesse período era possível notar movimentos de oposição e contestação da condução política de Rosas, por meio tanto da imprensa como das associações de membros da elite política e letrada, tal como eram as reuniões do Salão Literário de Marcos Sastre, estopim da atuação político-intelectual da Geração de 1837. Entre 1840 e 1842, devido principalmente aos movimentos de oposição aberta à hegemonia e à conduta de Rosas, bem como a guerra Peruano-Boliviana e o bloqueio francês do porto de Buenos Aires com auxílio dos membros do Partido Unitário exilados em Montevideo ou em outras províncias interiores, todo esse conjunto de fatores ocasionou um recrudescimento da política de repressão e de controle do regime rosista, o que perpetrou uma intolerância ao dissenso político, caracterizando esse período como a “etapa do terror”<sup>49</sup>. Ao longo da década de 1840, apesar dos constantes ataques e movimentos de oposição organizado principalmente pelos exilados no Uruguai, Chile e Brasil, tal como o bloqueio ânglo-francês ao porto de Buenos Aires de 1845 a 1850, o governo Rosas de alguma forma ou de outra saiu vitorioso desses intrincados eventos político-diplomáticos, consolidando assim uma perspectiva de permanência de longa data à frente da Confederação Argentina e sob o modelo de mando do Partido Federal. Entretanto, foi da própria estrutura de alianças estabelecidas entre as províncias sob a hegemonia do Partido Federal que saiu o principal movimento de oposição a Rosas, ao qual se uniram

---

<sup>49</sup> SALVATORE, Ricardo. “Consolidación del régimen rosista (1835-1852) in GOLDMAN, Noemí (dir). *Nueva Historia Argentina: Revolución, República, Confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2005

as antigas vocês dissonantes contra o “sistema americano”. Na última fase do longo governo Rosas, entre 1848 e 1852, principalmente a partir de 1850 quando a ação dos opositores no exílio retornou ainda mais fortalecida quando a velha rivalidade entre as províncias do litoral e Buenos Aires aflorou novamente no cenário político da Confederação, pois novamente o monopólio excessivo de Buenos Aires sobre as rendas do porto e sobre as trocas comerciais causaram atritos. Nesse mesmo ano, o governador da província de Entre-Ríos: Justo José de Urquiza formou uma aliança político-militar juntamente com o Uruguai, Brasil e Paraguai, com o aval da coroa inglesa, e que veio a derrotar finalmente Rosas em 1852.

Durante esse período, o segundo governo de Rosas foi, portanto, caracterizado por uma contínua sensação e experiência de instabilidade. Isso se explica devido ao fato de que tanto no interior da província de Buenos Aires como nos países vizinhos (Uruguai e Brasil) a hegemonia rosista enfrentou uma contínua ameaça que incorria numa reação que acabou sendo marcada pelo autoritarismo e pela intolerância política. No conjunto da Confederação, uma constante sensação e ameaça do rompimento de mais uma guerra civil, reforçada ainda mais pelo discurso institucional rosista: a ameaça contínua da anarquia sobre as instituições e a ordem social construída, jogava um peso político fundamental na atuação apaziguadora e ordenadora do governador da província<sup>50</sup>.

É nesse paradoxo entre a ameaça real ou imaginária de um conflito civil generalizado que a política e o governo de Rosas assentaram e procederam grande parte de suas ações políticas com respeito ao consenso e às causas defendidas pelo Partido Federal. Em suma, pode-se afirmar que grande parte dos esforços e das ações políticas de Rosas e do *rosismo* a partir de 1835 estiveram focadas e dirigidas para responder aos problemas dessa recente experiência de fracasso e na tentativa contínua de criar uma legitimidade interna e externa à Confederação. De acordo com a historiografia

---

<sup>50</sup> Conferir na íntegra: GELMAN, Jorge; SANTILLI, Daniel. *Rosas bajo el fuego. Los franceses, Lavalle y la rebelión de los estancieros*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

argentina mais recente<sup>51</sup> sobre este tema, o *rosismo* pode ser interpretado como o resultado de uma longa e complexa crise de legitimidade que afetava as instituições políticas tanto de Buenos Aires como de outras províncias da Confederação.

Estas novas perspectivas diferenciam-se do que a historiografia tradicional construiu como interpretação sobre o *rosismo* justamente porque não entendem que esse fenômeno político foi a aplicação quase objetiva de um projeto previamente elaborado que atendesse às necessidades das elites bonaerenses ou a manifestação “clássica” de uma estrutura de mando caudilhesca rigidamente controlada pelo seu líder político. Antes as novas perspectivas interpretam que o regime rosista foi construído gradualmente e por "etapas", mesclando-se elementos de matrizes republicanas, com novos dispositivos de controle, e velhas práticas política do período colonial, estando sempre atento aos fatos e acontecimentos imediatos que atacavam a aceitação de sua legitimidade política<sup>52</sup>. Sendo, portanto, uma estrutura resultante de diversos elementos políticos e que não se definia exclusivamente pelo mando autoritário de seu principal líder, não se pode estudar esse fato político sem dar atenção à própria figura de Rosas.

---

<sup>51</sup> Conferir os trabalhos de: BERNALDO, Pilar González. *Civilidad y política en los orígenes de la nación argentina. Las sociabilidades de Buenos Aires, 1829-1862*. Buenos Aires: FCE, 2008. DI MEGLIO, Gabriel. *Viva el bajo pueblo: la plebe urbana de Buenos Aires y la política entre la revolución y el rosismo*. Buenos Aires: Prometeo, 2007; \_\_\_. *¡Mueran los salvajes unitarios! La Mazorca y la política en tiempos de Rosas*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 2007. FRADKIN, Raúl. *Tierra, población y relaciones sociales en la campaña bonaerense (siglos XVIII y XIX)*. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, 1999. GELMAN, Jorge. *Rosas estanciero. Gobierno y expansión ganadera*. Colección Claves para Todos. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2005; \_\_ y SANTILLI, D. *Rosas bajo el fuego. Los franceses, Lavalle y la rebelión de los estancieros*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009. GOLDMAN, Noemí y SALVATORE, Ricardo (comp), *Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 1998; \_\_\_. *Nueva Historia Argentina: Revolución, República, Confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2005; \_\_\_. *Lenguaje y revolución: conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850*. Buenos Aires: Prometeo, 2008. MYERS, Jorge. *Orden y Virtud. El discurso republicano en el orden rosista*. Buenos Aires: Univ. De Quilmes, 1995. \_\_\_. “Las formas complejas del poder: la problemática del caudillismo a la luz del régimen rosista” in GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo. *Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 2005. SALVATORE, Ricardo. “El imperio de la ley. Delito, Estado y Sociedad en la era Rosista” in *Delito y Sociedad. Revista de Ciencias Sociales*, nº 3, 1993-1994. TERNAVASIO, Marcela. “Hacia un régimen de unanimidad. Política y elecciones en Buenos Aires, 1828-1850”, in Sábato, Hilda (coord). *Ciudadanía política y formación de las naciones*. México: FCE, 1999. \_\_\_. *La revolución del voto. Política y elecciones en Buenos Aires, 1810-1852*. Buenos Aires, Siglo XXI editores, 2002. \_\_\_. *Historia de Argentina (1806-1852)*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.

<sup>52</sup> TERNAVASIO, Marcela. *Historia de Argentina*. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, p. 200: “En los últimos años, gran parte de la historiografía ha revisado los tradicionales abordajes sobre el período rosista y ha coincidido en subrayar la clave republicana del régimen. Esto puede leerse tanto en la perspectiva de un discurso que apeló a los tópicos del republicanismo clásico - cuyas raíces se remontan a la república romana (MYERS 1995) - como en la utilización de muchos de los instrumentos jurídicos procedentes de las repúblicas modernas inauguradas en con las revoluciones atlánticas. Ambas posiciones son complementarias, porque procuran demostrar que el *rosismo* no fue no una tiranía que despreció el sistema institucional republicano en sus distintas vertientes, ni una república liberal dispuesta a proteger las libertades individuales de los miembros de la comunidad política. Además, porque admiten el alto componente de invención del *rosismo*, que combinó elementos de matriz republicana con nuevos dispositivos de control y legitimación del poder, y viejas prácticas y costumbres muy arraigados en la sociedad. Tal conjunción vuelve prácticamente imposible definir de manera unívoca el fenómeno abierto en 1835”.

Neste ponto, deve-se fazer uma ressalva, pois há certa dificuldade ao se trabalhar com as “ideias políticas” desenvolvidas por Rosas, devido justamente ao fato de que o próprio Rosas não formulou seu pensamento político por meio de algum livro ou escrito que sintetizasse o que o autor pensou ou as ideias que o moveram, ou ainda as estratégias utilizadas pelo “restaurador” na montagem da estrutura política de seu governo. Isso não significa que o próprio personagem político não tenha pensado ou atuado na conformação da política de seu governo, mas antes sinaliza para um fato que envolve a figura de Rosas em sua atuação pública: Rosas não escreveu textos políticos. Seus “textos” são atos políticos diretos em relação aos seus subordinados com instruções claras e diretas de como deviam atuar em determinada situação ou evento. Tal como Halperín Donghi afirma:

*Sus textos [de Rosas] son primordialmente actos políticos, y no en el sentido muy general e indireto en que lo es todo escrito destinado a persuadir al público de la justeza de ciertas nociones que no podrían – caso de ser adoptadas – dejar de inspirar acciones. Lo son en un sentido mucho más inmediato en cuanto se dirigen a un interlocutor preciso para suscitar en él ciertos preciosos modos de conducta en una situación ya determinada. Construir con esa masa de testimonios a menudo contradictorios un ideario político es una empresa que requiere considerable tacto, y un sábio equilibrio de audacia y prudencia<sup>53</sup>.*

A complexidade no entendimento da figura política de Rosas e da estrutura de mando legítimo na província de Buenos Aires reside no fato de que o líder federal bonaerense não se guiou por ideias políticas pré-estabelecidas ou assimiladas a partir de linhas doutrinárias pré-definidas. Antes, este foi um governo com práticas políticas que foram feitas a partir de um certo pessimismo em relação às massas e à falta de consenso dentro da elite política, provocado pelo processo revolucionário de 1810 e as tentativas de reunião nacional que legaram uma experiência de participação política nas várias e diferentes camadas sociais do antigo vice-reinado do Prata o qual não podia ser apagado por qualquer atitude autoritária e conservadora de um caudilho, por exemplo.

Ainda segundo a perspectiva de Halperín Donghi<sup>54</sup>, seria preciso buscar um Rosas e um *rosismo* que fossem compatível ao seu momento histórico. No caso, um líder político, apoiado por correligionários, que encarou as problemáticas de seu tempo de modo a apontar soluções de acordo

---

<sup>53</sup> HALPERIN DONGHI, T. “Estudios recientes sobre el pensamiento político de Rosas” in *Ensayos de Historiografía*. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 1996, p. 130.

<sup>54</sup> Idem, p. 142: “Pero esa visión desesperada (cuyo pesimismo va más allá que el del pensamiento reaccionario, que deja abiertos auxílios sobrenaturales a una humanidad cuya naturaleza está contaminada por la caída), aunque subtiende la entera acción política de Rosas, no da cuenta de la originalidad de ésta. Si para Rosas el problema que debía encarar era tan antiguo como el mundo, sus modalidades concretas eran las creadas por los cambios irrevocables traídos por las revoluciones políticas y vertiginosas transformaciones sociales del siglo XIX”

com os espaços de manobra possíveis e existentes para sua atuação. Buscar, em suma, um político que não se vinculava a grandes ideais sobre a condução de um governo e sua prática política a partir de uma concepção a priori, mas antes um personagem que tomou atitudes e soluções conservadoras ante um país que passava pela experiência de uma revolução avassaladora que deixou legados impossíveis de serem apagados dentro da sociedade rioplatense e da cultura política argentina.

Sendo assim, nesta seção do trabalho de pesquisa, dedicou-se maior atenção aos eventos que envolveram o segundo governo de Rosas e ao que a historiografia argentina convencionou chamar de *rosismo*. Desse modo, analisou-se brevemente este fato político através da articulação de conceitos e linguagens políticas nos discursos perpetrados pelo regime, os quais pretendiam construir um novo centro de autoridade e legitimidade tanto na província de Buenos Aires como dentro do conjunto da Confederação.

### **2.1. *Rosismo*: seus conceitos e suas linguagens políticas**

Ao se trabalhar este fenômeno político e o conceito que advém dele, surge a pergunta: afinal, o que foi o *rosismo*? Em linhas gerais, pode-se dizer que o *rosismo* foi um fato político que era caracterizado por uma concepção de República *unanimista*, em que havia um esforço visível em relação ao *consenso político*, de onde se derivava que qualquer tipo de *dissenso* era sumariamente interpretado como uma ameaça à causa da independência da Confederação, acarretando em uma *intolerância política* desmesurada, a exemplo da Sociedade Popular Restauradora: a Mazorca<sup>55</sup>. Tudo isso acabou sendo possível devido principalmente à “suma del poder público” e a centralidade de Rosas na defesa das causas da *Santa Federación* diante da Confederação Argentina através do cargo de Representante das Relações Exteriores. Em outras palavras, pode-se dizer que o coração do projeto político desenvolvido por Rosas e seus partidários constituiu-se em uma progressiva acumulação de poder nas mãos do poder Executivo e, como consequência disso, a reorganização, institucionalização e legitimação do espaço político argentino a partir da liderança de Buenos Aires à frente da Confederação.

A partir daí, termos como *consenso político*, *intolerância ao dissenso*, e *causa Federal* ou *santa Federación* acabaram por se tornar linguagens políticas empregadas por Rosas e seus apoiadores na estruturação de poder do mandatário à frente da província de Buenos Aires e diante da Confederação.

---

<sup>55</sup> DI MEGLIO, Gabriel. *¡Mueran los salvajes unitarios! La Mazorca y la política en tiempos de Rosas*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2007, p. 57.

Sendo assim, é necessário aprofundar brevemente o entendimento sobre esses termos e a maneira como foram utilizados como linguagens políticas pelos sustentadores do regime rosista e a maneira como eles posteriormente eram inseridos na ordem discursiva do regime.

### **2.1.1. Consenso político e expressão pública**

Como já foi mencionado, a estrutura de mando que Rosas montou à frente da província de Buenos Aires só foi possível graças fundamentalmente aos poderes extraordinários que ele obteve da Sala de Representantes: as *facultades extraordinarias* e a *suma del poder público*, e a posição central do cargo de representante das Relações Exteriores da Confederação Argentina. Entretanto, o líder federal sempre envolveu seu governo com um verniz de legalidade, de modo que isso pudesse proporcionar uma base de legitimidade tanto dentro da província de Buenos Aires, diante da Confederação e também em relação aos países estrangeiros.

Nesse sentido, Rosas se afincava à ideia de que sua estrutura de poder somente seria efetiva contra o caos político reinante se houvesse um consenso generalizado em relação a sua figura e sua posição de mandante. Isso significa que o regime rosista acabava por imbricar os conceitos de legitimidade política com apoio irrestrito às ações políticas, o que fez com que Rosas perpetuasse uma prática de realização de plebiscitos, cujo sim era simplesmente fazer a sociedade bonaerense demonstrar seu contínuo apoio ao líder e suas condutas políticas<sup>56</sup>.

Em outras palavras, esses plebiscitos, que eram na verdade eleições anuais nas quais votava-se em uma única lista de candidatos do Partido Federal previamente escolhidas e “editadas” pelo próprio Rosas, era uma forma do governo forçar uma prática de apoio expresso e aberto ao regime, funcionando tanto no sentido de identificar os seus apoiadores como os indivíduos que relutavam em conferir seu “voto de confiança” ao governador. Como manifestação pública da “soberania” popular, Rosas e o *rosismo* eram desse modo confirmados em suas posições políticas<sup>57</sup>. Apesar da existência dessas eleições para os membros do legislativo, a Sala de Representantes acabou sendo completamente esvaziada de suas funções, uma vez que acabava apenas confirmando as decisões e posições políticas tomadas por Rosas e a cúpula do Partido Federal. O trecho a seguir é ilustrativo dessa prática plebiscitária.

---

<sup>56</sup> SALVATORE, Ricardo. op.cit. p. 354.

<sup>57</sup> Para um estudo mais detido sobre a relação da prática de eleições e plebiscitos durante o segundo governo Rosas, consultar o minucioso trabalho de Marcela Ternavasio: *La revolución del voto. Política y elecciones en Buenos Aires, 1810-1852*. Buenos Aires, Siglo XXI editores, 2002.

*Durante los días 26, 27 y 28 de marzo de 1835 se celebró en Buenos Aires un plebiscito con el fin de ‘explorar la opinión de todos los ciudadanos habitantes de la ciudad respecto de la ley del 7 del corriente’ en la que se delegó la ‘suma del poder público’ en la persona de Juan Manuel de Rosas. (...) El gobernador había decidido realizar el plebiscito - una práctica por cierto novedosa - para reforzar aún más la legitimidad de su designación y la de las atribuciones conferidas. Los resultados fueron aplastantes: más de nueve mil votantes dieron su apoyo a la ley de 7 de marzo; unos pocos - menos de una decena - votaron por la negativa<sup>58</sup>*

Ver a manifestação de apoio ao regime passou, portanto, a ser uma prática fundamental do regime, pois tanto reafirmava como justificava a continuidade de suas práticas. Não por acaso, o *rosismo* criou signos de adesão, que expressavam essa ampla aceitação: fitas e laços vermelhos representando as cores do partido; um modo de vestir ou mesmo um “traje federal” composto de “poncho y chaqueta”; utensílios domésticos com a imagem do caudilho ou com os dizeres federais como: “Mueran los salvajes unitarios”. Seguindo a mesma linha no sentido de manifestação pública do consenso popular, as Festas Federais (Fiestas Federales) de maio e julho também funcionavam como instrumentos de estreitamento dos laços e “compromissos” políticos na busca de um consenso generalizado que confirmasse as ações do governo e por tabela lhe conferia legitimidade política. As festas, portanto, estreitavam os laços políticos entre o líder e os liderados, cuja condenação dos opositores acabava por reforçar um certa “identidade federal.

*Ya no sólo se celebraban las tradicionales fiestas mayas y julias (...). Otras celebraciones eran usadas para expresar la contienda principal entre unitarios y federales; por ejemplo, las de Semana Santa, cuando en la quema pública el Judas de trapo adoptaba la vestimenta celeste y las patillas típicas de los unitarios, o los carnavales donde se representaba la vejación de los señores de levita y frac... Así pues, se asistió a un cambio profundo en los rituales cívicos, al exaltarse hasta el grotesco la figura del gobernador<sup>59</sup>*

Certamente havia apoiadores do regime que expressavam de forma verdadeira e cabal seu apoio ao mandatário bonaerense. Entretanto, é sabido que grande parte desse consenso e dessa unanimidade política era fruto do aparato repressivo e sua constante ameaça de coerção feita pelos correligionários do *rosismo*. Tanto entre as camadas populares, como entre as elites políticas e econômicas, acabou-se por criar um consenso fundamentalmente baseado na cooptação, na convivência

---

<sup>58</sup> TERNAVASIO, Marcela. op. cit. pp: 202-203.

<sup>59</sup> Idem, p. 206.

e no medo, formando uma estrutura de “legitimidade” que se fechava em si mesma. Em outras palavras, as abstenções eleitorais, por exemplo, eram interpretadas como sinais claros de oposição política, de modo que o estado de vigilância dos indivíduos estava sempre pronto a corroborar as ações políticas de Rosas e seu regime. Isso acaba por levar a um segundo e inevitável ponto dentro dentro das linguagens políticas trabalhadas dentro do *rosismo*: a intolerância contra o dissenso político e a violência que estava atrelada a ela.

### **2.1.2. Dissenso e intolerância**

O dissenso durante o segundo governo Rosas era visto sob o viés claro de uma ameaça ao projeto político de contenção do caos social no qual a Confederação já havia mergulhado anos anteriores. Isso significa que as opiniões contrárias às ações do governo eram lidas como possíveis estopins de focos anárquicos os quais deveriam ser continuamente combatidos em prol da paz social e da ordem política. A outra face da moeda era a ordem a qualquer custo através do consenso generalizado e a ameaça constante de sanções e reprimendas a qualquer opositor que se levantasse contrário ao governo.

Sendo assim, formou-se um verdadeiro aparato de controle e repressão por parte do governo, cujo fim era cercear as opiniões contrárias e prontamente extirpar qualquer foco de discórdia que pudesse inflamar as populações da cidade e do interior da província. Para tanto, e principalmente a partir de 1839, limitou-se ao máximo a atividade desenvolvida pela imprensa e pelos jornais, chegando-se mesmo a limitar a circulação a apenas três periódicos oficiais, ao direito de reunião e associação, a reunião em espaços públicos, e controlando cada vez mais os serviços públicos e as pessoas envolvidas nele. Todos esses setores da sociedade civil, dos jornais aos café e livrarias tudo passou a depender de autorizações e permissões para funcionamento ou publicação. O que se viu portanto, foi um empobrecimento da diversidade intelectual e artística na cidade, chegando-se ao ponto de, os que não haviam se exilado em Montevideo, Santiago, La Paz ou Rio de Janeiro, encontravam-se cooptados pelo regime rosistas, sociabilizando-se nos espaços “autorizados” pelo próprio governo como festas públicas, religiosas ou em tertúlias nas casas da elite.

Dentro dessa atmosfera de intolerância ao dissenso, criou-se, principalmente entre os servidores públicos e as camadas populares, a prática de “delação premiada” na qual muitos acabavam sendo acusados de práticas ou opiniões políticas que se alinhavam aos “salvajes unitarios”. Nos anos mais críticos do regime rosista, quando a oposição quase batia às portas da província de Buenos Aires, o

clima de repressão e delação era acentuado, sendo também o auge de atuação da Sociedade Popular Restauradora e seu braço paramilitar: a Mazorca.

Havia a estrutura oficial de vigilância e controle formada por *milicias de ciudad e de campaña*, bem como pelo próprio exército federal, aquartelado no acampamento de Santos Lugares. Entretanto, quem de fato acabava desempenhando o papel “polícia política” era a já mencionada Mazorca. Nascida em 1833, no interstício entre o primeiro e o segundo governo de Rosas, a maioria de seus membros eram tanto participantes do Partido Federal como integrantes das forças policiais. Isso significa que se utilizavam do sistema instituído, mas, de acordo com Di Meglio, atuavam de maneira independente e ilegal, expressando na verdade seu apreço e apoio ao “restaurador das leis”, por meio da perseguição e assassinato de opositores políticos. Isso criava uma ambiguidade que só favorecia o próprio governo Rosas, pois, ao mesmo tempo que tinha seus inimigos políticos eliminados, arrogava para si o papel fundamental de controlador das massas partidárias exacerbadas. O excerto a seguir clarifica um pouco mais o exposto acima.

*Cuando la fama del grupo creció a nivel internacional y se convirtió en el principal elemento de condena hacia Rosas, el gobierno de Buenos Aires se sintió obligado a dar explicaciones. En una publicación que se encargaba de exponer la posición rosista ante el exterior, llamada Archivo Americano, Pedro de Angelis presentó en agosto de 1843 una descarga al respecto de un artículo titulado ‘La Mazorca’. (...) La estrategia del Archivo Americano era delinear algo real, los rasgos de la Sociedad Popular Restauradora, para negar la existencia de una rama especial de esta organización del terror en los breves períodos en el cual este desarrolló. Lo que en verdad distinguió a los mazorqueros de otros restauradores no fue que estuvieron dispuestos a llevar su fervor por Rosas hasta las últimas consecuencias, sino que casi todos ellos eran a la vez parte de la Policía. La Mazorca fue un grupo que podemos llamar parapolicial, integrado mayormente por empleados de Policía en actividad<sup>60</sup>*

Em suma, a busca incessante do governo Rosas em angariar um consenso generalizado trouxe a reboque a “necessidade” de controlar, cercar e por conseguinte reprimir as dissidências políticas, ocasionando um clima de intolerância política exacerbada, cuja violência foi continuamente explorada por seus opositores diante da opinião pública internacional. De maneiras distintas, a violência foi um recurso político continuamente utilizado pelo governo Rosas na criação de um consenso e legitimidade para a continuidade de seu poderio.

---

<sup>60</sup> DI MEGLIO, Gabriel. op. cit. pp. 79-81.

### 2.1.3. A causa da “Santa Federación”

Em um primeiro sentido, entendia-se a noção de causa federal os motivos políticos que inspirariam as razões de Rosas à frente da Confederação, de modo a defender a soberania e os interesses as províncias. Exemplo este que deveria ser seguido pelos cidadãos argentinos que viviam dentro da Confederação conduzida pelo Partido Federal.

Por outro lado, a causa da “Santa Federação” como linguagem política diz respeito sobretudo à maneira como Rosas e a elite bonaerense entendiam e concebiam o arranjo político da Confederação, e por conseqüência a maneira como o regime estabelecia as relações político-institucionais com as outras províncias argentinas. Em outras palavras, trata-se dos significados diversos que o *rosismo* conferiu à ordem republicana e federal, que eram constantemente articuladas nos discursos e proclames emitidos pelo governo, de modo que representavam um fato não institucionalizado mas concreto dentro do arranjo político: a centralidade e a hegemonia conquistada por Buenos Aires diante do restante da Confederação.

Através de uma intrincada rede de relações políticas, obtidas por meio de acordos amistosos, vínculos pessoais ou ações coercitivas ao ponto de se enviarem tropas do exército de Buenos Aires às terras de governadores renitentes, Rosas conseguiu estabelecer um controle hegemônico sobre os governos provinciais, forçando-os a orbitarem em torno dos interesses de sua província. Essa estrutura de mando que o *rosismo* conseguiu estender para fora das fronteiras de Buenos Aires deveu-se à instrumentalização que Rosas conseguiu fazer do cargo de representante das Relações Exteriores da Confederação Argentina.

Por responder aos problemas internacionais que envolviam a reafirmação da soberania política, do estabelecimento de acordos e ajustes financeiros e comerciais, bem como definir o estado de paz ou beligerância das províncias, Rosas colocou esse instrumento político eminentemente em função dos interesses econômicos de Buenos Aires. Dois exemplos que marcaram a história diplomática da Confederação tanto no âmbito interno como externo pontuam bem este fenômeno: 1) a questão do monopólio das rendas do porto de Buenos Aires; 2) a problemática sobre a livre navegação dos rios da Prata, Uruguai e Paraná, os quais levaram Buenos Aires, e por tabela toda Confederação, a um imbróglie diplomático diante dos interesses comerciais ingleses e franceses na região rioplatense, haja vista os dois bloqueios internacionais que o porto de Buenos Aires sofreu entre 1838-1840 e o segundo entre 1845 e 1850<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> SALVATORE, Ricardo. op. cit. p. 365.

Em linhas gerais, a causa da “Santa Federação” era a maneira como o *rosismo* entendia o componente federal do arranjo político estabelecido entre as províncias argentinas desde o fracasso da organização nacional em 1826, de modo que isso implicava na extensão do já visto “consenso político e expressão pública” às outras províncias e não somente a Buenos Aires. Nesse sentido, o discurso rosista “vendia” a imagem de Buenos Aires como a província virtuosa e exemplar às quais as outras deveriam “naturalmente” seguir. Esta pretensão exposta na ordem discursiva, e confirmada de fato pelas forças militares, conferia a Buenos Aires o direito implícito de intervir na organização política das outras províncias.

Isso gerava um constante paradoxo político e institucional, pois, ao recusar continuamente a possibilidade de organizar a nação por meio de uma constituição, não se estabeleciam instrumentos legais para a intervenção ou atuação de uma província sobre a outra. Entretanto, isso seria possível dentro de uma ordem Federal, onde uma província feita capital pode intervir nas outras unidas pelo termo constitucional, e não em um arranjo confederado tal como era a Argentina até a primeira metade do século XIX. O que o *rosismo* acabou construindo e perpetuando foi uma “federação” que não era estritamente uma ordem confederada, nem um sistema federal de governo, fundamentado sobre uma carta magna. Marcela Ternavasio explica de forma sucinta a maneira como o *rosismo* concebia todo esse arranjo político-institucional.

*Si regresamos, entonces, a la imagen de la Pirámide de Mayo\*, cuando se engalanó para las fiestas homónimas de 1839, se hacen visibles cada uno de los rasgos descriptos, en especial el desplazamiento que convertía a Buenos Aires en centro de la Santa Federación. Una federación que no era estrictamente un orden confederal ni un sistema federal de gobierno, sino una compleja ingeniería política que presuponía un orden supraprovincial que reposaba sobre la provincia más poderosa, Buenos Aires, y más específicamente sobre su Primera Magistratura, ejercida a través de un régimen unanimista y plebiscitario contrado en la figura de Juan Manuel de Rosas. Así, en esta etapa, el gobierno de Buenos Aires se lanzó a reconquistar el territorio de la ahora llamada Federación, aunque sin pretender erigirse en capital<sup>62</sup>*

---

\* A historiadora faz referência à montagem decorativa feita na pirâmide em memória à República que se encontrava na plaza de Mayo e que continha o nome dos seguintes líderes federais: Dorrego, Quiroga, López e Heredia, e as seguintes datas comemorativas: 25 de mayo de 1810, 9 de julho de 1816, 5 de outubro de 1820 e 13 de abril de 1835. As duas primeiras fazem clara referência aos eventos do início da revolução contra a Coroa Espanhola e a outra designa a data da independência política. As duas últimas fazem alusão às datas em que Rosas iniciou sua carreira política e a outra quando obteve os instrumentos legais da *suma del poder público* e os *poderes excepcionales*.

<sup>62</sup> TERNAVASIO, Marcela. op.cit. pp. 214-215.

Em suma, a maneira como o *rosismo* articulava a questão da causa federal como uma linguagem tinha como fim o estabelecimento e a consolidação de um fato que já era consumado, mas que ainda não era institucionalizado: a hegemonia de Buenos Aires sobre o resto da Confederação e a replicação do modelo de submissão e consenso político total para as outras províncias argentinas. Tudo isso foi possível, não somente pelo peso econômico de Buenos Aires, mas devido à instrumentalização por parte de Rosas do cargo de representante das Relações Exteriores. Como veremos adiante, este será um dos pontos aos quais Sarmiento contra-argumentou quando refletiu sobre o *americanismo* que permeava o governo Rosas, ao qual ele se opunha como perspectiva de projeto de nação.

Tendo-se, então, analisado brevemente alguns pontos fundamentais articulados pelo *rosismo* e a maneira como estes foram empregados como linguagens políticas, pode-se avançar no sentido de perceber como esses temas apareceram na ordem discursiva do regime e como foram elaborados por literatos e jornalistas, como o italiano Pedro De Angelis e o uruguaio Bernardo Berro, que apoiavam o governo de Rosas, através de canais de veiculação de uma certa opinião pública oficial como os periódicos de Buenos Aires *La Gaceta Mercantil* e *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa el Mundo*. Em outras palavras, tentar pensar a atuação destes “intelectuais” e a importância que tiveram no processo de fundamentação desse fenômeno político, já que a retórica do governo era emitida e (re)criada nesse espaço da opinião pública<sup>63</sup>. Portanto, foi na produção discursiva do *rosismo* que se pôde estabelecer alguns dos tópicos e das problemáticas encaradas pelo governador de Buenos Aires, bem como o próprio movimento de oposição que Sarmiento encabeçou em seus escritos, de modo que o espaço da imprensa e do periodismo tornaram-se por extensão um campo de significações e embates políticos.

## **2.2. “Intelectualidade rosista” e a produção discursiva**

O termo utilizado para designar uma parte da elite letrada que apoiava o governo de Rosas pode soar um tanto contraditória, uma vez que as interpretações de literatos e intelectuais liberais do XIX e início do XX encerraram as estruturas políticas do *rosismo* no campo das relações conhecidas pelo fenômeno político de trocas e dependências do caudilhismo. Contudo, dentro de uma historicidade sobre os debates políticos, é preciso recuperar a dimensão discursiva elaborada não somente por Rosas, mas por aqueles que viam no Federalismo uma possibilidade de organização da

---

<sup>63</sup> BECKER, Jean-Jacques. “A opinião pública” in RÉMOND, René. *Por uma história política*. São Paulo: FGV Editora, [1996] 2010.

sociedade argentina pós-independência. Nesse sentido, é preciso observar que o *rosismo* utilizou-se e instrumentalizou a seu favor um elemento que se afirmava desde o início do processo de independência: a tribuna da imprensa e o espaço público que ela forja nesse processo.

Isso significa que ao se referir a uma dada “intelectualidade rosista”<sup>64</sup>, estamos nos referindo a escritores que se propuseram a veicular suas ideias por meio de periódicos, revistas, jornais etc, e que assumiam, além da defesa do regime, uma capacidade de criação de um discurso com fins de representar a própria autoridade e legitimidade do poder político, através da articulação de linguagens políticas correntes à época.

Segundo Jorge Myers, tomando-se o todo destes escritores e periodistas que contribuíram com o discurso durante o governo de Rosas, pode-se agrupá-los em três grandes grupos: primeiramente, os colaboradores permanentes ou quase permanentes, os quais ficaram encarregados de elaborar os discursos mais sofisticados, constituindo-se assim nos principais artífices e difusores do discurso oficial. No segundo grupo, os chamados periodistas populares do *rosismo*, cuja atuação estava mais ligada ao esforço de propagação e divulgação do discurso partidário entre as camadas mais populares, do que a iniciativa de pensar um “discurso ideológico” coeso sobre o regime. Por fim, haveria um terceiro grupo designado como escritores ocasionais, devido ao fato de que suas contribuições ou foram pontuais ou não chegaram a ser "aproveitadas" pelo governo Rosas, em sua produção discursiva<sup>65</sup>.

Ainda segundo Myers, o setor político vinculado ao *rosismo* não contava com periodistas que estavam ligados a esta causa política desde seu início. Esse fato deveu-se muito em conta do *rosismo* ter surgido de forma um tanto "abrupta" no cenário político argentino, não apresentando nenhum periodista originariamente rosista. O que se teve foram periodistas e homens de letras que migraram de alguns setores tanto do Partido Federal mais tradicional, como do Partido Unitário, e que foram cooptados principalmente pelo segundo governo de Rosas. Do federalismo liderado por Manuel Dorrego, vieram personagens como Pedro Feliciano Sáinz de Cavia, Francisco Agustín Wright, Manuel Irigoyen e, por uma vinculação com o federalismo ligado a Manuel Oribe e ao Partido Blanco no Uruguai, Bernardo Berro. Ainda que em menor número, do Partido Unitário, vieram Vicente López

---

<sup>64</sup> Ao se utilizar o termo entre aspas, não se quer minorar o conceito que envolve a noção de *intelectual*. Antes pretende-se evitar um anacronismo em relação ao termo, uma vez que este teria definitivamente surgido como vocábulo e conceito na segunda metade do século XIX, principalmente a partir dos escritos de Zola em *J'accuse*. Conferir: ZOLA, Émile. *Eu acuso!* São Paulo: Hedra, 2007.

<sup>65</sup> MYERS, Jorge. op. cit. p. 34

y Planes, Manuel José García, e aquele que se tornou o principal articulador do discurso rosista entre 1835 a 1852: Pedro de Angelis<sup>66</sup>.

Falar em “intelectualidade rosista” é também perceber antes de tudo a construção do discurso que o *rosismo* assumiu por meio da imprensa, bem como a maneira como se utilizou o espaço público do jornal, do periódico, para se desenvolver as ideias e perspectivas do regime. Em suma, é abordar a imprensa que se encontrava em funcionamento durante o governo Rosas e dos letrados envolvidos nesse processo. Sendo assim, para se dar um panorama geral da atuação desse lado “intelectual” do governo de Rosas, é válido tomar como exemplo dois periódicos que existiram e foram utilizados sob o governo Rosas para veicular suas ideias, propostas, ideologias e por conseguinte combater a oposição ao regime, tal como foi analisado no tópico sobre “consenso político e expressão pública”.

O principal periódico de veiculação do discurso do *rosismo* foi a extinta *Gaceta Mercantil de Buenos Aires*<sup>67</sup>. Este foi o principal instrumento periodístico de Rosas e o meio pelo qual se davam quase que todos os discursos e pronunciamentos oficiais. O jornal teve seu início em 1823 e terminou logo após a batalha de Caseros em 1852, o que demonstra sua vinculação profunda com o regime rosista e a atitude dos vitoriosos em extirpar tal instrumento rosista. Dentre os letrados que atuaram em sua organização e condução estiveram os já mencionados De Angelis, Rivera Indarte e Nicolás Mariño<sup>68</sup>. De um modo geral, a *Gaceta Mercantil* teve sua função como jornal moldada de acordo com o cenário que o regime rosista vivia, pois durante os períodos de pausa nos conflitos interprovinciais ou internacionais, o jornal tendia a restringir-se aos anúncios comerciais ou a transcrever documentos oficiais, alterando suas temáticas durante os períodos mais conflituosos, o que fazia com que o diário tomasse um viés mais combativo e polêmico nos ataques aos inimigos do *rosismo*.

Já o jornal *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa el Mundo* foi um periódico encabeçado e organizado eminentemente pelo napolitano Pedro de Angelis<sup>69</sup>. Sob uma constante supervisão de Rosas na edição e composição dos textos, esta publicação tinha características peculiares no que

---

<sup>66</sup> Idem, p. 36.

<sup>67</sup> Conferir: FERNÁNDEZ, Juan Romulo. *Historia del periodismo argentino*. Buenos Aires: Círculo de Prensa, 1943 e GALVÁN MORENO, C. *El periodismo argentino. Amplia y documentada historia desde sus orígenes hasta el presente*. Buenos Aires: Claridad, 1944.

<sup>68</sup> MYERS, Jorge. op. cit. p. 36.

<sup>69</sup> ANGELIS, Pedro. *Archivo Americano y espíritu de la prensa del mundo*. Primera serie: 1843-1847. comp. Paula Ruggeri. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2009. Essa edição publicada pela Biblioteca Nacional Argentina traz variados artigos do extinto periódico, selecionados por Paula Ruggeri, além de um interessante estudo preliminar feito pela historiadora

concerne aos objetivos e alcances do discurso rosista, pois o jornal era publicado em três línguas: espanhol, inglês e francês. Segundo Eduardo Scheidt, o jornal teve basicamente duas fases: a primeira entre 1843 e 1847, com 28 edições; e a segunda entre 1847 e 1851, com 29 edições no período<sup>70</sup>.

Isso demonstra uma preocupação em relação ao tipo de veiculação discursiva que Rosas pretendia conferir ao seu regime, pois grande parte dos números impressos tinham como destino os leitores de uma camada instruída dentro da Confederação, mas era principalmente destinada também órgãos diplomáticos de países estrangeiros<sup>71</sup>. Em suas páginas, com uma periodicidade que podia variar entre um e dois meses, eram publicados não somente documentos oficiais a respeito do governo ou ainda comentários sobre a condução da política nacional; também se dedicava a responder críticas veiculadas por jornais unitários baseados em Montevideo, no Chile ou Brasil. Exemplo disso, foram os comentários de De Angelis a escritos de autores que compuseram a geração de 1837, como Echeverría e Florencio Varela. Da mesma maneira que a *Gaceta Mercantil*, o *Archivo Americano* esteve constantemente sob os auspícios e o olhar vigilante de Rosas, sendo um importante instrumento na construção discursiva do governo federal. Seu fim se dá em 1851, um ano antes da queda de Caseros.

Desse conjunto de intelectuais, literatos e políticos atuantes em pró da causa da Federal, interessa aqui ressaltar a participação de dois personagens nos jornais *Gaceta Mercantil* e *Archivo Americano*: em maior escala a atuação de Pedro de Angelis na elaboração de tópicos do discurso rosista, e em menor proporção as reflexões de Bernardo Berro sobre o “sistema americano”.

### **2.2.1. Pedro De Angelis: um napolitano a serviço da *Federación***

A figura intelectual de Pedro De Angelis, europeu de origem napolitana, é permeada de críticas e reconhecimentos sobre sua ferina inteligência e sua “maleabilidade” política ao se adaptar a diferentes perspectivas e modelos de governo. Sendo assim, uma das características que os críticos e historiadores conferiram ao jornalista era a de um intelectual oportunista que, apesar da capacidade intelectual notável, quando chegou mesmo a ser preceptor, historiador e secretário de governo em alguns casos, conseguia ser cooptado facilmente pelos donos do poder de plantão.

---

<sup>70</sup> SCHEIDT, Eduardo. *Carbonários no Rio da Prata. Jornalistas italianos e a circulação de ideias na Região Platina (1727-1860)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

<sup>71</sup> RUGGERI, Paula. “Estudio preliminar” in DE ANGELIS, Pedro. *Archivo Americano y espíritu de la prensa del mundo. Primera serie 1843-1847*. Buenos Aires: Ediciones Biblioteca Nacional, 2009.

De acordo com Scheidt<sup>72</sup>, a atuação intelectual de De Angelis como escritor na região do Rio da Prata teve três grandes fases: 1) entre 1827 e 1829 quando chega a Buenos Aires a convite de Bernardino Rivadavia, como parte integrante de um grupo de europeus a quem tinha sido delegada a missão de modernizar culturalmente o país. Sua atuação periodística em favor dos unitários deu-se nas páginas do *Crónica política y literaria* de 1827, momento em que o autor sofreu um profundo choque ao se deparar com as novas práticas políticas que ocorriam no continente sul-americano e especificamente na região platina. 2) entre 1829 e 1835, De Angelis inicialmente atuou de forma relativamente independente, sendo mais um observador dos problemas políticos da região. Pouco a pouco seu trabalho foi sendo absorvido por suas motivações políticas e pelo Partido Federal, acabando por contribuir com o primeiro governo de Rosas e os governos curtos de Balcarce e Viamonte através do jornal *El Lucero*. 3) entre 1840 a 1852, período em que mais produziu e que ficou caracterizado como o de seu estreito alinhamento ao governo Rosas e sua defesa dos princípios federalistas como forma de organização e condução da nação. Devido a suas simpatias e um interesse cada vez maior do "restaurador de las leyes" em utilizar os trabalhos intelectuais do jornalista italiano, De Angelis foi alçado, durante o segundo governo Rosas, como principal colaborador intelectual do regime, redigindo interinamente a *Gaceta Mercantil* de Buenos Aires, principal órgão de divulgação do governo Rosas, e um dos instrumentos mais audaciosos e interessantes na formação do discurso rosista: o periódico trilingüe *Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo*, cujo principal objetivo era justificar o regime rosista diante da política de interesses da Europa e de outros países na América. É interessante notar que, ao contrário de outros publicistas e periodistas a favor do *rosismo*, De Angelis sempre teve um importante capital político junto ao governo Rosas, devido principalmente a sua formação erudita e aos “serviços” prestados à causa federal.

A seguir apresenta-se uma breve análise de alguns textos e contribuições do escritor italiano na composição tanto das linguagens políticas do *rosismo*, como de alguns tópicos na formação da ordem do discurso rosista, através de sua atuação diante do jornal *Archivo Americano y Espiritu de la Prensa en el Mundo*. Desse modo, foi possível traçar um breve histórico de atuação do escritor diante dessa publicação oficial do *rosismo*.

Durante a primeira fase do *Archivo Americano* e sob o título de *El general Rosas y los salvajes unitarios*, foram publicados treze artigos que conferiam claro apoio e sustentação ao *rosismo*, ao eleger

---

<sup>72</sup> SCHEIDT, Eduardo. op. cit. p. 54.

como tema a crítica aos membros do Partido Unitario. Nesses artigos, De Angelis também atacava a figura de Rivadavia e seus planos fracassados de unificação nacional como um dos fatores que permitiram a instalação de um caos social na região. Os argumentos articulados se encaminhavam no sentido de demonstrar que sua excessiva influência européia teria forçado Rivadavia e os unitários a um processo de unificação forçada da nação, sem uma perspectiva de incluir os diferentes elementos que compunham a sociedade argentina<sup>73</sup>. Os excertos a seguir, publicados no jornal *Archivo Americano*, deixam transparecer essas críticas de uma forma nítida.

Artigo publicado no jornal *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, nº 4, Buenos Aires, 08/07/1843, pp. 23-25:

*D. Bernardino Rivadavia, (...), sobre quien pesa la responsabilidad de nuestras mayores desgracias, entregado a sus abstracciones, sin el menor conocimiento de su país, en oposición con las ideas y las costumbres de sus compatriotas, emprendió una reforma radical en todos los ramos de la administración pública - Policía, tribunales, hacienda, culto, establecimientos de caridad, de educación, todo fue desbaratado en un instante con la misma actividad que el comandante de una trinchera pondría en dismantelar las defensas de una plaza sitiada*<sup>74</sup>

Artigo publicado no jornal *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, nº 17, Buenos Aires, 11/12/1849, p. 205 e 206:

*La Confederación Argentina salió también radiante de las ruinas del sistema colonial: invocó su libertad y proclamó su independencia. (...) El voto de los pueblos, tan claramente expresado en los poderes de la gran mayoría de los Diputados al último Congreso, era por la conservación del sistema federal, que se hallaba establecido de hecho en la nación (...). Estas bases de asociación fueron conseguidas en el primer estatuto que se sancionó el año de 1811, y son precisamente las que restableció el General Rosas en 1831 (...). Entretanto la Confederación Argentina nunca ha despedido una luz más viva en el horizonte político de las naciones, como en la época de la esforzada administración del general Rosas (...) Tal vez nunca ha habido un gobierno más directa y claramente salido de la voluntad popular que el suyo. Una completa libertad en los electores, la más tenaz resistencia en el candidato, una unanimidad absoluta en los sufragios, estos fueron los rasgos prominentes de este acto, que dio un origen puro y desinteresado a la autoridad que produjo*<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> Idem, pp. 93-94.

<sup>74</sup> *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, nº 4, 08/07/1843, pp. 23-25.

<sup>75</sup> *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, nº 17, Buenos Aires, 11/12/1849, p. 205 e 206.

Havia uma clara razão política para De Angelis criticar tão duramente o governo Rivadavia, ainda que já houvesse passado quase vinte anos dos eventos ocorridos em 1826. Primeiramente por uma questão de linguagem política, a designação de “unitario” remetia a todo um cabedal sobre a figura do opositor político do regime. E em segundo lugar, pelo fato de que, ao esboroar o projeto de nação pensado por Rivadavia e seu grupo, estava na verdade se reafirmando a própria condução política de Rosas na direção da Confederação, conferindo-lhe assim autoridade e legitimidade diante dos fatos históricos. Segundo nos informa Scheidt, De Angelis durante o segundo governo Rosas afirmava reiteradas vezes que o projeto político do *rosismo* tinha como resultado a criação e a manifestação da própria nação, mesmo que essa ainda não tivesse uma constituição e seu líder continuasse postergando a criação desse instrumento jurídico *ad infinitum*<sup>76</sup>.

Em um esforço de retratar Rosas como o líder “natural” e necessário à condução da nação existente e ao mesmo tempo em processo de consolidação, De Angelis apelou para a figura de Rosas e as características que permitiam confirmar sua centralidade no processo de organização política e social. Nesse sentido, o escritor conduz seu argumento no sentido de negar a existência de uma ditadura, tal como a oposição unitária lhes acusava, chegando mesmo a apontar alguns traços liberais moderados do “restaurador de las leyes”, a exemplo dos plebiscitos e das eleições anuais. O excerto a seguir deixam um pouco mais palpável essa problemática.

Artigo publicado no jornal *Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo*, nº 18, Buenos Aires, 30/04/1845, p. 230.

*La Honorable Junta de Representantes es y lo puede todo en nuestro país por la voluntad pública. Ella ha creado el poder extraordinario. En ella se sostiene el general Rosas; le somete sus procedimientos públicos, y obedece sus sanciones. Ella quiere que el general Rosas mande al país con poderes extraordinarios; exige un sacrificio necesario; y le impone a su pesar un gran deber*<sup>77</sup>

O encadeamento das ideias de De Angelis nesse trecho atrela seu discurso à questão do “consenso político e expressão pública”, pois explica o paradoxo da existência de eleições regulares e a reiterada permanência do governador, como uma “livre expressão” do povo, que reconhecia em seu líder a competência necessária para conduzir os destinos políticos da Confederação, reafirmando e reforçando, portanto, seu voto de confiança em Rosas. Em outras palavras, a ausência de disputas

---

<sup>76</sup> SCHEIDT, Eduardo. op. cit. p. 94.

<sup>77</sup> *Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo*, nº 18, Buenos Aires, 30/04/1845, p. 230.

partidárias era cinicamente explicado como uma expressão genuína da “unanimidade política” a qual o *rosismo* angariava entre os cidadãos da Confederação Argentina. Corroborava-se, portanto, as perspectivas da “intolerância contra o dissenso”, já que o autoritarismo era uma ferramenta fundamental na construção do consenso político total.

De Angelis, portanto, foi personagem fundamental na sustentação intelectual do regime rosista. As reflexões organizadas a partir das problemáticas enfrentadas pelo governo Rosas e pelo Partido Federal davam respaldo ao *rosismo* e ao mesmo tempo explicavam muitas das ações políticas do governo aos seus interlocutores externos, respondendo às críticas que eram feitas pela oposição. O jornal *Archivo Americano y Espiritu de la Prensa en el Mundo* por sua vez, corrobora a ideia de que o *rosismo*, ainda que em menor proporção, apresentava quadros intelectuais que objetivavam a sustentação de seu regime político, conferindo-lhe desse modo uma complexidade histórica que é própria de projetos políticos, tal como foi o processo de organização política da nação argentina.

### **2.2.2. Bernardo Berro: reverberações na Banda Oriental**

Bernardo Berro, político e escritor de origem uruguaia, teve uma carreira política ativa dentro do cenário político de seu país, chegando inclusive a ser presidente da república na década de 1860. Por fazer parte de uma elite política uruguaia ligada ao Partido Blanco, Berro esteve fortemente ligado à militância oribista contra o Partido Colorado, na liderado por Fructuoso Rivera. Sua vinculação ao discurso rosista deveu-se, portanto, a sua aproximação com Manuel Oribe, cuja sustentação político-militar era dada por Rosas durante a Guerra Grande do Uruguai entre 1836 a 1851.

Segundo Myers<sup>78</sup>, Berro foi incorporado à "intelectualidade" rosista por uma via indireta, devido a suas reflexões sobre a noção de *americanismo* e as particularidades políticas existentes na América, as quais foram assimiladas como linguagens políticas pelo governo Rosas a partir de 1845. Isso significa que os artigos que o autor escreveu para o jornal oficial do governo de Oribe em Cerrito, *El Defensor de la Independência Americana*, atacando o movimento liderado por Rivera e refletindo sobre as especificidades americanas, acabaram sendo apropriados e re-publicados com comentários em jornais rosistas, tal como o diário oficial *La Gaceta Mercantil*. Em suma, Berro não foi contribuinte direto do discurso político do *rosismo*, mas suas ideias acabaram sendo incorporadas aos temas e tópicos do discurso rosista justamente por dar sustentação ao tema do *americanismo*, o qual se encaixava estrategicamente com a perspectiva da “causa da Federação”.

---

<sup>78</sup> MYERS, Jorge. op. cit. p. 40.

Sem querer “adiantar” muito a reflexão sobre a noção de *americanismo* e as disputas que existiam entre o conceito e sua carga semântica e explicativa, julgou-se interessante pontuar a maneira como este escritor e político, através de suas reflexões, pôde contribuir para a formação do discurso do *rosismo*, sendo assim incluído no “hall” de escritores e polemistas designados aqui como “intelectualidade rosista”. A seguir, analisou-se brevemente alguns excertos nos quais Berro desenvolveu suas perspectivas sobre o governo federal e suas particularidades políticas dentro do contexto sul-americano, em resposta aos artigos e ideias vinculadas pelos jornais unitários baseados em Montevideo.

Em artigos publicados em jornais oribistas no final da década de 1840, Berro contestou algumas das bases e dos referenciais explicativos que os opositoristas ao federalismo defendido por Oribe e Rosas utilizavam para explicar os conflitos políticos surgidos após o processo de independência política em 1810. Isso quer dizer que o político uruguaio contra-argumentou os pressupostos que os escritores românticos e os polemistas unitários tinham desenvolvido de que a província, o campo, era o reduto da barbárie e a cidade o *locus* único da civilização, rompendo assim uma maneira particular de como os federalistas eram retratados e vistos pela opinião pública estrangeira. Os excertos a seguir demonstram isso de forma um pouco mais clara.

Artigo publicado no jornal *El Defensor de la Independencia Americana*, nº 283 de 14 de fevereiro de 1848:

*Muchas han sido las alteraciones a que ha estado sujeta la América antes española, en el curso de y después de su lucha por la independencia. Los choques han sido continuos en todas las secciones en que se dividió, y las subversiones se han sucedido, desgraciadamente en una frecuencia en extremo perjudicial a su desarrollo moral y material (...)*

*Las clases de América están divididas por cortes mucho menos profundos que en Europa. La revolución de la Independencia ha obrado poderosamente para aproximar unas a otras y confundirlas; y esto es de tal suerte, que en parte ninguna del mundo, habrá mayor comunicación entre ellas, ni más fácil y frecuente paso de sus individuos de unas en otras. En América no se puede decir como en Europa: éste vivirá siempre en el desierto, y vestirá siempre el traje campesino; este otro no se despojará jamás su frac, ni abandonará la morada de ciudad. Comunísimo es ver a un hombre de las clases más inferiores, o nacido y criado en el campo, presentarse en comunidad con los más distinguidos sujetos de ella, y no es menos frecuente encontrar personas de la ciudad en las campañas, en donde han ido a adoptar la vida que en éstas se lleva y a seguir la industria que allí se ejercita.*

*Estos cambios entre campos y ciudades en ninguna de las partes de la América son tan comunes como aquí: de que han nacido el roce y los enlaces que ligan a*

*entramas partes de la sociedad en una especie de alianza bien fácil de distinguir. Es tanta la relación y la mezcla entre campo y ciudad, que muchas veces una misma familia abraza hombres de una y otra clase, viéndose con frecuencia abrazarse al hermano de poncho y chiripá con el hermano de frac y corbatín; ni es raro sino muy común también que un mismo individuo aparezca ejerciendo ambas profesiones, y siguiendo ambas vidas; viéndosele ya con el lazo en la mano y en traje de ganadero, correr tras el animal que quiere sujetar, ya en medio de los círculos más cultos de la sociedad presentarse vestido con elegancia cortesana, y mostrar unas maneras y una expresión propias de un fino trato de gente y de un entendimiento bien cultivado por la educación y el estudio. (...)*

*No lo ocultaremos, aun que parezca humillante confesarlo; las contiendas americanas, exceptuando las pocas referentes a verdaderos partidos políticos y la defensa de gobiernos legítimos, han sido luchas de facciones en que para nada, o como cosa muy subalterna, entran las opiniones políticas y los intereses de clase. Tan cierto es esto que las más veces, han aparecido defendiendo ostensiblemente los mismos principios y dirigiéndose al mismo fin. Todas han formulado sus programas de acuerdo con los principios liberales y con el sistema republicano admitido en América; todas se han dicho partidarias de las mismas ideas, y movidas de los mismos impulsos, aunque en los medios se hayan separado y seguido diversos caminos.*

*Esta uniformidad de pronunciamiento, este acuerdo en las ideas, esta confusión de las clases en las clases en las revueltas intestinas, prueba de una manera evidente que no luchan en ellas en general principios políticos, ni elementos sociales colocados en antagonismo, sino pasiones e intereses de otro género que se refieren a ciertos vicios heredados, a nuestra inexperiencia, y sobre todo a ese repentino tránsito del régimen absoluto al de la libertad; circunstancia que si hace aparecer de más baja índole a nuestras facciones; también nos muestra la posibilidad de su extinción total; tan luego como tomen solidez nuestros gobiernos, por la falta de una base permanente de oposición en aquellas<sup>79</sup>*

Artigo publicado no jornal *El Defensor de la Independencia Americana*, nº 286 de 26 de febreiro de 1848:

*El extranjero que no teniendo conocimiento ninguno de nuestra campaña, lea la descripción que ese periódico salvaje unitario hace de sus habitantes, se formará a la verdad una idea bien extraña de ellos. Sin duda creerá que son unos hombres de un ánimo feroz y llenos de rudeza, imaginándolos semejantes a los hotentotes y kalmukos [tribos indígenas] y pareciéndose allá en su idea verlos vagar semivestidos por el desierto, y en lucha perpetua con las fieras y con los demás hombres, vivir de sangre, de rapiña y de violencias. Apenas les concederá un habla bárbara, un lenguaje grosero e imperfecto como aquel que Varela da a los soldados de su Patria llamándolo castellano de las Pampas. Mas, ¿cuan diferente sería su juicio si*

---

<sup>79</sup> *El Defensor de la Independencia Americana*, nº 283 de 14/02/1848, El Miguelete, Uruguay apud MYERS, Jorge. op. cit. pp. 279-280.

*recorriese esa campaña y penetrase en sus poblaciones observando su adelantado estado social y su impulso decidido hacia la civilización!*

*¿Quién ignora de qué modo estaba constituida la propiedad y la población en la campaña en otro tiempo? Sus vastos terrenos divididos en pocas manos, encerraban una población escasa, que sin arraigo ninguno, por carecer propiedad territorial, vivía de intrusa, o a favor de las posesiones de los grandes propietarios, ejercitándose en los trabajos de la ganadería, alternados con los largos espacios de ocio, a que convidaba la facilidad de sustentarse no más con montar a caballo, y matar, a elección, una de la mejores reses del innumerable ganado que cubría el campo. En ese estado, ya se puede colegir cuál sería el atraso de esas gentes.*

*Considérese ahora de qué manera se halla en la actualidad distribuida la propiedad territorial en esos mismos lugares poblados antes de vagos, intrusos y holgazanes. Fraccionada en cien partes más que lo que estaba antes, una multitud de propietarios salidos de esa misma antigua población, han ocupado las dilatadas campañas pertenecientes a unos pocos individuos entre quienes se hallaba repartida. Conocemos más de un partido poblado de esos nuevos propietarios territoriales, cuyas tierras eran antes de un solo dueño.*

*Los que están acostumbrados a estudiar en sus efectos el desarrollo del hombre según sus varias situaciones sociales, pueden fácilmente presumir cuáles han debido ser las consecuencias de esta mudanza de condición de los habitantes de la campaña<sup>80</sup>*

Em ambos os fragmentos é possível identificar a maneira como Bernardo Berro expõe sua argumentação no sentido de quebrar a dicotomia rígida e fixa de identificar os favoráveis ao Partido Federal com a *campaña* bárbara e a cidade como o espaço da civilização e de localização dos opositores unitários e da geração romântica de escritores. Berro contra-argumenta que essa visão dicotômica, empreendida por Varela, Herrera y Obes, Sarmiento, Echeverría, Marmol e tantos outros era uma hipótese que não explicava de forma assertiva a complexa realidade política que existia na região do Prata entre as Repúblicas recém surgidas. Nesse sentido, o polemista uruguaio identifica que as lutas que convulsionavam a sociedade platina eram eminentemente políticas e não sociais, como interpretavam os opositores ao rosismo/oribismo. Isso significa que as questões culturais não eram o elemento central e motivador dos conflitos, o que caracterizaria a sociedade rioplatense como emersa em uma situação sócio-cultural tal como o conceito de barbárie designava. Em outras palavras, o político-escritor oribista explicava que a *campaña* e suas condições sociais e culturais, ao contrário de ser “bárbara”, era antes de tudo compatível e semelhante às concepções de progresso e civilização<sup>81</sup>.

---

<sup>80</sup> *El Defensor de la Independencia Americana*, nº 286 de 26/02/1848, El Miguelete, Uruguay apud MYERS, Jorge. op. cit. pp. 281-282.

<sup>81</sup> MYERS, Jorge. op. cit. pp. 62-63.

Em suma, tal como nos indica Jorge Myers, Berro nesses artigos queria desmontar os argumentos “científicos” apontados pelos escritores unitários e românticos ao emitirem suas opiniões diante da opinião pública internacional, principalmente em razão do fato desses grupos manterem forte vinculação com representantes diplomáticos franceses e ingleses<sup>82</sup>. Isso significa que Berro demonstrava ao público leitor que a aparente objetividade de seus opositores, na verdade, escondia as intenções sectárias e partidárias daqueles identificados com outras ideias políticas, confundindo, assim, interesses e causas políticas com valores e conceitos absolutos, como civilização e barbárie<sup>83</sup>.

Dentro da perspectiva dos “intelectuais rosistas” que contribuíram para a formação das linguagens políticas dentro do discurso político do *rosismo*, Bernardo Berro se mostra interessante justamente por contribuir com uma reflexão que se mostrou como uma contra-argumentação aos pontos levantados pelos opositoristas dos regimes de Oribe e Rosas, principalmente no que concerne à elaboração e utilização do conceito de *americanismo*.

A seguir tem-se uma breve análise de alguns temas e tópicos discursivos que foram trabalhadas como linguagens políticas pela “intelectualidade rosista” como desdobramentos dos três aspectos apresentados anteriormente, como “consenso político e expressão pública”, “dissenso e intolerância” e a “causa da Santa Federación”.

### **2.3. Temas e tópicos do discurso político do *rosismo***

O que interessa demonstrar brevemente aqui são alguns temas da produção discursiva do governo de Rosas e os efeitos de suas ações no sentido de instaurar uma dada ordem legítima e hegemônica tanto em Buenos Aires como no resto da Confederação. A proposta, portanto, é pensar a construção discursiva que o governo fazia sobre si, sobre sua própria atuação político-diplomática e também sobre seus opositores, na qual a atividade periodística era tanto um importante instrumento de emissão, como também um campo de significação e conceitualização a partir de uma determinada retórica feita em cima das problemáticas política.

Um dos principais problemas que envolviam os esforços do governo Rosas à frente da província de Buenos Aires era a contenção do caos político instaurado pelas guerras civis no final dos anos 1820 e concomitante a isso criar uma estrutura política e jurídica que legitimasse o poder delegado ao general bonaerense. Sendo assim, os dois pólos balizadores do discurso rosista foram

---

<sup>82</sup> Idem, p. 63.

<sup>83</sup> Ibidem.

justamente a constante ameaça da anarquia político-social e a necessidade de uma forçada aceitação do mando do caudilho como forma de alcance e manutenção da paz dentro da Confederação. A partir daí, outros tópicos e temas surgiram como desdobramentos dessas duas balizas, tal como analisou Jorge Myers em seu livro *Orden y Virtud. A saber: o agrarismo republicano, a figura do conspirador, a noção de partido e facção, o discurso da restauração das leis e, o que nos interessa mais especificamente aqui, o americanismo*<sup>84</sup>.

Segundo a perspectiva de Myers, o discurso rosista trabalhava alguns elementos do discurso republicano clássico, o qual remetia a algumas concepções de Cícero e Salustio, chegando o próprio Rosas a estabelecer um certo paralelo com a figura de Cincinato (ou do “restaurador” como o próprio Rosas fazia questão de ser lembrado), como um proprietário de terras identificado com o trabalho ligado ao campo como um repositório de virtudes necessárias à condução da república. É nesse sentido que Rosas em seus discursos e por meio da pena de seus apoiadores desenvolveu a ideia do “agrarismo republicano”. Isso ao que parece vai ganhando mais clareza à medida que se identifica Rosas como um representante *hacendado* pertencente à elite agrária de Buenos Aires e o modo como este defenderia os interesses desse grupo, uma vez instalado na chefia da província de Buenos Aires.

### **2.3.1. Agrarismo republicano**

De acordo com Myers, o agrarismo republicano recuperava noções que estiveram muito presentes ao final do século XVIII e início do XIX no contexto rioplatense, uma vez que recuperavam uma série de figuras extraídas de tradições e representações fisiocráticas e democrático agrários. Esse tema retórico trazia a noção de uma paisagem rural virtuosa, uma espécie de jardim sobre o qual se assentavam as virtudes necessárias tanto à condução econômica como política da Confederação Argentina<sup>85</sup>. Em seus discursos, Rosas cultivou continuamente essa figura do “agrarismo jeffersoniano” ao pensar um mundo rural perfeitamente ordenado pelos princípios de disciplina que o trabalho agrário requer dos indivíduos, o que corroborava o discurso de legitimação de uma autoridade, de respeito a uma dada hierarquia e por conseguinte a reafirmação dos papéis sociais específicos de cada cidadão que compunha essa sociedade. O interessante a ser notado é que dentro desse tópico do discurso rosista havia um movimento de atrelar essa mensagem à natureza, à vida rural

---

<sup>84</sup> Idem. p. 45.

<sup>85</sup> Idem. pp. 45-48.

e suas características, deixando-se implícito uma certa naturalidade e organicidade dentro da estrutura social, sendo que os subversores dessa ordem estariam se sublevando contra a própria natureza.

Os periodistas do *rosismo* aprofundaram então essa imagem do campo como espaço de verdade, virtude e exemplo de ordenação social. Nesse sentido, segundo Myers<sup>86</sup>, o trabalho do discurso rosista sobre esse tema seguiria duas direções: uma no sentido de representar o caos social instalado no campo, a partir das guerras civis, e a maneira como isto transformava e apagava as divisões “naturais” da sociedade. O outro sentido, caminhava em junção com o primeiro ao gerar a necessidade de um “restaurador” e um ordenador da estrutura política e social no campo e na cidade, tal como Rosas aparecia dentro do discurso. Em suma, o caos demandava um ordenador, e a figura deste não poderia ser questionada, tal como a linguagem política do “consenso político e expressão pública” indicava.

Apesar de trabalhar com uma noção de “naturalidade” existente dentro do sistema agrário republicano, o caos perpetrado pela guerra civil demandava que essa ordem republicana fosse imposta a esse contexto social do campo, não somente porque este apresentava uma centralidade no discurso rosista, mas também porque era o setor da sociedade argentina que mais se encontrava convulsionado por todos os acontecimentos e experiências recentes ocorridos na virada do XVIII para o XIX.

Um artigo da *Gaceta Mercantil* de outubro de 1831 traz um exemplo desse tópico do discurso trabalhado pelo *rosismo*.

*Cual otro Cincinato, a quien el Senado Romano arrebató de su arado para elevarle a la dictadura y encargarle la salvación de la República, cuando peligraba inminentemente su existencia, los Representantes del pueblo porteño hicieron al ilustre ciudadano don Juan Manuel de Rosas abandonar su profesión agrícola a que hubo de volverse después de haber lidiado por la restauración de las leyes patrias y restablecido su imperio, para librar el país de nuevos amagos de los enemigos encarnizados que pretendían hundirlo para siempre en el abismo de la anarquía. A ejemplo de aquel esclarecido romano, apenas a dimitir una autoridad, que nunca ambicionó, sino que aceptó con repugnancia, para volver al cultivo de sus campos; pero siempre pronto a volar al primer llamamiento en socorro de la patria angustiada*<sup>87</sup>

Veja-se também como o mesmo tópico foi trabalhado no periódico *Archivo Americano*, de De Angelis, em julho de 1843.

---

<sup>86</sup> Ibidem.

<sup>87</sup> *La Gaceta Mercantil*, nº 2320, 27/10/1831 apud. MYERS, Jorge. op. cit. p. 270.

*Cualquiera que haya visitado al General Rosas lo reconocerá en estos rasgos de la vida doméstica del ilustre fundador de la Confederación Norte-Americana. En la cumbre del poder, rodeado de un pueblo agradecido y ansioso de tributarle sus homenajes, el Gobernador de Buenos Aires los ha siempre desechado con el mismo tesón que otros ponían en solicitarlos. Sin guardias, como Washington, sin ninguna insignia del mando, en su traje sencillo de miliciano, afable y cortés para con todos, lo hemos visto algunas veces presidir la mesa en su quinta, y ofrecer indistintamente un asiento a los que iban a visitarle. La etiqueta de estas reuniones era una completa libertad, y la más íntima confianza. Los ciudadanos, los extranjeros, los empleados de la administración, los de sus propias oficinas, podían hasta comer con el sombrero puesto delante de él, si les agradaba. El hombre poderoso, el Gran Ciudadano, el Jefe Supremo de la República, se despoja de toda su autoridad, sin conservar más que su prestigio, lo único que no le era posible abdicar, y que bastaba a grangearle veneración y respecto. (...) solicitó varias veces, y con empeño, su dimisión; y si no insistió más, fue porque ya no le era permitido abandonar el timón del Estado en los días de tormenta. ¡Pero si se ha resignado a continuar al frente de los negocios, se ha desprendido de todas las distinciones que le habían sido tributadas, sin excluir siquiera el renombre de Restaurador de las Leyes, único galardón de tantos esclarecimientos servicios y que en los lances gloriosos de la Patria, los enemigos oían invocar con terror; y los amigos victoreaban con entusiasmo!*<sup>88</sup>

Em suma, dentro dessa perspectiva sobre o “agrarismo republicano” e do contexto de dissolução da ordem política da Confederação Argentina, Rosas era transformado pelo discurso institucional do regime em uma espécie de cidadão virtuoso capaz de preservar a ordem e a virtude dentro da sociedade argentina. A figura de Rosas, portanto, emergia como o grande expoente e instrumento para o surgimento de uma verdadeira república, de modo que a exemplaridade da figura do caudilho justificaria a própria acumulação dos poderes extraordinários concedidos pela Sala de Representantes de Buenos Aires em 1835. Desse modo, coordenava-se esse tópico retórico tanto ao consenso político demandado pelo caudillo, como a ideia de defesa da causa da Federação.

### **2.3.2. Figura do conspirador**

Em uma relação direta com a linguagem política sobre a “intolerância ao dissenso”, encontra-se a retórica discursiva do conspirador revolucionário que constantemente ameaçaria a ordem vigente com a anarquia de suas ideias e conspirações políticas. Isso significa que a figura do conspirador político ganhou um reforço em sua construção discursiva como um rebelde absoluto, o qual enfrentava

---

<sup>88</sup> *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, nº4, 08/07/1843, pp. 31-32 apud. MYERS, Jorge. op. cit. p. 272.

todas as normas e autoridades constituídas pela sociedade e que sua existência, em última instância, corroborava a ideia de um contexto de condições “extraordinárias” existentes naquele período. No caso do *rosismo*, havia um trabalho discursivo no sentido de identificar eminentemente a figura do conspirador com a imagem de uma rebelião aristocrática, cujo fim era a dissolução da própria ordem instituída pela soberania do povo.

É nesse sentido que o discurso rosista articulou uma imagem arquetípica e condensadora dos políticos dissidentes do Partido Unitário, principalmente depois da guerra civil desencadeada por Lavalle em 1828. O “unitário” ou “salvaje unitario” seria então o conjunto síntese do conspirador aristocrático que buscava a subversão total da ordem legitimada pela soberania popular. Além disso, essa imagem foi sendo cada vez mais expandida ao ponto de abarcar todos os opositores ao regime de Rosas nessa categoria do conspirador, iniciando-se com a figura dos próprios unitários, mas também espalhando-se para os federais dissidentes e o grupo de jovens intelectuais românticos de 1837.

Segundo Myers, dentro da linguagem utilizada nos jornais partidários ao *rosismo*, a figura do conspirador se transforma no “salvaje unitario”, cujos atributos de definição rondariam entre três características principais: uma atitude profundamente aristocrática, uma atitude anti-popular e por fim uma tendência a solapar a independência ao se aliarem com potências estrangeiras, como ocorreu nos bloqueios ao porto de Buenos Aires perpetrados por França e Inglaterra<sup>89</sup>. Essas qualidades propagadas nos periódicos rosistas tinham como fim não somente reafirmar a figura elitista desses “conspiradores”, mas também criar uma figura facilmente identificável pelos apoiadores de Rosas, pois ao reforçar o estereótipo dos modais, da forma de portar-se e vestir-se, a imprensa rosista conseguia objetivar a figura dos opositores do regime, fossem eles unitários, federais dissidentes, românticos ou estrangeiros<sup>90</sup>.

A partir de dois excertos retirados do livro *Rasgos biográficos de la vida pública del Brigadier General Don Juan Manuel de Rosas*, editado pela Sala de Representantes de Buenos Aires em 1842, pode-se ter uma ideia um pouco mais plástica sobre esse tópico discursivo trabalhado pela intelectualidade rosista nos periódicos favoráveis ao regime.

*Un gobierno de paz, que se ve repentinamente acometido por la violencia y la sorpresa, no puede poseer los elementos necesarios para contener en los primeros momentos la agresión. La opinión popular, el prestigio mismo de su elevado puesto,*

---

<sup>89</sup> MYERS, Jorge. op. cit. p. 55

<sup>90</sup> Idem, p. 56

*donde refleja el brillo y esplendor de las leyes, será una fuerte garantía para la estabilidad del orden; pero no es suficiente para reprimir la acción violenta de un ejército tumultuado, que siguiendo servilmente las huellas criminales de un caudillo feroz, acomete bajo las sombras de la noche la majestad de las leyes, infundiendo por todas partes el pavor y el espanto.*

*No ha podido pues gloriarse el pérfido, el salvaje Lavalle de haber usurpado por asalto el elevado puesto de la primer magistratura, ni mucho menos de haber cerrado las puertas del santuario donde resuena el eco de las leyes y la voz de los Representantes del Pueblo. Estos triunfos efímeros, porque se apoyan en la perfidia, sirven para atestiguar la cobardía del crimen, pero nunca para conferir al vencedor los honores de la victoria. (...) no hubo un crimen que se escapase a la depravación de esa logia infernal, que en balde ha pretendido incumbir sus atentados, asumiendo el renombre de un partido político. Sin otros vínculos que ligasen a sus miembros impuros, que los de la mancomunidad de su ambición; sin otro límite en sus pretensiones, que la medida del interés individual; sin otro freno que les contuviese, que sus pasiones insaciables; sin otra aspiración, en fin, que la de dominar por la violencia y la de enriquecer por la rapacidad, las huellas que dejaron durante su reinado fugaz serán otros tantos vestigios eternos que atestigüen la inmoralidad de un bando anti-social, cuya historia, escrita con la sangre de sus víctimas, será contemplada con asombro en todas las edades.*

*El asesino del jefe de Estado, la deportación de ciudadanos respetables, cuyo alejamiento debía atenuar esos secretos remordimientos que son inseparables del crimen, fueron los primeros pasos que abrieron la tenebrosa senda de su ferocidad; e impudentes como nadie, profanaban el nombre de las leyes, mientras hacían alarde de violarlas. Organizado así un vasto plan de exterminio y de sangre, cuyos medios debían ser violencia, el asesinato y el pillaje, habrían los rebeldes aumentado su poder bajo los golpes del terror, si un Patriota esclarecido, si un Porteño destinado a ser el salvador de su Patria, el Restaurador de sus Leyes, el genio tutelar de su existencia; si el Ilustre Ciudadano D. Juan Manuel de Rosas en fin, no hubiese levantado el estandarte de las leyes, y atraído bajo la antigua fama de su glorioso nombre a los buenos y leales ciudadanos.*

*La restauración del orden legal debió ser un suceso no menos grandioso en sí mismo, que influyente por sus consecuencias; una lección imponente para los enemigos de la libertad que, aunque tarde, habían aprendido a conocer que a nadie es dado atentar impunemente contra la soberanía de los pueblos. Sin embargo, no podemos gloriarnos de que los resultados hayan correspondido a esta verdad. ¡Tal es la obcecada perversidad de ese bando funesto, que parece que se hubiera propuesto resumir en el corto período de su oscura existencia las desgracias de todos los siglos y los crímenes de todos los hombres destinados a afligir la humanidad!<sup>91</sup>*

---

<sup>91</sup> *Rasgos biográficos de la vida pública del Brigadier General Don Juan Manuel de Rosas.* Honorable sala de representantes, Buenos Aires, 1842 apud MYERS, Jorge. op. cit. pp. 273-274.

Em suma, pode-se dizer que a imagem arquetípica do “salvaje unitario” era uma espécie de molde vazio, ainda que se estabelecesse por meio de evidências históricas de um dado grupo social, como as vestimentas, trejeitos ou posição social. A figura do conspirador constituiu-se em um espaço em branco, um campo de possibilidades que poderia ser modificado de acordo com as exigências do contexto político mutável. Isso implica dizer que a construção dessa figura do aristocrata anti-popular e traidor da causa republicana era uma construção retórica dentro da perspectiva das linguagens políticas empregadas pelo *rosismo*.

### **2.3.3. Partidarismo e facção**

A noção de partidarismo e facção surge como um corolário da retórica do conspirador anti-republicano e da linguagem política a “intolerância ao dissenso”. Em sua essência, esse tópico do discurso rosista era uma forma de descaracterizar a própria existência do Partido Unitário dentro da lógica política existente no contexto da Confederação Argentina naquele momento, de modo a reforçar mais uma vez o crescente consenso que se formava em torno de Rosas e do *rosismo*. Para tanto, o discurso dos publicistas favoráveis a Rosas caminhava no sentido de estabelecer a noção de partido legítimo como aquele que estivesse envolvido não só legalmente mas também moralmente com a causa republicana e de soberania da nação, de modo a tratar todos os opositores como meras facções que tinham como único fim a instauração da anarquia político-social.

Esse era o argumento utilizado por De Angelis, por exemplo, para descaracterizar ou corroer uma aparente “legitimidade” do Partido Unitário de existir sob o governo Rosas. De Angelis argumentava que, por não defenderem uma perspectiva Federalista que irmanasse com a causa maior vigente durante o governo Rosas, eles automaticamente passariam a figurar como perpetradores do caos político, uma vez que abririam uma condição de dissenso dentro da esfera política. Além disso, por terem usurpado a ordem vigente no ano de 1828 para alcançarem o poder na província de Buenos Aires, com a execução sumária de Manuel Dorrego por ordens de Lavalle, o partido teria rompido com uma razão moral, perdendo sua legitimidade de existência dentro do cenário político da confederação.

A perda de legitimidade como partido e o rompimento da noção de consenso em torno da causa da Federação fez com que o discurso veiculado pelos periodistas do *rosismo* o tratassem como uma facção política, cuja principal característica era o dissenso contra a ordem e o consenso que regia a sociedade argentina sob o comando de Rosas. Da mesma forma que a figura do conspirador trabalharia

com a noção individual do rompimento da ordem político-social, a facção seria esse coletivo de conspiradores sem qualquer legitimidade legal ou moralmente constituída<sup>92</sup>.

Nesse sentido, a participação popular tornou-se um elemento fundamental nesse processo de figuração da legitimidade do partido e da identificação da facção, pois a manifestação desses setores em relação ao consenso do Partido Federal e especificamente do *rosismo* conferiam a noção de legitimidade, existente nas decisões da esfera popular. Em um esquema aparentemente lógico, lealdade a Rosas significava lealdade aos valores centrais da República; oposição a Rosas era tanto a recusa de seu governo e seu partido, como também a própria ordem legal e soberana instituída a partir da independência.

Para deixar um pouco mais claro esse tópico do discurso rosista, tomou-se um excerto retirado do jornal *Archivo Americano* em agosto de 1843 que tratava sobre a noção do partidarismo e da facção, e as reações “espontâneas” da população contra a subversão da ordem política instituída, identificados com a “Sociedad Popular” ou “La Mazorca”.

*Todo cuanto se ha divulgado sobre la pretendida Sociedad de la Mazorca es un embuste. Existe en Buenos Aires, como sucede en todos los estados libres del mundo, una porción de ciudadanos, sumisos a las leyes, adictos al gobierno, amantes de su país, que en los días de peligro se reúnen a la voz de las autoridades subalternas por disposición de superior, y sin misterio, abandonando sus negocios, separandose de sus familias, con ánimo deliberado y tranquilo, pasan los días y las noches en asiduas y patrióticas tareas, alternando con los encargos del buen orden, y no rehusando ningún servicio que se les exija para contener a los perturbadores.*

*Este fue el papel honroso que desempeñaron en los meses de octubre y abril, cuyos desórdenes les han sido imputados; cuando en realidad a ellos se debió en gran medida su cesación. En ambas crisis la ausencia del General Rosas, no sólo de la ciudad, sino del mando, entorpecido la pronta acción del gobierno, y no permitió que se aplicasen con más rapidez los medios de represión que la gravedad de las circunstancias hacía urgentes e indispensables. Pero todos los agentes del poder, todos los amigos del general Rosas, rivalizaron de celo para cortar estos males que estallaron como un rayo en el seno de una sociedad profundamente conmovida e irritada; y en aquella ocasión, las familias más expuestas al odio público, solicitaron con confianza el auxilio y amparo de la Sociedad Popular, a quien la prensa de Montevideo [unitaria] ha dado por escarnio el nombre de Mazorca, mientras que muchos salvajes unitarios le deben la vida.*

*La Sociedad Popular (éste es su verdadero nombre) no es un club, ni una logia; al contrario, esos virtuosos ciudadanos son los enemigos más decididos de las sociedades secretas, y el solo nombre de logia, o de logista, los llena de indignación y horror. Esta Sociedad no es otra cosa que una reunión de ciudadanos federales, de*

---

<sup>92</sup> MYERS, Jorge. op. cit. p. 100.

*vecinos y propietarios, amantes de la libertad, del horror y de la dignidad de su patria. Si las salas de comercio en esta ciudad, donde se juntan los hombres a tratar de sus negocios, y hablar de la política en favor y en contra de la marcha del gobierno, en favor y en contra de los federales, no pueden, ni deben ser un objeto de censura para la Europa, menos debe serlo una sociedad, cuya existencia empieza y acaba con los días de tormenta, en que sus tareas se limitan a las que el gobierno juzgue a propósito confiar a su celo acendrado por nuestra libertad e independencia*<sup>93</sup>

A noção de “partidarismo e facção”, portanto, designava não somente a questão da existência ou não de um movimento de oposição aceitável pelo regime rosista, mas um reforço na ideia de que a ordem só seria possível a partir do consenso e da hegemonia total do *rosismo* na condução política da Confederação. Em suma, era uma forma do governo Rosas justificar a clausura de todos os canais de dissensão política legítima, por meio da caracterização do partido rival e seus membros ou apoiadores como elementos promotores da anarquia social e política.

#### **2.3.4. Restauração das leis**

Dentro da retórica discursiva do *rosismo* esse tema foi particularmente sensível na criação de certa imagem pública do regime rosista e de seu governador. Utilizada de diferentes modos nos textos editados pelos publicistas favoráveis ao governo, a noção de “leis”, segundo Myers, designava o corpo ou o conjunto de legislação que funcionava como suporte jurídico do regime republicano instaurado a partir da revolução de independência<sup>94</sup>. Além disso, a noção de leis, para o regime rosista, apontava também uma ordem moral que deveria reger a sociedade argentina, a qual teria sido corrompida com a usurpação do Partido Unitário. Ao se falar então em “restauração das leis”, epíteto que aparecia constantemente ligado ao nome de Rosas, designava-se um restabelecimento da aplicabilidade e da obediência moral devida ao corpo de leis e resoluções jurídicas.

Nesse sentido a construção de uma ordem moral de obediência à norma, segundo a lógica rosista, não se dava de forma natural e espontânea pelos indivíduos, mas antes por meio da coerção física e moral. Dentro dessa ordem discursiva, muitos “intelectuais” favoráveis ao *rosismo* tiveram certa dificuldade em assimilar essa noção de coerção como forma de obediência à lei, uma vez que segundo uma tradição liberal que se fazia influir durante a experiência do governo de Rivadavia, a lei

---

<sup>93</sup> *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, nº 6, 31/08/1843, pp. 56-57.

<sup>94</sup> MYERS, Jorge. op. cit. p. 77.

deveria ser sobre tudo algo aceito pela grande maioria do indivíduos, fruto muitas vezes de um prévio consenso. Esse paradoxo seria resolvido pelos publicistas do *rosismo* justamente ao se reafirmar o estado de anarquia no qual se vivia durante o processo de guerra civil. Isso justificaria, por sua vez, a noção de reforço das “faculdades extraordinárias” como forma de instauração ou restabelecimento da ordem.

Em uma síntese aparentemente lógica, a necessidade de controle da anarquia político-social e o restabelecimento da ordem moral e jurídica fazia-se necessário o estabelecimento de um consenso em torno da figura de mando e liderança de Rosas. Entretanto, esse consenso para que a lei fosse restaurada e obedecida só seria possível por meio da coerção contra os elementos que corrompiam a ordem estabelecida pelo *rosismo*. A repressão seria justificada, portanto, a partir de uma certa “missão especial” à qual Rosas teria sido encomendado, e que buscava cumprir de forma total. Ainda segundo Myers, a era seria simultaneamente o produto e o produtor de um consenso político<sup>95</sup>.

Os trechos dos periódicos *La Argentina* e *Archivo Americano* permitem uma melhor compreensão desse tópico do discurso rosista.

*La Argentina* de 10 de julho de 1831.

*Uma grande necesidad tiene el país que debe safistacese a todo costo, y es la de moralizar nuestra sociedad. No veríamos con escándalo esa tenacidad de promover el desorden, sin más esperanza que la de vivir en él, para ocultar vicios torpes, y satisfacer venganzas. La moral es el apoyo del orden, la libertad, de la confianza, y de la felicidad. No se consigue tanto bien, con sólo predicar moral en todas partes. Esta voz entró en moda hace poco tiempo, pero fue malditamente entendida. El buen ejemplo, el desprecio del malo, el castigo del criminal, van formando costumbres, y así se alcanza e objeto que recomendamos. La religión exenta de todos los errores del fanatismo debe protegerse mucho porque es esencial para la felicidad social, se mezcla en las agitaciones de nuestro espíritu, y nos consuela dulcemente en todas nuestras aflicciones. Sentimientos patrióticos deben inspirarse de un modo tan fuerte, que todo hombre se espanta a la sola idea de hacer un mal a su patria. Si hubiese patriotismo verdadero no habría un solo hombre que perteneciese a esa facción detestable que injustamente se denomina unitaria. Toda persona sensata se adhiere siempre al sistema que proporciona menores males. Medita sus cálculos, y si los considera realizables de un modo que le proporcionen las ventajas que un buen sentido debe apetecer; procura realizarlos. Mas empeñarse contra toda esperanza, dar por lícitos todos los medios de cualquiera naturaleza que sean; es obra de furiosos indignos de vivir en sociedad. El hombre debe hacer uso de su razón, no limitarse a pensar en sí mismo. La posteridad no ha de juzgar, y si se conoce alguna*

---

<sup>95</sup> Idem, p. 78.

*aspiración noble, únicamente es aquella que tiene por objeto dejar un nombre sin mancha, y haber contribuido a la felicidad de nuestros semejantes*<sup>96</sup>.

Archivo Americano de 31 de maio de 1844.

*Ninguna institución más liberal y más eminentemente republicana como la de hacer cada año una franca y fiel exposición del estado del país, y ningún gobierno ha llenado con más escrupulosidad este deber entre nosotros como el del general Rosas. Colocado por los sufragios libres y unánimes de sus conciudadanos al frente de los negocios, sin más traba que la de mantener los principios religiosos y políticos de la Confederación, este Gran Ciudadano se ha constituido voluntariamente en la obligación de dar una cuenta anual de sus trabajos administrativos a los Representantes del Pueblo.*

*Esta sumisión de un poder independiente, y la existencia misma de un cuerpo deliberante bajo una administración investida por la ley con la suma del poder, deben aparecer a unos como una contradicción, a otros como una superfluidad, y no faltará quien los mire también como un arbitrio para conservar las ilusiones de un orden de cosas que ha dejado de existir por la creación misma de la autoridad que nos preside. Todos estos conceptos son equivocados, y muy distantes del verdadero punto de vista bajo el cual debe mirarse la organización actual de los altos poderes de la Provincia. El general Rosas fue llamado a ocupar la primera silla del Estado en los momentos de mayor peligro. (...) Todas las leyes constitucionales, todas las garantías públicas, todos los esfuerzos de una mayoría bien intencionada, habían sido impotentes para luchar contra un puñado de demagogos (...)*

*Esta vez el General Rosas, por un sentimiento de patriotismo acendrado, hizo el sacrificio de sus propias convicciones, y admitió la misión difícil que se le encargaba; pero exigió que se reuniera el pueblo en comicios públicos para manifestar su conformidad o disconformidad con el voto de sus Representantes, y se opuso formalmente a la disolución de la Sala. ¡Sus conciudadanos lo llamaban a ejercer un poder ilimitado, y él lo circunscribía voluntariamente para que no se olvidaran de sus derechos!*

*La existencia pues de una asamblea legislativa en la organización actual del país, no es un anacronismo, ni un engaño, sino una concesión generosa del Jefe del Estado que pudo haber gobernado sin trabas, y se las impuso. Este solo rasgo de sublime e incomparable desprendimiento es una contestación victoriosa a los enemigos del General Rosas, que le han atribuido principios iliberales y aspiraciones innobles, cuando en toda su vida ha dado pruebas irrefragables de su amor a las instituciones populares, y de su vivo deseo de cimentarlas; y en el largo y agitado período de su mando nunca ha dejado de llenar por su parte los deberes comunes a los gobiernos bien organizados. Las reuniones anuales del pueblo para la elección de sus representantes, la renovación periódica de la Legislatura, la presentación del Mensaje, con la relación la más prolija de todos los trabajos administrativos, la redención de las cuentas, la inversión documentada de las rentas,*

---

<sup>96</sup> *La Argentina*, Libro II, nº 5, 10/07/1831 apud MYERS, Jorge. op. cit. p. 294.

*el cálculo aproximado de los recursos, todos estos actos que son obligatorios para una autoridad constituida, los ha llenado fielmente el General Rosas. No es éste el menor elogio que pueda hacerse de su administración*<sup>97</sup>.

Pode-se dizer que dentro desse tópico da retórica do *rosismo*, muitos outros também foram articulados para formar a noção de “restauração das leis” e criação de um consenso contra o caos político. A lei que se restaurava expressava uma concepção ambivalente, pois dirigia-se tanto para definir uma ordenação política, cujo fim era a consolidação de um sistema estável de governo; como para impor uma certa moralidade nos hábitos e costumes, remarcando o que seria lícito ou ilícito dentro da sociedade comandada pelo regime de Juan Manuel de Rosas. A expressão “restaurador de las leyes” expressava de forma sintética muitos dos elementos retóricos e discursivos empregados pelos publicistas do regime: da defesa de um consenso político, passando pela coerção aos opositores do regime, até a ideia de defesa da causa da “Santa Federación”.

\*\*\*

O *rosismo* como fenômeno político dentro do âmbito da produção discursiva mostra-se, portanto, muito mais complexo do que as simples linhas explicativas que os intelectuais e escritores liberais do século XIX o conferiram como uma expressão política, social e cultural daquilo que se entendia como “barbárie”. Foi possível perceber, através da breve análise do contexto político em que Rosas e os membros do Partido Federal estavam inseridos, a maneira como o discurso e as linguagens políticas do *rosismo* foram sendo montadas e adaptadas de acordo com as vicissitudes políticas que ocorriam tanto dentro como fora da Confederação Argentina. Assentados em três eixos fundamentais em sua condução política: o “consenso político e expressão pública”, o “dissenso e intolerância” e a “causa da *Santa Federación*”, o trabalho do que se convencionou chamar aqui de “intelectualidade rosista” encaminhou-se no sentido de produzir por via das letras e do discurso a autoridade e legitimidade política necessárias à permanência de Rosas diante do governo de Buenos Aires e à frente da Confederação através de seu cargo de representante das Relações Exteriores.

O entendimento dessas questões torna-se premente justamente porque estes foram articulados dentro do conceito de *americanismo* como um tópico referencial do discurso rosista. Isso quer dizer que elementos como o “agrarismo republicano”, a “figura do conspirador”, a ideia de “partidarismo e

---

<sup>97</sup> *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, nº 12, 31/05/1844, pp. 330-334.

facção” e a noção de “restauração das leis” estavam presentes em alguma medida na construção do conceito de *americanismo*. De Angelis e Berro, de formas diferentes e enfatizando ou amenizando determinados tópicos do discurso, conferiram um arcabouço “teórico” ao conceito permitindo que ele apresentasse algumas linhas mestras em seu “desenho”.

O conceito de *americanismo* trabalhado dentro do *rosismo* apresentava em linhas gerais três premissas gerais dos quais se desdobravam outros sub-itens, a partir, por exemplo, dos temas e problemas analisados anteriormente. O primeiro tema referencial era que a luta entre a Confederação Argentina e as forças estrangeiras representava uma luta pela conservação da independência nacional, ligando-se, portanto, à ideia da “causa da *Santa Federación*”. Nesse sentido os “intelectuais rosistas” afirmavam que tal atitude nada mais era do que o exercício pleno da soberania política da própria Confederação. O segundo preceito que balizava o conceito era o de que a “causa federal” em sua ação política estabelecia uma relação direta com a “causa americana”, reforçando assim a ideia de consenso político e reafirmação das especificidades. E a terceira premissa baseava-se no fato de que no cenário desse conflito os que se opunham a Rosas acabavam se tornando inimigos da independência política da América, tornando-se por conseguinte partidários das ideias de restabelecimento dos vínculos coloniais de dependência, cuja significação se relacionava à retórica do dissenso e a intolerância a tal fato<sup>98</sup>.

Uma análise mais detida do *rosismo*, portanto, não é somente útil porque explora um campo da historiografia que renova suas perspectivas e abordagens, mas também porque apresenta fatos que contribuíram para (re)pensar um projeto de nação baseado em valores de ordem republicana, cuja legitimidade angariada nesse processo foi continuamente obliterada por uma tradição liberal de escrita da história. Nesse sentido, o *americanismo* mostra-se como uma possível porta de entrada para se analisar um governo que, apesar da maciça oposição, conseguiu implementar um sistema de poder que se sustentou por mais de vinte e cinco anos. Pensar o *rosismo* para além da simples chave explicativa de um governo tirânico e bárbaro, ainda que este seja um tema das linguagens políticas por si só, é conferir a complexidade devida um momento da História Argentina que não pode ser simplesmente entendido como a erupção de um caos político-social, vividos após os processos de independência.

Como se verá adiante, o *americanismo*, em suas disputas e definições, demonstra o caráter complexo e, ao mesmo tempo, dinâmico de se pensar os meandros do *rosismo* suas práticas políticas

---

<sup>98</sup> MYERS, Jorge. op. cit, p. 60.

no poder. Entender o governo Rosas e suas ações políticas é compreender um dos lados desse diálogo truncado existente entre o líder do Partido Federal e a oposição encabeçada por Sarmiento, por exemplo.

### 3. SARMIENTO E A CONSTRUÇÃO DE UMA FIGURA PÚBLICA

Por se trabalhar com a figura intelectual de um indivíduo que figura como parte fundamental no entendimento de seus escritos, julgou-se pertinente estabelecer algumas ponderações a respeito tanto da vida pública de Sarmiento, como da posterior construção biográfica do literato, político e intelectual argentino por meio dos trabalhos da historiografia e principalmente da crítica literária. Nesse sentido, tentou-se elaborar uma análise que não corroborasse a simples ideia de um personagem visionário “muito a frente de seu tempo”. Antes na verdade tentou-se estabelecer algumas relações entre as ações públicas de Sarmiento, sua fundamentação como indivíduo politicamente atuante e a maneira como os estudos posteriores sobre sua vida e obra também contribuíram para diferentes entendimentos desse intelectual multifacetado.

#### 3.1. Atuação política e figura pública

Um dos pontos que o autor proveniente da província de San Juan, na região de Cuyo, sempre teve esmero em elaborar foi a ação de se auto-retratar e em reiterados momentos desenvolver uma trama literária em torno de sua vida, de modo a dar sentido a suas ações e decisões. Não por acaso, *Recuerdos de Provincia*<sup>99</sup> figura entre uma de suas obras mais conhecidas e apreciadas pela crítica literária argentina, uma vez que pensa os limites entre a criação literária e a figura autoral pública que se mostrava em contínua transformação. Neste livro, Sarmiento, por meio de jogos de memória e recriação de fatos históricos, traça um panorama de sua infância, cuja ligação a uma família tradicional e empobrecida resguarda um certo valor político-cultural, e seu itinerário até chegar a ser a pessoa pública de um periodista e polemista até o ano de publicação da obra em 1850. Tal como o próprio Sarmiento se auto-define.

*Soy el intermediario entre dos mundos distintos. Empecé a ser hombre entre la colonia española que había concluido la República que aún no se organizaba, entre*

---

<sup>99</sup> SARMIENTO, D.F. *Recuerdos de Provincia*. Buenos Aires: Ed. Losada, [1992] 1995 p. 13: “Mis *Recuerdos de Provincia* son nada más que lo que su título indica. He evocado mis reminiscencias, he resucitado, por decirlo así, la memoria de mis deudos que merecieron bien de la patria, subieron alto en la jerarquía de la Iglesia; y honraron con sus trabajos las letras americanas; he querido apegarme a mi provincia, al humilde hogar en que nacido; débiles tablas, sin duda, como aquellas flotantes a que en su desamparo se asen los náufragos, pero que me dejan advertir a mí mismo que los sentimientos morales, nobles y delicados, existen en mí, por lo que gozo en encontrarlos en torno mío, en los que me precedieron, en mi madre, en mis maestros y en mis amigos. (...) Gusto, a más de esto de la biografía. Es la tela más adecuada para estampar las buenas ideas; ejerce el que la escribe una especie de judicatura, castigando el vicio triunfante, alentando la virtud oscurecida”

*la navegación a vela y el vapor que comenzaba. Mis ideas participan de estos dos medios ambientes. Yo soy el único que quedo todavía gritando: ¡mueran los godos! Pertenezco a los viejos revolucionarios de aquella independencia, y voy, con la teoría de entonces y la práctica norteamericana, contra lo que queda de la vieja colonia*<sup>100</sup>

É na tentativa de traçar um panorama da complexidade do autor que se ensaia um breve relato sobre a vida pública de Sarmiento e a maneira como ele vai se formando como literato e polemista tanto dentro do círculo intelectual da geração de 1837 como em relação às esferas da sociedade política argentina ao longo do século XIX. Válido lembrar que este relato não tem por fim corroborar a ideia de um prócere com tintas de herói nacional, mas simplesmente fornecer um *voir d'oiseaux* sobre a atuação pública e política de Sarmiento em sua época<sup>101</sup>.

Em 15 de fevereiro de 1811, na cidade de San Juan, na Argentina, nasceu Faustino Valentín, mais tarde sendo chamado Domingos Faustino Sarmiento. Seus pais, Paula Zoila Albarracín e José Clemente Sarmiento eram oriundos de famílias coloniais tradicionais, mas que devido às transformações econômicas ocorridas desde o final do século XVIII já se encontravam em franca decadência, ainda que guardassem certo prestígio moral dentro da sociedade da província cuyana. Em 1816, Sarmiento teve sua primeira experiência com algum tipo de educação "formal" ao ingressar na Escuela de la Patria, cuja função era eminentemente a de alfabetizar os novos cidadãos da República.

Entre 1825 e 1826, Sarmiento ainda com quatorze anos acompanhou em uma viagem seu tio José de Oro, presbítero da Igreja de San Francisco del Monte na região de San Luis e cuja influência seria descrita como fundamental na vida do escritor. Nessa jornada, Sarmiento experimentou um aprofundamento em sua educação religiosa, aprendendo um rudimentar latim e os fundamentos da doutrina católica, à qual imputou um enorme valor ao ter lhe permitido desenvolver o senso moral da civilização, tal como o autor explicou em seu *Recuerdos de Provincia*. Sem que isso represente um “adiantamento” daquilo com o que o escritor acabou por se envolver em vida, Sarmiento contribuiu na educação de alguns *vecinos*, ajudando seu tio no trabalho pedagógico e de assistência religiosa.

---

<sup>100</sup> SARMIENTO, D.F. *Diario de un viaje. De Nueva York a Buenos Aires, de 23 de julio al 20 de agosto de 1868*. Santiago: Colección de autores argentinos, Cruz del Sur, 1944. apud JITRIK, Noé (coord). *Historia Crítica de la Literatura Argentina*. Tomo 2. Buenos Aires: Emecé, 2012, p.456

<sup>101</sup> Este breve relato cronológico e biográfico sobre Sarmiento baseia-se em um estudos mais detalhados elaborados por: Javier Fernandez, Paul Verdevoy e Ricardo Rojas. Conferir: FERNANDEZ, Javier. “Cronología” in SARMIENTO, D.F. *Viajes: edición crítica*. Buenos Aires: ALLCA XX/Scipione Cultural, 1997. pp. 619-630. VERDEVOY, Paul. *D.F. Sarmiento, educar y escribir opinando (1839-1852)*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1988. ROJAS, Ricardo. *Bibliografía de Sarmiento*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 1911; e PALCOS, Alberto. *Sarmiento. La vida. La obra. Las ideas. El genio*. Buenos Aires: Emecé, 1962.

Ao regressar a sua província natal, trabalhou como *tendero* (vendedor em uma *pulperia*), onde entre uma venda e outra, segundo seu relato, desenvolveu a prática assídua de uma leitura compulsiva de tudo que lhe chegava à mão; é nessa época que Sarmiento leu a autobiografia de Franklin, livro que desempenhou uma profunda influência em sua condução como indivíduo e “intelectual”. Ademais, no período entre 1826 a 1828, Sarmiento também chegou a ocupar um cargo militar: subtenente de batalhão de infantaria, experiência sobre a qual chegou mesmo a escrever um breve relato sob o título de *Introdução a las memorias militares y foja de servicios de D.F. Sarmiento*.

Devido ao conturbado contexto político no qual a Confederação Argentina já se encontrava mergulhada desde o fim da década de 1820, Sarmiento empreende sua primeira vigem de exílio ao Chile em 1831. Para o escritor, esse primeiro exílio foi um momento um tanto quanto duro de acordo com seu relato, pois devido a sua condição de emigrado, com poucos contatos em terras estrangeiras, Sarmiento conseguiu um emprego de capataz na mina de Chañarillo, cujo trabalho excessivo debilitou profundamente sua saúde. Recuperado da “enfermidade de minas”, Sarmiento embrenhou-se em seu primeiro projeto educacional, ensinando os filhos de famílias ricas da região em escolas das cidades de Santa Rosa de los Andes e Pocuro. Por essa época, nasceu de um relacionamento “ilegítimo” sua primeira filha: Faustina Sarmiento. Ao final do ano de 1836, ainda com problemas de saúde causados pelo intenso trabalho nas minas chilenas, Sarmiento retornou a San Juan, onde a situação política havia se estabilizado sob a hegemonia federal e o governo moderado de Del Carril.

Inspirado pela iniciativa empreendida em 1837 por parte da pequena elite intelectual que frequentava a Universidade de Buenos Aires e que em reuniões no *Salón Literario* de Marcos Sastre chegou a editar um breve periódico sob o título de “La Moda”, dirigido por Juan B. Alberdi e com contribuições de Echeverría, José Marmol entre outros, Sarmiento juntamente com o amigo Manuel Quiroga Rosas fundou a *Sociedad Literaria* na província de San Juan. O que já se manifestava, segundo o relato de Sarmiento, como uma compulsão pelos livros tomava ares maiores a partir da leitura de autores consagrados sobre a literatura e a contemporânea reflexão historiográfica, tal como os textos de Chateaubriand, Victor Hugo, Lamartine, Alexandre Dumas, François Guizot, Aldof Thiers, Alexis de Tocqueville, Victor Cousin e muitos outros. Como forma de estabelecer algum vínculo com o grupo de intelectuais de Buenos Aires, Sarmiento chegou mesmo a escrever algumas cartas a Alberdi, nas quais anexava alguns poemas de sua própria autoria, a serem avaliados pelo escritor

tucumano<sup>102</sup>. Pelo que ficou constatado a partir das críticas de Alberdi, Sarmiento nunca mais voltou a escrever poemas ao longo de sua carreira como escritor.

O ano de 1839 mostrou-se fecundo para Sarmiento. Nesse ano o escritor fundou em San Juan um colégio para moças: Colegio de Señoritas de la Advocación de Santa Rosa de Lima, em 9 de julho, como forma de estabelecer um vínculo de homenagem à declaração de independência argentina. Em julho do mesmo ano, publicou o primeiro número do jornal que encabeçou junto com seu amigo Quiroga Rosas: *El Zonda*, que teve curta duração devido aos constantes conflitos com o governo provincial e principalmente por questões de ordem mais gerais que o Partido Federal e principalmente Rosas infligiam sobre a imprensa e o periodismo de influência liberal. É nessa época que Sarmiento sofreu as perseguições que relatou logo na introdução de *Facundo*, no qual, após ser preso e maltratado por correligionários do Partido Federal, empreendeu sua segunda viagem ao Chile, iniciando assim seu segundo e mais duradouro período de exílio. É nessa fuga que Sarmiento realiza o que alguns críticos literários afirmam ser um dos atos fundadores da literatura argentina, quando Sarmiento, no banheiro do Zonda, escreve a célebre frase em francês: "On ne tue point les idées"<sup>103</sup>.

Entre 1841 até 1845, Sarmiento mudou-se de Valparaíso para Santiago, onde desenvolveu grande parte de sua obra intelectual principalmente no que concerne ao periodismo e aos temas polêmicos da política. Contribuiu para periódicos chilenos importantes da época, como o *El Mercurio* e *El Nacional*, de modo que se envolveu cada vez mais nas relações políticas chilenas, polarizadas entre os partidos Liberal e Conservador. Devido ao seu envolvimento com os dirigentes do Partido Conservador, Sarmiento em 1842 foi designado para a função de organização e direção da Escuela Normal de Preceptores, cuja função era formar professores que eram enviados a diferentes regiões do país. Ademais da constante atuação dentro do círculo periodista da época, a qual lhe rendeu um debate acalorado com Andrés Bello sobre a utilização mais “americana” da língua castelhana, Sarmiento juntamente com Vicente Fidel López fundou um Liceu de ensino particular, mas que acabou fechado devido aos conflitos com os interesses locais. Nesse ano ainda, fundou em conjunto com Manuel

---

<sup>102</sup> conferir: SEGRETTI, Carlos. *La correspondencia de Sarmiento*. Poder ejecutivo de la Provincia de Córdoba, 1988.

<sup>103</sup> PIGLIA, Ricardo, “Notas sobre Facundo”, in Revista Punto de Vista, Buenos Aires, III, 8, marzo-junio de 1980. Conferir também: VERDEVOY, Paul. *D.F. Sarmiento, educar y escribir opinando (1839-1852)*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1988.

Montt o jornal *El Progreso*, acirrando ainda mais o ambiente intelectual daquilo que ficou conhecido como "geração chilena de 1842"<sup>104</sup>.

Como forma de contestar esse clima acirrado de acusações e difamações pelas quais Sarmiento passava em sua prática periodista, publicou o livro *Mi defensa* (1843), sua primeira investida no campo da autobiografia, e que evidenciou a construção da figura pública do escritor politicamente atuante. Em 1843, foi também designado como membro da Faculdade Filosofia e Humanidades de Santiago, obtendo assim seu primeiro título acadêmico, uma chaga constantemente tocada por seus inimigos e desafetos. Sua atuação no jornal *El Progreso* continuou vigorosa, reforçando ainda mais sua participação na esfera política, principalmente por meio dos constantes ataques ao governo de Rosas em Buenos Aires. O coroamento desse período se dá com a publicação de *Facundo*, capítulo por capítulo no formato de folhetim, no *El Progreso*, o que fez estalar uma certa crise diplomática entre o governo chileno e a representação argentina em visita ao Chile.

Como forma de afastar Sarmiento dos problemas e do contínuo desgaste ao governo de Bulnes, Manuel Montt o encarregou de uma viagem à Europa com o objetivo de pesquisar e relatar diferentes sistemas educacionais na Europa, bem como a organização político administrativa das municipalidades locais de cada país apontado pelo roteiro. Em 28 de outubro, deixou Valparaíso com destino à França, sem antes fazer paradas na ilha de Más a Fuera, em Montevideo e no Rio de Janeiro, relatando a cada parada as experiências e fatos vividos em cada um. Entre 1846 a 1848, conheceu inúmeros países europeus, visitando inclusive a cidade de Argel no Norte da África e passando em uma rápida viagem de seis semanas pelos EUA, do qual extraiu muitas de suas ideias sobre organização política e social para a organização de um projeto de Estado nação. Retornou a Santiago em fevereiro de 1848, prosseguindo seu trabalho como periodista, enquanto editava as cartas que escreveu durante suas viagens, as quais sairão publicadas na forma de um livro em 1849 sob o título de *Viajes por Europa, África y América 1845-1847*.

Como forma de dar vazão àquilo que experimentou e refletiu em seu *grand tour*, Sarmiento ainda publicou em 1850 os livros *Recuerdos de Provincia*: no qual discorreu sua autobiografia, e *Argirópolis*: em que traz uma análise política da história recente da região do Prata além de uma proposta de organização geopolítica para os países do antigo vice-reinado, como forma de superação dos conflitos entre a Confederação Argentina e Montevideo durante a primeira metade do século XIX.

---

<sup>104</sup> SORENSEN, D. "Las guerras de persuasión. Conflicto, interpretación y poder en los primeros años de la recepción de *Facundo*" in *El Facundo y la construcción de la cultura argentina*. Buenos Aires, Beatriz Viterbo Editora, 1998.

Para alguns críticos<sup>105</sup>, estas obras, ainda que apresentassem um caráter oportunista e utópico respectivamente, revelariam uma sagaz leitura política de Sarmiento ao perceber a formação de uma grande aliança contra o governo Rosas no início da década de 1850.

Isso não demoraria muito a acontecer, pois já em 1851 o caudilho de Entre Ríos Justo José de Urquiza efetuou seu pronunciamento contra Rosas, deflagrando a aliança do “Ejército Grande” que se formou contra o governador de Buenos Aires e sua hegemonia política. Sarmiento não se furtou em participar desse acontecimento histórico, ingressando nas fileiras do exército de Urquiza como *boletínero* (escritor de boletins e informes) do *Boletín del Ejército Grande de Sudamérica*. Em 1852, deu-se a batalha de Caseros em que as forças de Buenos Aires e do Exército Grande enfrentaram-se, saindo Rosas derrotado e colocando um fim na hegemonia de mais de vinte e cinco anos do caudilho portenho no âmbito da Confederação Argentina. Por perceber a pouca disposição a mudanças políticas profundas e a impossibilidade de atuar junto ao governo de Urquiza, Sarmiento rompeu com o novo governo que se formava a partir dos acordos de San Nicolás, retornando ao Chile de onde empreendeu novamente sua oposição, publicando ainda naquele ano um livro com suas experiências no campo de batalha sob o título de *Campaña en el Ejército Grande Aliado de Sud América*.

Apesar da proposta de unificação nacional sob uma constituição, cuja aprovação se deu em 1853, a Argentina como Estado-nação continuava dividida, devido ao fato de Buenos Aires não corroborar e compactuar com a proposta constitucional em voga. Dentro desse contexto de uma Confederação parcialmente unificada sem Buenos Aires, Sarmiento assumirá a defesa dos interesses de Buenos Aires, por entender que sem esta província à frente do projeto político de organização nacional, a nação argentina não teria viabilidade. Sendo assim, entre 1856 até 1862, Sarmiento envolveu-se na defesa dos interesses de Buenos Aires frente à organização do país, atuando na imprensa de Buenos Aires, como no *El Nacional*, e assumindo em diferentes momentos cargos políticos e burocráticos, com o de professor de Direito Constitucional na Universidade de Buenos Aires, chefe do Departamento de Escolas da Província de Buenos Aires, senador provincial. Em suma, cargos que reforçaram sua posição cada vez mais destacada dentro da política elite política.

Ainda que se mostrasse favorável aos interesses de Buenos Aires, Sarmiento não apoiou as iniciativas de grande parte da elite bonaerense em sua mal sucedida iniciativa separatista em 1859 na batalha de Cepeda, diante da Confederação do Interior capitaneada por Urquiza. Entretanto, em 1861,

---

<sup>105</sup> Conferir os trabalhos de Feliz Weinberg, Natalio Botana, Gustavo Ferri e Fernando Ainsa a respeito de Sarmiento e sua atuação política como escritor.

a partir da não aceitação dos deputados bonaerenses eleitos na província como representantes diante da Confederação e da rearticulação das forças da província de Buenos Aires, ocorreu a batalha de Pavón. A partir dessa batalha, com a perda do conflito pela confederação presidida por Urquiza, Buenos Aires tomou novamente o controle como força política hegemônica, promovendo assim uma nova organização nacional, sob a égide de interesses liberais no processo de consolidação do Estado.

Em 1862, Sarmiento se encontrava novamente em sua província natal, San Juan, exercendo o cargo de governador de província, para o qual foi designado após a morte do então governador José Virasoro por forças opositoras. Nesse período, Sarmiento enfrentou de forma incisiva o levante de parte remanescente de acólitos do antigo Partido Federal e que ainda se encontravam anucleadas no interior do país, liderados pelo general Vicente Peñaloza. Críticos à época, contestaram Sarmiento devido às medidas exageradas para conter a rebelião promovida por Peñaloza, da qual saiu assassinado "el Chacho". Terminado seu mandato, o político e escritor voltou à cena política bonaerense e ao contínuo exercício da crítica e da polêmica por meio dos jornais para os quais escrevia.

De 1864 a 1868, Sarmiento retornou aos EUA ocupando o cargo diplomático de ministro plenipotenciário. Sua principal função era estabelecer uma aproximação com diferentes setores da política americana, como forma de recuperar uma imagem da Argentina que estava profundamente afetada devido aos conflitos empreendidos ao longo da Guerra do Paraguai. Ainda nesse período, sua produção intelectual mostrou-se profícua, pois publicou seu *Facundo* em inglês (com a ajuda da viúva de Horace Mann, Mary Mann), uma breve biografia de Lincoln em *Vida de Abraham Lincoln*, um opúsculo intitulado *Escuelas, base de la prosperidad de la República*, além de editar uma revista de curta duração chamada *Ambas Américas*. Recebeu também um título de *doutor honoris causa* pela Universidade de Michigan pelo todo de sua produção intelectual e ao final do ano de 1868 foi eleito presidente pelo legislativo argentino, assumindo o cargo em outubro daquele ano.

O período de sua presidência, entre 1868 e 1872, foi caracterizado por inúmeros conflitos e rebeliões, bem como por uma atuação enérgica na construção da ordem política e de instrumentos de fortalecimento do Estado e da sociedade por meio de sua política educacional. Quanto aos conflitos, Sarmiento lidou em sua presidência com o término da Guerra do Paraguai, o assassinato de Urquiza por setores remanescentes do federalismo e a consequente revolta do líder federal Vicente López Jordán na província de Entre Ríos e o levante de *malones* indígenas na fronteira sul. Apesar de alguns críticos de sua política o acusarem de excessos e descabros, Sarmiento e a coalizão política que se

formava em torno do presidente conseguiu contornar os situações de exceção, assegurando as bases de um Estado liberal em construção.

No campo da educação, Sarmiento atuou no sentido de organizar uma rede de escolas primárias por meio da atração de professoras estadunidenses na organização e condução dessa rede de escolas, além de criar a Academia de Ciências e o Observatório Astronômico ambos em Córdoba, o Colégio Militar de la Nación e a Escola Naval em Buenos Aires, além de criação de uma comissão para gerir a ampliação das ditas Bibliotecas Populares. Sua política econômica de cunho liberal caracterizou-se pela entrada de capitais estrangeiros principalmente para a construção e ampliação da rede ferroviária ligando as províncias interiores à cidade de Buenos Aires. Na capital federal, empreendeu um processo de reforma e embelezamento da cidade, de modo a assemelhar cada vez mais a cidade portenha com as grandes capitais européias do período. Tal como Halperin Donghi expressou, Sarmiento na presidência empenhou-se na construção de uma "nación para el desierto argentino"<sup>106</sup>. Ao fim do período, contendo ainda uma rebelião militar encabeçada por Bartolomé Mitre, Sarmiento passou a faixa e o bastão presidencial a Nicolás Avellaneda, afirmando assim o processo de transição legal de poder dentro do Estado liberal que se consolidava.

De 1874 a 1888, ano de sua morte, Sarmiento continuou atuando como periodista no *El Nacional* e a assumir cargos públicos nas gestões de Avellaneda e Julio A. Roca, voltando sua atenção principalmente para o campo da educação pública, ao assumir o posto de superintendente no Conselho Nacional de Educação e quando viu lograda em 1884 a provação da lei nº 1420 que estabelecia as bases para o sistema educacional em âmbito nacional. Ainda nesse período, Sarmiento publicou seu último livro *Conflicto y armonías de las razas en América* (1883), o qual compôs a coleção completa de suas *Obras*, publicadas sob o patrocínio do governo argentino ainda na década de 1880. Ao final de sua vida, buscou refugio na cidade de Asunción no Paraguai, devido aos contínuos problemas de saúde. Morreu em 1888 nessa mesma cidade, sendo seu corpo recebido em Buenos Aires por um cortejo de políticos e intelectuais que em seus discursos já iniciavam o processo de "canonização" de Sarmiento como prócere e mito político-intelectual dentro da sociedade e da história argentina. Como disse Machado de Assis: "Está morto: podemos elogiá-lo à vontade".

---

<sup>106</sup> HALPERIN DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.

### 3.2. De Domingos a Sarmiento: conflitos em torno da figura do escritor

Ao se analisar a figura de Sarmiento e suas obras através do olhar da crítica histórico-literária, é possível pensar os diferentes vieses de leitura e interpretação que se estabeleceram sobre a relação entre a figura pública de Sarmiento e os variados temas que seus escritos abarcaram. São, portanto, visões que se acumulam e que se opõem umas às outras, de modo a elegerem determinados temas no exercício da reflexão interpretativa e que formam uma totalidade do trabalho de história intelectual a partir das obras sarmientinas.

Nesse sentido, pode-se traçar um panorama geral que se dividiria ao longo do século XX em seis grandes vieses interpretativos, iniciando-se com os estudos e ensaios de Ricardo Rojas e Leopoldo Lugones na década de 1910; passando pelas contribuições e críticas de Alberto Palcos e de Martínez Estrada nas décadas de 1930 e 1940; pelas reflexões de David Viñas e Aldofo Prieto nas décadas de 1950 e 1960; pelos estudos de Noé Jitrik e Halperin Donghi na década de 1970, pelas argutas análises elaboradas por Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano e Silvia Molloy na década de 1980, chegando até os ensaios de Ricardo Piglia e Julio Ramos na década de 1990.

A primeira linha interpretativa iniciou-se na década de 1910 com os estudos e contribuições de Ricardo Rojas, *Historia de la Literatura Argentina*<sup>107</sup>, e Leopoldo Lugones, *Historia de Sarmiento*<sup>108</sup>, cuja reflexão fundamentaria a figura de Sarmiento em sua “genialidade” como escritor e intérprete do contexto político-cultural da Argentina do século XIX. Como responsável pela criação da primeira cátedra de literatura argentina na Universidade de Buenos Aires, Ricardo Rojas promoveu um primeiro deslocamento em relação a uma certa ligação que se estabelecia entre Sarmiento como homem público e o escritor nacional de obras de reflexão sobre a condição social, histórica e cultural da Argentina. Rojas através de sua *História de la Literatura Argentina* é o responsável por uma “organização de leitura” da obra de Sarmiento, de modo que se pudesse identificar nas obras a “excelência” do autor. Em outras palavras, a chave de leitura aplicada por Rojas e Lugones é a de tentar ver os cinquenta e dois volumes das obras completas de Sarmiento como um único livro, extraindo daí uma certa totalidade dos escritos fragmentários ditados sob as contingências políticas.

Ainda assim, Rojas trabalhou com a noção de “excepcionalidade” ao interpretar a obra de Sarmiento, encontrando dificuldades de localizar o autor dentro das categorias criadas pelo próprio crítico literário. Isso porque Sarmiento participaria, ainda que sem pertencer, de todas as categorias

---

<sup>107</sup> ROJAS, Ricardo. *Historia de la Literatura Argentina*. Vol. 1 a 9. Buenos Aires: Guillermo Kraft, 1957.

<sup>108</sup> LUGONES, Leopoldo. *Historia de la Literatura Argentina*. Buenos Aires: Eudeba, 1960.

estruturadas, já que seu *Facundo*, por exemplo, enquadrar-se-ia tanto na literatura gauchesca ("Los gauchescos"), como seu *Recuerdos de Provincia* poderia integrar a seção de escritos sobre a colônia ("Los coloniales"). Entretanto, a escolha de Rojas foi a de alocar Sarmiento no que ele designou por "Los proscritos", pois o crítico literário entendeu que a obra sarmientina era uma literatura produzida em condições forçadas pelo contexto, em que a atividade literária esteve determinada em função das variáveis da dinâmica política.

De acordo com essa visão, Sarmiento em seus escritos aparecia como um dos responsáveis por forjar e articular a noção de pátria-argentina, a quem teria dedicado uma vida inteira na organização da República, fundamentando-a nos princípios do tão propalado conceito de civilização. Nesse sentido, obra e autor conjugaram-se demonstrando uma ligação estreita com valores morais legados à formação de um patriotismo. Tal como afirmou Fermín A. Rodriguez, há um uso do passado no sentido de apagar a própria atuação de outros intelectuais contemporâneos, em que a pátria falaria de si por meio do autor e suas obras literárias<sup>109</sup>.

Um segundo viés interpretativo apareceu a partir da década de 1930 com os estudos de Alberto Palcos: *Sarmiento. La vida, la obra, las ideas, el genio e Rasgos de Sarmiento*<sup>110</sup>. Ainda que o crítico-literário seguisse os parâmetros deixados por Rojas, focou-se a análise em termos biográficos pensando muito mais na vida de Sarmiento e nos desdobramentos literários como marca da genialidade evidenciada na própria escrita. Palcos apresentou uma leitura profundamente "psicologizante" e positivista da obra do autor, chegando mesmo a organizar a própria biografia de Sarmiento de acordo com as perspectivas apontadas em suas obras, principalmente no que concerne à linguagem autobiográfica continuamente reiterada pelo autor.

Sarmiento era continuamente lido através da chave interpretativa da genialidade reveladora da própria cultura argentina; um intérprete cuja criação abundou em ideias que ou "adiantaram" ou revelaram certos problemas, características e soluções aos problemas nacionais. O autor tornou-se assim uma espécie de símbolo idealizado do que deveria ser "o argentino", ou seja, um exemplo concreto de uma certa "argentinidade" sobre a qual se pensava no final da década de 1920 e 30. O que se tem, segundo Fermín Rodriguez, é uma universalização da significação do gênio, criando-se um

---

<sup>109</sup> RODRIGUEZ, Fermín A. "Las operaciones de la crítica" in JITRIK, Noé. *Historia crítica de la Literatura Argentina*. Buenos Aires: Emecé editores, 2012. p. 606.

<sup>110</sup> PALCOS, Alberto. *Sarmiento. La vida, la obra, las ideas, el genio e Rasgos de Sarmiento*. Buenos Aires: Emecé, 1962.

paradoxo entre a especificidade do contexto de surgimento do "gênio" e uma generalização a-temporal da figura do intelectual escritor<sup>111</sup>.

O terceiro momento da crítica histórico-literária, iniciada por Ezequiel Martínez Estrada, ainda na década de 30, e aprofundada por David Viñas e Adolfo Prieto, recorre toda a década de 1960 e que tentou em seus trabalhos matizar a figura "sagrada" de Sarmiento e "beatificada" pela crítica histórico-literária de então. A abordagem utilizada foi um método que historicizava a figura do autor de modo a cindir a relação tão estreita entre a vida do autor e sua relação com o que se encontrava nos textos e escritos de Sarmiento. Ligados à revista *Contorno*, estes críticos literários buscavam interpretar Sarmiento como um sujeito dentro de condições históricas concretas, sem idealizações ou uma lógica a priori, uma vez que o campo da leitura e da crítica continuava a se organizar em torno do autor e sua "magnitude". O que se elaborou em seus estudos foi uma chave de leitura que rompesse com a divisão entre homem público e autor, entendendo que houve uma cisão entre o homem que viveu e o homem que escreveu.

David Viñas seguiria uma linha interpretativa que pensava Sarmiento como um sujeito em contínua construção de um "eu" por meio da literatura. Isso quer dizer que Sarmiento, em seu estilo autobiográfico, criou em seus escritos uma fundamentação do eu por meio da literatura, em que o livro *Viajes* (1845), o qual relata em primeira pessoa suas experiências vividas nos países pelos quais passou, é um exemplo desse sujeito individualizado que se utilizou da linguagem e da literatura como formas de auto-afirmação<sup>112</sup>. Para Viñas, Sarmiento foi um personagem burguês, no sentido daquele que conquistaria um espaço por seu exercício de dedicado empenho e auto-significação de si, não sendo nem um beato, como a tradição liberal o pintou, nem um oportunista perverso, como muitos críticos revisionistas tentaram retratá-lo. Através de um viés marxista de interpretação da literatura, Sarmiento, para Viñas, seria um sujeito que atuou a partir de uma visão de mundo dada por sua classe social em condições históricas concretas, e não o grande gênio romântico visionário. Para o crítico argentino, a "grande" obra literária burguesa de Sarmiento foi de 1845 a 1852, perdendo a dramaticidade do "herói" burguês balzaquiano e conquistador quando este passou a atuar dentro do Estado Liberal pós-Rosas.

---

<sup>111</sup> Idem, p. 607

<sup>112</sup> VIÑAS, David. *Literatura argentina y realidad política*. Buenos Aires: Jorge Alvarez, 1964.

Adolfo Prieto leu parte da obra de Sarmiento sob esse mesmo viés: o de pensar a relação entre o texto literário e a realidade histórica através de uma "visão de mundo" e sua estrutura ideológica comum a uma dada classe. Prieto voltou-se às obras *Mi defensa* e *Recuerdos de Provincia* com a preocupação de encontrar o sujeito da literatura autobiográfica argentina, concepção esta que estruturou uma visão de mundo da elite como forma de se justificar diante da opinião pública. Invertendo o postulado que buscava na vida a origem da obra, a autobiografia é o lugar de nascimento do autor e de sua autoconsciência diante da realidade histórica. Mediante uma série de eleições que o sujeito fez sobre si mesmo, sobre os recortes da memória e a ordenação desses fatos, a autobiografia testemunha mais que as meras circunstâncias empíricas da vida do escritor, mas a consciência de sua própria vida em cada etapa vivida. Consciência esta que, segundo Prieto, correspondeu basicamente a uma perspectiva de classe sobre a qual descansava o texto<sup>113</sup>.

Neste caso, a evocação da infância como um mundo basicamente materno e que girava ao redor da figura materna e protetora de Paula Albarracín foi uma espécie de sintoma que deixa ler, de forma especular e contraposta, o sentimento de ansiedade e insegurança que padeciam os membros da antiga elite colonial, dentro do contexto de uma sociedade vertiginosamente convulsionada pelas mudanças políticas, econômicas e sociais do pré e pós-revolução de independência. Na linguagem "psicologizante" de Prieto, o "reprimido" retornaria por meio da lembrança das velhas estruturas coloniais. Nesse sentido, era um tanto explicável dentro da obra sarmientina o ódio de Sarmiento contra as hordas de *gauchos* e as montoneras bárbaras de Facundo Quiroga, bem como a maneira pela qual o autor trabalhou sua linguagem para se distinguir desse passado colonial permanente. De forma contrária à figura do burguês conquistador de Viñas, Prieto encararia Sarmiento na verdade como um pequeno burguês assustado diante da possibilidade da perda de sua referência de consciência de classe.

Outro crítico-literário que a partir da década de 1970 registrou uma nova forma de pensar a obra sarmientina e sua relação com o autor é Noé Jitrik em seu *Muerte y resurrección de Facundo*<sup>114</sup>. Para o crítico argentino, a obra de Sarmiento continua sendo uma forma de expressão do pensamento do autor e a leitura de seus escritos uma forma de interpretação de sua historicidade. Entretanto, é o texto em si e a análise textual que passaram a ocupar o primeiro plano dentro do viés interpretativo assumido por Jitrik. Afastando-se um pouco da ideia de classificação da obra de Sarmiento como

---

<sup>113</sup> PRIETO, Adolfo. *La literatura autobiográfica argentina*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

<sup>114</sup> JITRIK, Noé. *Muerte y resurrección de Facundo*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983.

ensaio sociológico, estudo histórico, romance burguês etc, Jitrik trabalhou com a perspectiva de que havia um esforço literário sobre a linguagem nos discursos ideológicos elaborados por Sarmiento. Nesse sentido houve uma clara tentativa de recuperar o pensamento de Sarmiento, expressos, por exemplo, em seu *Facundo*, de modo a perceber que essas reflexões estariam fragmentadas e não apareceriam de forma tão coesas tal como um programa ideológico.

O texto ganhou o status de expressão direta do pensamento de Sarmiento, cuja manifestação nos escritos deu-se de forma profunda e inconsciente, e que sua riqueza mostrava-se nas contradições e ocultamentos por parte do autor. A significação do texto mostrava-se nos silêncios, nas contradições formais perpetradas pelo autor, sendo a tarefa do crítico e estudioso dessas obras a de reunir os fragmentos significativos da expressão literária para demonstrar os conflitos, e não produzir uma unidade coerente interna ao texto e ao autor. Para Jitrik, a literatura mostra o que a ideologia oculta, revelando os limites e a falsidade dessa totalidade. Em suma, em vez de se pensar na unidade da obra, deve-se pensá-la como uma rede de diferenças e heterogeneidades, um texto polifônico de onde parte uma pluralidade de reflexões.

Um exemplo desse processo de leitura crítica de *Facundo* é quando Jitrik assinalou uma contraposição um pouco mais sorrateira existente no esquema binário da obra, pois estava oculto dentro disso o conflito constante da nacionalidade argentina que é a relação conflituosa entre Buenos Aires e as províncias interiores. Segundo Jitrik, é necessário problematizar a noção dialógica entre civilização e barbárie, e a tomada de posição "racional" por parte de Sarmiento pela civilização, uma vez que certos tipos de leituras omitem as vinculações da própria experiência sentimental do autor em relação a um dado histórico concreto: no caso, a dependência do interior de uma estrutura econômica dominada por Buenos Aires e as rendas de seu porto. Em vez de fixar uma estrutura de oposições binárias como "civilização-barbárie", "cidade-província", Jitrik interpretou essa relação como uma dinâmica de idas e vindas, em que no caso de *Facundo* era esse movimento do inconsciente e do ideológico, entre o passado familiar colonial e o futuro promissor da sociedade, entre o romantismo e o iluminismo, ou entre a tradição narrada e um modelo ideal de sociedade futura almejada pelo autor.

A partir da década de 1980, a crítica histórico-literária acumulou as contribuições coetâneas feitas por outros estudiosos, entretanto focando sua análise na relação atuante que a escrita teria sobre a realidade, seja no sentido de forjar o próprio personagem do escritor como figura pública, seja no que concerne a sua atuação diante dos problemas de seu momento histórico. A obra *Recuerdos de*

*Provincia* foi um eixo estruturador para se entender esse processo dinâmico da escrita autobiográfica e da literatura como instrumento transformador da realidade histórica do escritor.

Ao analisar especificamente esta obra de Sarmiento e buscando compreender os usos da literatura na construção política do autor, Halperín Donghi perguntava-se pela origem de Sarmiento, a partir do que este escreveu em *Mi Defensa* e em *Recuerdos de Provincia*<sup>115</sup>. O historiador argentino assinalou que havia uma mudança clara nos usos da escrita e da história na construção desse personagem auto-biografado, pois em *Mi Defensa* Sarmiento retratou-se como filho de uma família empobrecida, cuja origem humilde e sem alternativas fez com que o autor fosse o único responsável por sua atuação na história; algo muito conveniente dentro do contexto de críticas que Sarmiento vivia durante seu segundo exílio no Chile entre as décadas de 1830 e 1840. Entretanto, no livro *Recuerdos de Provincia* Sarmiento passou a ser o filho de uma antiga família colonial, que prestou inúmeros serviços à municipalidade de San Juan, sendo alvo do caos e da cobiça política dos caudilhos federais que a era pós-revolucionária trouxe consigo.

Para Halperín é preciso não somente historicizar o momento vivido pelo autor, mas também perceber os lances que a escrita fez sobre a própria realidade. Isso porque Sarmiento, a partir da década de 1850, estava pretendendo persuadir os leitores de *Facundo* a encará-lo como um candidato munido de um programa de ação, cujo propósito além de construir uma auto-representação era de apresentar uma alternativa de atuação diante da historicidade daquele momento.

Entretanto, o argumento histórico que Sarmiento desvelou não se sustentaria a partir de uma análise histórica mais detida do contexto, tal como Halperín Donghi a comprovou. Ainda assim, a obra não revela a época do autor em si, mas antes as contradições de seu momento histórico, de modo que seu escrito tem mais relevância pelo que oculta do que por aquilo que clareia em seu discurso. Em suma, Halperín Donghi tenta identificar que Sarmiento utilizou-se da escrita para construir um lugar de autoridade para si, ao mesmo tempo em que trata de criar as condições desse reconhecimento por meio de sua atuação como escritor e pessoa pública.

Ainda nesse contexto da década de 1980 e seguindo este caminho interpretativo, Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano em artigos publicados na revista que editavam conjuntamente, *Punto de Vista*, aprofundaram essa questão da utilização da literatura tanto com um fim político, como para a formação de um campo de autoridade e aceitação da figura pública do autor. Segundo Sarlo, Sarmiento

---

<sup>115</sup> HALPERIN DONGHI, Túlio. “El antiguo orden y su crisis como tema de *Recuerdos de Provincia*” in *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*, 1, 3ª serie, 1º sem de 1989.

utilizou a escrita como alguém que estava condenado por ela, recorrendo constantemente à literatura auto-biográfica para construir seu próprio nome. A obra sarmientina foi pensada, então, sob o viés da construção auto-biográfica e analisada através de um olhar que suspeita do fato de um autor falar tanto de si, algo que na verdade demonstra alguém que nunca esteve muito seguro de si e de sua própria história<sup>116</sup>.

Nesse sentido, Sarlo e Altamirano trabalharam com a ideia de “capital simbólico” para entender os elementos utilizados por Sarmiento na construção de sua figura como personagem público. Recortando cenas que condensam o funcionamento dessa noção, os autores se detiveram em uma série de episódios textuais de *Recuerdos de Provincia*, os quais revelam a construção da figura simbólica do autor. Por exemplo, as cenas em que o autor descreveu sua dedicação em aprender de forma solitária, o gasto de mais da metade de seu salário para aprender uma língua estrangeira, cenas de uma iniciação autodidata de acumulação de saberes a partir de um lugar marginal e sem a mediação de uma estrutura formal. Isso corroborou a noção de “capital simbólico”, uma vez que o ato de ler é um símbolo que respalda uma estrutura intelectual, a qual concedia a Sarmiento uma posição particular dentro dessa sociedade provincial e posteriormente um espaço próprio dentro da elite letrada<sup>117</sup>.

Ademais, o que Sarlo e Altamirano dispuseram como contribuição na percepção crítica tanto da obra como do autor é a noção de Raymond Williams sobre "estrutura de sentimento": uma afetividade fora do campo da consciência discursiva que articula e é articulada pelo texto literário que vai além do propósito político expressos em seus livros. Seriam, então, pensamentos sentidos e sentimentos pensados, elementos que Sarmiento compartilhou dentro do mundo intelectual, no qual inseria seu nome a partir de referentes culturais que se davam justamente pela circulação da palavra escrita.

A novelista e crítica-literária Sylvia Molly, ao final da década de 1980, recuperou dentro da obra de Sarmiento tanto a questão da autobiografia, como do ato de leitura e seu significativo “capital simbólico”, iniciados por Sarlo e Altamirano. Entretanto isso foi recuperado por meio de uma noção um pouco mais crítica, interpretando a figura de Sarmiento como realmente um ávido leitor dos referenciais da cultura européia, mas um mal leitor, alguém que interpretou e citou mal os escritos que lia. Segundo a literata argentina, o ato de Sarmiento de ler, traduzir, citar, tomar emprestado e algumas vezes plagiar foi um modo do autor, não somente deixar outras vozes falarem por ele, mas de

---

<sup>116</sup> SARLO, Beatriz. *Escritos sobre literatura argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

<sup>117</sup> ALTAMIRANO, Carlos y SARLO, Beatriz. *Ensayos Argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

demonstrar a interação intelectual com estas mesmas ideias. Indo mais além, a leitura compulsiva, muitas vezes mal interpretada e mal citada nos escritos sarmientinos, demonstra o paradoxo do intelectual culturalmente colonizado, mas que por sua condição marginal criava algo novo ao tentar adaptar essas ideias ao contexto argentino.

Outro ponto que Molloy refletiu sobre a relação do escritor com sua obra e a maneira dinâmica estabelecida entre um e outra é a recuperação do lugar da memória dentro da obra *Recuerdos de Provincia*. Esta obra, assim como *Facundo*, era tratada por Sarmiento como um certo estudo histórico das experiências e fatos vividos nos períodos pré e pós-revolução. Entretanto, a argumentação documental que o autor usou, se não nula, era verdadeiramente escassa. Em outras palavras, o documento que fundamentaria o relato seria a própria memória do autor. Nesse sentido, a memória de Sarmiento era por ela mesma um elemento textual, no qual a lembrança se daria por meio da referência a outros autores ou ideias, mas que eram na verdade novamente preenchidos pela fluidez e "criatividade" da memória autoral<sup>118</sup>.

Já no final da década de 1980 e início de 1990, as notas críticas de Ricardo Piglia ampliaram um pouco mais o mosaico da crítica histórico-literária em torno da figura e da obra de Sarmiento. Piglia deixou de lado a perspectiva autobiográfica trabalhada fundamentalmente nos anos 80 e focou sua análise sobre os escritos sarmientinos no campo da romance e da ficção. Para o crítico e escritor argentino, Sarmiento utilizou-se da autobiografia para falar de si num movimento quase que circular. Entretanto, para falar do outro, do "bárbaro", Sarmiento relatou o outro por meio da ficção. Essa ficção, por sua vez, era praticamente impossível, uma vez que a política teria invadido todos os campos, inclusive o campo supostamente autônomo da literatura. Nesse sentido, o auge da literatura Sarmientina, inclusive apontado por Viñas e Jitrik, deu-se justamente nesse momento de "impossibilidade" de realização da literatura, que eram justamente os anos durante e imediatamente após a queda de Rosas (1845-1852). Em outras palavras, a "boa" literatura sarmientina começou e terminou onde justamente iniciou-se a política.

A ficção presente na *novela* de Sarmiento foi utilizada como arma política no sentido de cruzar as fronteiras da civilização em direção à barbárie, de modo a explorar a figura do outro. Para Piglia, Sarmiento encontrava-se dentro da perspectiva ficcional de *Facundo* na fronteira entre os dois pólos que o autor insistiu em utilizar na construção de seu argumento, de modo que o intelectual movia-se

---

<sup>118</sup> MOLLOY, Silvia. "Sarmiento lector de sí mismo en *Recuerdos de Provincia*" in *Revista Iberoamericana*, número especial dedicado a Sarmiento, nº 143, abril-junio 1988.

tanto de um lado como de outro em sua dinâmica criativa. Importante notar que esse bárbaro, como exemplo síntese da barbárie, era muitas vezes construído através justamente do cabedal de conceitos e conhecimentos adquiridos por Sarmiento em suas leituras, uma vez que a figura do gaucho bárbaro, segundo Piglia, seguia os referenciais “orientalistas” da Europa do século XIX<sup>119</sup>.

Nessa leva de historiadores e críticos literários que se debruçaram sobre a obra de Sarmiento e estabeleceram algumas das grandes linhas interpretativas dentro da dinâmica existente entre o autor e sua obra, Julio Ramos contribuiu na ampliação dessa vereda ao pensar que a atuação literária de Sarmiento, principalmente em seu *Facundo*, seria a ideia de que o escritor argentino por meio da literatura exploraria os limites e as fronteiras dos fenômenos históricos e culturais de sua época. Isso significa que a escrita apresenta um valor político significativo, na medida em que é a linguagem empreendida pelo autor que depreendeu e encerrou em suas concepções civilizadas o "saber do outro", aquilo que os grandes referenciais europeus não conseguiram explicar, justamente por estarem apartados do contexto argentino. Em suma, para Ramos, escrever era uma ordenação, uma sistematização das qualidades confusas e do caos da barbárie, em que a figura do escritor desempenhava a função de um mediador com respeito ao saber do outro: um saber ambíguo e desordenado, apreendido sob os auspícios da civilização.

Traçando-se um panorama geral das diferentes visões e dos diferentes vieses que a crítica literária e o trabalho historiográfico percorreu ao longo do século XX, é possível perceber a multiplicidade de interpretações pelas quais a figura de Sarmiento, sua obra e a dinâmica que surge da interação dos dois tiveram a partir dos inúmeros estudos e ensaios produzidos. Desde uma figura canonizada pelo discurso liberal na virada do século XIX para o XX, passando pela perspectiva de um burguês conquistador que constantemente se auto-biografava, e chegando-se a um retorno sobre o texto em si e as operações linguísticas, bem como os temas elaborados em *Facundo*, *Viajes* e *Recuerdos de Provincia*, tudo demonstra a pluralidade de abordagens e as diferentes maneiras de se “adentrar” no texto sarmientino. Seja pelo viés político, seja pelo olhar literário ou mesmo pelo caráter ensaístico, autor e obra ainda se mostram profícuos na produção de novas leituras, significados e compreensões do contexto histórico e da literatura argentina do século XIX.

---

<sup>119</sup> Conferir: SAID, EDWARD. *Orientalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2007. Dentro dos estudos literários argentinos sobre o tema: ALTAMIRANO, Carlos y SARLO, Beatriz. *Ensayos Argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

\*\*\*

Pensar a figura pública de Sarmiento é uma maneira de perceber não somente o itinerário político percorrido pelo autor, mas também refletir sobre os elementos escolhidos na construção desse “personagem”, seja pelo próprio autor, seja pela crítica literária. Pensar sobre a biografia de Sarmiento é abrir a possibilidade de entendimento entre o cruzamento das problemáticas contextuais ao autor e sua ação sobre elas. Nesse sentido, o livro *Facundo* mostra-se como exemplo desse processo, pois ao mesmo tempo em que era uma “resposta” através de uma análise da história política da Confederação Argentina liderada por Rosas, a obra também era um ataque imediato ao representante do *rosismo* que se encontrava em visita diplomática à cidade de Santiago do Chile.

Analisar panoramicamente os principais formuladores e promotores do debate histórico-literário sobre a vida e, principalmente, à obra de Sarmiento é uma maneira de perceber as diferentes inserções que uma reflexão analítica pôde ser feita a partir dos escritos desse autor. Um entendimento sobre a crítica literária acerca das ideias sarmientinas permite avistar outros caminhos possíveis de abordagem do mesmo ou de outros problemas, além de conferir autoridade a determinadas perspectivas assumidas nesse processo de entendimento de um autor tão fragmentário, mas ao mesmo tempo coeso em seu ofício como “intelectual”

Vida, obra e crítica histórico-literária configuram-se, portanto, como ferramentas cognitivas para se entender a dinâmica reverberante entre o contexto produzindo a obra e suas linguagens, como as linguagens encerradas nas obras sarmientinas produzirem o entendimento do contexto por parte do autor.

---

#### 4. O “TRABALHO DE TEXTO”

A noção de “trabalho do texto”<sup>120</sup>, de acordo com Elias Palti, insere-se na concepção de uma dupla operação feita sobre o texto e a partir do texto. Não basta entender somente o que disse um determinado autor, senão como foi possível para este mesmo autor dizer o que disse. Ademais disso, pensar o que estava fazendo esse autor, material e representativamente, ao perpetrar o que enunciou. Restabelecer uma dimensão de performance que a linguagem apresenta ao ser usada de forma pública, por exemplo. Isto supõe uma redefinição fundamental a respeito do objeto de estudo aqui proposto em sua relação entre texto e contexto, uma vez que um influencia ou solapa o outro. Em outras palavras, as ideias que formaram as obras sarmientinas não se deram na medida de uma relação direta entre texto e contexto, mas antes estariam relacionadas por meio da incontingência, por exemplo.

Nesse sentido, privilegiou-se primeiramente a crítica e a análise das obras de Sarmiento de modo a estabelecer as problemáticas que envolveram o surgimento de seus escritos e a dinâmica entre o autor e outros personagens, como os intelectuais argentinos, que fizeram com que a figura intelectual de Sarmiento despontasse em meio aos embates e críticas políticas. Ademais, elaborou-se um breve estudo sobre a recepção da principal obra de Sarmiento, *Facundo*, dentro do círculo intelectual argentino de modo a mapear as críticas e debates que foram surgindo à medida que a obra ia sendo produzida na forma de folhetim no periódico chileno *El Progreso*. A seguir, “centrou-se fogo” na análise de *Viajes e Argirópolis*, com o objetivo de seguir o *itinerário político-intelectual*<sup>121</sup> do autor de modo a perceber um deslocamento em algumas de suas concepções como elementos estruturantes de seu pensamento político e o “diálogo” com o governo Rosas.

Nesse ponto, torna-se evidente a luta de oposição ao conceito de *americanismo* elaborado pelo discurso rosista – e de certo modo assimilado pela opinião internacional, como no caso da França<sup>122</sup>, em que o autor realizou um processo de “denúncia” do que era o modelo político desenvolvido por Rosas, de modo a encetar suas críticas e opiniões sobre o que devia compreender esse “sistema

---

<sup>120</sup> PALTÍ, Elias. *El momento romántico: Nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Eudeba, 2008. p. 16.

<sup>121</sup> SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais” in REMOND, René. *Por uma história política*. São Paulo: Editora FGV, 1996.

<sup>122</sup> SARMIENTO, D.F. “Carta de Paris”. *Viajes*. Buenos Aires: ALLCA XX/Scipione Cultural, 1997. Nessa passagem em particular, Sarmiento em reunião com o líder da oposição na assembléia francesa Thiers desenvolve um diálogo no sentido de debelar algumas interpretações a respeito do que era o “sistema americano” desenvolvido por Rosas, de modo a tentar viabilizar suas críticas e pontos de vista sobre o que era e o que deveria ser um “sistema americano” de governo e Estado.

americano” e quais os princípios políticos, sociais e econômicos que este seguia. Em suma, as experiências ocorridas tanto na Europa como em sua rápida viagem pelos EUA serão de fundamental importância tanto na crítica quanto na reestruturação desse conceito que julgamos em disputa, dentro desse processo de organização do Estado argentino.

#### **4.1. Facundo e o labirinto de significados.**

Um estudo que se proponha a estudar as reflexões de Sarmiento sobre as problemáticas de seu contexto histórico passa inevitavelmente por sua obra mais conhecida: *Facundo ou civilização e barbárie*<sup>123</sup>. Uma obra seminal e de características bem próprias de um tipo de literatura desenvolvida há época, ultrapassando algumas estruturas de definições precisas sobre seu gênero e estrutura. Ora biografia, ora análise "antropológica", algumas vezes reflexão descritiva de costumes e cultura popular, outras uma tentativa de história política da Confederação Argentina, *Facundo* apresenta temas que foram adotados como chaves explicativas não só para a Argentina e sua estrutura socio-política, mas também utilizado como alavanca de reflexão sobre a hispano América e seus aparentes paradoxos. Exemplo disso é a temática dicotômica e dialógica entre os conceitos de civilização e barbárie, os quais Sarmiento utilizou para criar uma ordem que explicasse as vicissitudes políticas e sociais de seu tempo.

Sua obra mais conhecida compreende, portanto, uma complexa reflexão histórica, política e sociológica sobre a sociedade argentina da primeira metade do século XIX. Isso significa que Sarmiento em sua atividade intelectual pretendia entender quais eram as forças atuantes nesse processo de conflito “generalizado entre civilização e barbárie” e que permitiram a ascensão do “legislador bárbaro” ao poder, no caso Rosas e a estrutura de mando do Partido Federal no interior do país. Entretanto, para se chegar a esse fim, Sarmiento analisou primeiro a força primitiva desse barbarismo,

---

<sup>123</sup> Devido à existência de um “mar” de edições de *Facundo*, optamos por trabalhar com três edições críticas dessa obra de Sarmiento. Uma em espanhol organizada e com estudo introdutório de Carlos Altamirano: SARMIENTO, D.F. *Facundo*. Buenos Aires: Eudeba, 2011. E duas versões em português da obra. A versão mais comumente citada em português, editada pela Editora Vozes, com prólogo da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Lígia C. Prado: SARMIENTO, D.F. *Facundo: Civilização e Barbárie*. São Paulo: Ed. Vozes, 1996. E uma nova edição brasileira da obra, organizada pela Editora Cosacnaify, traduzida diretamente do castelhano por Sérgio Alcides e com um estudo introdutório do crítico-literário argentino Ricardo Piglia: SARMIENTO, D.F. *Facundo ou civilização e barbárie*. São Paulo: Ed. Editora Cosacnaify, 2010. Por razões de convenção, as citações e trechos mencionados foram retirados desta última edição.

presente em outro caudilho: Facundo Quiroga, já que Rosas, segundo a lógica do autor, seria a “barbárie feita em sistema”, aperfeiçoada e influenciada pela culta Buenos Aires<sup>124</sup>.

Originalmente publicado em formato de folhetim, *Facundo* logo ganhou uma edição impressa no formato de um livro. A organização dos capítulos que compõem o livro sofreu uma contínua mudança, segundo as intenções e objetivo de Sarmiento ao editá-lo em determinada época e região. Isso significa que alguns capítulos ora serão suprimidos, ora agregados para atender certas intenções políticas que o autor buscava estabelecer com seus leitores. Entretanto, a partir da década de 1870, o livro ganhou a forma que se apresenta até o momento, sendo composto por 15 capítulos, os quais poderiam ser divididos esquematicamente em quatro grandes blocos, segundo Noé Jitrik<sup>125</sup>.

Uma primeira parte em que, muito influenciado pelos modelos de literatura de viagens, tal como os escritos de Humboldt e Francis Bold Head, há uma descrição do cenário geográfico e a constituição física do que era o território da Confederação Argentina até aquele momento. Nesse seção chamam a atenção os capítulos "Originalidade e caracteres argentinos" e "Associação - *pulpería*", no qual Sarmiento desenvolveu uma descrição dos "tipos" sociais que compunham o interior da Argentina, os costumes e as maneiras que permitiram o surgimento de uma lógica autoritária de poder, o que fundamentaria o caudilhismo e por conseguinte a própria barbárie, a partir da interpretação de Sarmiento.

A segunda parte, a qual se comporia de três capítulos: "A vida de Juan Facundo Quiroga", "La Rioja" e "Sociabilidade (1825)", versa propriamente sobre a vida do caudilho Facundo Quiroga e sua atuação político-militar dentro de sua "zona de influência" na região de La Rioja e província vizinhas. Nessa parte desenvolveu-se, dentre muitas interpretações possíveis, uma argumentação no sentido de transformar Facundo Quiroga numa espécie de anti-herói gauchesco, em que se condensariam todas as características que exemplificassem e explicassem a constituição e a manifestação da "barbárie". É interessante notar que nesses capítulos Sarmiento utilizou-se de uma linguagem que versava a "crônica", tendendo mais para o campo literário da livre-criação que para a assertividade histórica.

---

<sup>124</sup> PALTÍ, Elias. “Rosas como enigma: La genesis de la fórmula ‘Civilización y Barbarie’”. in BATTICUOERE, Graciela; KLAUS, Gallo; MYERS, Jorge. *Resonancias románticas: ensayos sobre historia de la cultura (1820-1890)*. Buenos Aires: Eudeba, 2005. p. 84: “La fórmula que Sarmiento originalmente concibió como un dispositivo categorial para fundamentar por qué la lucha, una vez planteada en los términos de un enfrentamiento entre civilización y barbárie, sólo podía conducir al triunfo de la primera de ambas, tendría así que contorsionarse para terminar, paradójicamente, sirviendo de marco para pensar precisamente aquello que tal fórmula excluía conceptualmente como posibilidad: la derrota de la civilización en manos de la barbárie. Éste es, en definitiva, el dilema que indica Rosas como figura histórica y del que nacerá *Facundo*”.

<sup>125</sup> JITRIK, Noé. *Muerte y resurrección de Facundo*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983.

De acordo com esse esquema, a terceira parte, que comporta mais da metade da obra, a escrita sarmientina assume um caráter mais "historiográfico" ao se propor a recuperação dos fatos e acontecimentos entre as lutas no processo de independência e a guerra civil surgida após a impossibilidade de criação de uma ordem e instituições políticas aceitas legitimamente pelos líderes locais, caudilhos, elites e povo. Não por acaso, quatro capítulos dessa seção levam o nome de "Guerra Social". O que é interessante notar na argumentação sarmientina a respeito desses capítulos é o fato dele assumir uma perspectiva de que a civilização, quase que exclusivamente concentrada no baluarte utópico da cidade, foi invadida pela barbárie dentro do contexto e cenário estabelecido após os acontecimentos de 1810.

Por fim, a última parte assume um caráter ensaístico no qual o autor desenvolveu uma interpretação interessante sobre uma "história do futuro", ao refletir sobre a dinâmica do governo Rosas e sua atuação política dentro da província de Buenos Aires e diante da Confederação Argentina. No capítulo "Governo unitário", por exemplo, Sarmiento descarregou sua ironia ao desenvolver o argumento de que a atuação "bárbara" de Rosas, ao eliminar todos os inimigos e promover um consenso político generalizado, angariado pela força e pelo autoritarismo, conseguiria unir a Argentina em um único governo, demonstrando um paradoxo em relação à atuação da civilização e da barbárie, uma vez que o país estaria "unificado" sob os auspícios da barbárie e não da civilização tal como se esperava. No último capítulo: "Presente e porvir", Sarmiento, em um exercício quase teleológico de reflexão historicista, desenvolveu o argumento de que a atuação autoritária e bárbara de Rosas, apesar da "unificação" e "pacificação" promovida por sua força, geraria um movimento "natural" de oposição ao caudilho bonaerense, uma vez que sua atuação política passava a ser desnecessária.

O que vale a pena notar é que Sarmiento dedicou apenas dois capítulos para atacar de forma contundente a figura política de Rosas. São nesses dois capítulos que o autor desenvolveu sua percepção a contra o "sistema americano" e a noção de *americanismo* desenvolvido pelo discurso rosista.

Ao longo do livro, é possível traçar inúmeros temas centrais dentro da obra, os quais ganham significação ao se relacioná-los com a noção de linguagens políticas, uma vez que a partir de ideias centrais, como o binário civilização-barbárie, pode-se perceber o trabalho que o autor realizou sobre a linguagem na construção de seus argumentos e interpretações. Os temas possíveis de serem elencados como estruturadores da obra caminham ao longo da própria noção de civilização-barbárie assumidas e interpretadas pelo autor. No âmbito do espaço físico a contraposição entre o campo (pampa), como o

espaço vazio preenchido pela barbárie, e a cidade, como baluarte da civilização no meio do "deserto" e do caos, ambos foram elementos recorrentes dentro da simbologia trabalhada pelo autor. Fora isso, pode-se citar também outros paralelismos que foram trabalhados pelo autor como América/Espanha (como porção da barbárie) e Europa/França, como *locus* da civilização; catolicismo/tradição em contra posição a um liberalismo sem muita definição conceitual. Além disso, o autor trabalha também com uma certa “cultura material” que designava um dos lados dessa relação conflituosa como o frac, a levita e a cartola representavam a civilização, e o poncho e o *chiripá* como símbolos claros do traje bárbaro. E por fim, as figuras públicas de Facundo/Rosas em oposição à representação de Sarmiento como escritor que desempenhava um poder por meio da força nominativa que a escrita literária lhe permitia. Em suma, são muitos os temas que aparecem na obra e que são passíveis de análise dentro da lógica de linguagem construída pelo autor.

Ainda assim, antes de se aprofundar as reflexões em torno das temas aventadas pelo texto de *Facundo* e as reflexões que as linguagens políticas utilizadas por Sarmiento, é fundamental estabelecer-se um breve entendimento sobre o surgimento da obra e as contingências que cercaram sua escrita.

#### **4.1.1. Facundo e suas primeiras recepções**

Desde seu surgimento em 1845 na forma de folhetim, a obra *Facundo: civilización y barbárie* é cercada de polêmicas e contrariedades entre aqueles que se propõem a acompanhar o roteiro explicativo elaborado por Sarmiento para entender o contexto político e social da Confederação Argentina após os movimentos de independência de 1810 e o conflituoso processo surgido dentro do cenário político que abarcava todas as províncias envolvidas na construção da futura nação argentina. No âmbito intelectual, os escritos de Sarmiento encararam o desafio de fornecer algumas chaves explicativas desse processo histórico e ao mesmo tempo contradizer alguns tópicos do discurso político que começavam a se estruturar com a consolidação do partido Federalista sob o comando de Rosas. A forma encontrada foi a prática do periodismo no Chile e a criação de um espaço de veiculação de suas ideias políticas, que teve como uma de suas conseqüências a publicação do livro que tornaria Sarmiento conhecido entre seus pares e posteriormente como um dos principais intelectuais opositores à Rosas, e concomitantemente um dos fundadores da literatura nacional.

Tende-se a ver esta obra como um todo e já sob um olhar “canonizado” pela crítica literária, de forma que algumas interpretações tendem a ver o autor e sua produção como um todo auto-consciente

do processo de criação e significação dos escritos. Esquece-se, portanto, que a obra inicialmente escrita de forma periódica, número após número em um jornal, cria uma espécie de tensão entre legitimação e questionamento em torno das ideias ali presentes. Há, portanto, que se perceber a obra de Sarmiento como um nó em uma rede de significados e produções político-culturais de uma época, o que permite pensar as fragmentações da obra e sua estrutura cognitiva, e não simplesmente pensá-la em seu formato fixo e “reificado” na forma de um livro consolidado dentro dos referenciais culturais da Argentina<sup>126</sup>.

Nesse sentido pensar a obra *Facundo* inicialmente como folhetim é uma forma de perceber um diálogo contínuo, flexível e dinâmico entre o escritor e o público que era alvo e que possivelmente debatia suas ideias, podendo-se perceber o que Pocock chama de lances e inovações nas linguagens políticas, bem como a percepção de um certo “horizonte de expectativa”<sup>127</sup> que ora se amplia ora se reduz de acordo com o envolvimento político do autor com diferentes setores da sociedade argentina e chilena.

Isso significa que, ao se mapear algumas das polêmicas que surgiram entre Sarmiento e outros intelectuais que assimilaram ou criticaram as reflexões presentes em *Facundo*, é possível estabelecer o surgimento de conceitos e posições que na obra em si não ficam de todo claro. Exemplo disso são as críticas de Valentin Alsina e Juan Bautista Alberdi ao *Facundo* de Sarmiento, e a maneira como os argumentos utilizados pelo autor são rebatidos ou refutados.

Para se entender um pouco mais a fundo essa problemática, é preciso recorrer à trajetória pessoal do autor em seu exílio político no Chile para perceber o entrelaçamento da produção da obra e o envolvimento do autor com a prática periodística no Chile.

Segundo Diana Sorensen<sup>128</sup>, quando *Facundo* foi publicado capítulo por capítulo na forma de um folhetim há sempre uma dinâmica de oposição, contestação ou mesmo “ridicularização” dos escritos de Sarmiento, feita por outros jornais existentes em Santiago ou Valparaíso. Durante seu segundo exílio no Chile, Sarmiento estabeleceu boas relações com Manuel Montt, o que lhe proporcionou um espaço de atuação no jornal *El Progreso*, periódico no qual saiu publicado a seqüência de capítulos de *Facundo*. Isso significa que Sarmiento ao se estabelecer nas cidade de

---

<sup>126</sup> GARRELS, E. “El *Facundo* como folletín”. In Revista Iberoamericana. University of Pittsburgh, 1988.

<sup>127</sup> KOSELLECK, R. “História dos conceitos e história social” in *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio, 2006.

<sup>128</sup> SORENSEN, D. “Las guerras de persuasión. Conflicto, interpretación y poder en los primeros años de la recepción de *Facundo*” in *El Facundo y la construcción de la cultura argentina*. Buenos Aires, Beatriz Viterbo Editora, 1998.

Valparaíso e Santiago desenvolveu uma atividade periodística que o fez por conseguinte envolver-se com os conflitos políticos chilenos, angariando inimigos e opositores a suas ideias, devido a sua profissão como escritor de um jornal que defendia os posicionamentos e interesses conservadores. Isso quer dizer que Sarmiento ao escrever *Facundo* de forma seriada sofreu constantes ataques de outros jornais chilenos, como *El Siglo*, cujo objetivo era descaracterizar e desmoralizar a prática periodista do autor, bem como as ideias envolvidas em suas reflexões políticas.

Nesse sentido, foi fundamental para se acompanhar o “itinerário político-intelectual” do autor e sua obra a leitura de muitas das correspondências de Sarmiento<sup>129</sup>, bem como a compreensão da crítica de outros autores como Alberdi em suas *Cartas Quillotanas*, as quais fazem referência ao período em que Sarmiento era periodista em Santiago e Valparaíso, publicadas somente em 1852. Esse conjunto documental constitui-se de escritos que são antes de tudo uma troca de ideias entre os intelectuais emigrados argentinos que viviam no Chile, cuja participação de Sarmiento mostrou-se fundamental.

Recorrer a esse tipo de reflexão ao se debruçar sobre o epistolário de Sarmiento durante sua estada em terras chilenas é tomar consciência do grau que a obra *Facundo* foi manipulada como ferramenta de fundamentação de autoridade e poder por parte do autor. Nesse sentido, é curioso perceber o cuidado de Sarmiento com a divulgação de suas ideias exploradas em *Facundo*, de modo que o intelectual argentino estava convencido de que sua possibilidade em participar da esfera pública encontrava-se em estreita relação com a ampliação do público leitor de seus artigos e escritos. Em suma, há uma percepção clara e pragmática entre o ato da escrita e a ação política que consolidou o intelectual e o polemista<sup>130</sup>.

Em uma carta resposta ao general Urquiza durante a “campanha do Exército Grande” que culminou com a batalha de Caseros em 1852, falando sobre sua atuação como periodista que conseguiria por meio de suas ideias desarticular o fenômeno político do rosismo, Sarmiento evidencia uma postura que o autor já tomava cinco anos atrás, no momento em que produzia e editava seu *Facundo* na forma de folhetim:

*Es muy natural que creer que yo me exagere a mis propios ojos la influencia de la prensa, es decir, de la palabra (...) Pero la prensa de Chile he sido yo durante muchos años, y en estos últimos no se ha ocupado de otra cosa que de predisponer la*

---

<sup>129</sup> SEGRETTI, Carlos. *La correspondencia de Sarmiento*. Poder ejecutivo de la Provincia de Córdoba, 1988.

<sup>130</sup> Não por acaso Sarmiento no prólogo da segunda edição de *Facundo* escreve: “Civilización y barbárie quedará empastada en la entrante semana, rica edición corregida, aumentada, afiladas las uñas”; é notório o caráter quase bélico e ativo do autor que se fundamenta na autoridade do livro como fundamentação de si. *apud* SORENSEN, Diana. op. cit. p. 38.

*opinión pública en favor del señor general [Urquiza] y de la digna empresa iba a acometer (...) Las armas que combaten a Rosas son invencibles; pero también es cierto que la opinión lo ha abandonado, y alguna parte, por pequeña que sea, debe concedérsele a los que han tenido el coraje de combatir su poder diez años*<sup>131</sup>.

Nesse trecho, Sarmiento evidenciou a força do discurso como elemento fundador de uma possível nova ordem política em que ele como intelectual encontrava-se no centro dessa disputa política por definições de projetos e conceitos por serem implementados. Toda essa dinâmica iniciou-se no exílio, cuja formação de uma comunidade intelectual foi fundamental na estruturação do autor. Em outras palavras, a experiência do exílio criou uma espécie de comunidade de proscritos que atuaram na imprensa desses países que os acolheram e que, por sua vez, acabaram criando uma rede de intelectuais que pensaram nas problemáticas comuns que afligiam a região do ex-Vice Reinado do Prata e a própria Confederação Argentina. No caso de Sarmiento, houve uma contribuição expressiva para jornais como *El Mercurio* de Valparaíso e *El Progreso* em Santiago que acabavam formando uma rede de leitores argentinos que compartilhavam posicionamentos, interpretações e críticas. Desse modo, a obra *Facundo* foi também um diálogo de oposição ao rosismo como um discurso de afirmação diante do círculo intelectual que consumia os jornais nos quais os exilados escreviam.

A partir desse dado, é possível estabelecer uma relação entre Sarmiento e o público leitor que o cercava no momento da publicação dos folhetins. Além disso, pode-se “rastrear” a maneira como a obra foi recebida e como a própria figura de Sarmiento era vista e entendida durante a década de 1840. O que se tem nesse momento é o estabelecimento de Sarmiento como um autor ante os pares intelectuais de sua época<sup>132</sup>.

A primeira participação de Sarmiento em um jornal chileno deu-se no *El Mercurio* de Valparaíso. Logo após escrever um artigo elogioso sobre a batalha de Chacabuco, Sarmiento conseguiu um espaço na redação desse mesmo periódico. Nesse período, o autor conseguiu uma centralidade dentro do jornal devido às inúmeras controvérsias que foram mantidas tanto com outros intelectuais argentinos emigrados como com periodistas chilenos. Uma vez inserido nesse meio, Sarmiento foi arrastado pelas lutas políticas, estabelecidas entre o partido conservador (pelucones) e liberal (pipiolos), cuja relevância deu-se no âmbito da imprensa. Tal envolvimento nos conflitos políticos

---

<sup>131</sup> SEGRETTI, C. *La correspondencia de Sarmiento*. op. cit. p. 183.

<sup>132</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* 4º ed. Alpiarça: Vega, 2000. p. 140: “O nome do autor indica o status do discurso dentro de uma sociedade e cultura”.

chileno ficou mais evidente quando Sarmiento assumiu uma posição favorável ao partido conservador, fundamentalmente pela influência de Manuel Montt, cuja propriedade do periódico *El Progreso* permitiu o desenlace da atividade periodística de Sarmiento em Santiago, o que aprofundaria ainda mais o círculo de polêmicas que envolveria o autor<sup>133</sup>. Em carta a um amigo, Pepe Posse, datada de janeiro de 1845, o escritor argentino deixa transparecer o clima do contexto em que escrevia os fascículos de *Facundo*:

*Los de El Siglo se abandonaron a todo el furor que es costumbre entre todos estos canallas, cuando les aprieto los callos. Dijéronme ‘caballo cuyano’, cobarde y qué sé yo. Instigado por López [Vicente Fidel], me dirigí a la imprenta de El Siglo, requerí al ofensor; no me daban una explicación, escupíle la cara, y él entre si se le pasaba el susto, si hacia algo por lavarse la afrenta, trató de agarrarme, alcanzó a los cabellos, me desasí de él y lo eché en hora mala. Yo me aguardaba algo serio, algo de caballos; media hora después empero estaba lleno Santiago, ¡bailaban de gusto! de qué sé yo qué cuentos, inventados a placer, me habían molido a patadas, sacádome los ojos, quince días después la república entera estaba llena, de que me habían destripado, etc. Brindaban en Aconcagua, predicaban los curas, etc<sup>134</sup>.*

É válido também ressaltar o fato de o início da atividade de Sarmiento em *El Progreso* foi concomitante ao conjunto de escritos políticos que tinham por objetivo criticar o enviado diplomático de Rosas ao Chile: Baldomero García bem como criticar a imprensa e o partido liberal que estavam envolvidos nas eleições presidenciais de 1846. Isso significa que *Facundo* saiu num contexto de pressão e necessidade imediata de oposição política, em que as primeiras leituras feitas da obra passaram justamente por esse “filtro” de embates políticos<sup>135</sup>. Sendo assim, *Facundo* saiu em um contexto de agitação entre os exilados argentinos e com um duplo objetivo bem claro: criticar a presença de Baldomero García em solo chileno e ao mesmo tempo fazer frente às críticas que Sarmiento vinha sofrendo do jornal liberal *El Siglo*. Segundo o periódico liberal, Sarmiento estaria sofrendo certa censura de Montt para que não escrevesse críticas contundentes que possivelmente atrapalhariam as relações bilaterais entre os dois países, o que deixaria implícito uma certa censura

---

<sup>133</sup> SORENSEN, D. op. cit. p. 41

<sup>134</sup> SEGRETTI, C. op. cit. p. 50.

<sup>135</sup> SORENSEN, D. op.cit. p. 50: “Este hecho [a visita de Baldomero] generó un rico despliegue de artículos periodísticos que iban desde la discusión centrada en el propósito del viaje hasta el animado elogio de los atributos heroicos de un exilado argentino por lo demás oscuro, un cierto Bedoya, que tuvo que hacer frente a un proceso como resultado de haber roto una etiqueta que decía ‘Mueran los salvajes, asquerosos, inmundos unitarios!’”, portada por uno de los criados de García. *La presencia de García galvanizó algunos de los conflictos latentes tanto en las luchas políticas internas chilenas como en la actividad de los exilados argentinos*”.

sobre a atividade de Sarmiento. A resposta a tal ataque veio com a saída de um anúncio da publicação de uma obra serial com o título de “Vida de Quiroga”, em 1 de maio de 1845. Uma primeira parte daquilo que compôs a obra *Facundo*. No anúncio da publicação serializada, Sarmiento evidencia as intenções e o cenário que o cerca:

*Intereses mezquinos y de circunstancias, rencillas de periodistas, y propósitos de partido, tienden a sublevar pasiones y celos que con el desígnio manifiesto de comprometer a un individuo ante la opinión pública no van a nada menos que levantar en Chile ecos del bárbaro sistema de Rosas*<sup>136</sup>.

A publicação da série de folhetins que daria vida à obra foi criada com o intuito de mobilizar a opinião pública chilena e do grupo de exilados argentino em um momento particularmente crítico, de modo que a escrita daria ordem a um caos que seria interpretado pelo autor. Os títulos dos fascículos são sintomáticos dessa designação e convencimento que a escrita como arma política apresenta na obra de Sarmiento: “Interés de Chile en la Cuestión del Plata”; “La causa de Bedoya”, “Lo que a Rosas debe la América del Sur”. Entretanto, os objetivos de convencimento e esclarecimentos sobre o fenômeno político existente na Confederação Argentina e a recepção das ideias de Sarmiento são objeto de contínua crítica pelos leitores de sua época, de modo que os escritos estão emersos em um cenário de discussão e de contínua crítica às ideias e argumentos interpretativos elaborados por Sarmiento.

Isso significa que a cada vez que um capítulo em forma de folhetim era lançado, uma contestação das ideias e interpretações era publicada por outros escritores ou polemistas em algum jornal de oposição tal como *El Siglo*. Exemplo disso é a publicação do dia 20 de maio de 1845 e o que ela deixa transparecer: “El *Facundo* es una obra la más fecunda de desatinos en plágios y en mentiras”. Esta oposição, em que a tentativa de estabelecer um caráter “ridículo” à obra de Sarmiento, chega ao ponto do jornal *Diario de Santiago* publicar uma paródia de *Facundo* em que o biografado era o próprio Sarmiento, sendo caracterizado como um aventureiro e inclusive assassino de membros do Partido Federal em San Juan, sua província natal. Em suma, o cenário de recepção e leitura da obra de Sarmiento era marcado por uma “guerra de penas”, em que o texto era inserido numa dinâmica de crítica, respostas e questionamentos impostas ao autor e suas interpretações.

Uma vez transformado em livro, *Facundo* ganhou um outro status de modo que houve uma ampliação do público o qual Sarmiento pretendia alcançar. O livro ganhou então uma abrangência

---

<sup>136</sup> SARMIENTO, D.F. *Obras*, vol. VI, p. 160. apud in SORENSEN, D. op. cit. p. 51

diferente daquela circunscrita ao meio periodístico de Santiago. É nesse momento que Sarmiento, já como polemista dentro do cenário jornalístico chileno, ganhou visibilidade entre outros autores e o inseriu no círculo de cidadãos que têm sua atuação política vinculada à prática da escrita e da polêmica.

A intenção de Sarmiento com a compilação dos folhetins e a publicação em formato de livro foi a busca por um público maior com o qual pudesse estabelecer um diálogo crítico. Assim, o livro foi submetido a um processo de circulação e distribuição no qual foram surgindo inúmeras elogios, críticas e contestações de “leitores privilegiados” a quem Sarmiento envia seu livro, o que estabeleceu uma confusa dinâmica de apreciação e crítica às ideias presentes em *Facundo*. Isso quer dizer que o resultado desse novo processo de circulação e assimilação da obra, em que houve a fundamentação de Sarmiento como intelectual e escritor político, foi uma mescla de fatos concretos e criados com relação à leitura e crítica do texto. Houve aqui um primeiro deslocamento entre o texto em si, a leitura que foi feita dele e as apropriações de suas ideias por parte de outros autores.

Isso fica claro quando Juan María Gutiérrez, também membro fundador do Salón Literário juntamente com Marcos Sastr em 1837, escreveu uma resenha, ainda que anônima, elogiando o livro de Sarmiento, em que avaliou positivamente a maneira como o autor conseguia compreender as causas subjacentes à turbulência política na Argentina. Entretanto, Sarmiento expressou sua desconfiança em uma carta a Gutiérrez em que disse aceitar a resenha elogiosa, mas que desconfiava do texto elogioso, devido à prática comum que muitos jornalistas tinham de elogiar livros os quais não tinham lido mas que eram “obrigados” a escrever uma crítica elogiosa:

*Escribió usted [Gutiérrez] su salutación editorial en El Mercurio y se la agradezco. Si no fuera periodista yo hubiera creído que la chanza era pesada; pero como soy del metier, comprendí que hacía usted con el Facundo lo que yo he hecho tantas veces con otras cosas peores. No vaya usted a tener la falta de gusto en entrar en explicaciones sobre ese punto*<sup>137</sup>.

Sarmiento não estava de todo enganado ao afirmar isso, pois em carta a Juan Bautista Alberdi, Gutierrez deixou transparecer suas contrariedades em relação ao livro de Sarmiento, que passou a estabelecer uma nova interpretação e crítica ao cenário político argentino, em que a ideia de criação e imaginação dos fatos, versões e argumentos foi um ponto que fundamentava a obra, mas que abria uma suspeita sobre os próprios dizeres, ideias e argumentos estabelecidos por Sarmiento. Sendo assim,

---

<sup>137</sup> SEGRETTI, C. op. cit. p. 85.

Gutiérrez foi um exemplo síntese do que outros tantos intelectuais da Geração de 1837 fizeram com a obra de Sarmiento: elogiaram com resenhas ou comentários, mas devassavam em críticas em cartas particulares à obra do autor.

(...) *todo hombre sensato verá en él [Facundo] una caricatura. (...) Es este libro como las pinturas que de nuestra sociedad hacen a veces los viajeros por decir cosas raras: el matadero, la mulata en intimidad con la niña, el cigarro en boca de la señora mayor (...) La República Argentina no es una charca de sangre: la civilización nuestra no es el progreso de las escuelas primarias de San Juan*<sup>138</sup>.

Pode-se inferir que as primeiras leituras de *Facundo* caracterizam-se por uma espécie de “instabilidade interpretativa”, havendo um conflito na recepção da obra em que um mesmo leitor ao debruçar-se sobre esta e lê-la de maneiras diferentes de acordo com o contexto e circunstâncias em que a obra era lida. Isso significa que as interpretações contemporâneas dos escritos diferiram se estas estivessem expressas no espaço público de um jornal ou no âmbito privado de uma carta.

Ademais de Gutiérrez, quem julgou de forma mais cabal o livro de Sarmiento após seus primeiros passos uma vez publicada foi Valentin Alsina, a partir de suas “cinquenta e uma notas” que tentavam corrigir os “erros” que Sarmiento teria cometido ao produzir sua interpretação do contexto político vigente na Argentina de então. Nesse sentido, as críticas de Alsina foram fundamentais na leitura de muitos críticos, pois estabeleceram para a obra um certo parâmetro histórico, ao qual Sarmiento não teria seguido de maneira assertiva e correta, uma vez que deixou transparecer na construção argumentativa do texto um tom mais voltado para a “ficção” e a narrativa de cunho literário do que para a história em si. Foi nessa brecha entre a literatura e a interpretação histórica que *Facundo* nutriu e gerou toda uma problemática a partir da maneira como a obra poderia ser lida e interpretada, seja como narrativa ficcional seja como interpretação política da histórica contemporânea da Confederação Argentina<sup>139</sup> entre 1810 e 1845. Em uma carta a Sarmiento, Alsina sintetizou bem essa problemática dentro da obra sarmientina:

---

<sup>138</sup> Carta de Gutierrez a Alberdi em 6 de agosto de 1845 in *Atlantida X*, 1939, p. 161. *apud* SORENSEN, D. op. cit. p. 60

<sup>139</sup> Críticos literários como Noé Jitrik e Ricardo Piglia argumentam no sentido de que *Facundo* seria uma literatura possível dentro de um espaço de produção literária de impossibilidades. Em outras palavras, a ação de Sarmiento e sua obra seriam tão multi facetadas, não apenas pela inexistência de uma dada tradição literária ou de cânones constituídos, mas antes seria a contínua construção de significados que se dariam por vadiados e diferentes meios que a escrita se manifestaria; daí a imprecisão do gênero literário adotado por Sarmiento, uma vez que estes também sofrem uma contínua transformação na medida em que vão sendo trabalhados pelo literato em seu ofício de apreensão da realidade por meio da palavra escrita. Conferir JITRIK, Noé. *Muerte y resurrección de Facundo*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983 e PIGLIA, Ricardo. “Prólogo” in SARMIENTO, D.F. *Facundo ou civilização ou barbárie*. São Paulo: Ed. Cosacnaify, 2010.

*Ud. [Sarmiento] no se propone a escribir un romance, ni una epopeya, sino una verdadera historia social, política y hasta militar a veces, de un período interesantísimo de la época contemporánea. Siendo así, forzoso es no separarse un ápice (...) de la exactitud y rigidez histórica*<sup>140</sup>.

As críticas de Valentin Alsina ao *Facundo* são sintomáticas desse processo de “cruce de fronteras” que existe na escrita de Sarmiento, pois segundo o político e intelectual argentino este se proporia a escrever um livro que versasse sobre a história, mas em sua composição abunda um tom ficcional que se vincularia mais estreitamente à literatura.

*Le diré que en su libro, que tantas y tan admirables cosas tiene, me parece entrever un defecto general – el de la exageración: creo que tiene mucha poesía, si no en las ideas, al menos en los modos de locución. Ud. No se propone escribir un romance, ni una epopeya, sino una verdadera historia social*<sup>141</sup>

Isso abre um campo vasto para se refletir as problemáticas teóricas e metodológicas que surgem ao se trabalhar com um documento histórico dessa natureza. As ideias políticas de Sarmiento foram retiradas a partir de um conjunto de símbolos e conceitos que o autor articulou na composição do livro que são próprios da literatura<sup>142</sup>. Entretanto, estes têm uma vinculação direta com a realidade histórica a partir do momento em que o autor estabeleceu, ainda que não diretamente, um diálogo de oposição ao fenômeno político que surgiu em Buenos Aires sob a liderança de Juan Manuel de Rosas. Nesse sentido, a narrativa dos eventos e a maneira como Sarmiento depreendeu e interpretou o fenômeno político-histórico demonstra a força da atuação política da literatura em sua época contemporânea, a qual se deu pela instrumentalização da narrativa histórico-literária.

#### **4.1.2. A narrativa como apreensão e limitação da barbárie**

Traçando um rápido panorama estrutural da obra *Facundo: civilización y barbárie*, esta está composta basicamente por quatro partes. 1) em que o autor faz uma análise do meio físico e social da Argentina de sua época, estabelecendo, por exemplo, os tipos sociais e as persistências culturais hispânicas na sociedade rioplatense. 2) em que se trata dos conflitos encabeçados pela personagem que dá nome ao livro, exemplificando o embate entre a civilização e a barbárie denominado por Sarmiento

---

<sup>140</sup> SARMIENTO, D. F. *Facundo*. Edición Crítica y documentada de Alberto Palcos, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 1938, p. 364.

<sup>141</sup> ALSINA, Valetin. “Notas” (sobre el *Facundo*), apéndice a la edición de la Biblioteca Ayacucho (Caracas, 1973), p. 255.

<sup>142</sup> SAZBÓN, José. *História y Representación*. Quilmes, Ed. Universidad de Quilmes, 2002.

como “Guerra Social”. 3) no qual o autor desenvolveu sua interpretação histórica, narrando os fatos históricos aos quais denominou de “Guerra Social”. 4) nesta última parte, conclui-se a obra fazendo uma projeção futura do possível desenlace político a partir da contínua persistência de Rosas no poder, em seu capítulo “Presente e Porvir”. De acordo com a lógica argumentativa de Sarmiento, a obra trata de duas forças antagônicas: civilização e barbárie, que se enfrentam e que o resultado desse embate é a própria experiência história da Confederação Argentina desde sua independência em 1810 até o momento de escrita da obra.

Para entender tal processo, Sarmiento em sua concepção foi buscar no maior expoente “bárbaro” uma chave para explicar o ocorrido. Em Facundo Quiroga estariam condensados e concentrados todo o determinismo histórico, social, cultural e geográfico existente na Argentina daquele momento, já que para Sarmiento o caudilho era a síntese de todos os tipos sociais presentes na campanha (tal como os gauchos: *rastrero*, *baqueano*, *cantor* e *malo*)<sup>143</sup>, além de quase fundir-se com a própria natureza, sendo chamado popularmente como “*el tigre de los llanos*”. Facundo, na concepção e análise sarmientina, seria o afloramento ou o resultado de dois mundo que foram postos em contato, após as mobilizações e agitações políticas de 1810. Em suma, de acordo com a visão de mundo sarmientina, o que houve após a independência foi o contato desgastante entre a província “bárbara” e a cidade “civilizada”.

Um dos elementos que conferem autoridade ou viabilidade a esta obra de Sarmiento é a maneira que o autor narra os fatos e eventos selecionados para a composição do livro. Isso quer dizer que o modo como o autor escolheu narrar fundamentou um certo estilo de linguagem política, em que o autor se posicionando como o narrador onisciente do processo histórico tentou depreender os fenômenos daquilo que ele identificou como a barbárie em si, promovendo uma espécie de domínio, ainda que por meio das letras, sobre o caos social e político que o autor evidenciou em sua escrita. Escrever e fundamentalmente *narrar* em *Facundo* é dominar e subjugar o outro; é possibilitar a

---

<sup>143</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. pp: 97-122. Neste capítulo, “Originalidade e caracteres argentinos”, Sarmiento estabelece uma tipificação do *gaucho*, de modo a demonstrar sua relação intrínseca com o contexto geográfico e no qual esse personagem vive, desenvolvendo assim habilidades específicas em sua relação com a natureza. De acordo com a descrição sarmientina, o *gaucho rastrero* seria aquele que possuiria a habilidade de “rastrear”, de ver um determinado evento ou fenômeno e entender o ocorrido, de maneira a buscar as origens ou o causador de tal fato, tal como encontrar um ladrão, pelo simples fato de ver a pegada que o indivíduo deixou no caminho. O *gaucho baqueano* é indivíduo que possui um certo conhecimento geográfico da região pela qual transita, conhecendo a morfologia do terreno, os diferentes caminhos e rotas existentes, sendo mesmo utilizado pela lógica militar dos caudilhos em suas batalhas e conflitos. O *gaucho cantor* é o poeta, o bardo que tem na relação entre a aventura e na poesia a razão de sua vida, desenvolvendo uma depreensão dos fenômenos sociais, políticos e culturais dos pampas em seus versos e trovas. Por fim, o *gaucho malo* seria aquele que desafiaria continuamente a norma estabelecida, uma vez que sua atuação tem como fim a aventura e o benefício próprio, rompendo com certas lógicas morais e socialmente estabelecidas.

superação imaginária do contexto ao qual o autor se opõe. Dessa forma, o ato de escrever por si só já seria uma espécie de controle sobre o “caos” instalado na Argentina, de acordo com a perspectiva do autor.

O que se tem em *Facundo* é a criação de um sistema explicativo que desvelaria esse enigma, o qual na concepção historicista de Sarmiento era impossível de existir. Em outras palavras, de acordo com os referenciais explicativos do autor em sua época, a barbárie de forma “inacreditável” passou a ter uma história. Uma história que até então, segundo a ótica romântica, era produto e resultado único e exclusivo da civilização. Apesar de ser uma análise profundamente determinista e até certo ponto cíclica – que tenta explicar o tecido social e os acontecimentos políticos primeiramente pela interação homem-ambiente, físico-geográfico<sup>144</sup> e concomitantemente perceber a profunda influência e persistência da cultura hispânica e colonial nas práticas, costumes e organizações políticas existentes, por exemplo, nas províncias argentinas<sup>145</sup> –, ela permitiu a Sarmiento desenvolver um tipo de concepção histórica própria, possibilitada através da suspeita de uma outra interpretação possível para o fato da barbárie ter aparentemente vencido a civilização<sup>146</sup>.

A ação intelectual de Sarmiento está sempre objetivando preencher um certo vazio que poderia ser de inúmeras e diferentes ordens. E ainda que este vazio seja uma criação retórica ou discursiva do autor, sendo preenchido por ações políticas e culturais como por meio da atuação dos *caudillos* ou as práticas dos *gauchos*, Sarmiento reafirmou o vazio como forma de negar e figurar o elemento bárbaro que preenche a história desse momento em relação ao que é relatado em suas obras e mais fundamentalmente em *Facundo*. Outra estratégia discursiva desenvolvida por Sarmiento ao longo do texto trata da ideia de desenvolver uma certa concepção de normalidade, em que nesta estaria presente a organização do Estado, das cidades e dos costumes sob a égide da civilização, de forma a demonstrar o contexto histórico e seu momento político dentro do próprio cenário político como algo fora da normalidade, fora de um dado eixo representativo da civilização. Os movimentos políticos abarcados sob a experiência dos *caudillismos*<sup>147</sup> seriam uma espécie de desvio contextual que deveriam ser

---

<sup>144</sup> Ibidem

<sup>145</sup> Idem, p. 123-136.

<sup>146</sup> PALTÍ, Elias. op. cit. p. 72: “Para tomar un término acuñado por Koselleck, la consolidación del ‘régimen bárbaro’ vino a frustrar un cierto ‘horizonte de expectativas’, aquello que hasta entonces sostenía la certidumbre de ‘estar en lo cierto’ respecto al comportamiento previsible de la sociedad y la historia y confería inteligibilidad a sus acciones. Y ello no porque contradecía ciertas máximas relevantes, sino porque planteaba un dilema, lo que daría lugar a una quiebra de inteligibilidad”

<sup>147</sup> GOLDMAN, Noemi; SALVATORE, Ricardo. *Caudillismos rioplatenses*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

corrigidos pela ação do intelectual crítico e combativo tal qual Sarmiento arroga tal função e labor para si.

Isso indica que o ato de conhecer em Sarmiento era equivalente a comparar ou mesmo estabelecer relações entre um fenômeno e outro, de maneira a procurar as semelhanças entre os eventos históricos. A construção da análise histórica em Sarmiento, bem como a própria concepção de história assimilada e expressa pelo autor, deu-se por meio da referenciação a um evento ou fenômeno da ordem da civilização, no caso a Europa. A epistemologia desenvolvida por Sarmiento em suas obras, fundamentalmente iniciada em *Facundo*, arraigaram-se na concepção de que os eventos históricos apresentavam semelhanças e paralelos que podiam dar pistas à compreensão ou ao domínio de entendimento de um dado evento histórico. Comparar o contexto argentino com fatos, por exemplo, da história moderna francesa era uma forma do autor estabelecer algum referencial explicativo, longe do próprio contexto de produção dos problemas históricos sobre os quais o autor estabelecia uma explicação. Falar que o fenômeno político e social surgido durante o governo de Rosas e compará-lo, sem qualquer noção de distanciamento ou particularidade com respeito aos momentos históricos, com os eventos ocorridos, por exemplo, na região da Borgonha na França do século XV, em que havia o fenômeno da tirania, era uma forma de buscar um referencial cultural e também estabelecer um fundamento de autoridade tanto para sua análise histórica como para si mesmo. Em suma, a autoridade encontrava-se mais distante, fora do contexto argentino e sul-americano: os referenciais onde isso poderia ser encontrado estava na Europa<sup>148</sup>.

A recorrente citação de passagens históricas do contexto europeu, de personagens e fatos políticos, ou ainda a própria referência aos elementos do Oriente para explicar a barbárie argentina eram uma forma de linguagem que buscavam aproximar o pensamento intelectual de Sarmiento ao que estava em vigência na Europa, tal como as noções de criação de um espaço e de alguns referenciais de exotismo em relação ao Oriente. Ao estabelecer paralelos entre as pampas (as relações sociais que esta engendrava) e o contexto da Palestina tudo era uma maneira do autor criar uma zona de contato com um possível público europeu, bem como a possibilidade de criar os sustentáculos de autoridade para a argumentação elaborada pelo autor. O *orientalismo*<sup>149</sup> presente na obra do autor era em um amplo

---

<sup>148</sup> RAMOS, Julio. *Desencuentros de la modernidad en América Latina: literatura y política en el siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

<sup>149</sup> SAID, E. *O Orientalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2003 [1978].

sentido uma maneira de falar a mesma linguagem cultural que era partilhada entre muitos escritores e intelectuais na primeira metade do século XIX europeu<sup>150</sup>.

Com a escrita de *Facundo*, Sarmiento buscava, mesmo que no âmbito do discurso, dominar, controlar e também superar o fenômeno político e cultural da barbárie, identificada pelo autor a partir das chaves explicativas fornecidas pela civilização ao qual o escritor se posicionava. Para que a estrutura argumentativa que Sarmiento montou para “domar” e em momento oportuno eliminar o elemento bárbaro, era preciso antes de tudo entender como esta barbárie funcionava, quais os meios e mecanismos de atuação dessa força político-cultural dentro do contexto e da história da Confederação Argentina<sup>151</sup>. O ato da escrita em Sarmiento era também mediar a barbárie, era depreender a categoria opositiva que o autor criou em sua estrutura de discurso, de maneira a tentar pensá-la em sua existência histórica.

Em *Facundo* organizou-se também a noção de incorporação do “outro” (bárbaro) dentro do discurso sarmientino na medida em que buscava entender o funcionamento da barbárie em suas múltiplas ações dentro do contexto histórico argentino. A criação de um discurso a partir de um certo fundo ou base histórica faz com que a categoria de bárbaro articulada pelo autor ganhasse peso político, dando expressão intelectual ao escritor que se “debruçava corajosamente” em sua ação de decifrar os enigmas que se apresentavam.

Uma das formas de domínio, fundamentalmente no âmbito do discurso, sobre a barbárie ou em direção a ela foi a transformação dos relatos orais em relatos escritos (e fundamentalmente escritos pelo autor). Tratam-se das passagens do tradicional, do “bárbaro” para o moderno e para o campo da crítica e entendimento dos fenômenos político-intelectuais. Ademais, é interessante notar que em *Facundo* era a barbárie que gerava a possibilidade de surgimento da própria escrita sarmientina, uma vez que esta se tornou um tema a ser discorrido pelas penas e produções literárias. O livro mais conhecido de Sarmiento foi escrito a partir de uma perspectiva inversa. Um livro que se propõe civilizado, ou que partilhava dos referenciais civilizados, mas que versa, narra e depreende a força

---

<sup>150</sup> ALTAMIRANO, Carlos e SARLO, Beatriz. “El orientalismo y la idea del despotismo en el *Facundo*” in *Ensayos argentinos*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

<sup>151</sup> RAMOS, Julio. op. cit. p: “El *Facundo* representa la historia como un progreso, como una modernización ininterrumpida por la catástrofe del caudillismo que desarticulaba el sentido, la unidad nacional. Constituye así un intento de controlar la contingencia, el accidente, lo irracional de la barbarie, para reorganizar la ‘homogeneidad’ (y el estado) nacional. Pero el proyecto de ordenar el caos no podía basarse estrictamente en la importación de modelos, en la cita del libro europeo. Para restaurar había que escuchar la voz del otro, la tradición que el proyecto modernizador, inicialmente mimético (bajo Rivadavia) había ignorado. Había que representar lo que el saber europeo (o sus importadores) desconocían”.

política, cultural e histórica da barbárie. Nesse sentido, então, é a literatura, como categoria de produção de significados, que permitiu apontar mudanças a partir da reflexão e da fundamentação de um relato que incorporasse as noções de tradição e herança cultural advindas do período colonial<sup>152</sup>.

Uma forma de explorar os limites conhecidos pela civilização e pela história que a acompanhava somente seria possível em Sarmiento por meio da narrativa de fundo literário, na medida em que permitia incorporar o domínio do outro em sua atividade criativa e reflexiva. Nesse sentido, foi a literatura feita história que permitiu o cruzamento da fronteira e como consequência dessa empreitada criativa, interpretativa e intelectual trazer o relato tanto da viagem imaginária como de um dos tantos possíveis níveis de interação com a história. *Facundo* é, dentre muitas coisas, uma reflexão sobre os limites dentro e fora da fronteira daquilo que Sarmiento identificou como sendo os referenciais da civilização, por exemplo, uma cidade que se cercava de uma moral e de instituições que podiam ser aprendidas e aprofundadas.

A literatura e a história também se encontraram em Sarmiento no ato de narrar os acontecimentos e eventos políticos desencadeados após 1810, em que Facundo Quiroga apareceu como um ponto denso e explicativo dentro da configuração histórica do contexto político argentino de então. Narrar, por exemplo, os fenômenos paralelos que coexistem fora do âmbito civilizado como a habilidade *gaucha*, os atos de crueldade e valentia de Quiroga ou ainda as biografias paralelas tal como as do general Paz ou a do gaucho Navarro<sup>153</sup>. O que fica por perguntar, quando se fala em depreensão e assimilação das tradições e fenômenos culturais e históricos que são articulados na composição da obra, é como se deu o processo de incorporação dessa fala dentro da obra sarmientina. Em outras palavras, em que medida a fala do outro entra como conceito articulador de uma explicação, mas ao mesmo tempo sofreu um processo de transformação na ordem do discurso de modo a resignificar um conceito que faria parte constitutiva da barbárie.

Na tentativa de Sarmiento depreender o conceito ou mesmo o fenômeno da barbárie, o autor reapropriou e reorganizou tipos possíveis de serem encontrados dentro do contexto sócio-cultural argentino, ainda que fossem distorções ou exagerações dentro do espaço do discurso e da escrita. Um

---

<sup>152</sup> RAMOS, Julio. op. cit. p 27: “La literatura era el lugar adecuado para la mediación necesaria entre la civilización y la barbárie, la modernidad y la tradición, la escritura y la oralidad. De ahí que la falta de ‘disciplina’ y documentación’ – ligada a la espontaneidad, a la cercanía de la vida que Sarmiento relaciona con la literatura – sea en realidad un dispositivo de otro tipo de autoridad intelectual, más capacitada para representar y resolver el desorden que el sabio de corte europeo”

<sup>153</sup> IGLESIA, Cristina, *La ley de la frontera. Biografías de pasaje en el Facundo de Sarmiento, La violencia del azar*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.

exemplo conhecido desse processo de assimilação e apreensão são os tipos gauchescos (rastrero, baqueano, cantor, malo) que, dentro da ordem do livro, compunham o tecido social da época, em que o reconhecimento de certa virtude nesses personagens era uma forma de incorporá-los aos referenciais da civilização. Nesse processo de incorporação e dominação, a escrita era o fundamento necessário para dar ordem ao “caos anunciado”, numa dinâmica em que a ausência de ordem gerava a própria necessidade de retorno a um status supostamente perdido, segundo a lógica esboçada pelo autor. Por fim, *Facundo* em seu projeto de compreensão da realidade histórica contemporânea ao autor por meio da narrativa histórica também criou e embasou uma literatura que apresentaria uma certa “função estatal”, tal como Josefina Ludmer assinalou<sup>154</sup>.

A escrita como ato político, seja ela de que forma for: ficção, narração ou relato histórico, tem em Sarmiento “*en su operación generalizadora y homogeneizadora, (...) un modelo fundamental del proyecto racionalizador, así como registraba, en la misma heterogeneidad de su forma, las aporías que confrontó esa racionalización en América Latina*”<sup>155</sup>. Sarmiento, em sua compulsão por escrever, em seu afã pela escrita compulsiva, não obedecendo muitas vezes certa lógica historiográfica, como Valentín Alsina apontou, tudo isso era uma forma do autor não se barbarizar, uma maneira que o exilado originário de San Juan estabeleceu para escapar às forças que ele mesmo julgava determinante: a barbárie.

Seguindo nesse âmbito da atitude do ato de escrita como um ato político por parte de Sarmiento que buscava apreender e conquistar o outro lado do conflito dialógico entre civilização e barbárie está a própria palavra em si e sua articulação dentro do discurso do autor. Seja pela pressa, seja pela urgência na veiculação das ideias e dos argumentos de oposição ao fenômeno político que se consolidava sob a égide do *rosismo*, as palavras na escrita de *Facundo* acabaram por ser enganosas ou confusas. Tal como afirma Julio Schwartzman: “*estamos ante una conquista disfrazada con nombres especiosos. Hay que desconfiar de las palabras*”<sup>156</sup>. A luta de Sarmiento no campo da linguagem era a luta pela própria autoridade em definir os conceitos que foram partilhados dentro da ordem discursiva da política ou mesmo dentro da ordem civilizada imaginada pelo autor em um porvir não muito distante.

---

<sup>154</sup> LUDMER, Josefina. *El género gauchesco Un tratado sobre la patria*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1988.

<sup>155</sup> RAMOS, Julio. op. cit. p. 28.

<sup>156</sup> SCHVARTZMAN, Julio. *Microcrítica*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1996, p. 40.

Esse reconhecimento da força do discurso como mobilizador e estruturador das linguagens políticas que envolveram a própria construção de uma determinada ordem, seja ela bárbara ou civilizada, era dada pelo próprio Sarmiento ao reconhecer certo poder criativo na atuação de Rosas ao se estabelecer uma nova ordem política (que afetava fundamentalmente a ordem discursiva) baseada na política personalista que transformava a própria figura do *caudillo* portenho em um signo dessa estrutura da linguagem política surgida a partir dos desarranjos políticos do contexto da província de Buenos Aires e que eram duramente combatida por Sarmiento. Um exemplo que pode ser retirado de *Facundo* ao se referir ao poder criador e ordenador da linguagem política no contexto de Buenos Aires é quando Sarmiento equipara Rosas a uma espécie de Platão que estava a criar *ex nihil* uma república, cuja participação dos poetas, literatos e de intelectuais inexistiria.

*Enfim, [Rosas] já tem o governo nas mãos. Facundo morreu um mês antes; a cidade se rendeu ao seu poder discricionário; o povo confirmou do modo mais autêntico essa concessão de toda garantia e de toda instituição. O Estado é uma tabula rasa na qual ele vai escrever uma coisa nova, original; ele é um poeta, um Platão que vai realizar sua república ideal, segundo a concebeu: trata-se de um trabalho que ele meditou por vinte anos, e que finalmente pode dar à luz, sem que sua realização venha a sofrer o estorvo de tradições envelhecidas, preocupações da época, plágios da Europa, garantias individuais, instituições vigentes. É um gênio, enfim, que esteve lamentando os erros de seu século e preparando-se para destruí-lo de um só golpe. Tudo vai ser novo, obra de seu engenho: vamos ver esse portento*<sup>157</sup>

A força da criação de um sistema político, na explicação sarmientina, iria muito além da simples força de coerção; ela se estenderia e se fundamentaria também no âmbito da linguagem, campo este que Sarmiento escolheu para atuar e combater seus adversário “bárbaros”, já que era “admirável a paciência que tem demonstrado Rosas em fixar o sentido de certas palavras e o afínco em repetí-las”<sup>158</sup>. Nesse sentido é justificável observar a categoria simbólica e representativa presente na obra de Sarmiento, tal qual foi apontada por José Sazbón<sup>159</sup>, e que auxilia no entendimento de algumas das ideias do autor e na maneira como ele trabalhou essa representação em seu discurso. Um exemplo disso é a figura representativa da cidade. A cidade, seja como categoria ideal seja como física, tem para Sarmiento uma significação própria e especial, isso porque esses signos são verdadeiras chaves

---

<sup>157</sup> SARMIENTO, D.F. op.cit. pp. 365-366.

<sup>158</sup> *Idem*.

<sup>159</sup> SAZBÓN, José. “*Facundo*: la vida de los signos” e “La representación de la historia en *Facundo*”. In *História y representación*. Quilmes: Ediciones de la Universidad Nacional de Quilmes, 2002.

explicativas e índices da realidade que emanariam os significados daquilo que se vê<sup>160</sup>. Em suma, a cidade era um dos elementos constitutivos e participantes nesse teatro em que se enfrentavam civilização e barbárie.

Para tornar isso mais plástico, o próprio Sarmiento analisou esse caráter representativo e quase figurativo do mundo físico, sua significação moral e sua posição dentro do esquema civilização e barbárie. Isso se deu quando o autor, para explicar essas duas forças em oposição, fez uma breve reflexão descritiva das cidades de Córdoba e Buenos Aires. Cada cidade expressava de forma sintética – e porque não alegórica – as forças em luta que se moviam nesse conflito cultural. De um lado a persistência dos valores e da cultura hispânica caracterizados pela “monacal” Córdoba, com seus conventos, com a única arquitetura gótica existente na América, com sua universidade retrógrada que conservava a estrutura de ensino escolásticos; enfim, a “Idade Média” que se sintetizava na figura de um lago fechado em si mesmo, sem contato com o mundo externo.

*A cidade é um claustro encerrado entre barrancos; o parque é um claustro com vergas de ferro; cada quarteirão tem um claustro de monjas ou frades; os colégios são claustros; a legislação ensinada, a Teologia; toda a ciência escolástica da Idade Média é um claustro onde a inteligência é fechada e murada, contra tudo o que saia do texto e do comentário. Córdoba não sabe que existe na Terra outra coisa além de Córdoba*<sup>161</sup>.

Em oposição a esta se encontrava a “menina dos olhos”, a cidade mais europeia da América: Buenos Aires, onde as ideias e os livros corriam de mão em mão, sua história de resistência contra as invasões inglesas em 1806; lugar onde a arquitetura, o comércio, a universidade e o porto jorravam em civilidade, principalmente durante o governo de Martín Rodríguez e seu ministro chefe Bernardino Rivadavia. Buenos Aires era, portanto, a força e o vigor da cultura europeia civilizada, semeando em solo americano a civilização.

*Assim educada, mimada até então pela fortuna, Buenos Aires se entregou à obra de se constituir a si e à República, como tinha se entregado à de se libertar a si e à América, com decisão, sem meios-termos, sem contemporização com os obstáculos. Rivadavia era a encarnação viva desse espírito poético, grandioso, que dominava a*

---

<sup>160</sup> PALTÍ, Elias. “La Nación como enigma. La aventura intelectual de Sarmiento”. in op. cit. p. 57: “Las construcciones de sentido objetivadas en los fenómenos no son el resultado de decisiones caprichosas, sino el sedimentado de la grilla simbólica que los atraviesa y dispone. (...) al terminar con los fraes Rosas no sólo destruía una manifestación visible de la civilización; destruía la civilización misma”.

<sup>161</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. p. 206.

*obra de Las Heras com o molde amplo no qual deveria ser vazado um grande Estado americano, uma República*<sup>162</sup>.

As cidades seriam, assim, símbolos dos valores e elementos pertencentes a cada parte do conflito. “*Su simbólica apela a una conexión esencial del significante y el significado (...), existe un enlace unívoco entre la representación y lo representado, una contigüidad necesaria entre el sujeto y el atributo*”<sup>163</sup>

Em seguida, nos capítulos sob o título de “Guerra Social”, a argumentação de Sarmiento caminhou no sentido de demonstrar como a cidade foi invadida pelas forças bárbaras provenientes da província, algo que ocorreu basicamente por três motivos seqüenciais: 1º o processo de independência que aproximou os dois pólos geradores do conflito; 2º uma certa obstinação por parte das cidades em não compartilhar com a província o progresso experimentado; 3º a vingança da campanha contra a cidade, quando esta foi tomada pelos caudilhos e principalmente por Rosas no comando de Buenos Aires<sup>164</sup>.

Tudo isso gerava um duplo movimento de unificação tanto por parte da civilização – partindo da cidade – como por parte da barbárie – com origem nos pampas. Essa invasão das cidades pela força bélica e política dos chefes caudilhos foi tido por Sarmiento como uma quebra de barreiras ou um cruzamento de fronteiras. Em outras palavras, o que estava ocorrendo de acordo com a interpretação sarmientina era a “unificação” da campanha e da cidade sob as ordens da barbárie. Facundo Quiroga ao sair de seu “habitat” e influência regional em La Rioja promovia a unificação – em partes forçada – das regiões por ele conquistadas. O mesmo, por sua vez, ocorria com Rosas, já que este submetia a “cultura Buenos Aires”, como Sarmiento a designava, às leis e costumes do campo, e este à disciplina e ordem existente na cidade, transformando a barbárie em sistema. O que se percebe aqui é um aparente paradoxo em relação ao dito movimento da história, pois quem estava promovendo a formação e conformação da nação argentina era justamente um governo tirano e bárbaro, encabeçado por Rosas.

*Se produce así lo inconcebible: la barbárie se impone y logra elevarse a un rango histórico; el principio de lo inerte invade y ocupa el lugar de lo que es por esencia movimiento. Surge aquello que los europeos no alcanzán aún a comprender. Para la cultura de la civilización su designación constituía un verdadero monstruo*

---

<sup>162</sup> Idem, p. 214.

<sup>163</sup> SAZBON, José. *Historia y representación*. Buenos Aires: Univ. Nacional de Quilmes, 2002. p. 264. apud. PALTÍ, Elias. *El momento romántico*. Buenos Aires: Eudeba, 2009. p. 57.

<sup>164</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. p. 26.

*lingüístico, que violenta las leyes que gobiernan nuestro universo simbólico y lleva a crear engendros tales como el término de ‘civilización tártara’<sup>165</sup>.*

A noção de excepcionalidade trabalhada por Sarmiento em seu *Facundo* é uma questão fundamental que ronda a obra em sua argumentação para explicar o fenômeno político argentino. Ao tentar entender o que levou a Confederação Argentina a mergulhar em uma guerra civil que prolongava e impossibilitava o surgimento de uma sociedade coesa, sobre a qual dominasse um Estado-nação politicamente organizado e soberano, levou o autor a reforçar sua interpretação do caráter *sui generis* existente no contexto rioplatense. Em outras palavras, a Argentina de Sarmiento apresentava uma “excepcionalidade” dentro da perspectiva e da dinâmica histórica posta pela concepção de civilização, herdada dos referenciais europeus. Dentro da lógica do século XIX, civilização imiscuia-se com a noção de progresso evidenciado em uma dinâmica histórica, chegando-se mesmo à ideia de que esta mesma história seria a manifestação da própria civilização.

Numa última investida para tentar dar um sentido a essa excepcionalidade nos rumos da história da Confederação Argentina, Sarmiento desenvolveu uma reflexão interessante na terceira e quarta parte de seu *Facundo*: “Guerra Social”, “Governo unitário” e “Presente e porvir”.

Segundo Sarmiento, isso se deu porque Rosas, ao destruir todos os limites supostamente existentes entre civilização e barbárie, nivelou tanto campo como cidade, de modo a atravessar tanto o cidadão civilizado como o gaucho bárbaro, o que favorecia o processo de reunião de toda a sociedade argentina. Entretanto, e aqui se encontra um paradoxo, ao “unificar” o país sob o peso da força e do terror, Rosas acabaria por formar todo um movimento de oposição contra si, em que a união do povo contra a tirania formaria uma frente anti-rosista poderosa que terminaria com o governo bárbaro do caudilho bonaerense. A concepção historicista presente em muitas das reflexões de Sarmiento volta a aparecer em um vaticínio que em 1852 não se mostrou tão errado, mas que também não foi tão linear e simples como imaginava o escritor argentino ao desenvolver seu “ensaio” nos últimos capítulos de *Facundo*.

Isso caracterizou uma certa subversão dentro da ordem histórica e simbólica articulada por Sarmiento na elaboração de *Facundo*, pois segundo o referencial adotado pelo autor e a dinâmica experimentada de acordo com suas leituras de escritores europeus “civilizados”, a imagem de uma cidade suficientemente forte que resistia e dominava a barbárie da província foi rompida, criando

---

<sup>165</sup> PALTI, Elias. op. cit. p. 62.

assim uma certa excepcionalidade do contexto histórico e político americano. Esta particularidade, somente poderia ser entendida e apreendida por um intelectual americano, e especificamente argentino, tal como Sarmiento se auto-define nesse trânsito entre uma sociedade de traços e arraigamento colonial, mas que vive a realidade da construção de uma nova ordem político-social. Volta-se assim à importância do ato de narrar e o conflito empreendido por Sarmiento na definição (ou contra-definição) de termos e conceitos, em que o campo de batalha continuava a ser o espaço do discurso e a função que o intelectual ali apresentou.

O que se quis constatar foi como Sarmiento rompia com alguns esquemas explicativos compartilhados por intelectuais de sua época e permanecia aberto a outras interpretações para entender a figura de Rosas e o movimento paradoxal de unificação promovido pelo general portenho, já que seu esquema, desproporcional na explicação dos dois pólos em luta, não cumpre uma explicação satisfatória, que em princípio era explicar as razões da ascensão da barbárie no contexto argentino e os motivos que haviam levado a civilização a sucumbir. O que se percebe é que o esquema civilização e barbárie não explica de todo o contexto e o modelo historicista que, segundo algumas percepções de Sarmiento, começava por se desestruturar uma vez que era a barbárie quem estava por fazer a história da nação argentina<sup>166</sup>.

Em suma, o que se tem dentro desse movimento interpretativo gerado por Sarmiento é uma tentativa de ampliação de um certo “horizonte de expectativas” que fora contradito com os fatos políticos desencadeados por Rosas em 1835. Essa busca por uma nova interpretação a essa excepcionalidade do fenômeno político argentino é o que fará com que o autor aviste uma saída fora dos esquemas então existentes.

#### **4.1.3. Sarmiento e a luta contra o consenso**

Dentre os escritores da Geração de 1837 que se opuseram ao rosismo, Sarmiento é quem mais polemizou sobre as atuações do governo Rosas através de muitos de seus escritos. Nas reflexões desenvolvidas em *Facundo*, o autor aparece constantemente “agredindo” o consenso que se tentava formar em torno da figura de Rosas e seu governo em prol da “causa americana”. Em outras palavras, Sarmiento mostrava-se um perspicaz leitor de sua sociedade contemporânea de modo a notar as linguagens políticas partilhadas na época e suas implicações dentro do contexto político argentino, tal

---

<sup>166</sup> Ibidem: “La historia del proceso de reducción a la unidad que Sarmiento se proponía explicarnos se revela finalmente como la del curso por el que la historia se niega a si misma”.

como a noção de *americanismo* passava a designar não somente as particularidades americanas, mas sobretudo a fundamentar o poder de mando de Rosas dentro da Confederação e diante das relações com as potências estrangeiras.

Percebe-se que há uma clara intenção por parte de Sarmiento em atacar Rosas através da publicação de *Facundo*, algo aparentemente óbvio ao se ter em mente a proposição do livro: "*desprestigiar a Rosas y al caudillismo, y por ende, al representante de áquel en Chile*". Entretanto, o livro desenvolve o que Roberto Madero chama de um amplo ataque republicano e liberal contra Rosas, com o claro objetivo de mobilizar as forças políticas das províncias interiores da Argentina contra Rosas<sup>167</sup>. Sendo assim, é possível pensar que há uma diferença entre as intenções mais gerais e outras mais pragmáticas, objetivando um alcance imediato. É explorando esse âmbito da objetividade imediata do texto de Sarmiento que se pode perceber como o *rosismo* recebia e dialogava com suas críticas.

Isso fica claro, por exemplo, quando Sarmiento enviou um exemplar de seu *Facundo* juntamente com um carta ao general unitário José María Paz em 22 de dezembro de 1845, quando o escritor argentino já se encontrava em sua viagem rumo à Europa. Em seu conteúdo é possível ler a seguinte frase como forma de justificativa do envio do livro: "*Con el fin de agitar todas las preocupaciones del interior escribí el Facundo, del que hice pasar a Cordillera cerrada un cajón*"<sup>168</sup>. Em outras palavras, parte da linguagem empregada por Sarmiento nos fascículos e folhetins que compuseram a obra *Facundo* houve uma forte intenção de exortar o principal líder unitário contra o *rosismo* na época, no caso o general Paz. No capítulo "Guerra Social: la Tablada" de *Facundo*, Sarmiento deixou transparecer essa objetividade da linguagem e do discurso empregado com o fim de agitar a província interior e a liderança do gen. Paz.

*Paz é provinciano, e como tal tem já uma garantia de que não sacrificaria as províncias a Buenos Aires e ao porto, como o faz hoje Rosas, por ter milhões com que empobrecer e barbarizar aos povos e cidade do interior*<sup>169</sup>.

É possível notar um deslocamento da linguagem de Sarmiento no sentido de incentivar uma mobilização política com relação a Rosas, em que o autor dirige-se ao general Paz como uma forma de

---

<sup>167</sup> MADERO, Roberto. "La edición y el nombre en Sarmiento" in JITRIK, Noé. *Historia Crítica de la Literatura Argentina*. Tomo 2. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 527.

<sup>168</sup> Apud MADERO, Roberto. op. cit. 528.

<sup>169</sup> SARMIENTO, D.F. op.cit. p. 247.

traçar uma estratégia para alcançar o público do interior argentino. Nisso percebe-se uma utilização tanto da linguagem como das representações políticas existentes em seu contexto. Por exemplo, a construção discursiva da figura de Facundo Quiroga, sua vinculação com a barbárie e como isso se liga à própria figura de Rosas por meio da polêmica rivalidade entre os dois caudilhos. Isso porque para o interior da Argentina, Facundo Quiroga era uma espécie de representante do federalismo que defendia uma constituição para o país e para a organização do Estado nacional, manifestando assim a relação tensa de interesses desiguais existentes entre as províncias interiores, do litoral e Buenos Aires. Ademais, dentro do imaginário *gauchipolítico*<sup>170</sup>, Quiroga também representava a figura mítica da coragem e autoridade que um líder militar tinha que representar, o que foi trabalhado dentro do discurso sarmientino, ainda que o autor articulasse tudo isso para fundamentar sua concepção de crítica à barbárie.

Se Rosas reafirmava o heroísmo de Facundo com objetivos políticos claros, Sarmiento por sua vez reforça a rivalidade entre Quiroga e Rosas como forma de colocar no debate a questão das diferenças de interesses político-econômicos entre o interior e o litoral. Em seu texto, Sarmiento reafirmava o rumor da possibilidade de Facundo ter sido assassinado por Rosas, conferindo assim não uma denúncia explícita contra Rosas, mas uma ideia fixa que persistia no imaginário daqueles que leram a obra naquele momento e que partilhavam daquela suspeita, por exemplo.

No capítulo "Barranca-Yaco", no qual é narrado o evento do assassinato de Quiroga, os rumores proporcionam uma incerteza em relação ao desenlace do fato, pois a rivalidade entre Facundo e Rosas toma forma em torno das possibilidades de enfrentamento entre os dois, o qual é aumentado no processo de construção da cena e de seu desfecho ao construir a ideia de que Quiroga avançava sobre um perigo mortal que Sarmiento não indica exatamente de onde vem, mas sinaliza sua origem: os Reinafé em Córdoba, Estanislao López em Santa Fé ou, não menos "suspeito" Rosas em Buenos Aires. Assim Sarmiento expressa esse rumor em seu livro:

*Quem lançou a bala oficial que deteu sua carreira? Partiu de Buenos Aires ou de Córdoba? A história explicará esse arcano (...) ele faz da guerra local uma guerra nacional argentina, e se mostra triunfante, ao final de dez anos de trabalhos, devastações e combates, o resultado de que só soube aproveitar aquele que o assassinou*<sup>171</sup>

---

<sup>170</sup> LUDMER, Josefina. *El género gauchesco*. Buenos Aires: Sudamericana, 1988.

<sup>171</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. p.359

Sendo assim, o assassinato de Quiroga era figura central dentro do argumento construído por Sarmiento. A morte de Facundo aparecia como necessária para explicar a consolidação do poder de Rosas em Buenos Aires e por conseguinte à frente da Confederação, a partir do mesmo argumento reiterado de prevenção sobre a anarquia social insurgente. O que era rumor em um primeiro plano acabava por virar uma “evidência implícita” sobre a atuação de Rosas no sentido de eliminar a influência de Quiroga do horizonte político do Partido Federal, consolidando assim os princípios e os interesses de Buenos Aires sobre o resto da Confederação. Trabalhando com esses argumentos, Sarmiento inscreveu-se dentro da lógica de representações existentes nas províncias interiores, incitando, assim, uma articulação do interior contra Rosas e suas ação política homogeneizadora.

O que se mostra como possibilidade de análise mais assertiva para o entendimento das intenções de Sarmiento na construção de seu argumento e seu objetivo mais imediato é perceber como isso se mostrava nos dois últimos capítulos da obra *Facundo*: “Governo unitário” e “Presente e porvir”, uma vez que esta obra mostrou-se de fundamental importância para perceber a formação da figura intelectual de Sarmiento e a maneira como ele articulou a linguagem na construção de um significado de si dentro da história política argentina.

Dentro dessa dinâmica de fixação de explicações diante de um interlocutor interno e externo aos problemas argentinos, é possível perceber na obra de Sarmiento uma reação às concepções discursivas perpetradas pelos *rosismo*, de modo a se estabelecer, ainda que de forma indireta, um “diálogo” entre o escritor argentino e os sustentadores do regime, tal como De Angelis e outros publicistas.

#### **4.2. Viajes: um ponto de inflexão**

“Mi viaje fue, pues, uno de Marco Polo, descubrí un mundo y adherí a él”  
carta de Sarmiento a Luís Montt (1866)

Em 1845, ano de publicação de seu *Facundo*, Sarmiento continuava a trabalhar ativamente no jornal *El Progreso* e devido ao seu envolvimento com o Partido Conservador chileno do qual fazia parte Luís Montt (ministro de educação e instrução pública, na época), aceitou o convite feito a ele, com a missão de viajar pela Europa e Estados Unidos para estudar e relatar os sistemas educacionais desses países, bem como os sistemas de colonização e organização das "municipalidades" na França, Alemanha e EUA. Em partes como forma de reconhecimento por sua atuação junto ao governo chileno de Bulnes, principalmente na área de educação primária, o convite foi também uma forma de afastar o

escritor argentino da cena política chilena e que começavam a causar sérios problemas diplomáticos devido aos ataques publicados contra o representante do governo de Buenos Aires no Chile.

A rota empreendida começou em outubro de 1845, em Valparaíso, e se estendeu até fevereiro de 1848, quando o autor aportou novamente em terras chilenas, com a incumbência de produzir um relatório público sobre os elementos observados a pedido do governo chileno. Descrevendo rapidamente o itinerário empreendido pelo autor, pode-se dividir a viagem em três grandes partes: 1) um trecho relativamente curto no total da viagem, empreendido entre Valparaíso e Rio de Janeiro na região sul-americana. 2) um trecho europeu consideravelmente longo em que o escritor visitou países como França, Itália, Espanha, Alemanha, além de uma breve passagem pela Argélia na região Norte da África. 3) e um trecho final percorrido em um pouco mais de dois meses pelos EUA até sua volta ao Chile.

No primeiro trecho de sua viagem, ainda margeando o continente sul-americano, Sarmiento experimentou uma breve parada na ilha chilena de Más a Fuera, onde conheceu alguns habitantes locais, os quais viria-se a saber que eram náufragos de embarcações americanas que faziam a rota do cabo de Hornos. Dando seqüência à viagem, o escritor argentino chegou a Montevideo, local que se encontrava sitiado pelas forças de Manuel Oribe e onde se encontravam inúmeros compatriotas argentinos, os quais formavam uma rede de oposição ao governo federalista encabeçado por Rosas em Buenos Aires.

Nesse local, Sarmiento compartilhou suas próprias experiências como exilado político com outros intelectuais da Geração de 1837, tais como Echeverría, Alberdi, Mitre e os irmãos Varela. Este evento, segundo Sarmiento, foi uma espécie de iniciação dentro desse círculo intelectual, do qual o autor passou a fazer parte principalmente após seus esforços em torno da escrita, publicação e divulgação de seu *Facundo*. Sua última parada na América do Sul, antes de rumar para a Europa, foi na cidade do Rio de Janeiro, onde encontrou outro literato e compatriota exilado: José Marmol, com quem desenvolveu uma breve discussão sob a perspectiva e originalidade da literatura argentina desenvolvida pelo autor.

Carregando consigo as experiências em terras sul-americanas, Sarmiento cruzou o oceano Atlântico, chegando à cidade francesa de Le Havre em maio de 1846. Sua estada um pouco mais detida na França, permitiu que o escritor conhecesse a cidade e interagisse com a própria cultura e política francesa, chegando mesmo a pronunciar um discurso na Assembléia Legislativa de Paris,

explicando as problemáticas do contexto político da região do Prata, além de ter se reunido em uma breve entrevista com o prócere da independência argentina: José de San Martín.

Em outubro, o escritor desembarcou em Madrid, onde testemunhou o "espírito espanhol", ideia a qual se utilizou para explicar os hábitos e tradições persistentes na sociedade rioplatense de sua época. Em dezembro, fez um desvio da rota prevista no roteiro da vigem oficial e conheceu Argel no Norte da África, onde deixou transparecer o *orientalismo* presente em sua formação como leitor americano de novelas européias. Em janeiro de 1847, Sarmiento voltou para a Europa, visitando a Itália, onde teve uma rápida e não menos inusitada entrevista com o Papa Pio IX, e seguindo viagem para a Suíça e Alemanha, onde analisou a organização das municipalidades dos cantões, e observou o sistema educacional empreendido pelos governos locais.

Devido ao pouco dinheiro que lhe restava e tendo que escolher entre permanecer um breve tempo na Inglaterra ou passar rapidamente pelos EUA, Sarmiento cruzou o oceano Atlântico com destino a Nova York nos EUA, chegando em terras estadunidenses em setembro de 1847. É nesse cenário que Sarmiento experimentou uma mudança profunda em suas crenças e ideologias a respeito da organização do Estado e do próprio conceito de civilização articulado em seus escritos e reflexões como intérprete da situação contemporânea da região platina. Já praticamente sem fundos o intelectual argentino empreendeu sua viagem de volta ao Chile, sem deixar de passar por Havana em Cuba, chegando a Valparaíso em fevereiro de 1848.

O relato sobre educação e os sistemas empreendidos na Europa e na América saíram publicados sob o título de *Educación Popular* e a descrição da viagem feita por meio de cartas enviadas a amigos do escritor foram compiladas no livro *Viajes a Europa, África y EE.UU.*, publicado em 1849. A seguir, elaborou-se uma breve análise dos temas e pontos fundamentais nas reflexões do autor, de modo que permitem pontuar elementos que auxiliam seu posicionamento em relação à crítica ao governo Rosas e sua contra argumentação ao dito "sistema americano".

Quanto à estrutura do livro, o gênero no qual o livro *Viajes* se enquadra: literatura de viagem, é um tanto fragmentário e poroso, pois resulta difícil estabelecer sua especificidade narrativa e temática, uma vez que muitos pontos são compartilhados com o romance e a autobiografia. Entretanto, Sarmiento desenvolve uma perspectiva um pouco mais particular dentro de seu texto: o relato epistolar e autobiográfico, o qual narra a experiência de viagem. Segundo Adriana Amante<sup>172</sup>, gênero e

---

<sup>172</sup> AMANTE, Adriana. "Sarmiento en Viaje". *Historia Crítica de la Literatura Argentina*. Tomo 4: Sarmiento. Buenos Aires: Emecé Editores, 2012.

experiência de viagem se cruzam na composição da obra. Por também se aproximarem do gênero epistolar, as cartas apresentam destinatários que não são escolhidos desatentamente, uma vez que demonstram tanto uma perspectiva de interlocução, como de fundamentação de Sarmiento como literato que passava então a ter a autoridade da experiência e da observação. Nesse sentido, as cartas também evidenciam uma rede de sociabilidade, sobre as quais se pode rastrear as relações de hierarquia (Sarmiento escreve também a superiores, tal como o bispo de San Juan) e de vínculos sociais e afetivos, já que o autor também escreve a amigos e colegas.

A narrativa de viagem não é uma experiência nova para Sarmiento, uma vez que estas aparecem em seus escritos mais anteriores, principalmente durante sua atuação na imprensa chilena. Esse longo relato de viagens evidencia um cruzamento entre o âmbito público e o espaço privado formulado pelo autor no processo de composição da narrativa a partir das experiências vividas durante o trajeto de sua viagem. O uso da primeira pessoa na construção do relato e do discurso sarmientino confere ao autor uma capacidade de auto-entendimento e reflexão sobre a própria experiência de viagem e o inevitável e dinâmico processo de comparação entre o ponto de passagem e o ponto de origem, promovendo alterações significativas no “horizonte de expectativa” de Sarmiento. Por ser um relato autobiográfico, sem qualquer vinculação com os compromissos institucionais aos quais Sarmiento havia se ligado, este permitiu ao autor desenvolver de forma mais fluida suas impressões e perspectivas. Em outras palavras, o espaço privado do relato aparece como um lugar onde o autor pode exhibir e promover suas prática de reflexão pessoal, confrontando o imaginário com o real, opondo certezas e suspeitas a medida que a viagem procede.

Os relatos, por sua vez, são narrações argumentativas que, de acordo com Amante, trabalham em dois planos: num primeiro, relatar a própria experiência de viagem, demonstrando as categorias nas quais Sarmiento ia assumindo de acordo com a trajetória (funcionário a serviço do governo chileno, explorador, estudioso, escritor, *flâneur* etc), construindo assim sua figura pública diante do leitor. Num segundo momento, a escrita de Sarmiento buscava estabelecer um vínculo ou um ponto de contato entre a nação que se fundava, com as perspectivas históricas que o autor encontrava nos países "civilizados" que visitou em seu itinerário de viagem <sup>173</sup>.

Como viajante que assume uma posição cosmopolita e intelectual, Sarmiento estabeleceu-se como um mediador entre uma perspectiva cultural moderna e um mundo periférico que começava a se

---

<sup>173</sup> AMANTE, Adriana. op. cit. p. 453.

estruturar política e culturalmente. Nesse sentido, o autor assumiu uma posição de intérprete e avaliador daquilo que testemunhava, julgando a cultura, a geografia, a política, a sociedade, a história, os costumes etc pelos quais percorre e com que interage. Ao longo da leitura das cartas que compõem o livro, Sarmiento buscava na Europa um parâmetro para o entendimento de seu contexto na América. Entretanto, o parâmetro buscado mostrou-se confuso e contraditório, pois a Europa, tão problemática e complexa quanto sua América, em certa medida o decepcionou em inúmeros sentidos, tendo-se como exemplo a política francesa e sua posição diante das questões política rioplatense). Ainda que ele não abandonasse de tudo o parâmetro binário da civilização e barbárie, como compreensão dos fenômenos históricos e políticos, Sarmiento já se mostrava crítico a determinados padrões e ao mesmo tempo aberto para reformular suas próprias concepções e chaves explicativas da realidade social e política da Confederação Argentina.

Nessa busca por parâmetros, modelos e padrões de sociedades civilizadas, os EUA, na última parte de sua viagem, acabou por preencher aquilo que a Europa deixou a desejar na perspectiva sarmientina, pois a terra dos yankees aventureiros passou a figurar como um projeto de sociedade e nação em estreita ligação com uma concepção de modernidade. Em suma, a decepção com um certo modelo de sociedade européia foi suplantado por outro, sem que se perdesse a perspectiva de um projeto de nação dinâmico e modernizador.

Para deixar um pouco mais clara as perspectivas desenvolvidas logo acima, elegeu-se três cartas do total que compõem o livro, de modo a focarmos alguns de seus pontos no que concerne à construção discursiva das ideias propostas pelo autor. Desse modo, serão analisados alguns temas mais centrais dentro das cartas da França, Espanha e EUA.

#### **4.2.1. Entre o real e o imaginário: a carta da França**

A passagem de Sarmiento pela França foi algo profundamente esperado pelo autor ao traçar seu itinerário de viagem pela Europa. Sempre em contato com a cultura francesa por meio dos livros e informações que obtinha na sua remota San Juan e posteriormente em Valparaíso e Santiago no Chile, Sarmiento antes mesmo de pisar em solo francês idealizava a sociedade desse país como um *locus* privilegiado da civilização. Dentre todos os países pelos quais percorreu, a França foi onde o intelectual gastou mais tempo cumprindo tanto suas funções delegadas como observador sobre instrução pública, como pensador que capta e sintetiza em sua reflexão o que testemunhava ao longo de sua viagem.

O itinerário de Sarmiento dentro da França começou no porto de Le Havre em maio de 1846. Já em seus primeiros contatos com as cidades e a sociedade francesa, Sarmiento demonstrou algo que se repetiria ao longo de todo seu *tour* pela Europa: um olhar de curiosidade e admiração próprio dos *flâneurs* que saem a observar aquilo que os olhos suscitam ao pensamento e o que o pensamento devolve ao olhar. Em outras palavras, Sarmiento sempre se cercará de livros, guias, brochuras, *cahiers*, lâminas de gravuras, tudo que lhe possa auxiliar em sua leitura sobre o contexto francês. Rumando para Paris, Sarmiento não deixou de visitar as ruínas de cidades medievais como em Rouen, onde de certa forma se via materializar parte daquilo que o autor havia lido e imaginado em livros de Chateaubriand.

Aparentemente arrogante em sua confissão, Sarmiento deixa transparecer um pouco de seus sentimentos durante o período que passou em Paris: “Siéntome, sin embargo, que no soy el huésped ni el extranjero, sino el miembro de la familia, que nacido en otros climas, se acerca al hogar de sus antepasados”<sup>174</sup>. Nesse percurso pela França, Sarmiento ainda visitou as regiões interioranas da França (Province), chegando mesmo a visitar o general San Martín em sua propriedade na pequena cidade de Granbourg, além de outras cidades importantes como Bordeaux e Marseille, de onde partiria para outros lugares como a Espanha e a Argélia.

Pode-se dizer que as atividades que Sarmiento desenvolveu na capital francesa e nos lugares pelos quais passou foram uma espécie de simbiose entre o viajante que cumpre um determinado roteiro turístico, observando e “demarcando” os locais que se “deve” visitar, a atitude intelectual presente na *flanerie*, e o cumprimento dos deveres “diplomáticos” ao visitar autoridades, estabelecimentos de ensino e de educação pública<sup>175</sup>. Nesse sentido, os relatos presentes nas cartas deixam claros essas misturas entre as reflexões sobre os fatos políticos e as impressões que o pensamento suscita a Sarmiento e que o escritor envolve numa estética literária através do diálogo estabelecido com seus interlocutores. É por isso que Sarmiento em uma mesma carta relatou tanto as impressões que teve indo ao teatro, à ópera, a um baile, a uma corrida de cavalos e poucas páginas depois enceta suas reflexões e impressões sobre a política francesa e a experiência que teve com políticos e autoridades desse país.

---

<sup>174</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. p. 76.

<sup>175</sup> VERDEVOYE, Paul. “Viajes por Francia y Argélia” in SARMIENTO, D.F. *Viajes: edición crítica*. Buenos Aires: ALLCA XX/Scipione Cultural, 1997. p. 652.

Apesar das reflexões “sociológicas” que Sarmiento elaborou durante sua passagem pelo território francês serem muito instigantes e revelarem o olhar cruzado entre a América e a Europa em seu histórico relacionamento cultural de mútuo (des)entendimento<sup>176</sup>, o que interessa analisar das cartas de Sarmiento enviadas da França são suas reflexões políticas e maneira como o escritor argentino atuou junto a autoridades e outros intelectuais franceses na tentativa de estabelecer um diálogo no qual Sarmiento pudesse explicar e mobilizar forças contra Rosas e seu “sistema americano” (americanismo). Nesse sentido, é interessante analisar duas passagens durante sua viagem à França que se mostraram reveladoras da ação política e da atividade intelectual de Sarmiento: as visitas à Assembléia Legislativa e as entrevistas que o escritor teve com os ex e primeiro-ministro franceses Louis A. Thiers e François Guizot sobre a questão diplomática envolvendo a região do Rio de la Plata, e a atitude ousada e insistente de Sarmiento em ter seu livro *Facundo* resenhado pelos editores da *Revue de deux Monde*.

Quando Sarmiento chegou à França dominava a cena política francesa a figura política de Luís Felipe I e a estrutura de uma monarquia parlamentar de caráter censitário. Isso significa que de alguma forma ou de outra as questões e debates políticos sobre os problemas internos e externos da França acabavam por desaguar em acalorados debates na Assembléia Legislativa em Paris. Segundo Paul Verdevoye Sarmiento teve um tempo considerável entre maio e setembro para ler e se informar sobre a organização política da França naquele período, notando as divisões políticas dos diferentes grupos encabeçados principalmente por seus líderes, os já mencionados Guizot e Thiers. Ao assistir as sessões na Assembléia Legislativa Sarmiento testemunhou os debates acalorados que ali ocorriam e a repercussão desses assuntos nos jornais respaldados pelos partidos moderado e liberal. O que Sarmiento acaba por evidenciar em sua interação com o sistema e os personagens políticos é uma estrutura corrompida, em que os setores políticos conseguiram se acomodar aos acontecimentos e transformações sociais ocorridos na sociedade francesa. Em uma carta a Antonio Aberastain de setembro de 1846, assim o autor resume a estrutura política francesa, após desnudá-la por meio de sua observação aguçada e ironia não menos ferina.

*Hai una fraseologia parlamentaria que ejerce, en efecto, una fascinación completa. Hai un pais legal, un pais electoral, una mayoría, ministros responsables; el rei repite en cada discurso del trono: la carta es una verdad. ¿Qué pueden reprocharle a este gobierno que tiene su mayoría parlamentaria? Pero vea Ud. algunas cifras.*

---

<sup>176</sup> PRATT, Marie Louise. “La reinención de América/La reinención de Europa: la autoformación criolla”. Ojos imperiales: Literatura de viajes y transculturación. Buenos Aires: FCE, pp.317

*La Francia tiene 35.000,000 de habitantes i 270,000 electores, elejidos segun lo que poseen i no segun lo que saben; el sabio que no paga impuesto no entra en el país electoral. Hai en Francia entre ciudades, villas, aldeas i villorios, treinta i seis mil poblaciones, i la cámara se compone de 550 diputados. Toca, pues, un diputado a cada 490 electores. Ya Ud. ve que 490 personas no es ganado tan arisco que no pueda amansársele por los dones, por los favores. La mayoría dispone de empleos, donaciones, i colocaciones para los electores; cada diputado reparte estancos, percepturías, etc. La Epoca, diario ministerial, persigue a todo desertor de la mayoría, publicando de los registros ofociales la lista de los favores recibidos, con lo cual prueba el gobierno que nadie tiene derecho de tirar la piedra contra la corrupción<sup>177</sup>*

Por intermédio de um representante diplomático chileno, Francisco Javier Rosales<sup>178</sup>, com bom relacionamento e trânsito entre os líderes políticos franceses, Sarmiento conseguiu uma audiência com o primeiro-ministro Guizot. Nesta entrevista relatada ao amigo Aberastain em uma carta datada de setembro de 1846, o escritor argentino deixou transparecer sua intenção de “esclarecer” o ministro e alguns membros de seu partido sobre as problemáticas políticas da região rioplatense e as consequências “bárbaras” da permanência de Rosas diante do governo de Buenos Aires e do cargo de representante diplomático da Confederação Argentina. O trecho a seguir trata da tentativa de Sarmiento em explicar as problemáticas políticas rioplatenses a um dos assessores de Guizot.

*A mi llegada a Paris, Rosales me transmite la orden de presentarme en el ministerio de Relaciones Exteriores, por orden de M. Guizot. (...) Mas tarde sé que el caballero de Saint Georges ha escrito a su gobierno que si desea saber algo sobre la cuestión del Rio de la Plata, oiga a un señor de mi nombre, hombre competente para juzgar. M. Dessage me interroga. Quiero yo establecer los verdaderos principios de la cuestión. Hai dos partidos, los hombres civilizados i las masas semibárbaras. (...) La oposición, me rectifica el ojo i el oido de M. Guizot, la oposición francesa i la oposición a Rosas compuesta de esos que pretenden instituciones... Me esfuerzo en hacerle comprender algo; pero imposible! Es griego para él todo lo que le hablo. (...) En resumen: Rosas = Luis Felipe; La mazorca = El partido moderado; Los gauchos = La petite propriété; Los unitarios = La oposición del Nacional; Paz, Varela, etc = Thiers, Rollin, Barrot<sup>179</sup>*

---

<sup>177</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. p. 114.

<sup>178</sup> VERDEVOYE, Paul. “Notas aclaratorias” in SARMIENTO, D.F. *Viajes: edición crítica*. Buenos Aires: ALLCA XX/ Scipione Cultural, 1997. p. 445.

<sup>179</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. p. 106

Apesar do esforço de Sarmiento ser estratégico e arguto a entrevista mostra-se um completo fracasso, justamente devido à posição intransigente do primeiro-ministro na não intervenção do governo francês nos problemas políticos que envolviam a região platina. Ainda assim, Sarmiento assume por conta própria a função de um representante que, junto a um governo estrangeiro, tenta angariar a simpatia e o apoio político e institucional em favor de sua causa política. Em outras palavras, Sarmiento tentou utilizar seu capital simbólico como intelectual e “especialista” nas questões políticas do Rio da Prata como formas de reforçar sua crítica ao governo Rosas. Se a informação podia definir alguns posicionamentos, segundo a lógica sarmientina, que fosse uma voz dissonante em relação ao discurso hegemônico da Buenos Aires de Rosas. Nesse sentido, entende-se também a razão do governo Rosas, na figura de Pedro De Angelis, ter desenvolvido o projeto editorial do jornal *Archivo Americano y el Espíritu de la Leyes*

Frustrado com a audiência e decepcionado com a posição renitente do primeiro-ministro e seu governo em não intervir na causa dos opositores de Rosas, Sarmiento consegue com o auxílio de Rosales uma audiência com o líder da oposição ao governo: Thiers. A impressão e a recepção do político francês é completamente diferente da de seu colega do partido moderado. Trabalhando com uma ambiguidade de interesse pela questão política do Rio da Prata e a possibilidade de utilizar esse fato como instrumento de desgaste contra o primeiro-ministro Guizot, Thiers ouve com atenção as explicações de Sarmiento, demonstrando inclusive que estava a par da situação diplomática e que esperava que o literato argentino contribuísse com novos dados e análises. Sarmiento em sua intuição política notou essa abertura reafirmou sua análise oposicionista ao “sistema americano” desenvolvido por Rosas, deixando transparecer sua acusação contra a “barbárie”. O excerto a seguir demonstra a maneira como Sarmiento descreveu a receptividade do ex-primeiro-ministro francês e a “solicitude” em aprender mais sobre a os fatos que envolviam a Confederação Argentina e a região do Prata.

*En fin, soi introducido a M. Thiers, que no puede dedicarme sino un cuarto de hora porque está reconcentrándose para pronunciar en la cámara un discurso de cuatro horas. (...) La conversación se hubo entablado luego; habia momento que perder. Al principio me aventuré con timidez, (...) i luego esponer ideas a M. Thiers, es una tarea que se la doi, no digo a un americano, al mas pintado, a un escritor europeo. Pero habia tanta indulgencia en su semblante, me detenia medroso, i él me decía: continúe Ud. El cuarto de hora pasó i quise levantarme. - No, todavía no, me interesa, siga Ud. - I al fin de tantos sufrimientos tuve la dicha, tan cara para los*

*hombres que comienzan i no tienen prestigio, de verse animados, aprobados, aplaudidos por una de la primeras inteligencias de la tierra*<sup>180</sup>

Ao que tudo indica a abertura que Sarmiento teve em expor as questões e problemáticas políticas rioplatenses sob o seu ponto de vista surtiram efeito, pois do ex-ministro Thiers utilizá-la em um dos seus discursos diante da tribuna do sala do Legislativo, os jornais de oposição do governo de Luis Felipe deram relevância e repercussão em seus jornais. Isso em partes confirma a estratégia de Sarmiento em contra-argumentar os posicionamentos e o “consenso” político que se formava em torno da figura de Rosas e a hegemonia de seu governo “tacitamente” aceita pelo resto da Confederação<sup>181</sup>. Em outras palavras, Sarmiento logrou por meio de sua ação intelectual a partir da elaboração do discurso alcançar, ainda que de mínimo impacto, uma efetividade em sua ação política.

Outro ponto interessante dentre aquilo que Sarmiento relatou sobre sua passagem pela França foi seu esforço e sua peregrinação para ter uma resenha de seu livro *Facundo* na prestigiada publicação francesa *Revue de Deux Mondes*. A revista constituía uma das principais publicações no âmbito dos estudos sobre cultura na Europa, sendo publicada desde 1829 e, por espantoso que seja, ainda mantém suas atividades periodísticas<sup>182</sup>. Em suma, trata-se de uma publicação que ao longo do século XIX foi continuamente circulada e lida por muitos escritores, literatos, políticos e intelectuais na América do Sul, cujos temas e matérias publicadas versavam sobre questões históricas, culturais e políticas de diferentes partes do mundo.

Como assíduo leitor da revista e encontrando-se na cidade que abrigava seu escritório de edição, Sarmiento viu nisso a possibilidade de divulgar seus escritos a um público ainda mais amplo. Sendo assim, o literato argentino descreveu com detalhes em sua carta a Aberastain a maneira como gastou uma soma considerável de dinheiro com os trabalhos de tradução de seu *Facundo* do castelhano para o francês e a seqüência de contínuas visitas e recusas dos atendentes do escritório da revista em

---

<sup>180</sup> Sarmiento, D.F. op. cit. pp. 108-109.

<sup>181</sup> VERDEVOYE, Paul. op. cit. p. 669: “La cuestión del Plata seguirá ocupando la prensa francesa hasta 1852, año de la caída de Rosas. Al referirse a los discursos de Guizot y Thiers, los dos campeones rivales de la política francesa de entonces, Sarmiento reconocía de hecho, por más que dijera lo contrario, la importancia que daba a aquélla el gobierno del país visitado”.

<sup>182</sup> Conferir também: SOARES, Gabriela P. “A Revue des Deux Mondes em face da América espanhola oitocentista: projeções imperiais e apropriações nacionais” in BEIRED, José Luis Bendicho; CAPELATO Maria Helena; PRADO, Maria Lígia Coelho (org). *Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas*. Assis: FCL-Assis-UNESP Publicações; São Paulo: Laboratório de Estudos de História das Américas – FFLCH – USP, 2010. pp: 207-220. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/Intercambios\\_Politicos\\_-\\_e-book.pdf](http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/Intercambios_Politicos_-_e-book.pdf). Para um panorama geral da *Revue de Deux Mondes* e seu histórico de publicações, conferir: <http://www.revedesdeuxmondes.fr/home/whoarewe.php#chron>.

aceitar resenhar o livro em um dos números do periódico. A seguir tem-se um breve trecho em que Sarmiento narra sua iniciativa.

*Quiero entenderme con un redactor de la Revista de Ambos Mundos [Revue de Deux Mondes], i otro amigo me dice: no haga Ud. tal; los redactores ganan en proporción de los artículos que introducen por rotación de rol; un artículo extraño pospone los suyos, i se ligarán entre si para no dejarlo entrar; entiéndese con M. Buloz, director de La Revista. (...) Me presentan, i queda en la oficina de La Revista mi manuscrito, para pasar a comisión que juzgue de su importancia, quedando citado yo para el otro jueves a la misma hora. Aquí principia aquella eterna historia de los autores que comienzan en Paris i que lanzan su vuelo de guardilla del quinto piso. De ahí salieron Thiers, Mignet, Michelet i tantos otros, me digo para alentarme; (...) Vuelvo el jueves, golpeo tímidamente, i el terrible ciclope de La Revista saca su ojo en la punta de la cara, lo pasea, busca, véme, i me lanza cerrando la puerta, este empujón: ‘No se ha leído aun, hasta el otro jueves’. De jueves en jueves, un dia, dia por siempre memorable en la biografía de todo garrapateador de papel, las puertas de la redación se me abren de par en par<sup>183</sup>*

Em 15 de novembro de 1846, saiu uma resenha elogiosa escrita por Charles Mazade a respeito dos manuscritos de Sarmiento, com o sugestivo título “De l’Americanisme”, subdividida em dois temas: “I-Civilización y Barbárie - Aspectos físicos, costumbres i abitos de la República Argentina - Vida de Facundo Quiroga”, cujo texto são os primeiros capítulos do que conhecemos hoje do livro *Facundo*; e “II-Cuestiones Americanas, em que se fazia um balanço das problemáticas políticas que envolviam a Confederação Argentina e a região do Prata”<sup>184</sup>.

A leitura que se pode fazer sobre essa ação do escritor é a do estabelecimento de um marco em sua atuação política como intelectual. Isso significa que, tendo seu texto publicado por um revista prestigiada e de circulação ampla entre muitos intelectuais sul-americanos, Sarmiento reafirma sua figura e seu espaço de reflexão crítica, de modo a reforçar seu capital político diante da opinião pública e por conseguinte diante do governo Rosas. A insistência de Sarmiento em promover seu texto permitia que se criasse uma instabilidade em certas interpretações a respeito da legitimidade do

---

<sup>183</sup> SARMIENTO, D.F. op.cit. pp: 120-121.

<sup>184</sup> A resenha publicada na *Revue de Deux Mondes* em setembro de 1846 com excertos dos primeiros capítulos do livro *Facundo* pode ser consultada no próprio site eletrônico da publicação: <http://www.revedesdeuxmondes.fr/user/details.php?code=68993>.

governo Rosas e seu modelo político, permitindo que o literato argentino ganhasse relevância tanto internamente ao círculo de literatos da geração de 1837<sup>185</sup>.

A carta da França, portanto, apresenta seu valor diante das perspectivas analisadas aqui porque justamente é o relato de descobertas e desilusões pelas quais Sarmiento passou ao travar uma relação de proximidade e crítica com o paradigma civilizacional que o escritor estabeleceu através da voraz experiência de leitura e cognição desses referenciais. Ademais, o que é interessante notar nas cartas enviadas e seus interlocutores é o fato de Sarmiento manifestar uma energia intelectual que foi demonstrada tanto em sua atitude de se aproximar de autoridades francesas com a finalidade de “esclarecer” os problemas políticos da Confederação Argentina e da região do Prata, e o não menos importante ato de buscar consolidar seu capital político como intelectual diante de seus pares e de outros personagens políticos.

#### **4.2.2. Confirmação do que já se viu: a carta da Espanha**

A visita à Espanha resultou, de acordo com o relato de Sarmiento, em uma de suas maiores decepções. Isso talvez se explique pelo fato do autor estabelecer uma relação a priori com a cultura e o país em questão, mais vinculada à experiência e presença histórica da Espanha na América, do que o autor teria encontrado em sua viagem. A decepção que se construiu dentro do relato remete inevitavelmente às estruturas sociais e culturais do Antigo Regime espanhol que dominou e influenciou a América. Isso foi trabalhado dentro da argumentação da carta no sentido de estabelecer uma relação entre Rosas e a permanência de certos valores que persistiam e dificultavam o progresso dos ideais propostos pela Revolução de Maio. Em suma, Sarmiento como fruto de uma revolução liberal com a qual ele mesmo se identifica associava a velha ordem colonial à política rosista e aos caudilhos provinciais. O trecho a seguir mistura um relato *costumbrista*, com crônica social e política, de maneira que o autor deixa transparecer tanto sua análise política sobre a sociedade espanhola, como o “veneno” que destila contra a cultura hispânica.

*El paisano español posee, ademas, todas las cualidades necesarias para ejercitar en éxito la profesión de mendigo. Un aire grave una memoria recargada de oraciones. El paño burdo de que el pueblo español viste, es de color i consistencia calculados*

---

<sup>185</sup> Em relação a esse tema é relevante mencionar uma passagem de uma carta que Alberdi escreveu para Felix Frias a respeito da publicação da resenha do livro de Sarmiento. “¿Qué le parece el artículo de la *Revue de Deux Monde*, que empieza a aparecer sobre Sarmiento? Es soberbio, en mi opinión. Lástima que su aparición sufra interrupción” in ALBERDI, Juan B. *Cartas inéditas a J.M. Gutiérrez y F. Frias*. Buenos Aires: Luz del Día, 1953 apud VERDEVOYE, Paul. “Viajes por Francia y Argélia” in SARMIENTO, D.F. *Viajes: edición crítica*. Buenos Aires: ALLCA XX/Scipione Cultural, 1997. p. 675.

*para resistir a la acción de los siglos (...) cuando alguna brecha se abre por un codo o una rodilla, bastiones avanzados de aquella fortificación, una pieza de nuevo paño la cierra inmediatamente, i si los diversos ministerios que han desgobernado la España en estos últimos tiempos, hubiesen hecho obligatorios sus colores, los vestidos del pueblo español serian hoy un cuadro fiel de los movimientos políticos de los últimos veinte años transcurridos. El sistema de remiendos se aplica igualmente en España a las reformas políticas y sociales; sobre un fondo antiguo y raído, se aplica un remiendo colorado que quiere decir constitución; otro verde que quiere decir libertad; otro amarillo, en fin, que podría significar civilización. En lo moral o en lo físico no conozco pueblo mas remendado, sin contar todos los agujeros que aun le quedan por tapar*<sup>186</sup>

Em outras palavras, Sarmiento não vai à Espanha para analisar, estudar ou explorar como o viajante que foi em outros países; antes ele assume uma posição de acusador diante da cultura e dos fatos que encontra no país ibérico. Não por menos, Sarmiento chega mesmo a afirmar que a Espanha, assim como o próprio palácio El Escorial era um cadáver velho que estava apodrecendo e que causava desgosto em seus espectadores. Ainda que o ator reconhecesse certo valor com respeito à arte e à literatura espanhola, o tom que perpassa a linguagem é da repulsa a uma tradição cultural, com a qual o autor identificava o passado colonial. Dentro da estrutura simbólica e argumentativa, Sarmiento exemplificava tudo isso a partir da contemplação que o autor faz sobre o espetáculo das touradas, uma vez que estas sintetizavam a originalidade primitiva e bárbara que a cultura espanhola teria legado a suas ex-colônias na América.

*Por todas partes se encuentran en Europa ruinas imponente de los circos romanos. En España solo se ha conservado el espectáculo mismo del circo. (...) por sus costumbres y su espíritu, el pueblo español es el pueblo mas romano que existe hoy día. Todos sus males le vienen de ahí; enemigo del trabajo, guerrero, heróico, tenaz, sobrio y apasionado por los espectáculos (...) sobre la plaza de toros el pueblo español es grande y sublime (...) allí se resarce, con emociones mas vivas que las del juego, de las privaciones a que su pobreza lo condena(...)*<sup>187</sup>

Segundo Ruben Benítez<sup>188</sup>, Sarmiento não vai à Espanha para uma viagem de fim político, ou de observação de algum fato social que o chame a atenção, tal como a organização das municipalidades, a questão do sistema educacional ou mesmo a visita ao museu a céu aberto como ele

---

<sup>186</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. pp.135-136.

<sup>187</sup> Idem, pp: 139-140

<sup>188</sup> BENITEZ, Rubén. “El viaje a España” in SARMIENTO, D.F. *Viajes: edición crítica*. Buenos Aires: ALLCA XX/ Scipione Cultural, 1997.

assim caracteriza as cidades italianas. Antes o autor assume uma posição de reivindicação dos males existentes na sociedade hispanoamericana, e fundamentalmente argentina, tentando em sua peregrinação por terras espanholas revolver essas origens, de modo a dar maior significação à estrutura explicativa que o autor adota para entender seu contexto.

*Poded, pues, entera fé en la severidad e imparcialidad de mis juicios, que nada tienen de prevenidos. He venido a España con el santo propósito de levantarla el proceso verbal, para fundar una acusación, que, como fiscal reconocido ya, tengo de hacerla ante el tribunal de la opinión en América; a bien que no son jueces tachables por parentesco ni complicidad los que han de oír mi alegato*<sup>189</sup>

Viaja-se para Espanha para confirmar o que já fora anteriormente escrito, não para perceber os elementos e fatos que contradizem os argumentos sarmientinos. Utiliza-se o testemunho do que se viu na sociedade madrilenha para estabelecer um forte paralelo entre o “atraso” espanhol e as permanências da cultura hispânica na sociedade e política rioplatense e que corroborariam a barbárie feita em sistema a partir do domínio de Rosas. Há uma clara tentativa de Sarmiento em criticar o governo Rosas e o Partido Federal a partir de sua descrição dos paisanos espanhóis e suas práticas políticas e sociais.

#### **4.2.3. Esperanças renovadas: a carta dos EUA**

O período que Sarmiento permaneceu nos EUA foi uma etapa importante na construção de sua visão de mundo, principalmente em relação à reflexão dos projetos de nação que o autor gestava em seus pensamentos políticos e liberais. Esta viagem apresentou um caráter um tanto improvisado nos planos que tinha anteriormente traçado ao deixar a Europa e rumar de volta a Valparaíso. Ao que se sabe, Sarmiento encontrava-se por pouco tempo na Inglaterra, com pouco dinheiro e com uma profunda dúvida entre se aventurar pela Inglaterra e sua sociedade convulsionada pelos efeitos da Revolução Industrial, ou seguir viagem em um dos tantos navios ingleses que levavam imigrantes pobres e seus sonhos de melhores condições às oportunidades existentes nos EUA. Segundo relatou Sarmiento, o fator definidor de sua decisão deu-se por duas razões: a primeira e mais imediata a intenção de conhecer o professor e educador Horace Mann, cuja obra sobre os métodos de ensino nas mãos de Sarmiento quando se encontrava na América do Sul; o segundo fator teria sido uma influência antiga e persistente que as obras de Fenimore Cooper causavam em Sarmiento, ao utilizar grande parte

---

<sup>189</sup> Idem, p. 128

do argumento do escritor estadunidense para fundamentar seu *Facundo* e a noção dialógica entre civilização e barbárie.

É válido reiterar que Sarmiento deixou o continente Europeu com um certo desamparo em relação àquilo que imagina como modelo de política, cultura e sociedade, algo que o escritor identificava com a civilização europeia e mais precisamente o contexto histórico francês. Isso fica claro quando ele afirma logo no início de uma carta dedicada a Valentín Alsina:

*Quiero decirlo que salgo triste, pensativo, complacido y abismado; la mitad de mis ilusiones rotas o ajadas, mientras que otras luchan con el raciocinio para decorar de nuevo aquel panorama imaginario en que encerramos siempre las ideas cuando se refieren a objetos que no hemos visto, como damos una fisionomía y un metal de voz al amigo que solo por cartas conocemos*<sup>190</sup>

Em sua viagem confluíram inúmeros fatores que influenciaram e conformaram sua percepção idealizada e truncada daquilo que, para Sarmiento, seria um modelo de sociedade a ser aplicado em um vindouro projeto de Estado-nação unificado. Primeiramente encontrava-se a barreira lingüística, pois o entendimento de Sarmiento da língua inglesa, diferentemente do francês no caso, era quase nulo. De acordo com seu relato, Sarmiento conseguia ler alguma coisa ou outra, mas seu desconhecimento do inglês o tornava muito mais um espectador que um agente ativo que interage com outros indivíduos dessa cultura. Isso significa que grande parte do que Sarmiento observou e analisou se deu muito mais por meio de guias de viagens da época e de uma contínua construção mental daquilo que o autor julgava ser a totalidade da realidade social dos EUA do que pela entrevista e interação cultural com os cidadãos norte-americanos. Além disso, outro fator que pesa significativamente na construção do relato é o tempo (Sarmiento viaja apenas 6 semanas e de forma ininterrupta por quase todos os estados do leste e do vale central dos EUA: de Nova York a Cincinnati) e a falta de recursos financeiros. Sarmiento praticamente adiciona esse trecho estendido de sua viagem sem muito planejamento, apesar de sua exemplar organização dos gastos, tal como o diário de gastos de sua viagem atestam<sup>191</sup>. Em socorro nesse momento de dificuldade, Sarmiento encontrou Santiago Arcos, de quem se tornou amigo mantendo uma longa relação de estima durante muito tempo de sua vida.

Tratando do relato em si, Sarmiento em sua observação testemunhal da cultura, da política e da sociedade estadunidense trabalhou temas já há muito tempo recorrentes em seus escritos. Dentre eles

---

<sup>190</sup> Idem, p. 290

<sup>191</sup> VERDEVOYE, Paul. “Diario de gastos”. in SARMIENTO, D.F. *Viajes: edición crítica*. Buenos Aires: ALLCA XX/ Scipione Cultural, 1997. pp. 467-599

se encontram a questão das instituições relacionadas com a educação pública, principalmente suas visitas às escolas mantidas pelo educador Horace Mann e sua esposa Mary Mann. Seu interesse também se fixou na observação sobre o funcionamento a organização política e social das municipalidades, principalmente em estados e regiões um pouco mais fronteiriças no oeste, como forma de perceber como os EUA lidavam com a construção do Estado e da nação em zonas mais afastadas, observando-se as ações do governo em relação à ocupação, apropriação e vendas de terras. E por fim, um terceiro ponto não menos importante dentro do que foi observado observado por Sarmiento foi a questão da moral, dos costumes e a maneira como isso conformava os princípios constitucionais e a participação política por meio de eleições democráticas.

Segundo William Katra<sup>192</sup>, dentro dessa lógica temática, a observação de Sarmiento em seu percurso pelos EUA será profundamente influenciada por três autores que voltaram suas reflexões sobre pontos fundamentais da sociedade estadunidense: Fenimore Cooper, Tocqueville e Benjamin Franklin.

Do escritor e literato estadunidense Sarmiento recuperou a perspectiva de organização de uma sociedade em uma zona de fronteira como eram os estados do vale central e mais a oeste do território estadunidense. A partir da obra *Notions of the Americans*, Sarmiento recolheu muitas informações com as quais compôs suas reflexões a respeito da organização social estadunidense, bem como reformulou suas perspectivas sobre as noções de civilização e barbárie.

*(...) pero aun en estas remotas plantaciones, hay igualdad perfecta de aspecto en la población, en el vestido, en los modales, y aun en la inteligencia; el comerciante, el doctor, el sheriff, el cultivador, todos tienen el mismo aspecto. El campesino es padre de familia, es propietario de doscientos acres de tierras o de dos mil, (...) y si acierta a darse en la vecindad un meeting religioso, de lo profundo de los bosques, descendiendo a las montañas, asomándose por todos los caminos, veráse los campesinos a caballo en grandes cabalgadas, con su pantalon y su frac negro, y las niñas con los vestidos de los géneros mas frescos y las formas mas graciosas*<sup>193</sup>

Dos escritos de Tocqueville, influência presente desde a composição de *Facundo*, Sarmiento retirou alguns pontos que permitiram o autor estruturar seu relato no sentido de pensar as noções de liberdade e participação política como formas de coesão e construção do Estado Americano. O escritor francês permitiu que Sarmiento interagisse mais uma vez antes com o relato escrito que com o

---

<sup>192</sup> KATRA, William. “Sarmiento en los Estados Unidos” in SARMIENTO, D.F. *Viajes: edición critica*. Buenos Aires: ALLCA XX/Scipione Cultural, 1997.

<sup>193</sup> SARMIENTO, D.F. op.cit. p. 300.

fenômeno histórico e contemporâneo em si. Em outras palavras, Sarmiento acabou por confirmar as perspectivas tocquivillianas sem ao observar os pontos contraditórios que a tanto a sociedade estadunidense como o próprio Tocqueville haviam apontados sobre a sociedade política nos EUA.

*Los Estados-Unidos están en ella con todos sus accidentes, cosa que no puede decirse de nación alguna. La aldea francesa o chilena es la negación de la Francia o de Chile, i nadie quisiera aceptar ni sus costumbres, ni sus vestidos, ni sus ideas, como manifestación de la civilización nacional. La aldea norte-americana es ya todo el estado, en su gobierno civil, su prensa, sus escuelas, sus bancos, su municipalidad, su censo, su espíritu y su apariencia. Del seno de un bosque primitivo, la diligencia o los wagones salen a un pequeño espacio desmontado en cuyo centro se alzan diez o doce casas*<sup>194</sup>

Por fim, a leitura de Franklin esteve presente no momento em que Sarmiento se propôs apontar quais as razões do desenvolvimento, do progresso e da coesão social existente naquele contexto, de modo a apresentar como fundamental a questão moral e os valores partilhados do cristianismo protestante como princípios presentes na esfera pública e minimamente aplicados no âmbito da vida privada.

*Hay un fenómeno que se realiza en los Estados Unidos, y que no obstante de referirse a principios fundamentales inherentes a la especie humana, no hay sido hasta hoy de una manera precisa establecido. (...) ¿Qué es la moral? El código de preceptos que ha dado en seis mil años el contacto de un hombre con otro, a fin de que vivan en paz sin hacerse mal, amándose, procurándose el bien. La moral que nos liga a Dios por nuestros padres, está después de Confucio, Sócrates y Franklin, adivinada, encontrada. (...) La población en masa de los Estados Unidos ha adquirido este sentimiento, esta conciencia política, pues no sé que nombre darle. (...) Es un hecho que se ha vencido preparando de cuatro siglos; es la práctica de doctrinas y partidos vencidos y rechazados en Europa, y que con los peregrinos, los puritanos, (...) se ha venido desarrollando, perfeccionando, arraigando*<sup>195</sup>

Nesse sentido, a descrição de Sarmiento sobre o que encontrou nos EUA é profundamente enviesada, pois como foi dito, seu sentimento corrente é de decepção, em que as razões para Sarmiento ter se decepcionado encontravam-se no fato de existir uma contradição entre uma herança artística, científica e moral contra uma população analfabeta, andrajosa e miserável, mesmo depois de ter passado por duas grandes revoluções liberais: 1789 e 1830. A construção argumentativa da carta dos EUA deixa perceber uma das muitas concepções que o pensamento sarmientino trabalha para o

---

<sup>194</sup> Idem, p. 664.

<sup>195</sup> SARMIENTO, D.F. op.cit. p. 331

entendimento dos fenômenos sociais, que é justamente a maneira como as ideias e a questão moral influem na composição e nas atitudes dos indivíduos em uma organização social e política<sup>196</sup>.

Pode-se interpretar que Sarmiento guiou-se por uma concepção idealista da história, em que as ideias, os valores morais aprendidos e coletivamente compartilhados são os elementos que influiriam e moldariam as ações dos indivíduos em sociedade. Isso talvez explique sua inabalável crença na educação como meio transformador da sociedade e instrumento fundamental na construção do Estado-nação argentino; além de sua aversão e oposição raivosa ao "modelo americano" aplicado por Rosas, pois segundo o autor, muito além das questões econômicas e eminentemente políticas, o governo gerido e ampliado por Rosas atuavam justamente no que concerne às ideias partilhadas e à moral desenvolvida pelo sistema de poder tal como ele se encontrava erigido.

O que fica relativamente suspenso dentro do relato de viagem, devido principalmente a sua brevidade, acabou por ser melhor desenvolvido em diferentes obras do autor: *Argirópolis* de 1850, *Comentário a la Constitución de la Confederación Argentina* de 1853 e *Memoria sobre Educación Común* de 1856, nas quais Sarmiento utilizou os dados observados a partir do modelo estadunidense para construir grande parte de suas propostas de organização para o Estado Argentino. Em outras palavras, o que assumia caráter de denúncia e contra-argumentação em *Facundo*, passou a se tornar propostas de organização do Estado-nação, principalmente nos anos anteriores à batalha de Caseros em 1852.

#### **4.2.4. Viagens como ponto de inflexão: a experiência e o deslocamento**

Pode-se dizer que o roteiro empreendido por Sarmiento foi também uma espécie de “viagem iniciática”, em que houve por parte do autor uma forma de abertura do olhar e da observação que conferia certos parâmetros críticos tanto para uma análise mais detida da realidade que foi deixada para trás, como da nova realidade em direção a qual o viajante se destina<sup>197</sup>. A viagem em Sarmiento contribuiu para a resolução de alguns problemas que, segundo Elias Palti, ainda estavam pendentes nas

---

<sup>196</sup> KATRA, op. cit. p. 855.

<sup>197</sup> FORTUNATI, Vita. *La letteratura utopica inglese. Morfologia e grammatica di un genere letterario*. Ravenna, 1979. pp. 37-47. apud TROUSSON, Raymond. “Utopia e utopismo” tradução Ana Cláudia Romano Ribeiro. In. *Morus: Utopia e Renascimento. Dossiê: Utopia como Gênero Literário*. Vol. 2. Campinas: Unicamp, 2005. p. 131: “Simbolicamente, a viagem representaria o abandono dos velhos valores, seguido da descoberta e da aquisição de valores novos. Aventura heróica e itinerário espiritual, ela permite ao viajante criar um ponto de vista de fora, encarnar valores que serão postos em discussão e é a sua presença, enfim, que cria a possibilidade da descoberta e do diálogo”. Conferir também: TORRE, Cláudia. “Sarmiento en viaje” in e AMANTE, Adriana. *Historia Crítica de la Literatura Argentina*. Tomo 4: Sarmiento. Buenos Aires: Emecé Editores, 2012 pp. 451-474.

reflexões encetadas em *Facundo*: a passagem da anarquia à ordem, a maneira como isso se ligava a um projeto de nação moderna, e a relação entre determinismo natural e ação racional<sup>198</sup>.

*I como en las cosas morales la idea de la verdad viene ménos de su propia esencia, que de la predisposición de ánimo, i de la aptitude del que aprecia los hechos, que es el individuo, no es extraño que la descripción de las escenas de que fui testigo se mezclase con harta frecuencia lo que no vi, porque existia en mí, mismo, por la manera de percibir trasluciendose mas bien las propias que las ajenas preocupaciones. I a ser bien desempeñada esta parte, ¿quien no dijera que ese es el mérito i el objeto de un viaje, en que el viajero es forzosamente el protagonista, por aquella solidaridad del narrador i la narración, de la vision i los objetos, de la materia de examen i la percepción, vínculos estrechos que ligan el alma a las cosas visibles, i hacen que vengan éstas a espiritualizarse, cambiandose en imágenes, i modificándose i adaptándose al tamaño i alcance del instrumento óptico que las refleja?*<sup>199</sup>.

Os relatos contidos em cada carta são profundamente instigadores e são uma fonte interessante para se entender as mediações culturais que esse “intelectual americano” fez a partir do contato com uma cultura tida como referencial, mas nunca experimentada de maneira física ou ocular. Interação esta que se mostrou sem muitos entraves, durante sua estadia na Europa, por exemplo. Entretanto, as cartas referentes ao testemunho que o autor escreveu quando esteve nos EUA são aqui de maior apreso, pois são nelas que o autor demonstrou algumas das mudanças conceituais em relação à história e a ampliação de seu “horizonte de expectativas” após sua decepção junto à Europa, sua maior referencia civilizacional até então<sup>200</sup>.

Apesar da dita familiaridade que Sarmiento expressava ao se encontrar emerso na cultura francesa, os fatos de ordem política que ele presenciou durante sua visita à Assembléia Legislativa em Paris e a maneira como o sistema político-eleitoral francês encontrava-se estruturado, tudo acabou por decepcioná-lo, levando-o a criticar certas bases e princípios. O trecho a seguir mostra-se revelador desse fato ocorrido nas reflexões de Sarmiento e a ironia com a qual o autor critica tudo isso.

*La Francia ha caído en este horrible lazo, i en vano se ajita, lucha, protesta; ella no es el país legal, ni el país electoral. Cuando se echa en cara a M. Guizot esta corrupción del elector i del elegido, se dirige a la mayoría i la apostrofa en estos términos: ‘Os sentis corrompidos?’ No, grita la mayoría, con gran confusión de las pobres minorías que ven realmente que no hai corrupción, puesto que cuatrocientos*

---

<sup>198</sup> PALTI, Elias. *El momento romántico*. Buenos Aires: Eudeba, 2009. p. 70.

<sup>199</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. p. 6.

<sup>200</sup> KATRA, William H. *Sarmiento: public writer (between 1839 and 1852)*. USA: Arizona State University, 1985.

*ajiotistas lo repiten. Cuando se denuncia en la tribuna un delito evidente como la luz, una dilapidación escandalosa, probada, M. Guizot pide que la cámara decida si está o no satisfecha, i un movimiento en masa de la turba de cómplices, absuelve de toda culpabilidad al rei i al ministerio. He ahí el país legal, he ahí los grandes hombres de la tierra!*<sup>201</sup>.

Essa decepção se torna ainda mais profunda ao se notar o nome de François Guizot nessa primeira carta com referência à França, pois este foi responsável pelo desenvolvimento de análises e teorias historicistas das quais Sarmiento compartilhava. Nessa declaração de Sarmiento com respeito à política francesa, seu sistema eleitoral corrupto e a ignorância dessa classe política em relação aos problemas políticos existentes no Ríó de la Plata, nos quais a própria França estava envolvida, tudo isso revela a desconfiança com a qual Sarmiento passou a tratar seu referencial civilizacional até então. Isso porque o político e ministro de estado de Luis Felipe I fora tido como grande referência política e intelectual durante a feitura da obra *Facundo*, em que a análise da invasão das cidades pela barbárie assemelha-se muito com o modelo explicativo do surgimento do feudalismo empreendido por Guizot<sup>202</sup>. Em outras palavras, percebe-se nesse ponto o ambíguo sentimento de “desencantamento com o mundo” por parte do escritor argentino e a lacuna “referencial” que isso provocou em algumas chaves explicativas da realidade histórica do autor<sup>203</sup>. O processo de “re-encantamento” e reformulação de suas bases explicativas que desaguaram nos projetos e propostas apresentadas em *Argirópolis* apareceram no último trecho de sua viagem.

Ao chegar aos Estados Unidos de meados do século XIX, Sarmiento encontrou, de acordo com seu relato, uma sociedade burguesa que estava dando certo ou pelo menos mostrava frutos de um certo desenvolvimento equitativo, diferentemente de uma Europa que se aprofundava cada vez mais nas contradições entre os diferentes componentes que formavam o tecido social. Houve, portanto, um esvaziamento dos referenciais do autor que foram “urgentemente” preenchidos com a experiência do olhar curioso, do olhar que buscava ver e precisava ser visto, enfim, o olhar apressado de um intelectual “idealista” e interessado em buscar material e evidências para a reestruturação de seu projeto de nação.

---

<sup>201</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. p. 116

<sup>202</sup> KATRA, WILLIAM H. op. cit. p. 864.

<sup>203</sup> SARMIENTO, D.F. op.cit. p. 290.

Os EUA passam a ser, então, o novo referencial de um modelo “utópico” ou idealizado de nação, já que Sarmiento viu de certa forma realizada nessa sociedade uma espécie de fusão harmônica entre a questão moral (os valores presentes nessa sociedade) e sua atuação frente a realidade imediata, muito na esteira do que Tocqueville havia pensado em sua *Democracia na América*<sup>204</sup>. Não se pode esquecer, ao se ler essa obra, o lado idealista-historicista presente em Sarmiento, em que sociedade ia se aperfeiçoando por meio das ideias presentes em uma dada sociedade que empurravam o desenvolvimento das instituições sociais e das forças produtivas. Daí sua crença, por exemplo, na força da educação como privilegiada promotora do desenvolvimento social, já que a consciência moral seria o elemento motor do desenvolvimento de uma dada nação.

*Los Estados-Unidos son una cosa sin modelo anterior, una especie de disparate que choca a la primera vista, i frustra la espectación pugnando contra las ideas recibidas, i no obstante este disparate inconcebible es grande i noble, sublime a veces, regular siempre*<sup>205</sup>.

Entretanto, o que Sarmiento tirou como conclusão dessa junção entre uma moral coletivamente compartilhada – muito devido à moral religiosa, segundo o relato do autor – e a construção de uma sociedade, de uma nação mais equânime em oportunidades e realizações foi a noção de ação individual e sua capacidade de agência em relação à transformação de seu contexto contemporâneo<sup>206</sup>. O sujeito passa a ser o elemento central nesse mover da história, em que o que era pautado pelo determinismo do meio e das condições acabou por se evidenciar em uma atuação deliberada e própria ao indivíduo em sua *vita activa*<sup>207</sup>.

Seguindo suas observações e seu relativo “encantamento” com a sociedade estadunidense, Sarmiento encontrou essa junção entre uma moral compartilhada entre a coletividade dos indivíduos e a capacidade de agência desses mesmos sujeitos em transformar seu meio, tendo como exemplo o surgimento das cidades americanas no oeste norte-americano. Estes espaços urbanos encontrados nas terras recém dominadas foram descritos como pequenas vilas onde a produção material estaria em consonância com a dignidade moral prometida a cada indivíduo, em que a produção fabril, segundo as

---

<sup>204</sup> BEIRED, José Luís B. “Toqueville, Sarmiento e Alberdi: três visões sobre democracia nas Américas”: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742003000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742003000200004&lng=en&nrm=iso)

<sup>205</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. p. 290.

<sup>206</sup> PALTÍ, Elias. op. cit. p. 71: “Si el sujeto puede entender los signos sedimentados en los fenómenos históricos es porque él nos es un mero narrador pasivo y desapasionado, sino también ‘forzosamente el protagonista’”.

<sup>207</sup> ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. São Paulo: Ed. Forense Universitária, 2011 pp: 8-25

observações de Sarmiento, permitiam o desenvolvimento social e econômico, de modo que tal trabalho não o embrutecesse, mas antes contribuísse para a sociedade como um todo. Essa cidade é uma mescla de iniciativa da indústria e uma elevação moral do indivíduo, em que os operários estadunidenses, por exemplo, receberiam até mais que seus competidores ingleses sem necessariamente abandonar sua elevação moral<sup>208</sup>. Em suma, tudo o que Sarmiento não evidenciou em sua passagem pela Europa, mas que imaginava facilmente encontrar.

*¿Cómo con las fábricas, i los salarios ínfimos pagados a un pueblo miserable i anrajoso? Dícese que las fábricas aumentan el capital, en razon de la miseria popular que producen. Lowell [fábrica estadounidense] es un desmentido a esta teoría. (...) ¿Como han hecho este prodigio? Apurado todos los medios intelijentes de que el país es tan rico. El obrero, el maquinista son hombres educados; su trabajo por tanto es perfecto, sus medios injeniosos; i pudiendo calcular el tiempo i el producto, producen mayor cantidad de obra i mas perfecta. Las hilanderas i trabajadoras son niñas educadas, sensibles a los estímulos del deber i de la emulación<sup>209</sup>.*

Outro ponto apreciável que Sarmiento viu de certa forma desenvolvido nas cidades estadunidenses é a noção de sistemas políticos e a participação de seus indivíduos. Apesar de não ter prestado muita atenção com relação à estrutura e seus mecanismos, o que particularmente atraiu Sarmiento nesse percurso pela “utopia” era a maneira como o modelo de municipalidade permitia a participação dos integrantes da sociedade, sem que necessariamente houvesse um caos tamanho que levasse ao surgimento de figuras tirânicas para a promoção da ordem, tal como acontecia na Confederação Argentina. Isso se dava porque uma grande parte da comunidade compartilhava e difundia os mesmos valores ordenadores da sociedade, o que acarretava em um processo de civilização mais amplo e não somente restrito às classes aristocráticas, como acontecia na Europa, por exemplo<sup>210</sup>. O sistema de eleições e municipalidades, influenciados por esse compromisso moral elevado, formavam a sociedade quase utópica observada por Sarmiento.

O que é interessante notar nessas observações feitas por Sarmiento durante suas viagens é a maneira como o escritor transforma algumas de suas concepções com relação à história e a atuação do

---

<sup>208</sup> PALTÍ, Elias. op. cit. p. 73.

<sup>209</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. p. 390.

<sup>210</sup> PALTÍ, Elias. op. cit. p. 74. “La conformación de este sentido de identidad comunal es, en definitiva, lo que condensa la idea romántica de nación. Ésta no es, pues, para él [Sarmiento], una entidad natural sino una construcción humana, un producto del arte”.

sujeito em relação a esta, o que lhe permitia reelaborar seus contínuos pensamentos acerca do projeto de nação. Em outras palavras, a influência recebida após sua experiência em terras européias e estadunidenses fez o intelectual argentino perceber que os conflitos e resoluções presentes em um dada sociedade se ligava fundamentalmente ao papel atuante desse sujeito. Assim, um novo projeto de nação seria possível a partir desse sujeito – intelectual e moralmente estruturado pela educação, por exemplo. Tal como afirma Elias Palti: é a “subjetivación del mundo operada en *Viajes* [que] tendrá como contrapartida la objetivación del sujeto”<sup>211</sup>.

Entretanto, é necessário estabelecer uma ressalva a respeito das observações de Sarmiento durante sua curta viagem aos EUA. O intelectual argentino na construção de sua estrutura explicativa tende muitas vezes a elaborar um processo de inversão, de modo a colocar um fenômeno de ordem lateral ou periférica como o centro de um fenômeno que ele se propunha a explicar. Segundo alguns críticos, tal como Noël Salomon<sup>212</sup>, Sarmiento fez isso em *Facundo* ao generalizar uma situação que explicaria bem a realidade de sua província natal na região de Cuyo, mas que ao ser posta como um modelo para entender a própria situação socio-política de Buenos Aires e de outras regiões da Confederação Argentina falharia em sua modelagem explicativa. Sarmiento fez o mesmo quando refletiu sobre o contexto de formação da sociedade e da economia estadunidense, ao pensar a realidade de um estado mais periférico como o de Cincinnati, como a realidade de toda uma região mais central (tal como a dos estados do nordeste americano) e inclusive todo o contexto dos EUA.

A linguagem de Sarmiento é caracteristicamente "conceitualizadora" porque estabelece generalizações de fatos, fenômenos e realidades como forma de aproximação e entendimento. Nesse sentido, Sarmiento ao escrever tem uma tendência a generalizações, de modo criar com essas mesmas generalizações sistemas explicativos de fatos históricos, políticos, econômicos e culturais. Talvez o exemplo mais gritante seja a categorização de realidade social e política da Argentina em civilização e barbárie, o que faz com que o autor deixe de lado toda uma "zona cinzenta" que lança os paradoxos de qualquer conceito. Em suma, repete-se nas cartas o mesmo fenômeno em toda a obra, em que o texto produzido não tem significação sem o contexto que o cerca e que o signifique. A escrita seria justificada justamente pelos diferentes acontecimentos encontrados por Sarmiento, sendo assim a razão para a própria explicação e a conceitualização mostradas nas obras.

---

<sup>211</sup> Idem, p. 75

<sup>212</sup> SALOMON, Noël. "El *Facundo* de Domingos Faustino Sarmiento: manifiesto de la preburguesía argentina de las ciudades del interior", Cuadernos Americanos 39, nº5 (1980), pp. 121-176

O que se quis evidenciar na breve análise de algumas das cartas que julgou-se mais importantes no todo da reflexão e do relato empreendido durante a viagem foi o fato de como a distância cria perspectiva e maneira como esta suscita novos pensamentos que encontrar novas possibilidades de análise para os mesmos problemas. Em outras palavras, Sarmiento ao empreender sua viagem à Europa e aos EUA carrega consigo problemáticas próprias de seu contexto de origem, mas retorna com novas perspectivas e olhares sobre as questões políticas, sociais e culturais que ainda estavam em aberto. Nos relatos, foi possível perceber não somente como Sarmiento criticava a realidade política da Confederação Argentina, o governo Rosas e o “sistema americano” que se ligava ao conceito de americanismo ao estabelecer, por exemplo, paralelos sobre costumes, traços culturais e estruturas políticas de outros países; mas pôde-se notar a reformulação de conceitos e pontos de vistas que influenciavam na interpretação de sua realidade histórica e que estavam em estrita ligação às linhas mestras que esboçavam e desenhavam o que o autor entendia como um projeto de nação.

#### 4.3. Novas formas de pensar o mesmo problema: *Argirópolis*

“¿Qué obstáculos impedirían que la idea se convirtiese en hecho práctico, que el deseo se tornase en realidad?”  
Sarmiento - *Argirópolis*

Apesar de ser uma das obra menos conhecidas de Sarmiento, *Argirópolis* mostra-se um interessante documento histórico para se analisar alguns dos conceitos articulados pelo escritor em suas concepções políticas sobre a organização do Estado-nação e a maneira como o intelectual, por meio de um panorama histórico dos acordos constitucionais, enceta suas críticas e oposições ao governo Rosas e seu “sistema americano”. O livro já traz no título elementos que indicam os pontos abordados em seus estudos, reflexões e propostas políticas para as problemáticas que ainda rondavam a Confederação Argentina:

*Argirópolis o la Capital de los Estados Confederados del Río de la Plata. Solución de las dificultades que embarazan la pacificación permanente del Río de la Plata, por medio de la convocación de un Congreso, y la creación de una capital en la isla de Martín García, de cuya posesión (hoy en poder de la Francia) dependen la libre navegación de los ríos, y la independencia, desarrollo y libertad del Paraguay, el Uruguay y las provincias argentinas del Litoral*<sup>213</sup>

Originalmente publicada em 1850 em Santiago de Chile sem o nome do autor em suas primeiras versões, o livro divide-se basicamente em duas partes: na primeira há uma análise histórica e

---

<sup>213</sup> SARMIENTO, D.F. *Argirópolis*. Buenos Aires: Editorial Leviatán, p. 7.

política dos conflitos passados e contemporâneos à Confederação Argentina. Em seguida, uma segunda parte que consiste numa proposta de criação de uma capital federal na ilha fluvial de Martín García, já que sua localidade trazia um apelo à superação do caos político existente na região do Prata como um todo.

Sarmiento tinha alguns objetivos com essa publicação. 1) contribuir com um estudo que traçasse um histórico dos acordos constitucionais que haviam surgido desde 1816 até o momento contemporâneo ao autor. 2) criticar a atuação de Rosas e seu mal uso que o cargo de representante da Relações Exteriores da Confederação Argentina lhe concedia em benefício quase exclusivo à província de Buenos Aires. 3) E por fim, criar uma aproximação com interlocutores importantes tanto interna como externamente à Confederação, tais como o governador de Entre-Ríos Justo José de Urquiza<sup>214</sup> e as autoridades francesas que naquela época ocupava a ilha de Martín García<sup>215</sup>. Isso significa que a obra trabalha ao mesmo tempo em dois planos: um analítico-expositivo em que Sarmiento realiza o trabalho de um “historiador do direito”; e outro de caráter crítico-oposicionista, em que o autor desfere seus contra-argumentos ao modelo de governo estabelecido por Rosas.

Alguns críticos contemporâneos, como Javier Fernández, argumentam que *Argirópolis* não foi fruto de uma improvisação ou elaborado de maneira puramente facciosa com miras à oposição política pura e simples. Antes a obra é uma consequência de outros estudos e reflexões que Sarmiento havia feito após seu retorno ao Chile, depois de suas *Viajes*. Exemplo disso são as publicações *Emigración alemana al Río de la Plata* e artigos publicados em jornais chilenos da época, posteriormente compilados em suas obras completas sob o título “Política Argentina”. Para escrever *Argirópolis*, Sarmiento havia estudado todos os pactos assinados até o ano de 1850, desenvolvendo uma clara

---

<sup>214</sup> Sarmiento tinha uma clara intenção de fazer chegar esse estudo às mãos do gen. Urquiza, principalmente após este declarar seu rompimento com o *status quo* da hegemonia de Buenos Aires sobre o resto da Confederação. O historiador revisionista Julio Irazusta, em uma crítica ao livro acrescenta: “Hay un punto en el que no se le puede negar la influencia que ejerció en los acontecimientos. Gran parte del libro está destinada a proponer un programa, que Urquiza habría de hacer suyo: el de convocar un Congreso Nacional, que iba a resolver automáticamente todos los problemas, según el utopismo constitucionalista del siglo XIX, mil veces fracasado, pero siempre renaciente” in IRAZUSTA, Julio. *Vida política de Juan Manuel de Rosas*. Ediciones Trivium, Buenos Aires, 1970, Cap. 106 apud FERNÁNDEZ, Javier. “Prólogo” in. *Argirópolis*. Buenos Aires: Editorial Leviatán, 2005. pp. 9-10.

<sup>215</sup> Sarmiento em alguns momentos na obra assinala uma função preponderante da França no auxílio à resolução do conflito, uma vez que o território da ilha de Martín García se encontrava sob possessão francesa. Não por acaso o autor chegou a publicar uma versão de *Argirópolis* na França sob o título: *Argyropolis ou la capitale des États confédérés du Río de la Plata*. Em um estudo sobre a passagem de Sarmiento pela França, Paul Verdevoye acrescenta: “La introducción del libro [*Argirópolis*] ofrece una visión de la política rioplatense favorable al partido de la ‘civilización’; y sobre todo, invita a los señores de la Asamblea Nacional francesa a ‘echar una ojeada a un proyecto que les permite terminar honorablemente, y sin expedición costosa, la lucha en la que se encuentra comprometida desde hace tanto tiempo la bandera de Francia’” in VERDEVOYE, Paul. “Viajes por Francia y Argélia” in SARMIENTO, D.F. *Viajes: edición crítica*. Buenos Aires: ALLCA XX/Scipione Cultural, 1997. pp. 677-678

percepção dos elementos factíveis e as limitações políticas que afastavam cada província de uma organização debaixo de um Estado Nacional<sup>216</sup>.

Sendo assim, esta pequena obra é interessante porque justamente traz um estudo do processo institucional, principalmente a partir de 1827, quando o então governador de Buenos Aires Manuel Dorrego solicitou o encargo de representante das Relações Exteriores da Confederação Argentina, o qual foi concedido provisoriamente até que se ditasse uma constituição que regesse o país. Daí as propostas caminharem no sentido de “terminar la guerra, constituir el país, acabar con las animosidades, conciliar intereses divergentes, conservar las autoridades actuales, echar las bases del desarrollo de la riqueza y dar a cada provincia y cada estado comprometido lo que le pertenece”<sup>217</sup>. Para tanto, uma das propostas mais ousadas (e porquê não utópicas) foi a ideia de criar uma cidade com caráter de capital para a região, justamente na ilha de Martín García. A razão para isso, segundo Sarmiento, era o fato da ilha funcionar como um verdadeiro “ferrolho” da rede fluvial e das vias de comunicação entre o litoral e o interior da região da bacia do rio da Prata.

Em suma, esta obra é uma espécie de corolário do que Sarmiento refletiu a partir das experiências obtidas nos EUA no que se refere a um modelo político com traços americanos e que poderia servir como matriz inspiradora de um novo projeto de nação unificada. A partir das observações captadas do sistema político norte-americano, Sarmiento assumiu uma perspectiva diferenciada daquela que havia adotado desde *Facundo*, uma vez que reconhecia na própria “especificidade americana” uma saída para o caos político argentino. Ademais, a obra foi escrita sob a influência de um modelo estadunidense de organização do Estado e que se opunha ao conceito de *americanismo*, ou “sistema americano”, desenvolvido ao longo do tempo pelo discurso político de Rosas e seus apoiadores, a exemplo de Pedro de Angelis no jornal *Archivo Americano y el Espíritu de las Leyes*.

#### **4.3.1. Argirópolis: entre a capacidade projetiva e a análise política**

O contexto no qual se insere a obra – início da década de 1850 – é um momento de certa estabilidade nas guerras inter-provinciais e de um predomínio hegemônico de Buenos Aires sobre o restante da Confederação. Após mais de uma década de contínuos conflitos interprovinciais, arranjos e desarrajos com potências internacionais como os bloqueios de 1838 e 1843, a expansão do conflito da

---

<sup>216</sup> FERNÁNDEZ, Javier. “Prólogo” in. *Argirópolis*. Buenos Aires: Editorial Leviatán, 2005. pp. 9-10.

<sup>217</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. p. 16.

Confederação para outros pontos do continente, tal qual o cerco do general Oribe à cidade de Montevideu, a guerra contra a Bolívia em 1846 etc, tudo acabou por se estabilizar ao final da década de 1840 de modo a sinalizar que Rosas havia conseguido impor um modelo de organização política de acordo com os ditames do Partido Federal e principalmente da hegemonia de Buenos Aires sobre as outras províncias do interior. O que se tem, então, é uma relativa unificação da nação sob uma rígida influência de Buenos Aires e seus pactos políticos<sup>218</sup>.

Entretanto, o que chama a atenção na estratégia do autor para que se alcançasse um estágio de superação do conflito e desenvolvimento político e moral da nação, tal qual havia observado nos EUA durante sua viagem, é a utilização mesma da história na tentativa de criação de uma mobilização que possibilitasse uma mudança de rumos na política de modo a alcançar de fato um estágio de nação unificada.

*Ningún sentimiento de hostilidad abrigan estas páginas, que tienen por base el derecho escrito que resulta de los tratados, convenciones y pactos celebrados entre los gobiernos federales de la República o Confederación Argentina. Las medidas que proponemos son, a más de legítimas y perfectamente legales, conformes al derecho federal que sirve de base a todos los poderes actuales de la Confederación. Tienen su apoyo en el interés de todos los actores en la lucha, se fundan en la constitución geográfica del país, y lo que apenas podría esperarse, dejan a cada uno en el puesto que ocupa, a los pueblos libres sin subversión, la guerra concluída sin derrota, y el porvenir asegurado sin nuevos sacrificios<sup>219</sup>.*

O que chama a atenção aqui é a estratégia de Sarmiento de buscar na história e no histórico dos acordos políticos e diplomáticos firmados entre as províncias e a Confederação Argentina uma forma de estabelecer uma base legal de normalidade a qual daria espaço para a organização do país. Em outras palavras, Sarmiento para obter essa mudança política que favoreceria o desenvolvimento da nação jogou com a própria história, lembrando os tratados estabelecidos pelos governos federais na implementação de um congresso constituinte nacional. Isso significa que Sarmiento persistia na ideia de que um ordenamento constitucional era o elemento que permitiria que os problemas de ordem política estariam resolvidos a partir da organização legal do país, assumindo inclusive as próprias regras estabelecidas pelo Partido Federal.

---

<sup>218</sup> GOLDMAN, Noemí. *Nueva Historia Argentina: Revolución, República, Confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2005

<sup>219</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. p. 16.

*El tratado cuadrilátero celebrado entre las provincias del litoral de los ríos en 25 de enero de 1822, corroborado por el tratado del 4 de enero de 1831, a que han adherido todas las provincias confederadas, establece como una de las funciones de la comisión que ha de representar permanentemente en Santa Fé a cada una de las partes contratantes – ‘invitar a todas las demás de la República, cuando estén en plena libertad y tranquilidad, a que por medio de un congreso federativo se arregle la administración del país bajo el sistema federal, su comercio interior y exterior, su navegación, el cobro y distribución de las rentas generales, y el pago de la deuda de la República’<sup>220</sup>*

Nesse sentido, a estratégia de Sarmiento é de (de)escrever uma história que fosse além das fronteiras interprovinciais da Confederação e que agregasse outros países envolvidos, tal como o Paraguai e o Uruguai. A internacionalização do problema ou dos conflitos geraria, no ver de Sarmiento, um duplo movimento: 1º de que a questão do Prata tornava-se muito mais ampla, abarcando outros agentes que deveriam ser ouvidos e que influiriam na resolução da questão; 2º de revelar uma certa usurpação por parte do governador de Buenos Aires do cargo de representante das relações exteriores em benefício exclusivo de sua província, algo que demandava a retirada de tal poder das mãos de Rosas e uma conseqüente abertura ao diálogo. Em outras palavras, como o conflito e os problemas se mostravam de ordem diplomática em que a pessoa encarregada de estabelecer tais compromissos demonstrava uma irregularidade, nada mais justo do que retirar tal condição especial do indivíduo que a possuía.

*(...) la palabra congreso parece haber sido abolida de nuestros lenguajes políticos, y lo que se dio como provisorio y de las circunstancias del momento tomarse por definitivo y normal. Si hay un gobierno a quien el decoro y la dignidad de su posición le imponen el deber de no oponer resistencias a ese antiguo y postergado voto de la nación, es el de Buenos Aires, por temor de que la historia lo culpe de querer confiscar en provecho del simple gobernador de una provincia las facultades que sólo puede ejercer la nación; por temor de que se crea que arrancó dolosamente a la sinceridad, resuelto a no cumplir jamás con la condición expresa en cuya virtud se hacía la concesión<sup>221</sup>.*

O que se tem, então, nessa primeira parte do livro foi o trabalho com o discurso histórico e os referencias estabelecidos pelos próprios acordos feitos pelo Partido Federal, aos quais Sarmiento se opunha, para alcançar um fim político maior: a unificação da nação e a consolidação do Estado. Tal

---

<sup>220</sup> Idem, p. 33

<sup>221</sup> Idem, p. 35.

com foi analisado na obra *Facundo*, Sarmiento evidencia uma certa unificação “involuntária” por tais governos “bárbaros”, mas que se demonstrava incompleta em seu alcance e organização. Em sua atitude constitucionalista expressa naquele momento, a plena organização da nação só se daria por meio de um congresso onde todos os envolvidos teriam iguais condições na construção dessa nova ordem.

Trabalhando sua análise no sentido de demonstrar as contrariedades e brechas presentes nos próprios arranjos e acordos políticos estabelecidos pelos governos federais, Sarmiento lançou sua proposta de superação por vias diplomáticas, dessa indefinição política na região: a criação de uma capital federal dos Estados Unidos do Rio da Prata na ilha de Martín García. Crendo, como foi dito, nessa força do constitucionalismo ordenador da política, Sarmiento propôs a convocação de um congresso nacional que estabeleceria dentre outras coisas a criação dessa cidade ideal que de forma quase “fantasiosa” eliminaria os conflitos tanto de ordem interna como externa. Isso porque a razão de tantos conflitos se dava basicamente pela desigualdade econômica e produtiva entre os outros estados da Confederação e a província de Buenos Aires, já que esta concentrava a maior parte da produção e do escoamento tanto para dentro do continente como para fora por meio de seu porto.

*Creemos haber llegado a establecer solidamente la conveniencia, la necesidad y la justicia de crear una capital en el punto céntrico del Río de la Plata, que poniendo por su posición geográfica en armonía todos los intereses que se chocan sin provecho después de tan largos años, termine a satisfacción de todos los partidos, de todos los Estados del Plata la guerra que los desoía, para cuya solución han sido impotentes las armas de la Confederación Argentina y la diplomacia europea. Efectivamente, la creación de una capital en Martín García, para conciliar los intereses y la libertad de los Estados confederados<sup>222</sup>.*

Com a criação e o deslocamento do eixo político para um ponto cêntrico no mapa político da região, haveria uma eliminação dessa concentração política e econômica excessiva existente em Buenos Aires. Como fora visto, Sarmiento ficou profundamente afetado com suas observações da sociedade estadunidense e sua maneira de organização política e econômica. Tal qual o a Confederação Argentina e a bacia do Prata, os EUA também sofriam com uma concentração excessiva da produção econômica na região de Nova York e Boston e que a implantação de uma capital federal em uma das duas cidades somente agravaria uma disputa política; daí que Washington foi criada como capital política como meio de superação dessa possível crise institucional. *Argirópolis*, então, seria a versão

---

<sup>222</sup> Idem, p. 87.

sul-americana dessa proposta, já que o deslocamento do eixo político-econômico beneficiaria não somente a umas poucas províncias mas sim o conjunto da Confederação<sup>223</sup>.

Não é preciso um esforço muito grande para saber que a proposta de criação de uma capital na ilha de Martín García acabou não vingando e nem mesmo foi encampada por nenhum político argentino, mas a maneira como a análise histórica sobre os acordos diplomáticos foi conduzida por Sarmiento pode-se dizer que ela em partes influenciou a própria atitude do general Urquiza, quando este rompeu com o governo de Rosas, pois o álibi político apontado para tal atitude de oposição foi justamente o afastamento de Rosas do cargo de representante das Relações Exteriores da Confederação Argentina. Dentro todos os objetivos que Sarmiento teria com esse estudo, ao menos um suspeitamos que o escritor argentino possa ter obtido.

Em suma, foi aprofundando a questão do histórico dos acordos constitucionais e tratados firmados pelos próprio líderes do Partido Federal que Sarmiento alcançou a crítica ao governo Rosas. Isso porque Sarmiento deixava transparecer em suas análise um certo caráter ilegal que rondava a posição e a atitude de Rosas em adiar continuamente o estabelecimento de uma constituição ao país. Isso significa que Sarmiento nesse escrito passou da crítica e da polêmica política sobre os destinos da Confederação, para uma acusação sobre a “ilegalidade” das atitudes do governador de Buenos Aires.

Em outras palavras, Sarmiento com esse opúsculo insistia em lembrar seus leitores, e principalmente Rosas, sobre as cláusulas e os pontos estipulados, por exemplo, do Pacto Federal de 1831, firmado pelo então governador de Buenos Aires, Facundo Quiroga e Estanislao López, que dizia que, uma vez estabelecida a tranquilidade necessária ao processo político, se estabeleceria um Congresso Federativo, contemplando assim a necessidade de representação política de todas as províncias abraçadas pela Confederação.

Com a força de sua análise-crítica Sarmiento tentava colocar em cheque o personalismo que fundamentava o “sistema americano” no qual o governo Rosas acabava entretecendo, forçando as outras províncias confederadas a girarem como satélites na órbita de Buenos Aires. Ainda que aparentemente irrealizável, as reflexões de Sarmiento mostravam a argúcia de alguém que refletia constantemente sobre a condição política de seu país.

---

<sup>223</sup> KOHAN, Martín. “Sarmiento inventor” in JITRIK, Noé; AMANTE, Adriana. *Historia Crítica de la Literatura Argentina*. Tomo 4: Sarmiento. Buenos Aires: Emecé Editores, 2012, p.161: “Sarmiento se lanza sobre la empiria y se pone a probar: no puede ni quiere desentenderse de la realidad concreta, pero tampoco está dispuesto a someterse resignadamente a ella. La realidad lo convoca, pero no con los criterios de lo existente, sino bajo el desafío de lo que pueda resultar posible, de que el deseo, la potencia conquistadora del deseo, pueda imponerse sobre las condiciones existentes”.

\*\*\*

O que se realizou, portanto, nesta seção do trabalho foi justamente uma análise dos documentos aqui empregados, de modo a elencar temas e proposições que permitem o seu cruzamento com as problemáticas da historicidade vivida por Sarmiento e a formação de um arcabouço para se compreender a maneira e as formas como o escritor argentino opunha-se ao governo Rosas e ao seu “sistema americano”. Em outras palavras, ao se assumir a perspectiva de que os escritos de Sarmiento são “literatura de ideias” foi possível traçar linhas gerais que permitiam perceber a interação do autor com suas problemáticas políticas e as respostas a tudo isso.

Nesses documentos, Sarmiento deixa transparecer suas posições políticas, de modo a analisar criticamente as concepções e referenciais políticos assumidos por Rosas. Dentre eles o *americanismo* também é alvo dessas reflexões, em que o autor assimilou as designações abraçadas pelo *rosismo* e as reaplicou em seus textos por meio da ironia crítica ou da simples negação dos elementos que o termo indicava.

Veja-se, por exemplo, como o autor utiliza e refere a palavra *americanismo* e sua carga semântica em seu texto *Facundo*.

*O bloqueio francês foi a via pública pela qual o sentimento chamado propriamente de americanismo chegou a se mostrar sem disfarce. Tudo o que temos de bárbaros; tudo o que nos separa da Europa culta foi então mostrado na República Argentina, onde se organizou em sistema e se dispôs a fazer de nós uma entidade à parte dos povos de procedência européia. A par da destruição de todas as instituições que nos esforçamos por toda parte para copiar Europa, ia a perseguição ao fraque, à moda, às suíças, às polainas, ao formato do colarinho do colete e ao penteado conforme o figurino; e a essas exterioridades européias eram trocadas pelas pantalonas largas e soltas, pelo colete colorado, pela jaqueta curta, pelo poncho, como trajes nacionais, eminentemente americanos, e esse mesmo Don Baldonero García que hoje traz para o Chile o lema ‘Morram os selvagens, asquerosos, imundos unitários’, como ‘signo de conciliação e de paz’, foi expulso do Forte aos empurrões, no dia em que teve a selvageria e imundice de comparecer a um beija-mão, como magistrado, vestindo um fraque<sup>224</sup>.*

Fica clara a intenção de Sarmiento em conferir ao termo uma designação que o aproxime das ideias que o autor compreende como definidoras da barbárie, tais como atraso, lentidão, “tradição colonial”, “regime de exceção” e “fanatismo nacional”. Além disso, fica clara os caminhos cognitivos

---

<sup>224</sup> SARMIENTO, D.F. op. cit. p. 396

que Sarmiento traça para formular sua contestação: a hipérbole, a parábola, a metáfora, a comparação, e a metonímia da parte pelo todo, tal como o escritor aplicou em seus escritos anteriormente analisados.

A análise das obras sarmientina, em suma, permitem o estabelecimento do segundo pólo dessa dinâmica conflituosa que se dá através dos discursos, os quais constantemente lutavam pelo estabelecimentos dos referenciais explicativos dos fenômenos políticos. Sarmiento através do poder da escrita sob a forma narrativa como instrumento de apreensão da “barbárie” e o discurso rosista em sua ação política de criar tanto sua hegemonia quanto sua legitimidade diante da Confederação e das potências estrangeiras.

Sendo assim, uma vez esboçado os breves estudos sobre o fenômeno político do *rosismo*, suas práticas e seus discursos, e sobre a produção intelectual sarmientina em três de seus “livros documentos”: *Facundo*, *Viajes* e *Argirópolis*, demonstra-se a seguir os “diálogos” e as disputas entre a “intelectualidade rosista” e Sarmiento em torno do conceito de *americanismo*.

---

## 5. Os “diálogos” e as disputas em torno do *americanismo*.

**“e tanta é a carne humana necessária ao *americanismo* que ao fim e ao cabo a população americana se esgota e vai ser toda arregimentada entre os quadros que a metralha raleia desde o nascer do sol até o anoitecer”**

**Sarmiento - *Facundo*.**

Uma vez estabelecido os estudos preliminares sobre os dois pólos dessa interlocução acerca do conceito de *americanismo*, é chegada a hora de evidenciar esse “diálogo” e as disputas existentes em sua definição e utilização como uma linguagem política tanto pelo discurso político do *rosismo* quanto pelos escritos sarmientinos. O que se propõe aqui é a elaboração de um exercício interpretativo que contemple essa dinâmica de afirmações e contra-afirmações de uma parte e de outra, em que as designações e as utilizações do termo qualificam a acepção adotada por cada uma das partes.

Para tanto, estruturou-se a análise no sentido de demonstrar a historicidade em relação à utilização do conceito pelos polemistas rosistas como por Sarmiento, na medida em que estes foram refletindo e utilizando o termo em seus escritos. Isso quer dizer que se optou por traçar um paralelo entre uma enunciação e sua possível resposta, em que uma publicação de um editorial na *Gaceta Mercantil de Buenos Aires* por De Angelis em 1843 é seguida de uma “resposta” de Sarmiento em seu *Facundo* em 1845, por exemplo, ou um artigo saído no jornal *Archivo Americano* em 1846, versando sobre o *americanismo* ou a *causa americana*, é assimilado por Sarmiento e resignificado em suas reflexões expostas nos livros *Viajes* e *Argirópolis*. Imaginou-se ser possível interpretar tanto as concepções como as maneiras em que o conceito foi vinculado e debatido durante a vigência do governo Rosas e a oposição que Sarmiento encabeçou contra o caudilho bonaerense. Desse modo, a contribuição que se faz à história dos conceitos e das linguagens políticas no âmbito da História Argentina é emparelhar lado a lado os documentos e seus excertos nos quais aparecem os termos e sua maneira de ser empregado, seja como artifício retórico, seja como ironia com fundo crítico<sup>225</sup>.

Ainda assim é necessário fazer uma breve ressalva. O termo *americanismo* e suas diferentes conotações políticas e culturais não é uma particularidade das linguagens políticas empregadas no

---

<sup>225</sup> Poderia-se ter escolhido estruturar a argumentação em dois blocos distintos, de modo que cada um expressasse as definições, usos e designações do termo tanto para o *rosismo* quanto para Sarmiento. Não se optou por essa forma argumentativa justamente para tentar dar relevo à temporalidade e a historicidade do conceito, imaginando que um artigo escrito pelos publicistas rosistas que empregasse o termo *americanismo* em 1844, não acumularia outras reflexões agregadas a ele, a partir das críticas e contra-argumentações desenvolvidas por Sarmiento ou pelos escritores unitários, por exemplo. Em suma, trata-se de uma escolha de estruturação que tenta acompanhar *pari passu* o debate existente entre os dois setores do conflito.

contexto rioplatense. A designação de *americanismo* está atrelada a algo particular à América e próprio de sua cultura e política<sup>226</sup>. O espectro do termo chegou inclusive a aparecer em alguns escritos políticos de Francisco de Miranda, Simón Bolívar e José de San Martín<sup>227</sup> em suas reflexões sobre as transformações políticas ocorridas na hispanoamérica na virada do século XVIII para XIX e principalmente para designar as especificidades identitárias existentes na América em relação à Coroa Espanhola. Isso significa que o termo, dentro da reflexão produzida durante o processo de independência política em relação à Espanha, ligava-se muito mais a um debate sobre a problemática da identidade cultural das sociedades americanas em relação a um outro do qual se queria distinguir, do que se referir a um uso político com intenções de definir um certo “sistema” de governo ou posicionamento político diante de fatos e eventos históricos. Apesar de sua existência ser anterior a sua utilização com conotações políticas, foi nos debates e nas disputas políticas durante a primeira metade

---

<sup>226</sup> Se verificarmos uma recente definição para o termo *americanismo* no dicionário de maior circulação dentro do mundo *hispanohablante* encontra-se: **Real Academia Española**. “*americanismo*. 1. m. calidad o condición de americano. 2. m. carácter genuinamente americano. 3. m. amor o apego a las cosas características o típicas de América. 4. m. dedicación al estudio de las cosas de América. 5. m. vocablo, giro, rasgo fonético, gramatical o semántico que pertenece a alguna lengua indígena de América o proviene de ella. 6. m. vocablo, giro, rasgo fonético, gramatical o semántico peculiar o procedente del español hablado en algún país de América”. Conferir: <http://lema.rae.es/drae/?val=americanismo>. Além disso, o termo *americanismo* é empregado contemporaneamente para designar um conjunto de estudos multidisciplinar que incluem contribuições dos campos da História, Linguística, Literatura, Antropologia e Geografia que pensam as especificidades culturais e políticas cuja compreensão assuma a América como objeto de estudo. Dentre estes campos destacam-se as produções a partir do campo da linguística que analisa o processo de “fusão” entre as matrizes indígenas e europeias na formação das variações idiomáticas existentes na América Hispânica. Em relação ao campo da política, o *americanismo* tem sua maior relevância dentro das perspectivas do *pan-americanismo* já presente nas reflexões de Bolívar, por exemplo, e recuperado na passagem do sec. XIX para o XX por escritores e intelectuais como José Martí José Enrique Rodó, mas com outro fim a partir das críticas destinadas à política, cultura e sociedade estadunidense. Conferir: [http://www.cialc.unam.mx/pensamientoycultura/biblioteca%20virtual/diccionario/1\\_presentacion.htm](http://www.cialc.unam.mx/pensamientoycultura/biblioteca%20virtual/diccionario/1_presentacion.htm).

Ainda que seja algo específico do contexto político cultural da América, é interessante também notar que o termo *americanismo* não consta no *Diccionario político y social del siglo XIX español*, editado por Javier Sebastián Fernández e Juan Francisco Fuentes, considerando-se que esta é uma obra seminal dentro da perspectiva da História dos Conceitos Políticos em língua espanhola.

<sup>227</sup> Conferir: MIRANDA, Francisco de. *América Espera*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, s/ano. BOLÍVAR, Simón. *Doctrina del Libertador*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, [1976] 2009. Ambas podem ser acessadas pelo sítio eletrônico da Biblioteca Ayacucho em: <http://www.bibliotecayacucho.gob.ve>. Em especial, Bolívar interpela o conceito ao pensar a perspectiva política e cultural existente a partir do termo *panamericano*. SAN MARTÍN, José de. *Escritos Políticos*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1990.

do século XIX rioplatense que o termo *americanismo* é incorporado a uma miríade de linguagens políticas que estavam em disputas nessa época<sup>228</sup>.

Juntamente com as noções de “consenso político e expressão pública”, “dissenso e intolerância”, e sobre a “causa da Santa Federación”, o *rosismo* também se utilizou de elementos que pertenciam à esfera das representações *americanistas*, surgidas durante ou logo após os processos de independência política. Desenvolvendo sua própria perspectiva do que chamou de “sistema americano”, o *rosismo* mesclou nesse processo diferentes tradições presentes no contexto rioplatense de então, tais como elementos nativistas<sup>229</sup>, democrático-agrários e clássico-republicana.

A questão do *americanismo*, nas hostes rosistas, pode aparentar um jogo de simplificações em relação ao solo pátrio ou às legitimidade que derivam desta condição. Entretanto, a sustentação política de Rosas encontrou no conceito espectros mais amplos, ao formular a ideia de “sistema americano”. Jorge Myers, abordando a questão, faz duas ressalvas fundamentais. Primeiramente, com respeito à simplificação que parte da historiografia sobre o *rosismo* fez em reduzir as ações políticas do caudilho e sua produção discursiva apenas ao âmbito das práticas nacionalistas que fundamentariam o

---

<sup>228</sup> Quanto à existência da palavra atrelada ao conceito como vocábulo político e literário dentro do período, Carlos Altamirano, ao traçar um panorama inovador com as abordagens da *História de los Intelectuales*, é claro quanto ao “momento de nascimento” do termo a partir da constatação deste na produção literária de Andrés Bello: “Al hablar de *americanismo* nos referimos a la empresa intelectual de estudio y erudición destinada a indagar, valorizar y promover la originalidad de América Latina, tal como se la podía descubrir en su literatura y en los legados de su historia cultural. La oda *Alocución a la Poesía*, de Andrés Bello, aparecida en Londres en 1823, suele ser citada como acta de nacimiento del *americanismo*, una tradición en que se inscriben los nombres de José María Torres Caicedo en Colombia, el de Juan María Gutiérrez en la Argentina, y a la que el uruguayo José Enrique Rodó va a conferir sentido militante (ARDAO, 1996)”. Conferir: ALTAMIRANO, Carlos. (dir) *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol I. Buenos Aires: Katz, 2008, p. 16.

<sup>229</sup> Com respeito à questão dos “elementos nativistas” ou do “nativismo” dentro do contexto rioplatense é válido consultar a primeira parte do livro de Halperin Donghi. *História Argentina. De la revolución de independencia a la confederación rosista*. Nesta seção, o autor estabelece como eventos catalisadores do “sentimento nativista” dos bonaerenses, por exemplo, a crise do império espanhol durante o período napoleônico e principalmente as invasões inglesas e seu rechaço pelas forças locais, no início do século XIX (1806). Esta ideia baseava-se fundamentalmente na concepção de defesa da região contra o domínio de outra coroa, de modo a preservar a identificação e a ligação com o catolicismo e a Coroa Espanhola. Conferir: HALPERIN DONGHI, Túlio. *História Argentina. De la revolución de independencia a la confederación rosista*. Buenos Aires: Paidós, 1985. Em sua narrativa agradável, Nicolas Schumway também confere alguns indícios sobre o “nativismo” em seu livro sobre a perspectiva de invenção da Argentina. Conferir: SCHUMWAY, Nicolas. *A Invenção da Argentina*. São Paulo: Edusp; Ed. UnB, 2008.

regime<sup>230</sup>. O *americanismo* resvala na problemática sobre o nacionalismo, mas não se encerra nele, tomando rumos próprios. Em segundo lugar, o historiador argentino indica que o discurso político do *rosismo* não seguiu uma linearidade crescente em relação à construção discursiva sobre o *americanismo*. O discurso sobre o “sistema americano” teve oscilações em sua utilização, variando conforme aumentavam ou diminuía os ataques ao governo Rosas e sua perspectiva de criar uma hegemonia política. Essa “variação” em relação ao *americanismo* se dava pela adoção com maior ou menor intensidade de alguns referenciais: por exemplo, De Angelis não assimilava muito a perspectiva temática do “agrarismo democrático”, tal como Berro incorporou em suas reflexões, mas reforçou a questão da excepcionalidade americana diante dos modelos europeus, contribuindo para a ideia de que durante o governo Rosas havia a existência de uma nação argentina<sup>231</sup>.

Nesse sentido, o mais assertivo a dizer é que o *americanismo* trabalhado pelo *rosismo* apoiou-se em uma tradição de sentimentos e proposições nativistas que já circulavam no contexto político rioplatense, mas que acabava por se diferenciar desse sentimento “nativista” justamente por conferir uma coerência aos elementos trabalhados em seu discurso. Ainda de acordo com Myers, o “sistema americano” coordenou uma fusão entre uma imagem específica acerca da concepção de república e a questão identitária que esta trazia, gerando uma proposta política que representava uma alternativa a modelos europeus de governo e sociedade<sup>232</sup>.

### 5.1. Um debate que se arma: ponderações iniciais sobre o americanismo.

Ao se mapear esse diálogo entre os polemistas produtores do discurso político do *rosismo* e a reflexão crítica de Sarmiento em relação aos caminhos da sociedade argentina, é possível estabelecer uma estrutura que contemple dois pólos dessa esfera dialógica. De um lado, há uma parte *propositiva*,

---

<sup>230</sup> MYERS, Jorge. *Orden y Virtud*. Quilmes: Editorial UNQ, [1995] 2011, p. 58. Este trabalho seminal de Jorge Myers, juntamente com as pesquisas desenvolvidas por Pilar Gonzáles Bernaldo e Marcela Ternavasio sobre o *rosismo*, confere alguns referenciais sobre a questão do *americanismo*, não somente pelo pioneirismo em analisar o termo como parte das linguagens políticas empregadas pela retórica política rosista, mas por balizar os elementos de sua análise a partir da ideia de que o governo Rosas assentava grande parte de suas ações discursivas em um conjunto de referenciais republicanos, que conferiam valor político dentro do processo de construção e reafirmação de uma ordem diante da Coroa Espanhola e dos modelos e referências políticas européias. Algo que grande parte da historiografia argentina tradicional não conferia ao regime do general bonaerense, uma vez que as interpretava fundamentalmente a partir da ótica das relações convencionais baseadas na noção de caudilhismo. Conferir também: HALPERÍN DONGHI, Túlio. *El espejo de la historia: problemas argentinos y perspectivas hispanoamericanas*. Buenos Aires: Sudamericana, 1987 e \_\_\_. *Ensayos de historiografía*. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 1996.

<sup>231</sup> MYERS, Jorge. op. cit. p. 59. Conferir também: SCHEIDT, Eduardo. *Carbonários no Rio da Prata: jornalistas italianos e a circulação de ideias na Região do Platina (1827-1860)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

<sup>232</sup> MYERS, Jorge. op. cit. pp. 59-60.

que define algumas linhas mestras de entendimento do conceito. De outro, uma parte *contestatória*, que interpreta e que critica a maneira como o termo é utilizado politicamente. Sendo assim, estabeleceu-se uma dinâmica de argumentação e contra-argumentação em torno da utilização e conceitualização do termo.

A parte iniciadora desse debate, que se confunde com a parte que primeiramente põe em voga o *americanismo* como linguagem política naquele momento, é a retórica rosista, já que é este quem o erige como tópico de seu discurso, chegando mesmo a designá-lo pelo sinônimo de *sistema americano*. A parte contra-argumentativa é representada por Sarmiento através de seus escritos e de suas reações às medidas e ações elaboradas pelo governo Rosas, desenvolvendo portanto um tipo de reflexão reativa e crítica ao que se propôs originariamente. Em síntese, o que se quer estabelecer aqui é que o diálogo possível de ser identificado ocorre através dos usos e das aplicações do conceito nos escritos tanto de Sarmiento como da “intelectualidade rosista”. São, portanto, as diferentes designações que conferem o caráter de disputa e embate.

Este “diálogo” a partir da utilização ou contestação do *americanismo*, deu-se, por sua vez, em uma temporalidade específica, que se encerra mais especificamente entre os anos de 1838 até 1850. E há uma razão clara para isso, pois é nesse contexto em que se deram os eventos de maior contestação ao regime rosista e os momentos onde o discurso político de Rosas auto-afirmou seus preceitos. Eventos como a Guerra Grande do Uruguai entre *blancos* e *colorados* que envolveu as forças federais rosistas entre 1836 e 1850; o bloqueio francês ao porto de Buenos Aires entre 1838 e 1840; a invasão das tropas unitárias de Lavalle entre 1840 e 1841; e o segundo bloqueio do porto de Buenos Aires pela esquadra anglo-francesa entre 1845 e 1850, foram acontecimentos que reforçaram a utilização do *americanismo* como uma linguagem política que reiterava as especificidades, idiossincrasias e autonomia do “sistema americano” capitaneado por Rosas.

Tendo isso em mente, é possível traçar alguns pressupostos que contribuem para entender as formas, maneiras e objetivos pelos quais foram utilizados o *americanismo*. Isso porque é possível identificar que este conceito alimenta-se e articula-se a partir de outros três outros conceitos-chaves utilizados nas linguagens políticas no contexto rioplatense. A saber: soberania, nação/nacionalismo e república/republicanismo. O debate sobre os conceitos de *soberania*, *nação/nacionalismo* e *república/republicanismo* e a suas utilizações como linguagens políticas é amplo e significativo dentro da

historiografia latino-americana e especificamente rioplatense<sup>233</sup>. Portanto, não se pretende esmiuçar ou adensar o debate em torno desses conceitos políticos, mas apenas sinalizar as vinculações matriciais que estes conceitos apresentam com o termo *americanismo*.

A vinculação de *americanismo* com a noção de *soberania* é uma manifestação político-cultural da condição de independência política sob o qual o governo Rosas, à frente da Confederação Argentina, mostrava-se diante de potências estrangeiras, por exemplo. Isso quer dizer que o *americanismo* “bebe na fonte” do conceito de *soberania* porque este indica as novas demandas do exercício do poder político<sup>234</sup>.

O conceito de *nação/nacionalismo*, por sua vez, baliza o de *americanismo* porque este aponta tanto para uma designação identitária com respeito às especificidades americanas, como representa um status político a partir do qual são construídas referências culturais sobre as quais uma sociedade foi e é erigida. No contexto específico da Confederação Argentina e do *rosismo*, tem-se essa interpenetração dos termos porque *nação/americanismo* estendeu seu entendimento à moral, aos valores (modos de vestir) e sociabilidades, chegando mesmo à problemática dos projetos de formação nacional que se encontravam logicamente em disputas<sup>235</sup>.

Já a noção de *república/republicanismo* era tida como uma forma de organização política que conclamava os cidadãos à virtude e à liberdade, afirmando-se fundamentalmente a partir de sua

---

<sup>233</sup> A problemática sobre o *nacionalismo* na primeira metade do sec. XIX tem oscilações dentro das interpretações historiográficas. Há, portanto, interpretações que aceitam o conceito de *nacionalismo* como um termo próprio dos processos políticos de independência, articulados portanto como linguagens políticas na produção discursiva da época; e em contrapartida há os que negam essa vinculação tão estreita entre este conceito e sua utilização, apontando uma historicidade diferente ao trato e apropriações do termo dentro da dinâmica do discurso político na região do Prata. Para um melhor panorama desse debate acerca do *nacionalismo* e a problemática histórica em torno do tema na região platina, deve-se conferir os trabalhos seminais de José C. CHIARAMONTE. *Ciudades, Provincias, Estados: Orígenes de la nación argentina (1800-1846)*. Buenos Aires, 1997; Noemí GOLDMAN. *Lenguaje revolución: conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850*. Buenos Aires: Prometeo: 2008; e Marco A. Pamplona, Maria Elisa Mäder (orgs). *Revoluções de independência e nacionalismo nas Américas: região do Prata e do Chile*. (Coleção Margens. América Latina; v.1). São Paulo: Paz e Terra, 2007.

<sup>234</sup> GOLDMAN, Noemí. “Introducción”. op. cit. p. 16: “En consecuencia, desde 1810 el concepto de *soberanía* es a la vez indicador de la demanda y del ejercicio de hecho de nuevos poderes por parte de los pueblos, así como factor decisivo en la aparición de las dos tendencias que predominaron durante la primera mitad del siglo XIX: la que sostuvo la existencia de una única soberanía como base para la creación de un Estado unitario opuesta a la que defendía la creación de tantas soberanías como pueblos había en el Virreinato”

<sup>235</sup> SOUTO, Nora; WASSERMAN, Fabio “Nación” in GOLDMAN, Noemí. op. cit. p. 90: “Pese a todo, en las décadas de 1830 y 1840 el concepto de nación sufrió algunas inflexiones que lo tensaron y dotaron de mayor densidad al dar cuenta de estados de cosas y de horizontes de expectativas más amplios. En primer lugar, porque se extendió su asociación con valores, instituciones y modos de vida locales condensados en la voz nacionalidad. En esto resultó decisivo la recepción del principio de las nacionalidades, pero también pesó la experiencia compartida durante meas de veinte años que afectó el discurso y los términos utilizados para dar cuenta de la misma como Patria, República o Argentina (CHIARAMONTE, 1997). En segundo lugar, porque la propia nación siguió siendo objeto de arduas disputas que procuraban dotarla de contenidos sociales, culturales, políticos, institucionales y territoriales”.

oposição ao regime monárquico, cuja percepção era a de despotismo e vínculo colonial. Sendo assim, a utilização de *república* como linguagem política reafirmava uma especificidade da América diante da Europa. Além disso, trazia a tona o sistema representativo no qual a sociedade política começava a basear-se. No caso do *rosismo*, o *republicanismo* que fundamentava o “sistema americano” era trabalhado na chave de uma “república agrária”, em que o líder era identificado como o defensor e o inspirador das virtudes e da moral a serem seguidas, de modo a gerar um consenso para se lutar contra a anarquia política e social<sup>236</sup>.

À medida que se vai aprofundando a análise sobre o conceito e suas utilizações percebe-se que o termo acaba sendo simultaneamente uma síntese e um desdobramento desses conceitos ligando-se a diferentes entendimentos dos problemas por parte de Sarmiento e dos publicistas rosistas, seja para referendar uma atitude ou ação política, seja para condenar a “barbárie” que encerra a adoção do epíteto *americanismo* como forma de designação identitária.

Estabelecidas as zonas produtoras e dissonantes em relação ao conceito e seu uso, o que em linhas gerais seria o termo *americanismo* para o discurso político do *rosismo* e quais definições Sarmiento estabelecia em seus escritos?

---

<sup>236</sup> DI MEGLIO, Gabriel. “República” in GOLDMAN, Noemí. op. cit. p. 154: “Junto a esta concepción del gobierno los publicistas el rosismo volvieron a enfatizar la noción moral. Defendieron un ideal de república agraria como base de una comunidad virtuosa - acudiendo a la tradición romana - e identificaron a Rosas con la imagen del ‘Gran Ciudadano’, modelo de virtud (MYERS, 1995). Esa dimensión estuvo también presente en el período formativo de los escritores de la posteriormente llamada *Generación del '37*, que primero apoyaron a Rosas y luego fueron sus más encarnizados enemigos”.

A partir da leitura dos escritos de De Angelis publicados nos periódicos bonaerenses *Archivo Americano*<sup>237</sup>, *Gaceta Mercantil*<sup>238</sup> e os de Berro no jornal uruguaio *El Defensor de la Independencia Americana* e republicados em jornais rosistas, percebeu-se que a noção de *americanismo* refere-se a um conceito político que expressava e afirmava a particularidade do contexto social, cultural e político existente na América hispânica e, em sua utilização e descrição, ao momento político vivido pela Confederação Argentina sob o comando de Rosas.

Segundo Myers<sup>239</sup>, o conceito de *americanismo* empregado pelo discurso rosista apresentava em linhas gerais três temas gerais dos quais se desdobravam outros sub-itens, de modo a dar um panorama geral das designações e utilizações do termo. O primeiro tema referencial é que a luta entre o estado argentino e as forças estrangeiras representava por conseguinte uma luta pela conservação da independência nacional. Nesse sentido os “intelectuais rosistas” afirmavam que tal atitude nada mais era do que o exercício pleno da soberania política da Confederação Argentina. O segundo preceito que baliza o conceito é o de que a causa argentina em sua ação política estabelecia uma relação direta com a “causa americana”. E a terceira premissa baseava-se no fato de que no cenário desse conflito os que se opunham a Rosas acabavam se tornando inimigos da independência política da América, tornando-se por conseguinte partidários das ideias de restabelecimento dos vínculos coloniais de dependência.

---

<sup>237</sup> O principal periódico de veiculação do discurso do período rosista foi a extinta *Gaceta Mercantil de Buenos Aires*. Este jornal foi o instrumento através do qual se publicavam quase todos os discursos e pronunciamentos oficiais. Teve seu início em 1823 e terminou logo após a batalha de Caseros que derrotou as forças rosistas em 1852, o que demonstra sua vinculação profunda com o regime federal em Buenos Aires. Dentre os letrados que atuaram em sua organização e condução estão os já mencionados De Angelis, Rivera Indarte e Nicolás Mariño, ainda que não seja possível identificar a autoria de cada um nos respectivos editoriais e artigos escritos. De um modo geral, a *Gaceta Mercantil* teve sua função como jornal um tanto oscilante, de acordo com o contexto que o regime rosista vivia, pois durante os períodos de pausa nos conflitos interprovinciais ou internacionais, o jornal tendia a restringir-se aos anúncios comerciais ou a transcrever documentos oficiais, alterando sua temática durante os períodos mais aguerridos, fazendo com que o diário tomasse um ar mais combativo e polêmico nos ataques aos opositores do rosismo. Conferir: GALVÁN MORENO, C. *El periodismo argentino. Amplia y documentada historia desde sus orígenes hasta el presente*. Buenos Aires: Claridad, 1944.

<sup>238</sup> O *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa el Mundo* foi um periódico encabeçado eminentemente por Pedro de Angelis, com uma constante supervisão de Rosas na edição e composição dos textos. Esta publicação teve uma característica peculiar, pois ele era publicado em três línguas: espanhol, inglês e francês. Isso demonstra uma preocupação em relação ao tipo de veiculação discursiva que Rosas pretendia conferir ao seu regime, já que grande parte dos números impressos tinham como destino, além dos leitores locais, os órgãos diplomáticos de países estrangeiros. Em suas páginas, eram publicados não somente documentos oficiais a respeito do governo ou ainda comentários sobre a condução da política nacional; também se dedicava espaço a responder críticas veiculadas por jornais unitários que se encontravam em Montevideu. Exemplo disso, são os comentários de De Angelis a escritos de autores que compuseram a geração de 1837, como Echeverría, Alberdi e Sarmiento. Da mesma maneira que a *Gaceta Mercantil*, o *Archivo Americano* esteve sob os auspícios e controle de Rosas, sendo um importante instrumento na construção discursiva do governo federal. Seu fim se deu em 1851, um ano antes da queda de Caseros. Conferir: FERNÁNDEZ, Juan Romulo. *Historia del periodismo argentino*. Buenos Aires: Círculo de Prensa, 1943.

<sup>239</sup> MYERS, Jorge. op. cit, p. 60.

Em relação a Sarmiento, no glossário elaborado por Elena M. Rojas e Javier Fernández para a edição crítica do livro *Viajes por Europa, África y América* os autores assim definem *americanismo* a partir das designações e utilizações do conceito pelo escritor em sua obra: “Americanismo: (De América) m. Sarmiento le da el sentido especial de ‘inmovilidad’; ‘orgullo’; ‘fanatismo nacional’, en la época en que ‘Rosas pretendía adjudicarse el título de campeón del *americanismo*’”<sup>240</sup>. Em sua análise sobre a vida política na Confederação Argentina e a partir de sua ótica civilizacional, *americanismo* caracterizava-se por ser um modelo de governança que se afirmava pelo reforço contínuo do autoritarismo, pela perseguição política e pela criação de um consenso hegemônico forçado em torno da figura de Rosas para que se efetivasse uma ordem política e social sob a égide do Partido Federal. O que Sarmiento pretendia era demonstrar a um determinado público alheio que o governo Rosas não era a força hegemônica existente na América e na bacia do Prata, afirmando que o "sistema americano" organizado e conduzido por Rosas era apenas uma exceção e um desvio da "ordem natural", de acordo com uma perspectiva historicista de compreensão da história da civilização, tal como o autor adotava na época. O *americanismo* seria um acidente de percurso após o processo de independência política após esta ter unido dois mundos distintos: campo e cidade.

Para demonstrar como esses dois pólos do debate definiram e designaram o conceito de *americanismo*, analisou-se em paralelo os excertos dos artigos publicados pelos polemistas rosistas nos jornais *Archivo Americano* e *Gaceta Mercantil* de Buenos Aires e trechos das obras de Sarmiento, permitindo assim um panorama geral desse “diálogo mediatizado”<sup>241</sup>. Desse modo, julgou-se dar um tratamento mais assertivo à documentação utilizada nessa reflexão, deixando-se transparecer a hipótese levantada ao longo do trabalho de pesquisa.

## **5.2. Americanismo: diálogos e disputas.**

Tendo como base os referenciais que o *rosismo* estabeleceu para a fundamentação do discurso sobre o *americanismo*, vejamos como foram discutidos entre as partes os aspectos do conceito acerca da luta da Confederação Argentina contra as potências europeias ser a luta pela preservação da própria independência do país; a causa argentina expressar diretamente a causa americana, optando pela não

---

<sup>240</sup> SARMIENTO, D.F. *Viajes por Europa, África y América*. Ed. crítica de Javier Fernández. Buenos Aires: ALLCA XX/ Scipione Cultural, 1997. p. 573

<sup>241</sup> Escolheu-se o verbo “mediatizar” no sentido de demonstrar que as linguagens desenvolvidas por Sarmiento e pela “intelectualidade rosista” são mediados por um meio de comunicação social, compreendendo os periódicos existentes e os livros possíveis de serem publicados e circulados na época.

intervenção nas questões americanas; e a criação de uma polarização em que os que estão com Rosas serem partidários da causa americana e seus opositores, imediatos opositores da independência americana<sup>242</sup>.

Em sua paulatina incorporação às fileiras “intelectuais”<sup>243</sup> do *rosismo* e principalmente ao longo da década de 1840, De Angelis desenvolveu uma reflexão acerca do *americanismo* que pretendia mostrar que as ações políticas desenvolvidas por Rosas e seus partidários eram legítimas, chegando mesmo a partilhar certos referenciais liberais em suas práticas republicanas de governo. Em outras palavras, De Angelis em seu trabalho em defesa do *rosismo* retratava a América e o governo Rosas como uma experiência republicana, democrática e moderna bem sucedida em comparação a uma Europa despótica, monarquista e aristocrática.

Em uma publicação sua no jornal *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo* de 31 de maio de 1844, De Angelis deixa transparecer esses temas em relação à busca de um consenso por parte do governo Rosas a partir das particularidades tanto do contexto político como cultural existente dentro da região do Prata.

*Ninguna institución mas liberal y más eminentemente republicana como la de hacer cada año una franca y fiel exposición del estado del país, y ningún gobierno ha llenado con más escrupulosidad este deber entre nosotros como el del General Rosas. Colocado por los sufragios libres y unánimes de sus conciudadanos al frente de los negocios, sin más traba que la de mantener los principios religiosos y políticos de la Confederación, este Gran Ciudadano se ha constituido voluntariamente en la obligación de dar cuenta anual de sus trabajos administrativos a los Representantes del pueblo.*

*Esta sumisión de un poder independiente, y la existencia misma de un cuerpo deliberante bajo una administración investida por la ley con la suma del poder,*

---

<sup>242</sup> É necessário uma breve observação sobre a base documental articulada nesta seção do trabalho. Apesar do trabalho de campo realizado junto à Biblioteca Nacional Argentina e principalmente junto ao Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani” na Universidade de Buenos Aires, e devido ao curto tempo conferido à pesquisa em mestrado não foi possível a leitura de todos os volumes do periódico *Archivo Americano y el Espíritu de la Prensa en el Mundo* que vão de 1843 a 1852. Optou-se, assim, por retirar os excertos a partir da compilação e edição feita por Paula Ruggeri que integra o projeto “Reediciones & Antologías” da BN-Argentina. Conferir: DE ANGELIS, Pedro. *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa en el Mundo*. Comp: Paula Ruggeri. Buenos Aires: Ed. Biblioteca Nacional, 2009. Pelas mesmas razões não foi possível realizar uma viagem de pesquisa à cidade de Montevideu para se consultar seus arquivos e tomar contato com os volumes do jornal *El Defensor de la Independencia Americana*, para o qual Bernardo Berro escrevia. Sendo assim, os excertos foram retirados da compilação documental elaborada por Jorge Myers ao final de seu livro *Orden y Virtud*. Conferir: MYERS, Jorge. “Antología” in *Orden y Virtud*. Quilmes: Editorial UNQ, [1995] 2011, pp. 123-310.

<sup>243</sup> Importante reafirmar que, apesar da escolha das contribuições de Pedro de Angelis e de Bernardo Berro para compor a noção de “diálogos” e disputas indicadas nesse trabalho, a “intelectualidade” rosista e os polemistas que contribuíram para a formação do discurso político do *rosismo* não se resume a esses dois escritores, podendo-se elencar também as contribuições de Pedro Feliciano Sáenz de Cavia, Francisco Agustín Wright, Manuel Irigoyen, Baldonero García, e Vicente Lopez y Planes. Os dois polemistas em questão foram escolhidos por atenderem de forma mais assertiva as premissas assumidas em torno do conceito de *americanismo*.

*deben aparecer a unos como una contradicción, a otros como una superfluidad, y no faltará quien los mire también como un arbitrio para conservar las ilusiones de un orden de cosas que ha dejado de existir por la creación misma de la autoridad que nos preside. Todos estos conceptos son equivocados, y muy distantes del verdadero punto de vista bajo el cual debe mirarse la organización actual de los altos poderes de la Provincia. El General Rosas fue llamado a ocupar la primera silla del Estado en los momentos de mayor peligro para la Patria. Todas las leyes constitucionales, todas las garantías públicas, todos los esfuerzos de una mayoría bien intencionada, habían sido impotentes para luchar contra un puñado de demagogos<sup>244</sup>*

Nota-se como De Angelis trabalha também seu discurso em consonância com o referencial do “consenso político” perseguido pelo governo Rosas, demonstrando no caso a prática corrente de prestação de contas dos atos do governador de Buenos Aires e a maneira como a eleição de Rosas ao cargo público demonstra a legitimidade de seu regime. Também em concordância com a noção de ser Rosas o único líder capaz de entender as idiosincrasias da América e, portanto, conseguir defendê-la contra as ameaças externas. O trecho do mesmo artigo do jornal *Archivo Americano* explicita isso

*Esta vez el General Rosas, por un sentimiento de patriotismo acendrado, hizo el sacrificio de sus propias convicciones, y admitió la misión que se le encargaba; pero exigió que se reuniera el pueblo en comicios públicos para manifestar su conformidad con el voto de sus Representantes, y se opuso formalmente a la disolución de la Sala. ¡Sus conciudadanos lo llamaban a ejercer un poder ilimitado, y él lo circunscribía para que no se olvidaran de sus derechos;*

*La existencia pues de una asamblea legislativa en la organización actual del país, no es un anacronismo, ni un engaño, sino una concesión generosa del jefe del Estado que pudo haber gobernado sin trabas, y se las impuso. Este solo rasgo de sublime e incomparable desprendimiento es una contestación victoriosa a los enemigos del general Rosas, que le han atribuido principios iliberales y aspiraciones innobles, cuando en toda su vida ha dado pruebas irrefragables de su amor a las instituciones populares, y de su vivo deseo de cimentarlas; y en el largo y agitado período de su mando nunca ha dejado de llenar por su parte los deberes comunes a los gobiernos bien organizados.<sup>245</sup>*

Em uma reflexão arguta sobre a utilização do conceito e sua designação dentro das linguagens políticas no contexto rioplatense, Sarmiento no capítulo “Presente e Porvir” expõe suas críticas sobre o “sistema americano” liderado por Rosas. Sarmiento constrói sua reflexão no sentido de justificar um dos eventos que deram maior reforço moral à causa federal: a aliança entre os opositores ao *rosismo*

---

<sup>244</sup> *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, nº 12, 31/05/1844, pp. 330-334.

<sup>245</sup> *Ibidem*.

juntamente com a França entre 1838-1840. Para tanto, o escritor sanjuanino justifica essa atitude evocando uma certa vinculação com as ideias, instituições e modelos europeus, contra um sistema que reforçava o lado mais obtuso existente na América. Veja-se o excerto.

*Precisei entrar nesses pormenores para caracterizar um grande movimento que então se agitava em Montevideu e escandalizou a América, dando a Rosas uma poderosa arma moral para fortalecer seu governo e seu princípio americano. Falo da aliança dos inimigos de Rosas com os franceses que bloqueavam Buenos Aires, que Rosas jogou na cara dos unitários como um opróbrio. No entanto, a bem da verdade histórica e da justiça, devo declarar, já que a ocasião se apresenta, que os verdadeiros unitários, os homens que figuraram até 1829, não são responsáveis por aquela aliança; os que cometeram aquele delito de lesa-americanismo; os que se atiraram nos braços da França para salvar a civilização européia, suas instituições, hábitos e ideias nas margens do Prata foram os jovens, numa palavra: fomos nós! Sei muito bem que Rosas encontra eco nos Estados americanos, até mesmo entre homens liberais e eminentes civilizados, acerca desse ponto delicado, e que para muitos ainda é um erro afrontoso que argentinos tenham se associado aos estrangeiros para derrubar um tirano. Porém cada um deve repousar em suas convicções, sem se rebaixar a justificar aquilo em que acredita com firmeza e sustenta por meio de palavras e obras. Assim, direi a despeito de quem quer que seja que a glória de ter compreendido que havia uma aliança íntima entre os inimigos de Rosas e os poderes civilizados da Europa pertenceu inteiramente a nós. Os unitários mais eminentes, como os americanos, como Rosas e seus satélites, estavam preocupados demais com essa ideia de nacionalidade<sup>246</sup>.*

Sarmiento na dinâmica de sua argumentação, num primeiro plano, chocava-se com a ideias de uma polarização política em que os que estão com Rosas são partidários da causa americana e seus opositores, imediatos opositores da independência americana. Em um segundo plano, Sarmiento estava batendo de frente com um dos referenciais que compunham o *americanismo* que era justamente o que afirmava que “aqueles que propunham a adoção de modelos e referenciais europeus na condução política da América equivocavam-se, na medida em que traziam transtornos à ordem pública e social”. Na seqüência de seu raciocínio, Sarmiento deixa transparecer um dos mecanismos de fundamentação de sua argumentação que é justamente reforçar os *costumbrismos* que caracterizariam a barbárie, tal como a permanência do *ethos* hispânico-colonial como elemento inspirador do *americanismo*. A continuação do excerto torna a questão mais nítida .

*Nos povos castelhanos esse sentimento chegou a se converter numa paixão brutal, capaz dos maiores e mais culpáveis excessos, capaz do suicídio. A juventude de Buenos Aires levava consigo essa ideia fecunda da fraternidade de interesses com a*

---

<sup>246</sup> SARMIENTO, D.F. *Facundo ou civilização e barbárie*. São Paulo: Cosacnaify, 2010, pp: 407-408

*França e a Inglaterra; levava o amor aos povos europeus, associados ao amor à civilização, às instituições e às letras que a Europa nos tinha legado, e que Rosas destruía em nome da América trocando as vestes européias por outras vestes, as leis européias por outras leis, o governo europeu por outro governo. Essa juventude, impregnada das ideias civilizadoras da literatura européia, ia buscar nos europeus inimigos de Rosas seus antecessores, seus pais, seus modelos; apoio contra a América, tal como a apresentava Rosas: bárbara como a Ásia, despótica e sanguinária como a Turquia, perseguindo e desprezando a inteligência como o maometismo. Se os resultados não correspondem às suas expectativas, não foi deles a culpa; nem os que lhes censuram aquela aliança podem, tampouco, vangloriar-se de terem acertado melhor; porque, se os franceses afinal pactuaram com o tirano, nem por isso tentaram nada contra a independência argentina, e se por um momento ocuparam a ilha de Martín García, chamaram depois um chefe argentino que se encarregasse dela. Os argentinos, antes de se associarem aos franceses, tinham exigido declarações públicas por parte dos bloqueadores de que respeitariam o território argentino, e as tinham obtido, solenes<sup>247</sup>*

Na seqüência do capítulo, Sarmiento expressa sua ironia crítica com respeito à temática sobre a intolerância ao dissenso. Ao criar uma imagem tendendo ao grotesco, o escritor argentino demonstra um paradoxo presente na ideia de *americanismo* que em sua contínua reafirmação consumiria seus próprios habitantes, deixando espaço para que imigrantes europeus ocupassem a região. O *americanismo* aqui é tratado como um sistema cuja força mobilizadora chegava a eliminar o próprio indivíduo que dele fazia parte ou defendia. Sendo assim, Sarmiento reforça a ideia que tem sobre o conceito utilizado pelo *rosismo*: o de um arranjo político que estraçalha o indivíduo por meio da reiterada demanda por consenso, de modo a consumir as próprias forças sobre as quais se assenta. Em seu raciocínio comparativo, o *americanismo* apresentava-se como a tirania de sociedades orientais, tais como os árabes, turcos ou argelinos, transmutada como sistema por Rosas na América.

*Os gauchos, a plebe e os compadritos o elevaram? Pois ele vai acabar com eles: seus exércitos vão devorá-los. Hoje não há leiteiro, criado, padeiro, peão, biscateiro nem cuidador de gado que não seja alemão, inglês, basco, italiano, espanhol, tal foi o consumo de homens que se deu em dez anos, e tanta é a carne humana necessária ao americanismo que ao fim e ao cabo a população americana se esgota e vai ser toda arregimentada entre os quadros que a metralha raleia desde o nascer do sol até o anoitecer. Não existe um corpo, diante de Montevideo, que hoje conserve mais que um soldado e apenas dois oficiais dos seus integrantes. A população argentina desaparece, e a estrangeira ocupa seu lugar; em meio aos gritos de Mazorca e da*

---

<sup>247</sup> Ibidem.

*Gaceta: Morram os estrangeiros! Assim como a união se realiza gritando: Morram os Unitários! Assim como a federação morreu gritando: Viva a Federação!*<sup>248</sup>

Ao longo das cartas que Sarmiento escreveu durante sua longa viagem pela Europa, África e América, é possível perceber a maneira com o autor traçava um diálogo entre os fatos deixados na América e as descobertas pelas quais o olhar do viajante passava. Durante sua breve estada em Montevideu, Sarmiento deixa transparecer mais uma vez suas críticas sobre com respeito ao termo *americanismo* e suas designações políticas.

*La Europa viene a dar a Montevideo su significado perpetuo, haciéndola desempeñar para la rehabilitación de nuestras relaciones con el mundo civilizado, el mismo papel que desempeñó siempre, sirviendo de último atrincheramiento a los principios vencidos, o a los movimientos que comienzan. Las colonias españolas entraban en un séquito que acompañaba a la metrópoli en las grandes cuestiones políticas del mundo, aunque sin voto consultivo. Por ella formábamos parte de la familia europea, i la Europa por la España vivía e nosotros. El señor castellano traía consigo usos e ideas que le mantenían europeo en el centro de las plantaciones primitivas. Todavía vive el prestigio de aquellos hidalgos, que revela la inferioridad del criollo, pero que era un vínculo de la gran familia cristiana. Otro espíritu reina hoy en estas comarcas. Porque cortó una vez la cadena que la tenía atada, tiende hoy a errar sola por sus soledades, huyendo del trato de los otros pueblos del mundo, a quienes no quiere parecerseles. No es otra cosa el americanismo, palabra engañosa que hiciera, al oírla, levantarse la sombra de Américo Vespucio, para ahogar entre sus manos el hijo espurio que quiere atribuirse a su nombre. El americanismo es la reproducción de la vieja tradición castellana, la inmovilidad y el orgullo del árabe.*

*Tal es la cuestión del Plata mirada con el ojo desnudo de todo prisma de partido, i así la sienten en el fondo de su corazón, todos los embusteros que la revisten de los nombres, formas e intereses que entran en la vulgar nomenclatura política*<sup>249</sup>.

O que é mais interessante no trecho é o fato de Sarmiento definir a palavra através de outros termos, como “tradição castelhana” e “orgulho árabe”, criando uma sinonímia de atraso, isolamento e imobilidade. Além disso, Sarmiento entende que o termo entra em um jogo de “nomenclatura política”, utilizado por “embusteros que la revisten de los nombres, formas e intereses”, ou seja, um uso político do termo para se alcançar determinado fim. No caso de Rosas, o consenso político e a legitimidade da opinião pública interna e externa. A contra argumentação de Sarmiento que se desenhava até aquele

---

<sup>248</sup> Idem, p. 420.

<sup>249</sup> SARMIENTO. D.F. *Viajes*, p. 35.

momento era a ideia de vincular o termo *americanismo* a qualidades que se mostravam contrárias a uma dinâmica civilizacional, de modo a imputar ao termo sinônimos que dentro das redes de referências culturais da primeira metade do séc XIX designavam uma concepção de atraso, imobilidade, isolamento e intolerância. Em suma, um sistema político que não confere agregação à nação e nem permite seu desenvolvimento aos “estágios avançados” da civilização, tal como Sarmiento concebia o progresso da história em sua época.

Nesse ponto é fundamental lembrar que entre os anos de 1840 e 1848, estavam ocorrendo os eventos da Guerra Grande do Uruguai, a invasão de Lavalle às províncias litorais da confederação, o cerco de Montevideu e o bloqueio anglo-francês do porto e Buenos Aires. Como o *americanismo* apresentava essa dinâmica de uso conforme a pressão externa ao regime rosista, os publicistas aumentavam na mesma proporção suas reflexões e produções em defesa do *rosismo*. De Angelis confere uma resposta aos ataques generalizados e perpetrados pela oposição que se encontrava principalmente em Montevideu e Santiago do Chile, no qual se encontrava o próprio Sarmiento.

O argumento levantado por De Angelis reforçava a perspectiva de que as condições político-sociais na América eram distintas daquelas existentes na Europa e de que o elemento fundamental dessa identidade política americana era a defesa e adoção do republicanismo. Nesse sentido, em resposta a um artigo publicado pelo intelectual unitário Florencio Varela, que acusava a Confederação liderada por Rosas de não promover a formação de uma nação regida por uma constituição, De Angelis contrapunha-se afirmando que a nação argentina existia justamente porque Rosas permitiu que estas se unissem de forma “independente” e através de acordos inter-provinciais, como o Pacto Federal de 1831<sup>250</sup>. O excerto a seguir permite uma melhor compreensão do exposto.

*Una confederación de provincias de una misma nación no puede existir sin un pacto formal que fija las condiciones de una unión de todas y cada una. Este es un principio que reconoce el salvaje unitario Varela: y por consecuencia existiendo, como existe la Confederación, cuya existencia niega, sin embargo, absurdamente el mismo salvaje unitario Varela, y la de figurar que no existe la gloriosa nacionalidad Argentina, uno de los hechos espléndidos y consumados de la independencia de la América, consolidado dignamente bajo el buen sentido y pacto federal de la Confederación Argentina, revela que el órgano de la intervención Anglo-Francesa no respeta ni la verdad, ni el buen sentido, ni los gloriosos monumentos de su patria, para sostener ciega y degradadamente el atentado y el escándalo de una*

---

<sup>250</sup> SCHEIDT, Eduardo. op. cit. p. 100.

*intervención injusta y sanguinaria que niega y desconoce la existencia de las nacionalidades Americanas, porque ataca sus sagrados derechos*<sup>251</sup>.

De Angelis reitera a ideia de que o *americanismo* como elemento constituinte do regime rosista, não somente conferia um arcabouço político, mas também resvalava na questão identitária a respeito do tema da *nação/nacionalismo* que estava em contínuo debate na época. Ao defender a questão sobre a luta da Confederação Argentina contra as potências europeias ser a luta pela preservação da própria independência do país, o periodista italiano acabava por também contribuir com a temática das identidades políticas. Sendo assim, em um mesmo discurso era reforçada a polarização dos grupos envolvidos, sendo os opositores de Rosas traidores da nação e passíveis de condenação sumária. Em uma crítica direta a essa atitude “traidora” por parte dos unitários e dos jovens escritores românticos, De Angelis publica em seu *Archivo Americano* um comentário a respeito da intervenção inglesa e francesa em Montevideu como em relação ao porto de Buenos Aires.

*Que ha hecho la Francia, que ha hecho la Inglaterra en todo el curso de estas inexplicables agresiones, iniciadas con el pretexto de pacificar las Repúblicas del Río de Plata? (...). Entretanto, sin ningún derecho y sin ningún motivo, la Inglaterra y la Francia han descargado sobre gobiernos amigos y pueblos inocentes todos los azotes de una guerra destructora, anegando en sangre a una tierra abierta a su población, a su comercio, a su industria, que en medio de estos ataques, nunca han hechado menos el apoyo de nuestras leyes, y la protección de nuestros magistrados (...). El derecho que falta a la Inglaterra y a la Francia para intervenir en una cuestión puramente Americana, es perfecto e incontestable en la en la Confederación Argentina, que sostiene la guerra, al lado de su aliado el General Oribe, presidente legal del Estado Oriental, contra un bando traidor, que ha usurpado la autoridad pública en estado amigo, para cooperar activamente al triunfo de poderes extraño*<sup>252</sup>.

Nas páginas do jornal *El Defensor de la Independencia Americana* e na *Gaceta Mercantil* de Buenos Aires, entre 1843 e 1852, Berro mesclou uma perspectiva nativista com uma reflexão profundamente racionalista em defesa da excepcionalidade americana. Segundo Myers, Berro desenvolveu grande parte de sua reflexão sobre o "ruralismo democrática americano" (*americanismo*) a partir das contestações que o polemista fez contra as publicações de Manuel Herrera y Obes no jornal

---

<sup>251</sup> *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, nº 6, 11/09/1847, pp. 688-703.

<sup>252</sup> *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, nº 5, 17/02/1848, pp. 4220-439.

*El Conservador* e também contra as posições de José Marmol no periódico *El Iris*, publicado no Brasil<sup>253</sup>.

Como já foi mencionado anteriormente ao se analisar os dois dos principais “intelectuais rosistas” que contribuíram com suas reflexões sobre o *americanismo* dentro do discurso político do *rosismo*, Berro em seus escritos estabelece dois pontos iniciais em sua definição sobre o *americanismo*. Primeiramente, a ideia de que a noção rígida e absolutizadora existente no binômio civilização-barbárie, a qual identificava a civilização com as cidades e os partidários unitários, e a barbárie com o campo e os apoiadores da causa federal de Rosas e Oribe, eram na verdade explicações que não evidenciavam a realidade sócio-cultural existentes nesses países; ou seja, a *provincia* era tão ou mais civilizada que a cidade representada por escritores como Sarmiento em seu *Facundo*. O segundo ponto defendido por Berro era demonstrar que no jogo de convencimento das forças estrangeiras em intervir ou não nos problemas políticos da região ficava claro um jogo de definição enviesada sobre os federalistas, com o objetivo de pender a balança para o lado dos unitários. Em suma, de acordo com Berro, ao se caracterizar a “barbárie do campo” por meio de argumentos culturais e científicos, escritores como Sarmiento, na verdade, declaravam sua oposição abertamente ao governo Rosas de modo a vincular seus apoiadores como parte do problema rioplatense, desconsiderando-se ainda que retoricamente o apoio de grande parte da sociedade em relação aos governos liderados pelo Partido Federal<sup>254</sup>.

Nesse sentido, Berro teve como princípio redefinir as concepções de civilização e barbárie para justamente fundamentar sua argumentação de que as ações políticas tomadas por Oribe e Rosas eram parte de uma dimensão própria da sociedade política americana e, por sua vez, civilizada. Berro argumentava, portanto, que os conceitos de civilização e barbárie eram conceitos totais que não se aplicavam à realidade histórica da América, estando esta muito mais próxima da civilização que da barbárie. Sorrateiramente, o polemista uruguaio acabava por ironizar seus adversários políticos ao afirmar que estes não teriam acertado na utilização das chaves explicativas, tendo na verdade confundido a parte pelo todo, ou seja, tomado a parte mais rude e “desclassificada” da sociedade como a representação da sociedade capitaneada pelos partidários do federalismo.

---

<sup>253</sup> MYERS, Jorge. op. cit. p. 62.

<sup>254</sup> Idem, p. 64.

O excerto de um artigo publicado no jornal uruguaio *El Defensor de la Independencia Americana*, de 17 de janeiro de 1848, deixa isso claro.

*La América libre del aislamiento en que la había tenido el régimen colonial, se franqueó a la Europa con un abandono amistoso, sin ejemplo en la historia de los pueblos. (...) ¿En qué parte del mundo han sido tratados los europeos que vienen a América con más cordialidad, y han estado sujetos a menos restricciones que en ella? (...)*

*He aquí que en medio de la desconfianza descuidada en que dormía por efecto de sus procedimientos para con la Europa, de improviso se ve sorprendida por el desarrollo de las pretensiones generosas de ésta. No bastan ya las concesiones generosas de que tanto provecho han sabido sacar los europeos, no satisfacen los lucros crecidos que por ellas han obtenido; se quiere más aun: que nuestro movimiento no sólo comercial e industrial, sino también social y político, que el ejercicio de nuestros derechos, y las determinaciones de nuestra soberanía, que todo esté subordinado a los intereses de la Europa<sup>255</sup>*

O que Berro acabou por demonstrar em sua reflexão sobre o *americanismo* era o lado civilizado existente na América e nas sociedades sob o “sistema americano”. Sendo assim, Berro distinguia-se do principal argumento de De Angelis que procurava demonstrar as especificidades e os distanciamentos entre a América e a Europa. Para o uruguaio, era mais importante argumentar a partir das semelhanças e aproximações entre os americanos e os europeus, incluindo a constatação de que era ficcional a ideia de distinção quase absoluta entre Europa e América. Berro, na verdade, colocava o conflito entre federalistas e unitários-românticos sob a perspectiva daqueles que seriam pró-americanos ou pró-europeus, e não no conceito dialógico entre “civilização-barbárie”<sup>256</sup>.

Ao deslocar a temática, observa-se que o publicista de Montevidéu enfatizava a oposição entre aqueles que defendiam a independência americana e aqueles que defendiam a reafirmação dos vínculos coloniais com a Europa. A acusação que Berro acabava por encetar na discussão era a de que no calor da mobilização política do Partido Unitário e dos jovens românticos da Geração de 1837 em formar uma força de coalizão contra Rosas e seus apoiadores, estes na verdade estavam reiterando os laços coloniais junto à Europa, confirmando a impossibilidade de auto-afirmação da nação e a continuidade em um estado de menoridade contínua<sup>257</sup>.

---

<sup>255</sup> *El Defensor de la independencia*, nº 276, El Miguelete, Uruguai, 17/01/1848.

<sup>256</sup> MYERS, Jorge. op. cit. p. 65

<sup>257</sup> *Ibidem*.

O excerto do mesmo artigo publicado no jornal *El Defensor*, permite estas inferências sobre a temática acerca das condições político-sociais na América serem distintas daquelas existentes na Europa.

*De esta suposición, de la tiranía del elemento de la barbarie, que amenaza destruirlo todo, y los paternales sentimientos de la Europa para la América, que finge, forma su base para el sometimiento de ésta a aquella.*

*En consonancia con esta ficción, hace enteramente distintas la sociedad americana y la sociedad europea, y les da civilizaciones también diversas; de tal manera que los principios de la primera son todos buenos, y los de la segunda malos todos, casi sin excepción. Esta idea, abrazada por más de un entendimiento superficial y poco cultivado ha hecho proponer la destrucción e todos los elementos de nuestra sociabilidad, para sustituirlos con otros traídos de la sociabilidad europea. En esto hay, fuera de un designio contra la existencia de nuestra nacionalidad, un error gravísimo. La civilización de la Europa y la de América es la misma. Los elementos, los principios que las constituyen son también los mismos, salvo aquellos accidentes especiales que distinguen social y políticamente a los pueblos en que se hallan fraccionadas esas dos importantes secciones del globo. La civilización cristiano-romana combinada con la civilización germana, que pone en movimiento a las naciones europeas es la misma que impulsa a nuestros pueblos, y tanto es la América como de la Europa. No hay principio ninguno importante de ella que no esté contenido en las sociedades modernas de América<sup>258</sup>*

Ao utilizar o conceito de *americanismo*, Berro fazia seu leitor inferir que a América possuía tudo o que era necessário para uma sociedade desenvolver-se integralmente, sendo necessário apenas a exploração de seus recursos materiais, morais e espirituais. A *campanha*, *locus* da identificação da barbárie e dos federais pelo discurso sarmientino por exemplo, era na verdade um espaço que se transformara tanto material como moralmente desde os eventos da independência em 1810, o que permitia assim o próprio desenvolvimento da civilização<sup>259</sup>.

O mundo rural que a oposição *unitária* e os jovens românticos traziam em seus escritos não compactuava com as condições existentes nessa região. Em outras palavras, a região interiorana do Uruguai e, por extensão, a da Confederação Argentina demonstrava uma transformação que deixava a grande propriedade latifundiária e se encaminhava para a formação de uma classe de pequenos proprietários rurais, cuja organização social impulsionava o surgimento e o cultivo de valores políticos republicanos, o que demonstraria mais uma vez o caráter ilustrado e civilizado dessas populações<sup>260</sup>.

---

<sup>258</sup> *El Defensor de la independencia*, nº 276, El Miguelete, Uruguai, 17/01/1848.

<sup>259</sup> MYERS, Jorge. op. cit. p. 65.

<sup>260</sup> *Ibidem*

Esta sociedade americana, republicana e federal era, portanto, uma junção entre os valores do republicanismo clássico, com a livre-iniciativa das sociedades liberais modernas, conferindo assim a particularidade e o caráter *sui generis* do “sistema americano”<sup>261</sup>. Em suma, era a propriedade dessas terras e as virtudes republicanas que conferiam a continuidade da independência política americana e seu *status* civilizado.

Essas transformações de ordem econômica e moral dentro da província rioplatense acabavam por se espalhar, segundo a argumentação de Berro, em uma transformação fundamentalmente política. Isso porque, após os movimentos de 1810, ao serem quebradas as distinções entre campo e cidade, as regiões interioranas passavam a ocupar espaços na nova ordem política, de modo que seus interesses e perspectivas passavam a ser postos em voga. Nesse sentido, o interior mostrava-se uma das zonas mais beneficiadas politicamente, explicando-se assim as razões de seu caráter profundamente aguerrido em defesa da revolução de independência e a manutenção do “sistema americano”. O *americanismo*, portanto, era uma manifestação legítima de um setor majoritário da sociedade rioplatense, cuja transformação econômica e moral impulsionava seus integrantes às lutas políticas em defesa de seus interesses.

O trecho de um artigo publicado por Berro no jornal *El Defensor*, de 17 de março de 1848, demonstra com mais clareza o exposto e se associa ao tópico da estrutura discursiva do *rosismo* a ideia de que as prescrições políticas e constitucionais aplicadas na Europa não eram viáveis às necessidades americanas, chegando mesmo a se oporem a elas.

*Por lo dicho debe verse con toda claridad que es precisamente a esa emancipación de la campaña que ha de atribuirse en la parte principal sus progresos, en el orden material como en el intelectual; y que el desarrollo consiguiente a que la vemos entregada, le constituye en una situación contraria en el todo a la que tenía en el régimen colonial. De aquí deducimos dos cosas igualmente evidentes, y son: primera, que el impulso que lleva la gente de campo contribuye a alejar cada vez*

---

<sup>261</sup> Myers analisa de forma clara essa junção aparentemente contraditória entre os valores republicanos clássicos e a iniciativa comercial liberal que Berro articula em sua reflexão sobre o *americanismo*. “En esta discusión entablada por Berro puede discernirse la presencia de dos tradiciones opuestas de reflexión. Por un lado, aparecen amplias referencias que remitirían a corrientes de pensamiento centradas en la figura clásica de república, donde se consideraba que la virtud cívica - contrastada con el juego egoísta de los intereses particulares - representaba el bien supremo de una sociedad; mientras estarían a la vez presentes ideologemas provenientes de aquella constelación ideológica que Pocock ha denominado la de ‘los discursos de la sociedad comercial moderna’, que enunciaban la superioridad de las sociedades modernas (basadas en el desarrollo del intercambio comercial) por sobre aquellas de la antigüedad - fundadas en la esclavitud y la guerra -. Si para la primera de aquellas corrientes de pensamiento la libertad individual, entendida en su sentido clásico de ejercicio de una *virtus* ciudadana, constituía el mayor bien social al que era posible aspirar, para la segunda de ellas, en cambio, éste aparecía cifrado en los valores propios de la ‘civilidad’, que era a su vez considerada fruto de la difusión de la propiedad privada, y de los intereses engendrados por ella. En los escritos de Berro, estas perspectivas, que en tanto premisas debían necesariamente, sin generar por ello ninguna incoherencia demasiado alarmante en las conclusiones que de ellas extrae” in MYERS, Jorge. op. cit. p. 66.

*más nuestra sociedad actual de la antigua sociedad colonial; y segunda, que las pretensiones salvajes unitarias tales cuales las explica El Conservador; proponen por el contrario a acercarla, importando hasta cierto punto una reacción en ese sentido.*

*Sacar la clase más numerosa de la sociedad de una condición dependiente y servil, hacerla independiente e igual a aquella a que estaba subordinada, y darle una acción permanente en este sentido, es a la verdad llevar a los pueblos muy lejos de la situación anterior, e imposibilitar su regreso a ésta.*

*No así lo que pretenden los salvajes unitarios. Ellos quieren volver a privar a la mayoría del pueblo de intervención política, quieren restaurar la aristocracia de ciudad y someterle de nuevo aquella mayoría, quieren que esta aristocracia se instituya protegida por un poder europeo, quieren que se reconozca la superioridad de éste, y la necesidad de vivir bajo su dependencia, quieren en fin que seamos ante la Francia lo que éramos en los tiempos coloniales ante la España. ¿Y no será eso retroceder en busca de estos tiempos (la época colonial)? ¿No será entregarse a su espíritu y entrar ya en su situación? ¿No será por último ir contra los objetos a que principalmente miró la revolución de Hispano-América?<sup>262</sup>*

A partir dessa perspectiva de estabelecer uma relação entre o mundo rural rioplatense e seu caráter civilizacional, Berro conseguia deslocar o argumento da oposição unitária e romântica das chaves explicativas da “civilização e barbárie” para uma discussão a respeito da natureza política adotada de forma consensual após os eventos políticos de independência. O que definia a América de acordo com a argumentação de Berro era sua condição republicana e não sua maior ou menor distância em relação à “civilização”<sup>263</sup>. Era justamente neste ponto que residia a diferença fundamental, naquele momento, entre a América e a Europa, pois enquanto esta estratificava sua sociedade a partir de diferenças sociais que geravam revoluções sociais que traziam caos a toda ordem instituída, a América se dividia fundamentalmente em questões políticas partindo de um ponto mediano entre os conflitantes que era justamente a qualidade republicana das instituições que estavam se afirmando.

Apesar das divisões e partidarismos ocorridos nesse processo, assumir o republicanismo como perspectiva de organização política era um ponto que definia a própria identidade dos americanos do Rio da Prata, em que estas mesmas divisões eram na verdade alternativas ou versões de projetos de sociedade baseados no republicanismo: um republicanismo unitário e outro republicanismo *federal*. O primeiro implicava o retorno ou o reforço das dependências da América com respeito à Europa, estabelecendo valores elitistas e “segregadores” entre os componentes da sociedade. E o segundo

---

<sup>262</sup> *El Defensor de la Independencia Americana*, nº 291, 17/03/1848, El Miguelete, Uruguay.

<sup>263</sup> MYERS, Jorge. op. cit. p. 68.

representava justamente a vertente do *americanismo* que defendia a independência total frente às potências estrangeiras, mantendo uma forma popular de governo ao defender os valores e interesses da província. Dentro dessa perspectiva, o *americanismo* definido por Berro era a defesa dos valores políticos da província, de modo a juntar os tópicos do discurso republicano federalista (rosista) com uma perspectiva de participação política que permitia o desenvolvimento econômico da sociedade em moldes quase liberais.

Em outro excerto do *El Defensor*, Berro dimensiona seus argumentos levantados sobre o *americanismo* e sua relação com a ideia de que o elemento fundamental dessa identidade política americana era a defesa e adoção do republicanismo.

*Estas cortas reflexiones deben bastar para que se acabe de comprender cuán ridículo es que los salvajes unitarios se den el pomposo título de hijos de Mayo, y pretendan pasar por los más fieles secuaces de la revolución americana. Independencia y República es el estandarte de ésta. Y los salvajes unitarios que quieren resucitar una combinación social semejante a la que existía en el régimen colonial, que quieren extinguir ese sentimiento de nuestra suficiencia y de nuestro valer que nos llevó a separarnos de la metrópoli, que quieren acostumbrarnos a que veamos a dos mil leguas de aquí y al través océano, como en tiempo de España, el baluarte de nuestra seguridad y la fuente de toda nuestra dicha, ¿podrán querer en realidad esa independencia? Y los salvajes unitarios que quieren elevar una minoría ínfima sobre la gran mayoría nacional, que quieren erigirse en una clase privilegiada, que quieren constreñir el desarrollo democrático, que quieren que la sociedad no marche por sí misma, sino que reciba su impulso de una fracción diminuta como son ellos, y eso como una secuela de la acción externa dominante. ¿podrán tener ideas de esa República y marchar por la senda que a ella conduce? considérenlo nuestros lectores<sup>264</sup>.*

Ao trabalhar seus argumentos no sentido de provar o caráter e as condições civilizadas nas quais a sociedade rioplatense encontrava-se, Berro expunha a influência das perspectivas historicistas, cujo estabelecimento de etapas civilizacionais ascendentes no decorrer da história de uma nação, também dialogava diretamente com as perspectivas adotadas pelos polemistas unitários. O *americanismo* expunha, na lógica historicista, a demonstração de um estágio específico do desenvolvimento da civilização na história do Uruguai e da Confederação Argentina, de modo que os líderes federalistas apresentavam plena capacidade na condução desse processo e demonstrando a adaptação das virtudes republicanas e liberais às especificidades da sociedade americana. Ao combinar em um único conceito tradições aparentemente antagônicas, como o historicismo e o republicanismo, o

---

<sup>264</sup> *El Defensor de la Independencia Americana*, nº 291, 17/03/1848, El Miguelete, Uruguay.

conceito acabava por se mostrar suficientemente flexível para se adaptar às transformações contextuais rioplatense e justificar as práticas políticas dos regimes federais<sup>265</sup>. O *rosismo*, portanto, podia fundamentar-se sob uma perspectiva também historicista na medida em que para o estágio de desenvolvimento civilizacional no qual a América encontrava em Rosas esse arcabouço político do representante máximo e defensor das especificidades da “sistema americano”.

Nesta lógica argumentativa, a “causa americana” pode ser lida como um desdobramento de polêmicas clássicas, mas que foi obliterada pela tradição historiográfica que reforçou visões dicotômicas entre civilização-barbárie, campo-cidade, unitários-federalistas sem observar que os discursos dualistas serviam mais aos encobrimentos das divergências existentes em cada grupo em disputa do que nos opositores declarados. A temática do *americanismo*, como pressuposta política de legitimidade, permite inferir um universo mais complexo ao longo da primeira metade do século XIX.

Poucos anos após Pedro de Angelis e Bernardo Berro terem publicado e aprofundado suas reflexões políticas sobre o conceito de *americanismo*, refinando-o como uma linguagem política dentro da estrutura discursiva do *rosismo*, em 1850, o governador de Entre-Ríos, Justo José de Urquiza, rompeu os acordos e as alianças federais firmadas com Buenos Aires, ao demandar o cargo de Representante das Relações Exteriores da Confederação Argentina. Através da união de diferentes setores descontentes com a política hegemônica do *rosismo*, Rosas viu ser formada uma das maiores forças de oposição ao seu regime, a qual durou dois anos até o desfecho final na batalha de Caseros em fevereiro de 1852.

*Argirópolis* foi escrita nesse período de transformação do cenário político da Confederação. Sarmiento ao escrever esta obra assumiu uma estratégia diferente em relação à análise da conjuntura política da Confederação Argentina, tal como fizera em *Facundo*. Apesar de sua clara intenção em fornecer um “plano de governo” a Urquiza, Sarmiento elaborou um breve estudo sobre os acordos e pactos estabelecidos entre os líderes do Partido Federal, de modo que passava a jogar com os referenciais federais como arma de ataque ao governo Rosas e seu “sistema americano”. Sarmiento notava avanços na Confederação Argentina, mas ainda assim julgava aquele processo extremamente pífio em comparação ao que observou com tanto entusiasmo em sua primeira viagem aos EUA. Para o sanjuanino, o potencial existente na região platina de transformar-se por meio do progresso material, por exemplo. É baseada nessa concepção que o escritor concebe a proposta de criação de uma capital

---

<sup>265</sup> MYERS, Jorge. op.cit. p. 71.

federal na ilha de Martín García, a qual congregaria Argentina, Uruguai e Paraguai em uma única unidade política. Referindo-se ao conceito de *americanismo*, Sarmiento continuou a utilizá-lo como sinônimo de imobilismo, atraso e isolamento político-cultural em relação à Europa. Veja-se o excerto.

*Hay condiciones especiales para los gobiernos de la América del Sur, que por no haber sido comprendidas hasta hoy, en unos países se mantiene el atraso por el conato de legislar sobre lo que existe, imitando en esto a los gobiernos antiguos de Europa, o se destruye todo por espíritu de antipatía a lo europeo, por americanismo. Lo primero conduce al quietismo; lo segundo, a la barbarie. La América del Sur se encontraba en 1810 bajo condiciones únicas en la historia de los pueblos civilizados cristianos. Con un continente inmenso y una población escasa; con ríos navegables, sin naves, ni el hábito de navegarlos; con una tierra fértil y sin ciencia para cultivarla; con un pueblo habituado a los usos y necesidades de la vida civilizada y sin industria para satisfacerlo. Dados estos antecedentes, cuya verdad nadie pone en duda, el tiempo por sí solo no puedo producir una mejora de situación sensible; porque no hay progreso sino donde hay rudimentos que desenvolver, como ciencia, industria, etc.*<sup>266</sup>

Ao propor a criação de “Argirópolis”, inspirado nos moldes e concepções políticas que trazia a capital estadunidense de Washington, Sarmiento buscava redimensionar as perspectivas estabelecidas dentro da ideia de república e federação, atrelando-as a novos valores e referências<sup>267</sup>. Em um exercício de abstração, a partir do que se leu da obra *Argirópolis* e de outras obras sarmientinas, seria possível pensar em uma ressignificação do termo *americanismo* elaborada por Sarmiento. Este *americanismo sarmientino* assentaria esta noção em um modelo de sociedade que se basearia fundamentalmente numa experiência paralela àquela em desenvolvimento nos EUA do início do século XIX, tais como a livre iniciativa comercial, uma política de distribuição e financiamento de terras, uma clara e benéfica política de imigração, e a existência de um Estado republicano, baseado numa participação política dos setores mais “esclarecidos”. Isso tudo sem que houvesse uma obliteração das matrizes européias de civilização, conferidas, por exemplo, pelo liberalismo político e econômico. Em outras palavras, um *americanismo* reformulado por Sarmiento seria uma síntese no plano social, político e cultural do “melhor” da civilização européia juntamente à experiência de autonomia e liberdade estadunidense, com o intuito claro de sempre superar a “barbárie” existente na Argentina.

---

<sup>266</sup> SARMIENTO, D.F. *Argirópolis*. Buenos Aires: Editorial Leviatán, 2005, p. 115.

<sup>267</sup> SARMIENTO, D.F. Cap V: “Argirópolis” in *Argirópolis*. Buenos Aires: Leviatán, 2005.

### 5.3. Paradoxos na disputa em torno do conceito de *americanismo*

A partir das leituras críticas feitas tanto das obra de Sarmiento como dos escritos periodísticos publicados pelo rosismo através da pena de seus publicistas, percebeu-se que a noção de *americanismo* refere-se a um conceito político que expressa e afirma a particularidade do contexto social, cultural e político existente na América hispânica. No contexto argentino da segundo governo Rosas, Sarmiento caracterizou o termo como sendo um modelo de governança fundamentado no autoritarismo, na perseguição política e na criação de um consenso hegemônico em torno da figura do governador de Buenos Aires, ocasionando como revés o imobilismo, o isolamento e o fanatismo nacional.

O *americanismo* rosista, que no início da consolidação do governo era apenas um tópico retórico dentro *rosismo*, acabou por se transformar em uma concepção referencial e legitimadora da política de Rosas, principalmente na última década de seu regime. No caso de Berro, o valor do *americanismo* residia tanto na consolidação das virtudes republicanas como algo que expressava o próprio desenvolvimento da história compartilhado por diferentes setores da sociedade rioplatense. Já para De Angelis, o *americanismo* era uma expressão legítima tanto da soberania americana como da legitimidade do governo Rosas. Tal como conclui Myers, este era o resultado que se imputava ao governo republicano dos líderes federalistas, de modo que se mostrava desnecessário postular novas transformações político-culturais, tal como faziam os escritores românticos baseados na filosofia da história, uma vez que esse processo já teria tido sua amplitude com o “sistema americano” liderado por Rosas.

Ainda assim, é também relevante ponderar que o termo *americanismo* e suas implicações designativas surgem no momento em que o governo Rosas sofria o bloqueio comercial desencadeado pela França e Inglaterra, apoiado pela oposição anti-rosista do Partido Unitário, e que visava à asfixia de Buenos Aires e uma esperada queda do general bonaerense do poder. Sendo assim, o conceito nasceu também como uma forma de oposição ao intervencionismo estrangeiro e como um primeiro movimento de definição política de um sistema próprio e autóctone que levaria em consideração tanto as particularidades americanas e rioplatenses como suas idiossincrasias. O conceito é, portanto, uma resposta política aos movimentos de oposição anti-Rosas da época, mas que acabou sendo incorporado na ordem dos discursos do “sistema americano”, desenvolvido ao longo do tempo por seus polemistas e partidários.

Ao se evidenciar e refletir sobre essa dinâmica na construção e na disputa pela significação desse conceito no âmbito das linguagens políticas, percebeu-se que este é um conceito designativo, no

sentido de ser mostrado e de referendar algo sobre um dado sistema ou fenômeno político. No caso, a especificidade da América e as problemáticas do contexto político da Argentina na primeira metade do século XIX. Isso significa que o conceito foi pensado em um movimento externo, de exteriorização do discurso tanto da “intelectualidade rosista” a serviço da “causa federal”, como de Sarmiento em sua vinculação estreita com uma perspectiva de civilização e organização de um projeto de nação.

Além disso, haveria sempre uma necessidade de se estabelecer um interlocutor externo em relação à exposição ou utilização do conceito. No caso, as autoridades européias, principalmente os governos e órgãos representativos da França e Inglaterra, já que estas em um primeiro instante atuariam no sentido de “julgar” as ações perpetradas pelo *americanismo*. Isso se faria evidente tanto pela publicação do jornal *Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo*, pelo governo Rosas e a intenção insistente de Sarmiento em estabelecer aproximações com setores políticos e intelectuais na França, quando insistiu em seu esforço para que saísse uma resenha de seu *Facundo* na *Revue de Deux Mondes*, por exemplo<sup>268</sup>.

Em suma, há um claro objetivo de alcançar um público referendador do conceito de *americanismo*, que não se encontrava necessariamente em solo americano, mas alhures e preferencialmente do outro lado do Atlântico. No caso do rosismo, identificar e criar uma legitimidade a partir das especificidades existentes no contexto americano e rioplatense, configurando assim o poder de mando de Rosas diante de observadores tanto internos como externos. No caso de Sarmiento, romper com um certo consenso internacional sobre esse fenômeno político e demonstrar que o *americanismo* é uma reafirmação das especificidades que fundamentam a própria política caudilhesca, a qual se ligava eminentemente à barbárie, e não a uma concepção civilizada proposta por Sarmiento, a partir de seu horizonte de expectativa, conferido por sua própria experiência e a assimilação da cultura européia e do paradigma estadunidense.

\*\*\*

---

<sup>268</sup> Conferir: SOARES, Gabriela P. “A Revue des Deux Mondes em face da América espanhola oitocentista: projeções imperiais e apropriações nacionais” in BEIRED, José Luis Bendicho; CAPELATO Maria Helena; PRADO, Maria Lígia Coelho (org). *Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas*. Assis: FCL-Assis-UNESP Publicações; São Paulo: Laboratório de Estudos de História das Américas – FFLCH – USP, 2010. pp: 207-220. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/Intercambios\\_Politicos\\_-\\_e-book.pdf](http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/Intercambios_Politicos_-_e-book.pdf).

---

## CONCLUSÃO

O término de um trabalho de pesquisa não significa o encerramento dos debates que este suscitou em sua dinâmica de trabalho e reflexão. Antes permite que haja uma dinâmica de reverberações a partir de novos caminhos possíveis de se abordar o mesmo problema. Por trazer à baila dois universos complexos de serem analisados: o discurso republicano do *rosismo* e as reflexões de Sarmiento sobre as problemáticas políticas do contexto rioplatense, este trabalho de pesquisa tentou estabelecer novos caminhos de análises que não os já tradicionais percorridos pela historiografia e pelos estudos literários.

Foi a partir dessa premissa que se pensou em abordar as obras de Sarmiento através de uma dimensão que contemplasse não somente as chaves explicativas consolidadas pela teoria literária ou pelos estudos de história das ideias, por exemplo. Sendo assim, pensou-se em abordar um plano no qual Sarmiento também operava em seu trabalho como escritor, literato, polemista (por quê não, intelectual), em que o ato da escrita e a instalação de um debate proposto pelo autor geravam uma força conceitualizadora dos fatos e processos analisados. Ao desenvolver seu trabalho ensaístico, literário e político Sarmiento interagiu e discutia conceitos que eram, por sua vez, “produzidos” pela zona que inicialmente se opunha aos projetos de sociedade e nação pensados e sonhados por Sarmiento. O conceito de *americanismo*, suas designações e seus empregos, representa justamente um dos tantos pontos de atrito e contato existente entre o horizonte de expectativa do autor e as práticas políticas e discursivas existentes no que historiograficamente convencionou-se chamar de *rosismo*.

Sendo inicialmente pensado pela “intelectualidade rosista”, o conceito de *americanismo* surgiu como uma espécie de justificativa retórica dentro do discurso político do governo Rosas, caracterizados pela ideia de que a luta da Confederação Argentina contra as potências européias era a luta pela preservação da própria independência do país, em que a causa argentina expressava diretamente a causa americana, decorrendo na criação de uma polarização em que os que estavam com Rosas eram partidários da causa americana e seus opositores, traidores da independência americana. É justamente nesse embate político pela definição do conceito de *americanismo* que tanto o discurso rosista como as obras políticas de Sarmiento demonstram estratégias discursivas em torno da definição do conceito e sua utilização como linguagem política.

Em outras palavras, ao se ensaiar uma interpretação que estabelecesse um “diálogo” entre estas duas esferas e evidenciasse essas disputas que ocorriam em torno de um conceito, acreditou-se que

este trabalho de pesquisa articulou-se em três grandes vetores, derivando daí suas contribuições historiográficas. Primeiramente, pensar na possibilidade de abordar e entrar nas obras sarmientinas ao se pensar que o autor como intelectual politicamente atuante estabelecia uma dinâmica de definição e conceitualização de sua realidade, entrando em conflito com outras perspectivas aparentemente consolidadas em seu momento contemporâneo. Isso significa que ao se pensar as utilizações e designações que Sarmiento conferia ao conceito de *americanismo* abre-se um novo flanco de análise para uma obra que, apesar da tradicional e seminal chave interpretativa conferida pela estrutura dialógica civilização e barbárie, mostra-se suficientemente complexa para permitir uma abordagem que envolva, por exemplo, uma problemática discutida em torno de conceitos, seus termos e designações. Abordar as obras de Sarmiento por essa linha interpretativa renova o entendimento das intrincadas relações entre autor, obra, contexto e crítica no âmbito da literatura e dos estudos historiográficos.

Nesse sentido, pensar a figura pública de Sarmiento é uma maneira de perceber não somente o itinerário político percorrido pelo autor, mas também refletir sobre os elementos escolhidos na construção desse “personagem”, seja pelo próprio autor, seja pela crítica literária. Pensar sobre a biografia de Sarmiento é abrir a possibilidade de entendimento entre o cruzamento das problemáticas contextuais ao autor e sua ação sobre elas. Nesse sentido, o livro *Facundo* mostra-se como exemplo desse processo, pois ao mesmo tempo em que era uma “resposta” através de uma análise da história política da Confederação Argentina liderada por Rosas, a obra também era um ataque imediato ao representante do *rosismo* que se encontrava em visita diplomática à cidade de Santiago do Chile.

Analisar, por sua vez, panoramicamente os principais formuladores e promotores do debate histórico-literário sobre a vida e, principalmente, à obra de Sarmiento foi uma maneira de perceber as diferentes inserções que uma reflexão analítica pôde ser feita a partir dos escritos desse autor. Um entendimento sobre a crítica literária acerca das idéias sarmientinas permite avistar outros caminhos possíveis de abordagem do mesmo ou de outros problemas, além de conferir autoridade a determinadas perspectivas assumidas nesse processo de entendimento de um autor tão fragmentário, mas ao mesmo tempo coeso em seu *métier* como “intelectual”.

Vida, obra e crítica histórico-literária configuram-se, portanto, como ferramentas cognitivas para se entender a dinâmica de reverberação entre o contexto produzindo a obra e suas linguagens, como as linguagens encerradas nas obras sarmientinas produzirem o entendimento do contexto por parte do autor. O que se realizou foi justamente uma análise dos documentos aqui empregados, de

modo a elencar temas e proposições que permitiram o seu cruzamento com as problemáticas da históricas vividas por Sarmiento e a formação de um arcabouço que permitiu uma compreensão das maneiras e formas como o escritor argentino opôs-se ao governo Rosas e ao seu “sistema americano”. Em outras palavras, ao se assumir a perspectiva de que os escritos de Sarmiento são “literatura de idéias” foi possível traçar linhas gerais que permitiram perceber a interação do autor com suas problemáticas políticas e as respostas a tudo isso.

Um segundo ponto que o trabalho desenvolvido aqui ganha relevância é o fato de abordar o período histórico do governo Rosas através da renovação dos estudos historiográficos sobre o *rosismo*, o que permite uma abordagem diferenciada acerca dos eventos históricos que envolvem o período, conferindo novas interpretações a partir de “antigos” problemas.

Nesse sentido, o estabelecimento de um panorama geral sobre o movimento e a dinâmica dos eventos históricos que permearam a história política da Argentina na primeira metade do século XIX permitiu situar uma relação entre os eventos e as ações dos indivíduos inseridos nessa temporalidade. Em outras palavras, um breve entendimento sobre os fatos históricos que marcaram esse período serviram como ferramental para se entender tanto a atuação de Rosas e do *rosismo* dentro de uma dinâmica política, como de inferir os limites do “horizonte de expectativas” de Sarmiento ao atuar intelectualmente a partir ou em resposta a esses eventos políticos.

O *rosismo* como fenômeno político dentro do âmbito da produção discursiva mostrou-se muito mais complexo do que as simples linhas explicativas que os intelectuais e escritores liberais do século XIX o conferiram como uma expressão política, social e cultural daquilo que se entendia como “barbárie”. Foi possível perceber, através da análise do contexto político em que Rosas e os membros do Partido Federal estavam inseridos, a maneira como o discurso e as linguagens políticas do *rosismo* foram sendo montadas e adaptadas de acordo com as vicissitudes políticas que ocorriam tanto dentro como fora da Confederação Argentina. Assentados em três eixos fundamentais em sua condução política: o “consenso político e expressão pública”, o “dissenso e intolerância” e a “causa da *Santa Federación*”, o trabalho do que se convencionou chamar aqui de “intelectualidade rosista” encaminhou-se no sentido de produzir por via das letras e do discurso a autoridade e a legitimidade política necessárias à permanência de Rosas diante do governo de Buenos Aires e à frente da Confederação através de seu cargo de representante das Relações Exteriores.

O entendimento dessas questões tornou-se premente justamente porque estes foram articulados dentro do conceito de *americanismo* como um tópico referencial do discurso rosista. Isso quer dizer

que elementos como o “agrarismo republicano”, a “figura do conspirador”, a idéia de “partidarismo e facção” e a noção de “restauração das leis” estavam presentes em alguma medida na construção do conceito de *americanismo*. De Angelis e Berro, de formas diferentes e enfatizando ou amenizando determinados tópicos do discurso, conferiram um arcabouço “teórico” ao conceito permitindo que ele apresentasse algumas linhas mestras em seu “desenho”.

Uma análise mais detida do *rosismo*, portanto, não foi somente útil porque explorou um campo da historiografia que renova suas perspectivas e abordagens, mas também porque apresentou fatos que contribuíram para repensar um projeto de nação baseado em valores de ordem republicana, cuja legitimidade angariada nesse processo foi continuamente obliterada por uma tradição liberal de escrita da história. Nesse sentido, o *americanismo* mostra-se como uma possível porta de entrada para se analisar um governo que, apesar da maciça oposição, conseguiu implementar um sistema de poder que se sustentou por mais de vinte e cinco anos. Pensar o *rosismo* para além da simples explicações como a de um governo tirânico e bárbaro, ainda que este seja um tema das linguagens políticas por si só, foi conferir uma complexidade devida a um momento da História Argentina que não pode ser simplesmente entendido como a erupção de um caos político-social, vividos após os processos de independência.

O terceiro ponto relevante dentro dos trabalhos que envolveram esta dissertação de mestrado estão claramente ligados à proposta de um exercício interpretativo que contemplou as disputas com respeito ao conceito de *americanismo*.

Este conceito trabalhado dentro do *rosismo* apresentava em linhas gerais três premissas gerais dos quais se desdobravam outras “vértebras” que constituíam o arcabouço teórico do termo. O primeiro tema referencial era que a luta entre a Confederação Argentina e as forças estrangeiras representava uma luta pela conservação da independência nacional, ligando-se, portanto, à idéia da “causa da *Santa Federación*”. Nesse sentido os “intelectuais rosistas” afirmavam que tal atitude nada mais era do que o exercício pleno da soberania política da própria Confederação. O segundo preceito que balizava o conceito era o de que a “causa federal” em sua ação política estabelecia uma relação direta com a “causa americana”, reforçando assim a idéia de consenso político e reafirmação das especificidades. E a terceira premissa baseava-se no fato de que no cenário desse conflito os que se opunham a Rosas acabavam se tornando inimigos da independência política da América, tornando-se por conseguinte partidários das idéias de restabelecimento dos vínculos coloniais de dependência, cuja significação se relacionava à retórica do dissenso e da intolerância a tal fato.

O *americanismo*, em suas disputas e definições, mostrou sua faceta complexa e, ao mesmo tempo, dinâmica de se pensar os meandros do *rosismo* suas práticas políticas no poder. Entender o governo Rosas e suas ações políticas é compreender um dos lados desse diálogo truncado existente entre o líder do Partido Federal e a oposição encabeçada por Sarmiento. Nesses documentos, Sarmiento deixou transparecer suas posições políticas, de modo a analisar criticamente as concepções e referenciais políticos assumidos por Rosas. Dentre eles o *americanismo* também é alvo dessas reflexões, em que o autor assimilou as designações abraçadas pelo *rosismo* e as reaplicou em seus textos por meio da ironia crítica ou da simples negação dos elementos que o termo indicava.

À medida que se foi interagindo e interpretando os “livros-documentos” ficou clara a intenção de Sarmiento em conferir ao termo uma designação que o aproximasse das ideias que o autor compreendia como definidoras da barbárie, tais como atraso, lentidão, “tradição colonial”, “regime de exceção” e “fanatismo nacional”. Além disso, constatou-se os caminhos cognitivos que Sarmiento traçou para formular sua contestação: a hipérbole, a parábola, a metáfora, a comparação, e a metonímia, tal como o escritor aplicou em seus escritos. A análise das obras sarmientinas, em suma, permitiram o estabelecimento do segundo pólo dessa dinâmica conflituosa que se deu através dos discursos, os quais constantemente lutavam pelo estabelecimento de referenciais explicativos dos fenômenos políticos. Sarmiento através do poder da escrita sob a forma narrativa como instrumento de apreensão da “barbárie” e o discurso rosista em sua ação política de criar tanto sua hegemonia quanto sua legitimidade diante da Confederação e das potências estrangeiras.

Em suma, houve um objetivo assertivo de alcançar um público referendador do conceito de *americanismo*, que se confundia com as próprias forças anglo-francesas. No caso do *rosismo*, almejava-se identificar e criar uma legitimidade a partir das especificidades existentes no contexto americano e rioplatense, configurando assim o poder de mando de Rosas diante de observadores tanto internos como externos. No caso de Sarmiento, pretendia-se romper com um certo consenso internacional sobre esse fenômeno político e demonstrar que o *americanismo* era na verdade uma reafirmação das especificidades que fundamentavam a própria política caudilhesca, a qual se ligava eminentemente à barbárie, e não a uma concepção civilizada proposta por Sarmiento, a partir de seu horizonte de expectativa, conferido por sua própria experiência e a assimilação da cultura européia e do paradigma estadunidense.

Em um exercício de abstração a partir do que se leu das obras sarmientinas, seria possível pensar em uma resignificação do termo *americanismo* elaborada por Sarmiento. Este *americanismo*

*sarmientino* assentaria esta noção em um modelo de sociedade que se baseava fundamentalmente numa experiência paralela àquela em desenvolvimento nos EUA do início do séc. XIX, tais como a existência de um Estado Republicano, baseado numa participação política dos setores mais “esclarecidos”, que preservasse a livre iniciativa comercial e uma clara e benéfica política de imigração, por exemplo. Isso tudo sem que houvesse uma obliteração das matrizes européias de civilização, conferidas, por exemplo, pelo liberalismo político e econômico. Em outras palavras, um *americanismo* reformulado por Sarmiento seria uma amalgama no plano social, político e cultural da civilização européia juntamente à experiência de autonomia e liberdade estadunidense, com o intuito claro de sempre superar a “barbárie” existente na Argentina.

“Resumindo a ópera”, esta dissertação analisou as ideias e as linguagens políticas utilizadas por Sarmiento em três obras de sua vasta produção: *Facundo* (1845), *Viajes por Europa, África y América* (1846-1847) e *Argirópolis* (1850). A partir daí, demonstrou as interações de seus modelos explicativos em relação ao seu contexto e à situação política da Confederação Argentina liderada por Rosas. Além disso, elaborou-se um exercício interpretativo que demonstrou a maneira como os polemistas que sustentavam o regime e o escritor argentino debateram em seus usos e designações a definição do conceito de *americanismo*, de modo que isso estabeleceu pontos de contato com as concepções de soberania, legitimidade política, e republicanismo dentro dos projetos de nação que eram discutidos no desenrolar da história política argentina na primeira metade do século XIX.

\*\*\*

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### a) fontes:

ANGELIS, Pedro. *Archivo Americano y espíritu de la prensa del mundo*. Primeira série: 1843-1847.

comp. Paula Ruggeri. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2009.

SARMIENTO, D.F. *Facundo ou civilização e barbárie*. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

\_\_\_\_\_. *Viajes por Europa, África y América*. Ed. crítica de Javier Fernández. Buenos Aires: ALLCA XX/Scipione Cultural, 1997.

\_\_\_\_\_. *Argirópolis*. Buenos Aires: Leviatán, 2005.

\_\_\_\_\_. *Recuerdos de Provincia*. Editorial Losada, 1995.

\_\_\_\_\_. *Las ciento y una*. Editorial Losada, 2005.

SEGRETTI, Carlos. *La correspondencia de Sarmiento*. Poder ejecutivo de la Provincia de Córdoba, 1988.

TERNAVASIO, Marcela. *Correspondencia de Juan Manuel de Rosas*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

### b) bibliografía sobre o tema estudado:

ALBERDI, Juan Bautista. *Cartas Quillotanas*. Editorial Losada, 2005.

ANSALDI, Waldo. *Rosas y su tiempo*. Buenos Aires: CEAL, 1983.

ALSINA, Valentin. “Notas al libro *Civilización y barbárie*” in SARMIENTO, D.F. *Facundo*. Ed. de Alberto Palcos. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1961.

ALTAMIRANO, Carlos y SARLO, Beatriz. *Ensayos Argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

\_\_\_\_\_. *Para un programa de historia intelectual*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

\_\_\_\_\_. “Prólogo” in SARMIENTO, D.F. *Facundo*. Buenos Aires: Eudeba, 2011.

AMANTE, Adriana, “El letrado y el poder”, in SARMIENTO, Domingo F. *Argirópolis*: Buenos Aires: Losada, 2007.

\_\_\_\_\_. “El letrado y el poder” in SARMIENTO, D.F. *Argirópolis*. Buenos Aires: Losada, 2007.

ARDAO, Arturo. *La inteligencia americana*. Montevideo: Universidad de a República, 1987.

BARBA, Enrique. *Unitarismo, federalismo, rosismo*. Buenos Aires: CEAL, 1982

BERNALDO, Pilar González. *Civilidad y política en los orígenes de la nación argentina. Las sociabilidades de Buenos Aires, 1829-1862*. Buenos Aires: FCE, 2008.

BOTANA, Natalio R. *La tradición republicana: Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo*. Buenos Aires: Sudamerica, 1984.

\_\_\_\_\_. *Domingo Faustino Sarmiento. Una aventura republicana*. Buenos Aires: FCE, 1996.

CHIARAMONTE, J.C. *Ciudades, Provincias, Estados: Orígenes de la nación argentina (1800-1846)*. Buenos Aires, 1997.

CLEMENTI, Hebe. *Rosas en la Historia nacional*. Buenos Aires: La Pléyade, 1970.

DÍAZ MOLANO, Elías. *Vida y obra de Pedro de Angelis*. Santa Fé: Colmegna, 1968.

DI MEGLIO, Gabriel. *Viva el bajo pueblo: la plebe urbana de Buenos Aires y la política entre la revolución y el rosismo*. Buenos Aires: Prometeo, 2007.

\_\_\_\_\_. *¡Mueran los salvajes unitarios! La Mazorca y la política en tiempos de Rosas*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 2007.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina : um ensaio de historia comparada (1850-2002)*. São Paulo: Ed.34, 2004.

FERNÁNDEZ, Juan Romulo. *Historia del periodismo argentino*. Buenos Aires: Círculo de Prensa, 1943.

FRADKIN, Raúl. *Tierra, población y relaciones sociales en la campaña bonaerense (siglos XVIII y XIX)*. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, 1999.

\_\_\_\_\_. *La historia de una montonera: bandolerismo y caudillismo en Buenos Aires, 1826*. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 2006.

FUENTE, Ariel de la. *Los hijos de Facundo*. Buenos Aires: Prometeo, 2007.

GALVÁN MORENO, C. *El periodismo argentino. Amplia y documentada historia desde sus orígenes hasta el presente*. Buenos Aires: Claridad, 1944.

GELMAN, J. *Rosas estanciero. Gobierno y expansión ganadera*. Colección Claves para Todos. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2005.

\_\_\_\_\_ y SANTILLI, D. *Rosas bajo el fuego. Los franceses, Lavalle y la rebelión de los estancieros*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

GALVEZ, Manuel. *Vida de Sarmiento*. Buenos Aires: Ediciones Dictio, 1979.

GUTIÉRREZ, José María. "El *Facundo* por Domingo F. Sarmiento" in SARMIENTO, D.F. *Facundo*. Ed. de Alberto Palcos. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1961.

GOLDMAN, N. y R. Salvatore (comp), *Caudillismos rioplatenses. Nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

\_\_\_\_\_. *Nueva Historia Argentina: Revolución, República, Confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2005.

\_\_\_\_\_. *Lenguaje y revolución: conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850*. Buenos Aires: Prometeo, 2008.

- GROUSSAC, Paul. "El Sarmiento de Rodin". *El viaje intelectual. Impresiones de naturaleza y arte*. Buenos Aires: Simurg, 2005.
- HALPERÍN DONGHI, Túlío. *Revolución y guerra. Formación de una elite dirigente en la Argentina criolla*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.
- \_\_\_\_\_. *El espejo de la historia: problemas argentinos y perspectivas hispanoamericanas*. Buenos Aires: Sudamericana, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Sarmiento, author of a nation*. Berkley: University of California Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Ensayos de historiografía*. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 1996.
- \_\_\_\_\_. *De la revolución de Independencia hasta la Confederación rosista*. Buenos Aires, Ed. Paidós, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Proyecto y construcción de una nación*. Biblioteca del Pensamiento Argentino. Buenos Aires: Emece Ediciones, 2004.
- IRAZUSTA, Julio. *Ensayos sobre Rosas*. Buenos Aires, 1935.
- \_\_\_\_\_. *Vida política de Juan Manuel de Rosas atraves de su correspondencia*. Buenos Aires: Albatros, 1953.
- \_\_\_\_\_. *Ensayos históricos*. Buenos Aires: Eudeba, 1973.
- JITRIK, Noé. *Ensayos de literatura argentina*. Buenos Aires: Galerna, 1970
- \_\_\_\_\_. *Muerte y resurrección de Facundo*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1986.
- \_\_\_\_\_. "El *Facundo*: la gran riqueza de la pobreza" e "Prólogo" in SARMIENTO, D.F. *Facundo*. Buenos Aires: Biblioteca Ayacucho, 1986.

- \_\_\_\_\_ e AMANTE, Adriana. *Historia Crítica de la Literatura Argentina*. Tomo 4: Sarmiento. Buenos Aires: Emecé Editores, 2012.
- KATRA, William H. *Sarmiento: public writer (between 1839 and 1852)*. USA: Arizona State University, 1985).
- \_\_\_\_\_. *La generación de 1837. Los hombres que hicieron el país*. Buenos Aires, Emecé, 2000.
- LETTIERI, Alberto. *La construcción de la República de la Opinión*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.
- LYNCH, John. *Argentine Dictator: Juan Manuel de Rosas: 1829-1852*. London: Oxford University Press, 1982.
- LUGONES, Leopoldo. *Historia de Sarmiento*. Buenos Aires : EUDEBA, 1961.
- MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá . *Civilização e barbárie: a construção da ideia de nação:Brasil e Argentina*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- \_\_\_\_\_. “O conceito de América 1750-1850”. In: Congreso Internacional El lenguaje de la modernidad en Iberoamérica, 2007, Madri. Conceptos políticos en la era de las independencias, 2007.
- MARTINES ESTRADA, Ezequiel. *Meditaciones sarmientinas*. Santiago: Editorial Universitario, 1968.
- MYERS, Jorge. *El pensamiento de Alberdi*; Buenos Aires: Losada, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Orden y Virtud. El discurso republicano en el orden rosista*. Buenos Aires: Univ. De Quilmes, 1995.
- PALCOS, Alberto. *Sarmiento. La vida. La obra. Las ideas. El genio*. Buenos Aires: Emecé, 1962.
- PAZ, Gustavo. *Las guerras civiles (1820-1870)*. Buenos Aires: Eudeba, 2007.
- PALTI, Elias. *El tiempo de la política*. Buenos Aires, Ed. Siglo XXI, 2004.

\_\_\_\_\_. *El momento romántico: Nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Eudeba, 2008.

\_\_\_\_\_. *Mito y realidad de la "cultura política latinoamericana"*. Buenos Aires: Prometeo, 2010.

PRIETO, Adolfo. *Los viajeros ingleses y la emergencia de la literatura argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 1996.

\_\_\_\_\_. *La literatura autobiográfica argentina*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

RAMOS, Julio. *Desencuentros de la modernidad en América Latina*. México: FCE, 1989.

\_\_\_\_\_. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século XIX*. Trad: de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008

RAMOS MEJÍA, José María. *Rosas y su época*. Buenos Aires, 1952.

RAVIGNANI, Emilio. *Asambleas constituyentes Argentinas : seguidas de los textos constitucionales, legislativos y pactos interprovinciales que organizaron políticamente la nación : fuentes seleccionadas, coordinadas y anotadas en cumplimiento de la ley 11.857*. Buenos Aires: J. Peuser, 1937.

ROJAS, Ricardo. *Historia de la literatura argentina : ensayo filosófico sobre la evolución de la cultura en el Plata*. Buenos Aires : Losada, s/a.

\_\_\_\_\_. *Bibliografía de Sarmiento*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata.

ROMERO, José Luis. *La experiencia argentina y otros ensayos*. Buenos Aires: Losada, 1945.

SABOR, Josefa Emilia. *Pedro de Angelis y los orígenes de la bibliografía argentina: ensayo bibliográfico*. Buenos Aires: Solar, 1995.

- SAMPAY, Arturo Enrique. *Las ideas políticas de Juan Manuel de Rosas*. Buenos Aires: Juárez Editor, 1972.
- SARLO, Beatriz. *Escritos sobre literatura argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- SORENSEN, Diana. *El Facundo y la construcción de la cultura argentina*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1998.
- SCHUMWAY, Nicolas. *A invenção da argentina. História de uma ideia*. São Paulo: Edusp, Brasília: Ed. UNB, 2008
- SCHVARTZMAN, Julio. *Microcrítica. Lecturas argentinas*. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- SVAMPA, Maristella. *El dilema argentino: civilización o barbarie de Sarmiento al revisionismo peronista*. Buenos Aires : El Cielo por Asalto, 1994.
- TERNAVASIO, Marcela. "Hacia un régimen de unanimidad. Política y elecciones en Buenos Aires, 1828-1850", in Sábato, Hilda (coordinadora). *Ciudadanía política y formación de las naciones*. México: FCE, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Espacio político y procesos electorales: Buenos Aires 1821-1830*.
- \_\_\_\_\_. *Historia de Argentina (1806-1852)*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.
- TERÁN, Oscar. *Para leer el Facundo*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Historia de las ideas en la Argentina*. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 2009.
- VERDEVOY, Paul. *D.F. Sarmiento, educar y escribir opinando (1839-1852)*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1988
- VIÑAS, David. *Literatura argentina y realidad política. De Sarmiento a Cortázar*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1974.
- \_\_\_\_\_. *De Sarmiento a Dios. Viajeros argentinos a USA*. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.

WEINBERG, Félix. *Vida e imagen de Sarmiento*. Buenos Aires: Eudeba, 1963.

\_\_\_\_\_. *El Salón Literario de 1837*. Buenos Aires: Hachette, 1977.

**c) Bibliografia geral:**

ABRAMSON, Pierre-Luc. *Lãs utopias sociais en América Latina en el siglo XIX*. México, D.F: Fondo de Cultura Econômica, 1999.

AINSA, Fernando. *De la edad de oro al eldorado: gênesis del discurso utópico americano*. México, D.F: Fondo de Cultura Econômica, 1992.

\_\_\_\_\_. *Necesidad de la Utopia*. Buenos Aires: Tupac Ediciones. 1990.

ALTAMIRANO, Carlos. (dir) *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol I. Buenos Aires: Katz, 2008.

ANDERMANN, Jens. *Mapas de poder. Una arqueología literaria del espacio argentino*. Rosário: Beatriz Viterbo, 2000.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. São Paulo: Editorial Forense, 2010.

\_\_\_\_\_. *O que é política?* São Paulo: Bertrand Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009.

AUSTIN, John L. *Cómo hacer cosas con las palabras*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

BACZKO, Bronislaw; “Imaginação social”; *Enciclopédia Einaudi* vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985.

BATTICUORE, Graciela; El JABER, Loreley; LAERA, Alejandra (comps.), *Fronteras escritas. Cruces, desvíos y pasajes en la literatura argentina*. Rosário: Beatriz Viterbo, 2008.

- \_\_\_\_\_. BATTICUORE, Graciela, "Escenarios románticos en la literatura argentina. De la opulencia a la ruina", in Rosalía Baltar- Carlos Hudson (editores). *Figuraciones del siglo XIX. Libros, escenarios y miradas*. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata- Finisterre, 2007.
- BETHELL, L. (org.) *História da América Latina*; São Paulo: Brasília: Edusp : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Funag, 2001.
- BHABHA, Homi. *El lugar de la cultura*. Buenos Aires: Manantial, 2002.
- BORGES, Jorge Luis. "Prólogo de 1944 a *Recuerdos de Provincia*" in *Prólogos con un prólogo de prólogos*. Buenos Aires: Torres Agüero Editor, 1975.
- \_\_\_\_\_. "O labirinto de Asterión" in *O Aleph*. São Paulo: Cia das Letras: 2009.
- BOSCH, Beatriz. *Urquiza y su tiempo*. Buenos Aires: EUDEBA, 1971.
- BUCHBINDER, Pablo. *Historia de las universidades en Argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2005.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas Estratégias para entrar e sair da Modernidade*; São Paulo: Edusp, 1997.
- CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo. Melhoramentos/EUB, 1983.
- CERTEAU, Michel de; *A Escrita da História*: Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: I. Artes de fazer*; Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger; *A História Cultural Entre práticas e representações*; Rio de Janeiro: Difel: Ed. Bertrand Brasil, 1990.
- ESTRADA, Martinez. *Sarmiento*. Buenos Aires: Argos, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Radiografia de la Pampa*. Buenos Aires: Losada, 1953.

FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro; *Literatura y frontera Procesos de territorialización en las culturas argentina y chilena del siglo XIX*; Buenos Aires: Editorial Sudamericana: Universidad de San Andrés, 1999.

FREITAS NETO, José Alves de; “A formação da nação e o vazio na narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX”; *Revista Tempo Brasileiro*; Rio de Janeiro, v. 169.

FOULCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. R.J. Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens/Vega, 2002.

FUNES, Patricia. *Salvar la nación: Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

GÁTARE, Miriam Viviana. *Civilização e barbarie n'os sertões : entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*. Campinas, SP : Mercado de Letras ; São Paulo : FAPESP, 2001.

GERBI, Antonello. *La disputa del Nuevo Mundo*. México: FCE, 1982.

GORELIK, Adrián. *La grilla y el parque. Espacio público y cultura urbana en Buenos Aires*. Buenos Aires: Editorial Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e Independencia*, México: FCE, 1993.

\_\_\_\_\_ e ANNINO, Antonio. *Inventando la nación; Iberoamérica siglo XIX*. México: Fondo de cultura económica. FCE, 2003.

GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo : Perspectiva, 1993.

HABERMAS, Jurgen – *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. R.J. Tempo Brasileiro, 1984.

HALBWACHS, Maurice – *A Memória Coletiva*. S. P. Ed. Vértice, 1990.

HARTOG, François; *O espelho de Heródoto Ensaio sobre a representação do Outro*; belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

- IGLESIA, Cristina, *La ley de la frontera. Biografías de pasaje en el Facundo de Sarmiento, La violencia del azar*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- KOSELLECK, R. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.
- LEFORT, Claude. *A Invenção Democrática. Os limites do Totalitarismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LIMA, Costa. *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O controle do imaginário*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- LUDMER, Josefina. *El género gauchesco*. Buenos Aires: Sudamericana, 1988.
- LYNCH, J., “Rosas y las clases populares en Buenos Aires” in AAVV, *De Historia e Historiadores. Homenaje a José Luis Romero*. Siglo XXI, Buenos Aires, 1982.
- MADERO, Marta e GAYOL, Sandra (editoras). *Formas de Historia Cultural*. Buenos Aires: Editorial Universidad Nacional de Quilmes, 2007.
- MARTINEZ ESTRADA, Ezequiel. *Radiografía de la pampa*. Buenos Aires: Eudeba, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Sarmiento*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2001.
- MOLLOY, Sylvia. *Acto de presencia. La escritura autobiográfica en Hispanoamérica*. México: FCE, 1991.
- NOVAES, Adauto. *Civilização e barbárie*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- NOVAES, Fernando A e SILVA. *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosacnaify, 2011.
- ORGAZ, Raúl. *Sarmiento y el naturalismo histórico*. Córdoba: Imprenta Argentina, 1940.
- OTTOLENGHI, Julia. *Vida y obra de Sarmiento*. Buenos Aires: Kapelusz, 1950.

- PIZARRO, Ana (org.); América Latina Palavra, Literatura e Cultura – vol. 2 – São Paulo; Memorial: Campinas: UNICAMP, 1994.
- PAMPLONA, Marco A; MÄDER, Maria Elisa (orgs). *Revoluções de independência e nacionalismo nas Américas: região do Prata e do Chile*. (Coleção Margens. América Latina; v.1). São Paulo: Paz e Terra, 2007
- PRADO, Maria Lígia Coelho; *América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Texto*; São Paulo: Edusp: Bauru: Edusc, 1999.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*; Bauru: São Paulo: EDUSC, 1999.
- POCOCK, J.G.A. *Linguagem do Ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2003.
- PONCE, Aníbal. *Sarmiento, constructor de la nueva Argentina*. Buenos Aires: scd, s/a.
- RAMA, Angel. *A cidade letrada*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.
- \_\_\_\_\_. *El profeta de la pampa : vida de Sarmiento*. Buenos Aires: Losada, 1948.
- RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003
- RICOUER, Paul. *Ideologia e Utopia*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- RODRÍGUEZ PÉRSICO, Adriana. *Utopía y autobiografía en Sarmiento y Alberdi*. Washington: Interamer, OEA, 1993.
- ROMERO, José Luis. *Las ideas políticas en Argentina*. Buenos Aires: FCE, [1956] 2010.
- \_\_\_\_\_. *Breve historia de la Argentina*. Buenos Aires: FCE, [1965] 2008.
- \_\_\_\_\_. *La vida histórica*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.
- ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_. *Orientalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginarias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. Trad: Rubia Prates Goldoni, Sergio Molina. São Paulo : EDUSP, 1997.

SCHWARTZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas. Forma literária e processo nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Livraria duas cidades, 1992.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

THEODORO, Janice. *América Barroca*. S. Paulo: Rio de Janeiro: Edusp: Nova Fronteira, 1992.

TORRE, Claudia. *Literatura en transito. La narrativa expedicionaria de la Conquista del Desierto*. Buenos Aires: Prometeo, 2010.

TROUSSON, Raymond. Utopia e utopismo; in *Morus Utopia e Renascimento. Dossiê: utopia como Gênero Literário*. V.2. Campinas: Unicamp, 2005.

WHITE, Hayden – *Meta-História*. S.P. Edusp, 1992.

ZOLA, Émile. *Eu acuso!* São Paulo: Hedra, 2007.

#### **d) Artigos:**

AMANTE, Adriana, "Los contornos del exilio", en Maria Antonieta Pereira e Eliana Lourenço de L. Reis (org.), *Literatura e Estudos Culturais*, Belo Horizonte, Pós-lit (Programa de pós-graduação em letras: estudos literários) e Nelam (Núcleo de estudos latino-americanos), Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

BEREID, José Luís Bendicho. “Toqueville, Sarmiento e Alberdi: três visões sobre democracia nas Américas” in [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742003000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742003000200004&lng=en&nrm=iso)

BRUIT, Héctor Hernán. “A invenção da América Latina”. In: *V Encontro da ANPHLAC*. Versão digital: <http://anphlac.cjb.net>.

CHIARAMONTE, J.C., "Legalidad constitucional o caudillismo: el problema del orden social en el surgimiento de los estados autónomos del Litoral argentino en la primer mitad del siglo XIX", *Desarrollo Económico*, 102, 1986, pp 175-196.

GARAVAGLIA, J. C. “Elecciones y luchas políticas en los pueblos de la campaña de Buenos Aires: San Antonio de Areco (1813-1844)”, en *Boletín Ravignani*, N° 27, 2005.

GARRELS, Elizabeth. “El *Facundo* como folletín”. *Revista Iberoamericana*, vol LIV, n°143, Pittsburgh, abril-junio 1988

GELMAN, J. “Crisis y reconstrucción del orden en la campaña de Buenos Aires. Estado y sociedad en la primer mitad del siglo XIX”, *Boletín Ravignani* , 21, primer semestre 2000.

HALPERÍN DONGHI, Tulio, “El surgimiento de los caudillos en el cuadro de la sociedad rioplatense posrevolucionaria”, *Estudios de Historia Social*, I:1, 1965, Buenos Aires, pp 121-149.

\_\_\_\_\_. “Sarmiento: su lugar en la sociedad argentina post-revolucionaria”. *Sur*. n° 341, Buenos Aires, 1977.

\_\_\_\_\_. “El revisionismo histórico como visión decadentista de la historia nacional” in *Punto de Vista*, n° 23, abril de 1985.

\_\_\_\_\_. “El antiguo orden y su crisis como tema de *Recuerdos de Provincia*”. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*. 1, 3ª serie, primer semestre 1989.

\_\_\_\_\_. "Clase terrateniente y poder político en Buenos Aires (1820-1930)", *Cuadernos de Historia Regional* , n° 15, 1995, Univ. de Luján.

- IGLESIA, Cristina. "Saberes en viaje: la lectura americana del espectáculo europeo" in *Hispanoamericana*, ano XXIII, n° 95, Bulzoni editore, Roma, 2003
- MOLLOY, Sylvia. "Sarmiento lector de sí mismo en *Recuerdos de Provincia*". *Revista iberoamericana*. n°143, abril-junio, 1988.
- PALTI, Elías. "Sarmiento, una aventura intelectual" in *Cuadernos del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*. n° 3, Buenos Aires, FFyL, UBA, 1991.
- PIGLIA, Ricardo, "Notas sobre Facundo", in *Revista Punto de Vista*, Buenos Aires, III, 8, marzo-junio de 1980.
- \_\_\_\_\_. "Sarmiento escritor" in *Filología*. Buenos Aires, XXXI, 1-2, 1998.
- PRIETO, Adolfo. "*Las Ciento y una*. El escritor como mito político". *Revista Iberoamericana*, vol. LIV, n° 143, abril-junio, 1988.
- QUIJADA, Mónica. "Repensando la frontera sur argentina: concepto, contenido, continuidades y discontinuidades de una realidad espacial y étnica", *Revista de Indias*, v. LXII, n.224, 2002; pp. 103-142.
- RAMOS, Julio. "Saber del otro: escritura y oralidad en *Facundo* de D.F. Sarmiento". *Revista Iberoamericana*, vol. LIV, n° 143, abril-junio, 1988.
- SALVATORE, Ricardo. "El imperio de la ley. Delito, Estado y Sociedad en la era Rosista" in *Delito y Sociedad. Revista de Ciencias Sociales*, n° 3, 1993-1994.
- SARLO, Beatriz y ALTAMIRANO, Carlos. "Identidad, linaje y mérito en Sarmiento" in *Revista Punto de Vista*, n° 10, 1980.
- SALOMON, Noël. "El *Facundo* de Domingos Faustino Sarmiento: manifiesto de la preburguesía argentina de las ciudades del interior", *Cuadernos Americanos* 39, n°5 (1980).

WASSERMAN, Fabio. “La generación de 1837 y el proceso de construcción de la identidad nacional argentina”, *Boletín Ravignani* , 15, 1997.

WEINBERG, Félix. “El periodismo en la época de Rosas” in *Revista de Historia*, nº 2, Buenos Aires, 1957.